

Ana Paula Figueira Banza

**A LINGUAGEM DOS DOCUMENTOS EM PORTUGUÊS
DA
CHANCELARIA DE D. AFONSO III**

1992

111 1. 47

Ana Paula Figueira Banza

A LINGUAGEM DOS DOCUMENTOS EM PORTUGUÊS
DA
CHANCELARIA DE D. AFONSO III

Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa, com
vista à obtenção do grau
de Mestre em Linguística
Portuguesa Histórica.

1992



Porque os oméés sum mortaes e a renẽ-
brãça dos feytos que fazẽ nõ podẽ sempre durar
nos coroaçoes dos oméés que depòys nacẽ . Por ã-
de foy achada a scriptura . que as cousas traspassadas
per firmidoe da escriptura seiam sempre presentes .

LIVRO I - Doc. 12 - ls. 34-38

Agradecimentos

Na execução do presente trabalho pude contar com a orientação e apoio de várias pessoas, a quem não poderia deixar de expressar a minha gratidão.

Agradeço, assim, a orientação e apoio que me facultaram:

Ao Prof. Doutor Ivo de Castro, responsável pelo curso de Mestrado em cujo âmbito se situa este trabalho e a quem devo uma orientação metódica e rigorosa.

Ao Prof. Doutor Luiz Fagundes Duarte e à Dr^a Ana Maria Martins, a quem devo o conhecimento dos documentos estudados e a ideia de fazer o seu estudo linguístico.

Ao Prof. Doutor Luis Filipe Lindley Cintra, a quem expresso aqui a minha homenagem, e ao Prof. Doutor Azevedo Ferreira, que me facultaram, sempre que necessário, apoio e orientação bibliográfica, e ao Dr. Bernardo Sá Nogueira pelo apoio bibliográfico.

Um agradecimento especial cabe ao Prof. Doutor Eduardo Borges Nunes pelas preciosas informações que me forneceu e pela boa vontade e disponibilidade demonstradas.

Finalmente, não poderia deixar também de agradecer à minha colega de Mestrado Helena Garvão o apoio e a proveitosa troca de ideias e, por último, a todo o pessoal do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e, em especial, ao grupo de Dialectologia o estímulo e o apoio que neles sempre encontrei.

INDICE

I - Introdução	1 - 4
1.1. Da Chancelaria dos Condes Portucalenses à de D. Afonso III	5 - 16
1.2. A produção documental na <u>Chancelaria de D. Afonso III</u>	17 - 52
II - A Linguagem dos documentos (alguns aspectos)	
2.1. Fonética e Fonologia (Consonantismo)	
2.1.1. O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /λ/ e /ɲ/	53 - 78
2.1.1.1. Nota sobre a <u>Chancelaria de D. Afonso III</u> e o <u>Livro de D. João de Portel</u>	79 - 87
2.1.2. O sistema de sibilantes	88 - 109
2.1.3. Grafias de /b/ e de /v/	110 - 122
2.1.4. O uso do grafema <h>	123 - 132
2.1.5. Conclusões	133 - 136
2.2. Morfologia	
2.2.1. O Verbo	137 - 187
III - Os Textos	
3.1. Critérios de Transcrição	188 - 192
3.2. Índice de Documentos	193 - 195
3.3. Edição	196 - 318
IV - Bibliografia	319 - 331

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III constituem, como é sabido, o primeiro grupo significativo de textos em português (34 documentos que recobrem um período de 24 anos: 1255 - 1279). Tais textos representam, assim, um importante manancial de informação para a História da Língua Portuguesa, em geral, e, em particular, para o estudo da linguagem de um tipo específico de textos: os documentos da Chancelaria real, os quais reflectem a língua da corte e os hábitos de escrita aí vigentes na época.

Tendo em conta os dois aspectos referidos, pareceu-nos do maior interesse a elaboração de um comentário linguístico dos textos em questão.

O trabalho que a seguir se apresenta não é ainda esse comentário linguístico, mas apenas uma contribuição para ele.

Procuramos, assim, numa primeira parte, por um lado, apresentar os documentos estudados como produto de uma instituição, situada num determinado quadro histórico e com determinadas características (Cf. 1.1. Da Chancelaria dos Condes Portucalenses à de D. Afonso III) e, por outro, fazer uma breve apresentação dos três livros da Chancelaria, seguida de uma análise das variantes dos documentos com testemunho duplo com vista a três objectivos:

- a) Dar uma razão para as duas cópias.
- b) Revelar os métodos de cópia na chancelaria.
- c) Avaliar o valor das grafias variantes. (Cf.1.2. A produção documental na Chancelaria de D. Afonso III).

Na segunda parte (Cf. 2. A linguagem dos documentos (alguns aspectos)), estudam-se, com base numa análise de tipo essencialmente grafemático, completada,

quando necessário, por uma análise estatística dos dados, alguns aspectos em que a análise destes documentos se revela interessante:

2.1.1. O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação dos fonemas palatais lateral e nasal /λ/ e /ɲ/

2.1.2. O sistema de sibilantes

2.1.3. Grafias de /b/ e de /v/

2.1.4. O uso do grafema <h>

2.2.1. O Verbo

A terceira e última parte deste trabalho (Cf. 3. Os Textos) é constituída pela edição crítica dos documentos estudados, precedida dos respectivos critérios de transcrição e do índice de documentos.

Uma edição encontrava-se já feita por Luiz Fagundes Duarte (1986), que apresenta uma edição crítica modernizadora, não utilizável para o comentário linguístico, a par de uma edição paradiplomática, esta, sim, utilizável para esse fim: "As minhas intervenções limitaram-se (...) à transliteração dos grafemas manuscritos dos documentos nos caracteres tipográficos modernos que lhes correspondem (...) e ao desenvolvimento das abreviaturas" (L.Fagundes Duarte, ob. cit., p. 46).

Em verdade, a edição que publico como parte 3 da minha tese não difere substancialmente desta segunda edição de L. Fagundes Duarte, a não ser na medida em que se assume como crítica e procede à emenda dos erros evidentes dos manuscritos, emenda que, aliás, tem relativamente poucas oportunidades de ocorrer. Visto que não seria muito prático apresentar um comentário linguístico que não fosse acompanhado do texto comentado (recorde-se que a tese de L. Fagundes Duarte está inédita e que apenas 8 dos 34 documentos em português tinham sido anteriormente publicados), oferecia-se-me a escolha entre reproduzir mecanicamente (isto é, sem qualquer mediação minha) o texto de L. Fagundes Duarte e, em vez disso, dar a minha própria leitura dos documentos, sem, por isso, deixar de reconhecer a dívida em relação ao trabalho antecedente. Suponho que esta situação é resultante, em parte, de as dissertações académicas serem reguladas por certos limites, às vezes mais restritos

que a dimensão completa dos problemas que abordam: assim como L. Fagundes Duarte publicou os documentos sem os analisar linguisticamente, assim eu enceto tal análise, sem esgotar todas as alíneas que ela poderia comportar. Gera-se, assim, uma complementaridade entre trabalhos desta índole.

Os documentos agora estudados são riquíssimos, quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista linguístico. Impõe-se, por isso, um estudo histórico aprofundado e um comentário linguístico completo dos mesmos. Fica, por enquanto, mais um pequeno contributo, a juntar ao fornecido por L.Fagundes Duarte (ob. cit.), para esse trabalho que se espera possa, em breve, ser completado.

1.1. DA CHANCELARIA DOS CONDES PORTUCALENSES À DE D. AFONSO III

" Nos reinados de D. Afonso III e de D. Dinis (1248 -1325), a chancelaria real continuou a ser, como nos reinados anteriores, a repartição encarregada da redacção e expedição de todos os actos lavrados em nome do Rei, quer fossem respeitantes aos negócios particulares deste quer aos negócios públicos, uma vez que, naquela remota época, não havia verdadeira distinção entre uns e outros."

(Avelino de Jesus da Costa, 1977^a, p.1⁽¹⁾)

Sendo o "corpus" deste trabalho constituído pelos documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III, afigura-se importante para a sua compreensão colocá-los no seu quadro histórico, isto é, como produto de uma instituição com determinadas características e, naturalmente, com uma história. É, pois, uma apresentação geral, necessariamente superficial e incompleta, da instituição que gerou os documentos agora reeditados e estudados de um ponto de vista linguístico o que se procura fazer nas páginas seguintes.

Os serviços de chancelaria têm em Portugal uma tradição que remonta ao governo de D. Teresa, antes mesmo da fundação do estado português. Na sua fase inicial, sob o governo dos Condes D. Henrique e D. Teresa (1095 - -1128), a chancelaria caracterizava-se por uma organização bastante rudimentar e uma grande escassez de recursos humanos. Não existia um corpo de normas notariais estabelecido e de aplicação regular, mas sim uma grande flutuação nos métodos e no formulário, segundo o chanceler em

funções (Cf. Ruy de Azevedo, 1940, p.31). Por outro lado, existia apenas um notário, Petrus Munionis, substituído, depois da morte do Conde, pelo subdiácono Menendus Feison.

Como reflexo desta situação inicial, verifica-se que a maior parte dos documentos que envolvem os Condes portucalenses foram redigidos fora da chancelaria, regra geral, pelos notários particulares dos destinatários. O documento mais antigo que se conhece desta chancelaria, redigido por Petrus Munionis, data apenas de 1110.

No reinado de D. Afonso Henriques (1128 - 1185), começam a ser introduzidas alterações que progressivamente iriam diferenciar a chancelaria régia da incipiente chancelaria dos Condes. Aos poucos, o número de funcionários cresceu e as suas funções especificaram-se. Paralelamente, o número de documentos redigidos pela chancelaria aumentou consideravelmente em relação ao número de documentos subscritos por notários particulares. A chancelaria real adquiria, pois, uma importância cada vez maior.

No entanto, apesar destas e de outras alterações, a chancelaria de D. Afonso I manifesta ainda a ausência de uma organização sólida e de um conjunto de normas de aplicação constante. Assim, continuam a ser uma realidade as imprecisões de nomenclatura - termos como *cancellarius*, *notarius* e *scriba*, entre outros, são usados indistintamente, como sinónimos - e a ausência de formulários fixos, nomeadamente no que diz respeito aos protocolos e escatocolos, que variavam segundo os notários ou os chanceleres em funções.

A partir de 1169, data do acidente de Badajoz que obrigou D. Afonso I a abandonar as actividades bélicas, a corte fixa-se em Coimbra. A instalação permanente da chancelaria nesta cidade vem então permitir o seu aperfeiçoamento, sobretudo no que diz respeito às normas de redacção e aos

meios de expedição. O formulário de grande parte dos documentos torna-se uniforme e é adoptado um modelo único de sinal real.

Sob D. Sancho I (1185 - 1211), os benefícios da estabilidade continuam a fazer-se sentir, verificando-se nesta época grandes progressos na organização da chancelaria. Entre eles destacam-se: a tendência para a fixação da nomenclatura, a uniformização do formulário, o emprego cada vez mais frequente do selo de cera e a acentuada diminuição do número de documentos redigidos fora da chancelaria.

No entanto, é só no reinado de D. Afonso II (1211 - 1223) que se verifica uma inovação de importância capital, reveladora do grande prestígio desta chancelaria: a criação de registos. "Après avoir été validés par la chancellerie, les documents, au fur et à mesure qu'on les expédiait, étaient copiés dans le registre par le notaire qui les avait rédigés ou, en cas d'empêchement de celui-ci, par un *registrator*." (A. de Jesus da Costa, 1975, p.151). Antes, "os originais dos documentos copiavam-se duas ou três vezes e depositavam-se nos arquivos das mais importantes abadias ou igrejas. Com Afonso II, embora mantendo-se o mesmo princípio, começaram a usar - se registos sistemáticos dos actos régios, que se conservavam juntamente com o selo e as outras insígnias do poder." (A. H. de Oliveira Marques, 1980, vol.I, p.85). A organização do primeiro registo da chancelaria real portuguesa, que foi também um dos primeiros da Europa, é, segundo A. de Jesus da Costa (*ibidem*), uma prova da alta competência dos chanceleres e de todo o seu pessoal. Trata-se de um período de grande actividade da chancelaria, actividade essa que se traduz no grande número de documentos por ela lavrados, sobretudo na época das "Confirmações gerais" (1217 - 1221). Também neste reinado, a redacção anónima dos actos de chancelaria, que fora uma constante dos reinados anteriores, torna-se cada vez mais rara. O selo de chumbo começa a ser utilizado paralelamente ao selo de cera e as cartas patentes, introduzidas no reinado de D. Sancho I, tornam-se frequentes.

O reinado de D. Sancho II (1223 - 1248) constitui, de certa forma, uma interrupção no progressivo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos serviços da chancelaria a que se vinha assistindo desde a chancelaria dos Condes. A instabilidade política, que foi uma constante deste tão conturbado reinado, reflectiu-se, como seria de esperar, nestes serviços. Um dos resultados mais importantes da desorganização reinante foi a inexistência de livros de registo. Estes voltariam, no entanto, a ser usados na chancelaria de D. Afonso III e, a partir de então, não mais deixariam de estar indissociavelmente ligados a esta instituição.

Chegamos assim ao reinado de D. Afonso III. A chancelaria deste rei, ultrapassada a anarquia política que caracterizara o reinado anterior, parece continuar, nas suas linhas gerais, a chancelaria de D. Afonso II. O rei tinha uma intervenção directa em todos os assuntos, despachando-os pessoalmente em conjunto com os funcionários. No entanto, era à chancelaria, sob a responsabilidade do chanceler, que cabia lavrar e autenticar os documentos a eles respeitantes. Os documentos lavrados fora da chancelaria, por notários particulares, deveriam também passar por ela para serem registados e selados.

O chanceler de D. Afonso III, D. Estêvão Anes, que se encontra designado, nos documentos da Chancelaria deste rei, por "*cancellarius domini regis Portucalensis*", "*meus cancellarius*" ou "*cancellarius curie*"⁽²⁾, era filho do amo de D. Afonso III, D. João Garcia, e fora criado com o rei. O facto de ser colação do rei, conferia-lhe, só por si, certos privilégios (Cf. Viterbo, 1966), a que se viriam, mais tarde, juntar os privilégios inerentes ao cargo de chanceler: "e quando Nós ouvermos tal homem pera este Officio, amaloe-mos muito, e fiarnos-emos em elle, e farlhe-emos muito bem, e honra" (Ordenações Afonsinas, Livro I, Tít. 2). Durante a estada de D. Afonso III em França, onde frequentaria a corte de sua tia, D. Branca de Castela, e acabaria por casar-se com a condessa Mahaut de Boulogne, Estêvão Anes acompanhou-o. Em França, em contacto com os "clercs" da

corte francesa e da casa condal, terá certamente adquirido ou aperfeiçoado conhecimentos em matéria de administração e finanças que viriam somar-se vantajosamente à sua reconhecida lealdade para com o futuro soberano. De regresso a Portugal, em finais de 1245 ou princípios de 1246, sempre ao lado do seu senhor, as vantagens de tão grande "privação" com este começariam a traduzir-se em benefícios materiais: primeiro em doações de bens e propriedades e depois, com a subida de D. Afonso III ao poder, na nomeação para o cargo de chanceler. Apesar de não se tratar de um cargo vitalício, Estêvão Anes ocupá-lo-ia até ao final do reinado, tendo morrido pouco depois. (Cf. Bernardo Sá Nogueira, 1987, pp.79-81)

É pois este homem, que o rei designa, por vezes, por "...*meo collatio e meo fideli Cancellario...*"⁽³⁾ ou por "...*meo collatio et dilecto et fideli cancellario...*"⁽⁴⁾, que encontramos à frente da chancelaria. Torna-se, por isso, necessário ter em conta que nunca, como neste reinado, o poder real se identificara tanto com agentes individuais e que o chanceler, mais que o guarda do selo real, era um homem poderoso, com uma enorme influência junto do soberano, talvez só partilhada com D. João Peres de Aboim, mordomo-mor do Rei.

O chanceler, cuja função era a de ministro do despacho e do expediente do Rei, superintendia na promulgação das leis, cartas de privilégio ou de foral e de outros documentos saídos da chancelaria do Rei, sendo mesmo possível, segundo António Manuel Hespanha (1982, p.147), que tenha assumido a direcção do expediente jurisdicional da corte. Como homem de confiança do Rei e seu representante junto do povo, deveria verificar se o conteúdo das cartas a selar era conforme aos interesses do Rei e do povo. Caso tal não se verificasse, cabia-lhe submetê-las, devidamente corrigidas, à consideração do Rei ou do tribunal, de onde tinham vindo, para estes darem novo despacho. Só então, depois de devidamente legalizados, os documentos eram selados, registados e entregues às partes interessadas. Além destas actividades, o chanceler era ainda vassalo e membro nato do Conselho do

Rei, intervinha nos actos legislativos e providenciava na apresentação das igrejas do padroado real, exigindo aos interessados que apresentassem na corte os documentos comprovativos. Cabiam ainda ao chanceler atribuições menores tais como: passar certidões de documentos em arquivo, dar juramento e fixar a retribuição de alguns funcionários e estabelecer taxas e emolumentos, entre outras. A importância do chanceler-mor só começaria a diminuir no reinado de D. Dinis. Aos poucos, um outro magistrado iria ultrapassá-lo em importância e poder: tratava-se do escrivão da puridade, também chamado chanceler dos selos da puridade ou chanceler do selo secreto.

Mas não saímos do reinado que aqui nos ocupa e passemos aos restantes oficiais da chancelaria. D. Afonso III criou os cargos de vice-chanceler e chanceler da Rainha, (Cf. Sánchez-Albornoz, 1920, p. 40), de que foram titulares respectivamente Johannes Fernandi e Durandus Pelagii, sendo o primeiro auxiliar e substituto do chanceler em caso de indisponibilidade deste. Nessa qualidade, é ele o responsável pela selagem de alguns dos actos da chancelaria, sobretudo no período compreendido entre 1254 e 1265⁽⁵⁾. O chanceler da Rainha era o responsável pela redacção e selagem dos actos da Rainha⁽⁶⁾.

Finalmente, resta-nos referir os notários e escrivães da chancelaria. Não parece ter existido em Portugal a diferença estabelecida nas Sete Partidas entre o notário e o escrivão, onde o primeiro é considerado superior ao segundo, como que intermediário entre este e o chanceler⁽⁷⁾. Nos documentos portugueses, os dois termos são usados indiferentemente, sem que isso implique qualquer diferença de funções ou de estatuto.

D. Afonso III tinha vários escrivães a trabalhar na sua chancelaria, pois a multiplicidade e complexidade dos actos a redigir e a registar assim o exigiam. Segundo A. de Jesus da Costa (1977^a, pp. 13-14), existiria um

"escrivão principal," que estaria à frente da secretaria, e "escrivães subalternos," que trabalhariam sob a orientação do primeiro.

De acordo com o Regimento dado aos escrivães da corte por D. Dinis em 12 de Junho de 1302 (Livro das Leis e Posturas, p.165), estes deveriam receber um dinheiro por cada duas linhas que escrevessem: "hos escriuaees de sa Corte leuem do artigo . quatro dinheiros e do Enqueredor . ijº . dinheiros . ç E por cada Renenbrença vj . dinheiros . ç E o seelo . oyto dinheiros . ç Item, de totalas outras escrituras . (sic) que fezer faça duas Regras por hũu (210) dinheiro . tanben de notas come de totalas outras (sic) tralados .", mas se errassem por culpa sua deveriam escrevê-las de novo sem cobrar nada por isso; "jtem se o escriuam errar a nota ou a carta per sa culpa non leue nemygalha pola fazer e se a errar per culpa da parte pague lha asy como he tauxhado duas Regras a dinheiro.". No mesmo regimento (p.256), lamenta-se que os escrivães sejam descuidados e inutilizem muitas cartas, desperdiçando assim tempo e material: "Os Escrivaaes fazem cartas non dereitas; pero que devem seer de curso, e por sá culpa britam nas na Chancellaria; e fazem que tornemos os dinheiros aas partes, porque lhe teem já recebidos, e postos em livro; e asy avemos de riscar o Livro e perdem ho afam, e o porgaminho, e a tinta, e em esto se perde muito porgaminho, e muito papel, (...) e os Escrivãaes non catam senon a levar dinheiros pera sy e o al passe como puder;" e obrigam-se os mesmos a repetir cartas inutilizadas por culpa sua sem por isso cobrar qualquer dinheiro;"... e manda, que se as cartas forem erradas por culpa do Escrivam faça o Escrivam a Carta outra ves, e non leve porende nada, nem paguem outra Chancellaria;".

As Ordenações Afonsinas, embora não refiram o ordenado do escrivão (entenda-se Escrivão Principal), fixam-lhe as atribuições: -- dar as cartas cada dia; -- registar todas as cartas "que pera registar forem", revendo o registo pelo original e assinando "com sua mão o registo de cada hũa carta"; -- guardar "em hũa arca, de que elle tenha a chave, e o Recebedor outra chave" as cartas que não forem entregues; -- não entregar as cartas sem pagarem os

emolumentos, registando-os num livro; -- guardar cuidadosamente tanto este livro como os dos registos das cartas (Livro I, tít. 10).

Todas estas disposições, ainda que não codificadas, deveriam ser já vigentes no reinado de D. Afonso III.

Tal seria, pois, nas suas linhas gerais, o funcionamento da instituição que produziu os documentos que servem de "corpus" ao presente trabalho.

A importância da identificação dos notários ou tabeliães responsáveis pelos documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III é relativa, uma vez que não estamos perante originais, mas sim perante registos. Assim sendo, não é possível ter a certeza de que o escriba redactor fosse também o registador dos documentos, tanto mais que, como adiante veremos (Cf. "A produção documental na Chancelaria de D. Afonso III"), os registos do Livro I não são contemporâneos dos originais, mas sim cópias posteriores de um primeiro registo, esse, sim, contemporâneo dos documentos originais.

No entanto, como fez notar L. Fagundes Duarte (1986, p.34), "mesmo assim, justifica-se a identificação dos funcionários responsáveis por textos em português, e dos locais onde exerceram funções, que mais não seja para ressaltar que enquanto houve uns que apenas produziram textos em latim (casos, entre outros, de Julião, de André Simões, de Domingos Peres, de Domingos Vicente, de Erveus Eanes, ou de Pelágio Eanes, tabelião público de Guimarães), outros houve que os produziram tanto em latim como em português;"

Qual o critério que presidia à distribuição de documentos em latim ou em português a um ou a outro notário, se é que tal critério existia, só será porventura possível averiguar quando se proceder à edição da totalidade da Chancelaria. No entanto, de acordo com os dados recolhidos em L. Fagundes Duarte (ob.cit., pp.34-36) e A. de Jesus da Costa (ob. cit., pp.12-14b), não se

encontram tabeliões nem notários, ou escrivães, que apenas tenham redigido em português. Harmoniza-se isto com o facto de o número de documentos em português ser bastante reduzido, não justificando por isso a existência de um "especialista", bem como com a existência de vários escribas redactores de documentos em português.

No entanto, se os redactores dos originais são vários (Cf. Quadro 1), o mesmo não se passa em relação ao escriba responsável pelo traslado. Este é, de acordo com Eduardo Borges Nunes (C.P.), o mesmo entre os documentos I-1 e I-29. Assim, bastar-nos-ia que o escriba trasladador estivesse identificado num destes documentos. Tal acontece no documento I-25, produzido no Lorvão, provavelmente por um monge desse mosteiro, e trasladado por um notário da chancelaria; "...*Jacobus iohannis notavit...*", ou seja, Jaime Eanes. Este é também o notário identificado que mais documentos produz na chancelaria, quer em Lisboa (4), quer em Santarém (2), além de assinar o traslado do documento I-25, o que prova a sua importância. Assina ainda documentos em latim (Cf. A. de Jesus da Costa, ob. cit., p.14-a). Vicente Fernandiz surge, no quadro apresentado por L. Fagundes Duarte (ob.cit., p.36), como responsável por cinco documentos, o que o coloca muito próximo de Jaime Eanes em termos de produções identificadas. No entanto, convém observar que o documento I-4 é assinado por um Vicente Fernandiz, tabelião de Monsaraz, que não é, certamente, o mesmo que assina os restantes quatro documentos, produzidos em Lisboa ou Coimbra, esses, sim, por um notário da chancelaria.

Desta forma, parece-nos ser possível concluir que Jaime Eanes terá sido o escriba de maior importância dentro da chancelaria de D. Afonso III, talvez o "escrivão principal", a que se refere A. de Jesus da Costa (ob. cit., p.13).

QUADRO 1 - Distribuição dos documentos por notário ou por tabelião e por localidades

Notários ou Tabeliões	Domingos Soares	Durão Peres	Estêvão Pasqual	Estêvão Peres	Jaime Eanes	João Peres	João Soares	Martim Domingues	Pedro Lourenço	Pedro Peres	Vicente Fernandes	Outro	Soma
Abrantes												III	1
Alcântara												I-9	1
Arouca												I-22	1
Coimbra				I-8						I-6	I-5		3
Évora									I-19				1
Freixo												I-16	1
Lisboa	I-12 I-13	I-7			I-18 I-23 I-27 I-31	I-10	I-1 I-2 I-3	I-29 I-32		I-11 I-14 I-33	I-24 I-26 I-30		19
Lorvão												I-25	1
Monsaraz											I-4		1
Santarém			I-17		I-20 I-21	I-28							4
Não Ident.												I-15	1
Soma	2	1	1	1	6	2	3	2	1	4	5	6	34

Reproduzido de: Luiz Fagundes Duarte, 1986, p. 36.

Como se pode verificar pela análise do quadro I, a redacção anónima é pouco frequente, uma vez que 28 dos 34 documentos analisados têm identificação nominal de notário (da corte) ou de tabelião (de fora da corte). Ainda de acordo com a fonte acima citada, 32 documentos possuem local de emanação identificado, expressamente ou implicitamente. Verifica-se também que é mais comum a identificação nominal dos notários que a dos tabeliães, que, regra geral, se identificam apenas pelo cargo e localidade a que pertencem.

O chanceler não parece ter, em nenhum caso, redigido ou registado qualquer documento por mão própria. Com efeito, o seu nome não se encontra como redactor em nenhum dos actos redigidos e/ou registados na Chancelaria, nem o "Regimento do Chanceler", nas Ordenações Afonsinas, lhe preconiza tal papel. As suas atribuições, no que respeita à redacção, validação e registo de documentos, eram, pois, funções de "chefia", isto é, a ele cabia a responsabilidade pelos actos lavrados pela chancelaria ou a ela dirigidos e, conseqüentemente, a superintendência nos oficiais encarregados de lavrar os documentos, registá-los e organizar novos registos—os notários—bem como a verificação da legalidade dos mesmos.

Assim, o estágio da língua que se capta nos documentos estudados não é reflectido através do chanceler, Estêvão Anes, homem de elevada cultura, parcialmente adquirida em França (Cf. B. Sá Nogueira, ob.cit.), mas sim através, em primeiro lugar, dos tabeliães e notários que produziram os documentos originais e, em segundo lugar, através de Jaime Eanes, notário da chancelaria, responsável, como vimos, pela maioria dos traslados.

NOTAS

(1) O artigo citado é um inédito de Avelino de Jesus da Costa, cujo conhecimento devemos à amabilidade do Dr. Bernardo Sá Nogueira.

(2) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, fol. 4 et passim.

(3) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, fol. 41 v.

(4) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, fol. 82 r.

(5) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, fol. 39 v, 40 r, etc.

(6) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, fol. 61 r.

(7) Partida Segunda, tit. IX, lei 7: "Notarios son dichos aquellos que facen las notas de los privilegios et de las cartas por mandado del rey ó del chanciller".

lei 8: "... los escribanos (...) sean leales et de buena porida; ca maguer el rey, et el chanciller et el notario manden fazer las cartas...".

(Cf. A. de Jesus da Costa, 1977^a, p. 13, nota 79).

1.2. A PRODUÇÃO DOCUMENTAL

NA CHANCELARIA DE D.AFONSO III

1.

Os documentos que aqui se estudam encontram-se registados nos 3 livros da Chancelaria de D. Afonso III. Tratando-se de registos, isto é, de transcrições autenticadas, há que considerar, antes de mais, a existência dos documentos originais, emanados da corte ou a ela endereçados, que lhes terão servido de base. A procura e recolha de tais originais, eventualmente ainda existentes, com vista à colação com os respectivos registos, sai, no entanto, fora do âmbito deste trabalho que, como oportunamente referi, tem como principal objectivo o comentário linguístico de alguns aspectos dos textos em questão.

É no Livro I, datável de cerca de 1270 (1270 - 1280)⁽¹⁾, que se encontram 33 dos 34 documentos que constituem o "corpus" do presente estudo, encontrando-se o outro documento no Livro III, datável de cerca de 1280 (1280 - 1290)⁽²⁾. No entanto, 5 destes documentos têm registo duplo, ou seja, foram transcritos em dois dos três livros da Chancelaria de D. Afonso III : os documentos I-1 e I-2, registados nos Livros I e II, este último datável da época dos originais (isto é, cerca de 1255⁽³⁾) e os documentos I-19, I-20 e I-28, registados nos Livros I e III .

A análise do tipo de letra utilizado em cada um dos livros revela-nos que nos Livros I e III , a letra usada é gótica caligráfica, levemente cursivizante, com algumas ligaturas esboçadas no Livro III. Verifica-se também que a composição da página se apresenta relativamente cuidada sendo a mancha manuscrita constituída por 2 colunas de 55 linhas no Livro I e de 34 linhas no Livro III, o que se deve sobretudo à diferença de dimensões dos fólhos de cada um desses livros (Livro I aprox. 36,5 cm x 27,6 cm; Livro III aprox. 33,1 cm x 23,5 cm).

No Livro II, pelo contrário, a letra usada é gótica pré-cursiva, sem ligaturas. A composição da página, também em oposição ao verificado nos outros dois livros, é bastante descuidada. A mancha manuscrita é irregular e o texto encontra-se escrito a uma só coluna. As linhas não seguem pautas previamente traçadas, o que mostra não ter havido, ao contrário do que acontece nos Livros I e III, uma preparação prévia de página.

Estes elementos, juntamente com o facto de os registos do Livro II serem contemporâneos dos originais, levam E. Borges Nunes (CP) a colocar a hipótese da existência de dois registos: um em cursivo, contemporâneo dos documentos originais (Livro II), e um em caligráfico, vários anos posterior (Livro I).

Assim, os documentos emanados pela corte ou a ela dirigidos teriam um primeiro registo imediatamente anterior à sua expedição ou posterior à sua recepção. Este registo, em cursivo, pouco cuidado e sem preocupações de "mise en page", seria provisório, provavelmente feito por "escrivães subalternos" (A. de Jesus da Costa, 1977^a, p.14), e destinar-se-ia a servir de base a uma cópia posterior, definitiva. Esta segunda cópia, em caligráfico, exigindo uma prévia preparação de página e a mão de um escrivão qualificado, talvez o "escrivão principal" (A. de Jesus da Costa, ob.cit., p.13), só seria possível quando estivessem reunidas as condições materiais necessárias para o efeito. Tal só aconteceria, neste caso, vários anos mais tarde. Parece comprovar esta hipótese o facto de os 33 registos do Livro I serem praticamente todos da mesma mão, isto é, feitos na mesma altura, apesar de os originais datarem de um período compreendido entre 1255 e 1279⁽⁴⁾.

Fica por explicar o porquê de uma segunda cópia em caligráfico (Livro III), elaborada com cuidados semelhantes aos revelados no Livro I, mas posterior de cerca de uma década, isto é, do final do reinado de D. Afonso III (cerca de 1280), uma vez que os dados de que dispomos não permitem uma explicação suficientemente fundamentada para este facto.

A análise das variantes nos 5 documentos de testemunho duplo visa, como foi dito, essencialmente três objectivos:

- a) Dar uma razão para as duas cópias.
- b) Revelar os métodos de cópia na chancelaria.
- c) Avaliar o valor das grafias variantes.

Sendo assim, a referida análise permitirá eventualmente saber mais sobre o processo de trasladação dos documentos e sobre o funcionamento da chancelaria, em geral.

Comentam-se separadamente os documentos registados nos Livros I e II (I-1 e I-2) e os documentos registados nos Livros I e III (I-19, I-20 e I-28).

Consideram-se três tipos de variantes: variantes textuais (que implicam uma alteração na estrutura e/ou sentido do texto), variantes morfológicas (que implicam uma alteração na estrutura da palavra) e variantes gráficas (que não implicam qualquer alteração de sentido ou estrutura).

1.1. Docs. I-1 e I-2

Em relação aos documentos registados simultaneamente nos Livros I e II, verifica-se que o número de variantes textuais e morfológicas é bastante mais reduzido que o das variantes gráficas.

- a) No que diz respeito às primeiras, podemos dividi-las em dois grupos: Grupo 1 - variantes que afectam apenas a estrutura do texto; Grupo 2 - variantes que afectam também o seu sentido.

Grupo 1 :

Livro II (1255)	Livro I (1270)
desende	I-1 (25) ende
seiades [des]	I-1 (31) seiades
e a meyadade	I-1 (36) e meyadade
est custume	I-1 (43) o custume
e a meiadade ao	I-1 (49) e meyade a
ende mi	I-1 (54) ende a mi
por (entrelinhado)	I-2 (25) por esse
uno (entrelinhado)	I-2 (31) uno
[ano] mi dade quãdo <[mo]>morrer	I-2 (32) mi de cãdo morer
[.j.] <segno>	I-2 (33) senos
[ome...sio] omezio	I-2 (34) umezio
rouso e furto	I-2 (34) rouso . furto
a mi	I-2 (37) pera mi
e a meydade	I-2 (37) e meyadade
segundo como	I-2 (40) segũdo
E o riqu' omẽ nẽ no	I-2 (43) e ric' omẽ nẽ
Era . M ^a . CC ^a . Lx ^a . iij ^a . Joham . suariz la fez	I-2 (52-53) Johã suariz a fez. Era. M ^a . CC ^a . Lx ^a . iij

Grupo 2 :

Livro II (1255)	Livro I (1270)
dez	I-1 (42) doze
hy	I-2 (18) ende
dez	I-2 (30) cinqui

No que diz respeito ao grupo 1, não é possível falar de variantes mais ou menos correctas. Só no que diz respeito ao grupo 2 é possível falar de correcção.

Como facilmente se verifica pela análise dos quadros apresentados, as variantes que afectam o sentido do texto são muito poucas (3 num total de 19 variantes textuais). No caso de "hy" / "ende", tanto a variante do Livro I como a do Livro II parecem estar de acordo com o sentido da frase onde se encontram inseridas: "e uos fazede y . quinque casaes . e popledes hy cinque homéés e fazede my hy/ende cinque foros", sendo bastante difícil concluir com exactidão qual das variantes é a correcta. No caso de "dez" / "doze" e "dez" / "cinqui", por motivos óbvios, não é de todo possível, sem o recurso aos originais, saber qual das variantes é a correcta. Parece, no entanto, provável que se trate de erros introduzidos pelo copista do Livro I e não pelo copista do Livro II, uma vez que, não se tratando de erros corrigíveis por conjectura, a considerarmos a hipótese inversa, teríamos de admitir que o copista do Livro I tivesse cotejado os originais, o que é pouco provável tendo em conta que se trata de documentos lavrados cerca de 15 anos antes.

b) No que diz respeito às variantes morfológicas, o seu número é um pouco mais reduzido que o das variantes textuais:

Livro II (1255)	Livro I (1270)	
de mya	I-1 (19)	da mya
porto da uerea cun o	I-1 (22)	porto de verea con o
de cadouso	I-1 (29)	do Cadouzo
en o	I-1 (44-45)	en os
e a meiadade ao	I-1 (49)	e meyade a
de	I-1 (50)	do
do	I-1 (59)	de
por o	I-1 (61)	pelo
de	I-2 (12)	da
de Condado	I-2 (12)	do Condudo
poblade	I-2 (17)	popledes
posto	I-2 (22)	posta
[ano] mi dade quãdo <[mo]>morrer	I-2 (32)	mi de cãdo morer
de uossa frúguisia	I-2 (36)	de uosa friysia
polo homezio	I-2 (36)	por omezio
e a meydade	I-2 (37)	e meyadade
Hauedes	I-2 (45)	Aiades
do meu	I-2 (50)	de meu
e pelo	I-2 (52)	e per

Nestes casos, com excepção de "en o" / "en os", que representa inequivocamente um erro de concordância, em número, do copista do Livro I, não se pode falar, parece-nos, de variantes correctas e incorrectas.

c) Finalmente, no que respeita às variantes gráficas, existentes em número significativo, tal como no que diz respeito às variantes morfológicas, não podemos, tendo em conta que a única norma da época parece ser a variação, considerar as variantes segundo um critério de correcção. Podemos, sim, considerar o seu grau de "arcaísmo".

Dado o número relativamente elevado de variantes deste tipo (Cf. "Adenda", pp. 37-52), só analisaremos aqui aquelas que são relevantes ou para a avaliação do grau de arcaísmo dos testemunhos ou para o estudo dos aspectos que adiante se abordam (Cf. 2. A linguagem dos documentos (alguns aspectos)).

Desta forma, não serão consideradas variantes tais como, por exemplo:

Livro II (1255)	Livro I (1270)
porto da uerea . cun o	I-1 (22) porto <u>de</u> verea con o
inde	I-1 (26) ende
termiõ	I-1 (28) <u>termyo</u>
porto da uerea . Douuos	I-1 (30) Portu da verrea . do uos
foreiros	I-1 (34) foreyros
natal	I-1 (41) Nathal
XX . iiij	I-1 (42) uinti e <u>quat</u> ro
ataygado	I-2 (22) ateygado

Atendendo à data dos registos dos Livros I e II, poder-se-ia supor encontrar grafias mais arcaicas no Livro II do que no Livro I. No entanto, os exemplos não confirmam essa suposição, verificando-se que, tanto num livro como no outro, se encontram bastantes formas latinas ou mais arcaizantes, a par de formas romances, ou mais modernas.

Encontramos, no Livro II, formas mais arcaizantes, por oposição a formas mais modernas, no Livro I, nos seguintes casos⁽⁵⁾:

Livro II (1255)	Livro I (1270)	
gracia	I-1 (18)	graça
recebiã	I-1 (33)	recebam
augustas	I-1 (40)	agustas
pectedes	I-1 (46)	peytedes
caomias	I-1 (47)	coomias
homees bonos	I-1 (51)	oméés bóós
a nẽguno	I-1 (57)	a nẽgũu
uilano	I-1 (57)	vilao
centenos	I-2 (27),(30)	centeos
a nẽguno homẽ	I-2 (42)	a nẽgũu omẽ
senõ a omẽ uilano	I-2 (42)	seno a omẽ vilao
faza hy forcia	I-2 (45)	faça y força

Em contrapartida, encontram-se exemplos inversos em número semelhante:

Livro II (1255)	Livro I (1270)	
poboasõ	I-1 (28-29)	poboacion
decẽbras	I-1 (40)	Decẽbrias
cada úu	I-1 (45)	Cada uno
páaso	I-1 (49)	páácio
isto	I-1 (51)	esto
emprazedes	I-1 (56)	emplazedes
poblade	I-2 (17)	popledes
Setẽbrio	I-2 (24)	Septẽbro (Note-se que a terminação revela a tendência oposta)
doedes	I-2 (41-42)	donedes

No que diz respeito às grafias das palatais lateral e nasal (Cf. "O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das palatais lateral e nasal /λ/ e /ɲ/"), verifica-se que as grafias etimológicas, como e <gn>, são bastante frequentes nos dois livros, a par de outras grafias, tais como e <n>. As grafias modernas <lh> e <nh> não surgem em nenhum dos livros.

Do que foi dito, conclui-se não ser possível afirmar que as grafias usadas no Livro II (1255) sejam mais arcaicas que as usadas no Livro I (1270), verificando-se que a influência de grafias latinizantes, quer conservadas, quer recuperadas, se faz sentir muito fortemente em todo este período.

No entanto, como facilmente se verifica pelas listas de variantes apresentadas em adenda a este capítulo, há várias alterações gráficas, de maior ou menor importância, que importa analisar, na medida em que, em alguns casos, contribuem com dados interessantes para o estudo de alguns dos aspectos que abordaremos no ponto 2 deste trabalho (A linguagem dos documentos (alguns aspectos)).

O aspecto em que estas variantes gráficas se revelam mais interessantes é, sem dúvida, o que se refere à evolução do sistema de sibilantes.

A análise das referidas variantes revela-nos que o copista do Livro I observa uma clara distinção entre as sibilantes pré-dorsais e as apicais (Cf. "O sistema de sibilantes"), enquanto que o copista do Livro II se revela mais heterogéneo: a quantidade de vezes que representa uma pré-dorsal por <s> leva a pensar se se tratará de um fenómeno apenas gráfico ou fonológico.

Livro II (1255)	Livro I (1270)
pob o asõ	I-1 (28-29) poboacion
de cadouso	I-1 (29) do Cadouzo ⁽⁶⁾
pááso	I-1 (49) páácio
enquirisõ	I-1 (51) enquisiciõ
cesteyros	I-2 (33) sesteyros ⁽⁷⁾
martíjs	I-2 (51) martíjz

Verifica-se ainda que o copista do Livro II revela uma maior tendência para o uso de <z> na representação da pré-dorsal surda (Cf. "Adenda", pp. 37-42).

1.2. Docs. I-19, I-20 e I-28

No que diz respeito aos documentos registados simultaneamente nos Livros I e III, o número de variantes textuais e morfológicas é, tal como no grupo de textos anterior, mais reduzido que o das variantes gráficas.

a) Variantes Textuais:

Grupo 1 :

Livro I (1270)	Livro III (1280)
e depouys o cõcelho	I-19 (37) e depois <u>que</u> o Concelho
forã	I-19 (38) <u>que</u> foram
e como	I-19 (42) <u>ẽ</u> comóó
ouuesse <u>ẽ</u> na <u>pres</u> uria	I-19 (43) ouuessem a <u>pres</u> urias
d'euora	I-19 (48) do Concelho D'euora
e meu	I-19 (51) e este meu
e os de meu reyno	I-20 (29) e os meus do meu Reyno

... / ...

E eu	I-20(35)	eu
de Rey	I-20 (44)	d'el Rey
dito e suso	I-20 (89)	de suso dito <u>est</u>
de fazer	I-20 (98)	pera fazerẽ
sobe las	I-20 (99)	sobre las et passim
<u>que</u> ora eu tenho	I-20 (110)	<u>que</u> eu ora tenho
E poren	I-20 (111)	E porẽde
e dom Symõ	I-20 (123)	dõ Simhõ
ffrey	I-20 (127)	e ffrey
seia	I-28 (57)	seia seia
en o nome	I-28 (62)	ẽ nome
<u>que</u> aia	I-28 (114)	<u>que</u> a aia
pera sempre	I-28 (157-158)	pera todo sempre
eu don Affonso Rey	I-28 (170-171)	E eu Rey dom Afonso de
de suso dicto		suso dito

Grupo 2 :

Livro I (1270)		Livro III (1280)	
Era . M ^a . ccc ^a . x i ^a	I-19 (49-50)	Era M ^a . ccc ^a . xxxj	
e <u>que</u> o al poderia séer grã	I-20 (38-40)	omit.	
dãno e grã perigóo meu e			
de meus filhos e de meus			
vasallos e de meu reyno			
e d'ẽmendar	I-20 (83)	e d'entregar	
e <u>pera</u> entregar	I-20 (84)	e d'entregar	
<u>que</u> corregam e fazã . den	I-20 (85)	<u>que</u> corregã é emmedẽ	
e entegrẽ e fazem		e ẽtreguẽ e façam	
E se <u>per</u> uentaira y a esto	I-20 (87)	E se <u>per</u> a esto y	

.../...

a dauãdicta Reya	I-20 (112-113)	a Raya
reyña mha madre	I-20 (114-115)	Raÿa
da ordin do Temple	I-20 (123)	do temple
todalas cousas	I-28 (80-81)	todalas outras cousas
este	I-28 (143)	est
Pedro ponço	I-28 (184)	Pedro affonso

No entanto, no que diz respeito às variantes textuais, o número de variantes que afectam o sentido do texto (Grupo 2) é, neste caso, mais significativo (12 num total de 33 variantes textuais). De notar também é o facto de oito dessas doze variantes se encontrarem no documento I-20. Das restantes quatro, três pertencem ao documento I-28 e uma ao documento I-19.

A análise dos documentos em questão permite-nos concluir que o copista do Livro III é aparentemente responsável por erros ou omissões nos casos dos exemplos 1, 2, 4, 6-9, 11. Nos restantes exemplos (3, 5, 10) parece estarmos perante erros do copista do Livro I, corrigidos, provavelmente por conjectura, pelo copista do Livro III. Em relação ao exemplo 12, não é possível, sem recorrer ao original, saber qual das variantes é a correcta. É, no entanto, mais provável que, sendo "affonso" (Livro III) um nome mais comum que "ponço" (Livro I), a variante do Livro III resulte de um erro de leitura deste copista, quer a sua fonte tenha sido o Livro I ou o registo em cursivo a que acima nos referimos e que é contemporâneo do original. Neste caso, a data do original (1274) situa-se no período proposto por E. Borges Nunes para a redacção do Livro I. No entanto, é pouco provável que possa ter sido o original e não o registo em cursivo a servir de base à cópia do Livro I, uma vez que, tratando-se de um documento que se destinava a ser expedido, não é provável que servisse de base a mais de uma cópia, sobretudo tratando-se de uma cópia mais cuidada e certamente mais demorada, como a do Livro I. Assim, o original deverá ter servido de base apenas à cópia em cursivo que, por sua vez, terá sido a base da cópia do Livro I e,

eventualmente, da cópia do Livro III, embora esta possa também ter tido como base o Livro I.

Neste grupo de variantes textuais, uma merece particular atenção. Trata-se da variante 1 (Grupo 2), que se encontra no documento I-19. Este documento, que, no Livro I, tem a data de 16 de Outubro da era de 1311 (ano de 1273), tem, no Livro III, a data de 16 de Outubro da era de 1331 (ano de 1293). Este caso, que poderia parecer problemático, visto não existir possibilidade de confronto com o original, pôde, no entanto, ser esclarecido graças a um pequeno pormenor constante do próprio documento: a indicação da fêria. Com efeito, o tabelião que escreveu o texto (Pedro Lourenço, tabelião de Évora) fornece, no final do documento, este dado: "segũda feyra dez e seis dias de Outubro", fl.126 b, l. 49, o que permitiu, só por si, apurar que a data correcta é a que consta do testemunho do Livro I e não a que consta do testemunho do Livro III, uma vez que, no ano de 1273, o dia 16 de Outubro foi, de facto, uma 2ª feira, enquanto que, no ano de 1293, o mesmo dia foi uma 6ª feira. João Pedro Ribeiro (1857, vol. III, p. 86, em nota à edição deste documento) e L. Fagundes Duarte (ob. cit., p. 39) reconhecem o erro do testemunho do Livro III com base neste argumento. No entanto, ainda que o tabelião não nos tivesse fornecido este dado, continuaria a ser possível concluir qual dos testemunhos apresenta a lição certa recorrendo às datas atribuídas por análise paleográfica aos registos do Livro I e do Livro III. Com efeito, sendo o Livro I datável de cerca de 1270 e o Livro III datável de cerca de 1280, não seria possível que um documento neles registado tivesse sido escrito em 1293.

b) Variantes morfológicas:

Livro I (1270)		Livro III (1280)
ẽ na	I-19 (31)	na
era <u>conteudo</u>	I-19 (32)	cõteecia
<u>aquelo</u>	I-19 (42)	<u>aqu</u> ele
ẽ no mellor	I-19 (43)	no melhor
ouesse ẽ na <u>presuria</u>	I-19 (43)	ouessem a <u>presurias</u>
tijã	I-19 (43)	tijha
en ela pugi	I-19 (51)	em ela apposuj
forzas e <u>agrauamentos</u>	I-20 (30)	forças e grauamētos
todos os	I-20 (34)	todosos
de meu	I-20 (35)	do meu et passim
figi	I-20 (42)	fiz
e as <u>prelados</u>	I-20 (72)	e aos <u>prelados</u>
lhys lho	I-20 (75)	lhi lo
tod'este	I-20 (96)	tod'esto
de <u>fazer</u>	I-20 (98)	<u>pera</u> fazerẽ
du hua	I-28 (60)	da hũa
partã	I-28 (94)	partẽ
que o <u>corregam</u>	I-28 (112)	que a <u>corregam</u>
<u>per</u> lo	I-28 (112)	pelo
este	I-28 (143)	est
estas cousas	I-28 (149)	estas cousa

Se excluirmos os casos em que a variação morfológica não influi na correcção do texto (exemplos 1, 2, 4, 7-11, 15, 19), verificamos que o copista do Livro I é responsável por erros nos exemplos 12, 14 e 16 e que o copista do Livro III é responsável por erros nos exemplos 3, 5, 6, 13, 17, 18, 20 e 21. Isto significa que, tendo em conta os dados referentes às variantes textuais e morfológicas, não podemos concluir pela maior correcção de um

copista em relação ao outro. Trata-se de duas cópias cuidadas feitas por escribas qualificados, o que não exclui, evidentemente, a possibilidade de erro inerente à cópia manual.

c) Variantes gráficas:

No que diz respeito às variantes gráficas, o critério adoptado é o mesmo que o utilizado na análise das variantes dos Livros I e II. Neste caso, o esperável seria encontrar no Livro I grafias mais arcaicas que as do Livro III. E, de facto, os dados confirmam tal expectativa.

Assim, encontramos, no Livro I, formas latinas ou mais arcaicas, por oposição a formas romances, ou mais modernas, no Livro III, nos seguintes casos:

Livro I (1270)		Livro III (1280)
Ermigio	I-19 (28)	Hermiço
ẽ na	I-19 (31)	na
ẽ no	I-19 (43)	no
clerico	I-19 (45)	clerigo
dictos	I-19 (46)	ditos
figi	I-20 (42)	fiz
derectos	I-20 (111)	dereyτος
põer	I-20 (115)	poer
en o nome	I-28 (62)	ẽ nome
dicto	I-28 (128)	dito
Egregias	I-28 (134-135)	Eigreias
bõa	I-28 (151)	boa
razõar	I-28 (159)	razoar
Laurenço	I-28 (184)	Lourenço

Os contra-exemplos são em número muito reduzido:

Livro I (1270)		Livro III (1280)
dez e seis dias de Outubro	I-19 (49)	dez e sex dias de Outubro
en ela pugi	I-19 (51)	em ela apposuj
todos os	I-20 (34)	todos
fisico	I-20 (65)	phisico

A análise dos grafemas utilizados para grafar os fonemas palatais /ɲ/ e /ʝ/ confirma os resultados obtidos pela análise dos exemplos e contra-exemplos acima apresentados.

Assim, encontramos as grafias antigas <ɲ>, <ll> e <n>, <ñ>, <ɲ̃> ou ausência de marca gráfica (Cf. "O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /ɲ/ e /ʝ/", nota 5), no Livro I, por oposição às grafias modernas <lh> e <nh> (ou ~h), no Livro III, nos seguintes casos:

Livro I (1270)		Livro III (1280)
seia cunuscuda	I-19 (27)	Cei conhuçada
señor don Afonso	I-19 (30-31)	senhor dom Affonso
concello d'evora	I-19 (32-33)	Cõcelho de Euora
llis	I-19 (35)	lhis
ẽ no mellor	I-19 (43)	no melhor
tijã	I-19 (43)	tijha
Concellos	I-20 (34)	Concelhos et passim
vinal	I-20 (54-55)	vinhal
farĩa	I-20 (56)	farjha
petarjõ	I-20 (58)	petarjho

... / ...

Raya	I-20 (92)	Raÿha
aleamentos	I-20 (99)	alheamentos et passim
reyna	I-20 (120)	Raÿha
COnuçada	I-28 (57)	Conhuçada
moler	I-28 (69)	molher
filla	I-28 (69)	filha
fillas	I-28 (71)	filhas
file	I-28 (89)	filhe
alur	I-28 (94)	alhur
fillēnos	I-28 (96)	filhenos
vizios	I-28 (114-115)	uezinhos
Musarana	I-28 (130)	Musaranha
semele	I-28 (131)	semelhe
tija	I-28 (137)	tijha
gáánar	I-28 (159-160)	guaanhar
gáánemos	I-28 (162)	guaanhemos
ualla	I-28 (162)	ualha
moller	I-28 (171)	molher
fillos	I-28 (172)	filhos
semelaues	I-28 (174-175)	semelhauis
coello	I-28 (186)	coelho
vinal	I-28 (187)	vinhal
Consello	I-28 (193)	conselho

O número de contra-exemplos é bastante reduzido:

Livro I (1270)		Livro III (1280)	
lhys lho	I-20 (75)	lhi lo	
nulha	I-20 (98-99)	nulla et passim	
filhas	I-20 (120)	filas	

Encontram-se também vários casos em que as grafias modernas <lh> e <nh> são coincidentes no Livro I e no Livro III.

Exemplos:

Livro I (1270)	Livro III (1280)
e depouys o cõcelho I-19 (37)	e depois <u>que</u> o Concelho
<u>que</u> ora eu tenho I-20 (110)	<u>que</u> eu ora tenho

Existe ainda um exemplo de <lh> no Livro I no seguinte caso:

Livro I (1270)	Livro III (1280)
e <u>que</u> o al poderia séer I-20 (38-40) grã dãno e grã perigóo meu e de meus filhos e de meus vasallos e de meu reyno	omit.

Do que foi dito, conclui-se que, neste grupo de variantes, se verifica uma tendência para um maior arcaísmo gráfico no Livro I, a par de grafias mais próximas das actuais no Livro III. Com efeito, as grafias usadas no Livro III são, de uma maneira geral, menos arcaicas que as usadas no Livro I, mas é na forma de grafar as consoantes palatais que esta tendência modernizadora é mais visível. De facto, fica claro através dos exemplos analisados que, por volta de 1270, as grafias modernas <lh> e <nh> tinham já sido introduzidas na corte, mas é só por volta de 1280 que o seu uso se torna mais geral (Cf. "O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /ɫ/ e /ɲ/").

Além dos aspectos já referidos, há ainda a considerar as variantes gráficas que dizem respeito ao sistema de sibilantes. O copista do Livro I observa, também aqui, de uma maneira geral, uma clara distinção entre as

sibilantes pré-dorsais e as apicais, neste caso com duas exceções: "garsia" - I-28 (185) por "garcia" - Livro III e "rrates" - I-20 (64) por "Ratiz" - Livro III. O copista do Livro III, por seu lado, deixa transparecer em três casos de confusão gráfica a confusão fonológica que deveria já começar a verificar-se nesta época (Cf. "O sistema de sibilantes"). Tais casos são, pois, mais frequentes nas cópias dos Livros II e III que na cópia do Livro I.

Livro I (1270)		Livro III (1280)
seia cunuscuda	I-19 (27)	Cei conhuçada
Gonsalo	I-20 (67)	Gonçalo
Roas	I-28 (130)	Roaz

De salientar é ainda o facto de o copista do Livro III praticamente não utilizar a grafia <z> na representação da pré-dorsal surda (Cf. "Adenda", pp. 43-52). Se tivermos em conta que o copista do Livro II revela, em relação ao copista do Livro I, uma maior tendência para o uso de <z> no caso referido e que este, por sua vez, apresenta mais casos de uso da referida grafia do que o copista do Livro III, poder-se-à concluir que se verifica uma tendência para a progressiva diminuição do uso desta grafia, uma vez que, segundo Clarinda Maia (1986, p.440), o emprego deste grafema não terá ultrapassado, nos textos romances, o séc. XIII, com pequenas exceções.

NOTAS

(1) A datação dos documentos, efectuada por análise paleográfica, é devida ao Prof. Dr. Eduardo Borges Nunes, a quem agradecemos as generosas informações.

(2) Cf. nota (1).

(3) Cf. nota (1).

(4) Segundo E. B. Nunes (C.P.), os registos do Livro I são atribuíveis a três mãos diferentes:

 Escriba 1 - Documentos I-1 a I-29

 Escriba 2 - Documentos I-30 e I-31

 Escriba 3 - Documentos I-32 e I-33

(5) Não se consideram aqui as oposições latim / português do tipo:

 Livro I I-1 (62) "x.^a dies" / Livro II "x. dias".

(6) A forma "cadouzo" corresponderá provavelmente ao actual "cadoz", "covil, toca", proveniente do castelhano "cadozo" que, por sua vez, deriva do árabe "qādûs", "cubo, vaso, jarro" (Cf. A.G. Cunha, 1989).

(7) A forma "sesteyros" relaciona-se com o numeral seis (< lat. SEXTARIUM). Trata-se, segundo Viterbo (1966), de uma medida correspondente a "dous alqueires, ou duas teigas da medida antiga (...). Era pois o "sesteiro de pão" duas teigas, uma de trigo e outra de milho." No entanto, o mesmo Viterbo (ob. cit.) atesta a forma "cesteiro" referindo que "passou a nós o "sextario" corrompida a voz em "sesteiro" e "cesteiro" (donde veio chamarem-se "cestos" e "cesteirões" certos vasos de vergas, palhas ou costas que serviam nestas medidas)".

ADENDA

Doc. I - 1

linha	Livro I, fl.9 a-b	/	Livro II, fl.18 r
18 -	graça	/	gracia (var. graf.)
19 -	da mya	/	de mya (var. morf.)
20, 53, 55 -	herdade	/	erdade (var. graf.)
20 -	Tolones de Aguyar	/	tolones de Aguiar (var. graf.)
22 -	é	/	hé (var. graf.)
	porto de vereia	/	porto da uerea .
	con o		cun o (var. morf./graf.)
24 -	carualias	/	carualas (var. graf.)
25 -	ende	/	desende (var. text.)
26 -	ende	/	inde (var. graf.)
28 -	termyo	/	termiõ (var. graf.)
28-29 -	poboacion	/	poboasõ (var. graf.)
29 -	do Cadouzo	/	de cadouso (var. morf./graf.)
29-30 -	veréas	/	uereas (var. graf.)
30 -	Portu da verrea .	/	porto da uerea.
	do uos		Douuos (var. graf.)
	cõ	/	cum (var. graf.)
31 -	entrada	/	intrada (var. graf.)
	seiades	/	seiades [des] ⁽¹⁾ (var. text.)
31,32 -	sette	/	sete (var. graf.)
33 -	façã	/	fazã (var. graf.)
	recebam	/	recebiã (var. graf.)
34 -	foreyros	/	foreiros (var. graf.)
	a mj	/	a mi (var. graf.)
	successores	/	sucessores (var. graf.)
35 -	ateygados	/	ataygados (var. graf.)
36 -	meyadade	/	meiadade (var. graf.)

	e meyadade	/	e a meyadade (var. text.)
	milo	/	milio (var. graf.)
37-38 -	ĩ Requeyso atéés	/	in requeyxo ataes (var. graf.)
38 -	dade mi	/	dadimj (var. graf.)
39 -	as	/	aas (var. graf.)
40 -	agustas	/	augustas (var. graf.)
	Decēbrias	/	decēbras (var. graf.)
41 -	aprilis	/	abrijs (var. graf.)
	Nathal	/	natal (var. graf.)
42 -	doze	/	dez (var. text.)
	uinti e quatro	/	xx . iiij (var. graf.)
43 -	o custume	/	est custume (var. text.)
	duze	/	doze (var. graf.)
	galinas	/	gallinas (var. graf.)
	cento e uijnti	/	cento e xx (var. graf.)
44,47 -	tres	/	iiij (var. graf.)
44 -	Coleyta	/	coleita (var. graf.)
44,45 -	en os	/	en o (var. morf.)
45 -	Cada uno	/	Cada úú (var. graf.)
46 -	morrer	/	morer (var. graf.)
	loytosa	/	luitosa (var. graf.)
	peytedes	/	pectedes (var. graf.)
47 -	coomias	/	caomias (var. graf.)
	ssaber est	/	saber é (var. graf.)
	umezio	/	omizio (var. graf.)
48 -	do omē	/	d'omē (var. graf.)
49 -	meyadade	/	meiadade (var. graf.)
	páacio	/	páaso (var. graf.)
	e meyade a	/	e a meiadade ao (var. text./morf./graf.)
50 -	do	/	de (var. morf.)
	ũ	/	o (var. graf.)
51 -	enquisiciõ	/	enquirisõ (var. graf.)
	oméés bóós	/	homees bonos (var. graf.)

	esto	/	isto (var. graf.)
52 -	Aiades	/	Haiades (var. graf.)
52-53 -	uosos	/	uossos (var. graf.)
53 -	suscessores	/	successores (var. graf.)
	en paz	/	in paz (var. graf.)
54 -	ende a mi	/	ende mi (var. text.)
54-55 -	successores	/	sucessores (var. graf.)
55 -	E'sta	/	Et esta (var. graf.)
56 -	emplazedes	/	enprazedes (var. graf.)
57 -	a nẽgũu	/	a nẽguno (var. graf.)
	omẽ	/	homẽ (var. graf.)
	vilao	/	uilano (var. graf.)
	faça	/	faza (var. graf.)
58 -	en paz	/	in paz (var. graf.)
	stauil	/	stauel (var. graf.)
59 -	sempre	/	senpre (var. graf.)
	mha	/	mia (var. graf.)
	aberta	/	aperta (var. graf.)
	de	/	do (var. morf.)
60 -	testimoyo	/	testemõio (var. graf.)
	⁺ Dada in Lixbõa	/	Dada in Lixbona .
	Rege		El rei o (var. graf.)
61 -	martijz	/	martijs (var. graf.)
	pelo	/	por o (var. morf.)
62 -	x ^a . dies	/	x . dias (var. graf.)

Nota (1) - [] indica lugares riscados pelo copista .

Doc. I - 2

linha	Livro I, fl. 9 b	/	Livro II, fl. 18v
11 -	faço	/	fazo (var. graf.)
12 -	da	/	de (var. morf)
	herdade	/	erdade (var. graf.)
	do Condudo	/	de Condado (var. morf. / graf.)
12-13,16 -	primeyra...	/	primeira... (var. graf.)
15 -	negrelo	/	nigrilo (var. graf.)
17 -	y	/	hy (var. graf.)
	quinque	/	v. (var. graf.)
	popledes	/	poblade (var. morf. / graf.)
	cinque	/	v. (var. graf.)
18 -	fazede mi	/	fazedimj (var. graf.)
	ende	/	hy (var. text.)
	cinque	/	v. (var. graf.)
	A ssaber	/	a saber (var. graf.)
19 -	e uossos	/	e uosos (var. graf.)
19-20 -	successores	/	sucessores (var. graf.)
21 -	milo	/	milio (var. graf.)
	d'	/	de (var. graf.)
22 -	ateygado	/	ataygado (var. graf.)
	posta	/	posto (var. morf.)
23 -	en a	/	in a (var. graf.)
	Kaendas agustas	/	Caendas augustas (var. graf.)
	atéés	/	ataes (var. graf.)
24 -	Septebro	/	Setebrio (var. graf.)
24-25 -	ateens	/	atáés (var. graf.)
25 -	por esse	/	por (entrelinhado) (var. text.)
26 -	cinqui	/	v. (var. graf.)
	galinas	/	gallinas (var. graf.)

27 -	dez . dex.	/	dez dez (var. graf.)
	centeos	/	centenos (var. graf.)
28 -	en Mayo	/	ĩ mayo (var. graf.)
29 -	Coleyta	/	coleita (var. graf.)
	Carneyros	/	carneiros (var. graf.)
	segnos	/	senos (var. graf.)
30 -	centeos	/	centenos (var. graf.)
	cinqui	/	dez (var. text.)
31 -	uno	/	uno (entrelinhado) (var. text.)
32 -	mi de cãdo morer	/	[ano] mi dade quãdo <[mo]> ⁽¹⁾ morrer (var. text./morf./graf.)
	uno	/	j . (var. graf.)
	loytosa	/	luitosa (var. graf.)
	dade	/	deade (deade com o sinal de abreviatura do primeiro e riscado) (var. graf.)
33 -	senos	/	[.j.]<segnos> (var. text./graf.)
	sesteyros	/	cesteyros (var. graf.)
34 -	est	/	é (var. graf.)
	omezio	/	[ome...sio]omezio (var. text./graf.)
	rouso . furto	/	rouso e furto (var. text./graf.)
35 -	en	/	ĩ (var. graf.)
	enquisa	/	inquisa (var. graf.)
	d'oméés	/	de homéés (var. graf.)
36 -	uillas	/	uillas (var. graf.)
	de uosa friysia	/	de uossa . fríguisia (var. morf./graf.)
	por omezio	/	polo homezio (var. morf./graf.)
37 -	pera mi	/	a mi (var. text.)
	e meyadade	/	e a meydade (var. text./morf.)
38 -	en	/	in (var. graf.)
	furtu	/	furto (var. graf.)
39 -	for	/	fur (var. graf.)

	peyte	/	peite (var. graf.)
40 -	segũdo	/	segundo como (var. text./graf.)
40-41 -	acustumeastes	/	acustumea<s>tes (var. graf.)
41-42 -	donedes	/	doedes (var. graf.)
42 -	herdade	/	erdade (var. graf.)
	a nẽgũu omẽ	/	a nẽguno homẽ (var. graf.)
	seno a omẽ vilao	/	senõ a omẽ uilano (var. graf.)
43 -	e ric'omẽ nẽ	/	E o riqu'omẽ nẽ no (var.tex./graf.)
	prastameyro	/	prestameiro (var. graf.)
44 -	faça	/	faza (var. graf.)
	uila	/	villa (var. graf.)
	entre y	/	entr'y (var. graf.)
	en	/	in (var. graf.)
45 -	faça y força	/	faza hy forcia (var. graf.)
	Aiades	/	Hauedes (var. morf. / graf.)
46 -	suscessores	/	sucessores et passim (var. graf.)
	en paz	/	ĩ paz (var. graf.)
49 -	stauil	/	stauel (var. graf.)
	douos	/	douuos (var. graf.)
	mha	/	mya (var. graf.)
50 -	aperta	/	aberta (var. graf.)
	de meu	/	do meu (var. morf.)
	testimoyo	/	testemõyo (var. graf.)
51 -	rey	/	rej (var. graf.)
	martijz	/	martijs (var. graf.)
52 -	e per	/	e pelo (var. morf.)
	Chancellor	/	chanceler (var. graf.)
	xª . die Julij.	/	x dias andados de Julio (var.graf.)
52-53 -	Johã suariz a fez .	/	Era. Mª . CCª
	Era . Mª .		. Lxª . iijª . Joham
	CCª . Lxª . iij		. suariz la fez (var. text./graf.)

Nota (1) - <> indica entrelinhados do copista.

Doc. I - 19

linha	Livro I, fl. 126 b	/	Livro III, fl. 27 v A B
27 -	seia cunuscuda	/	Cei conhuçada (var. graf.)
28 -	Ermigio	/	Hermijo (var. graf.)
	Alcayde	/	Alcaide (var. graf.)
	Méén Johanis	/	Méén iohanes (var. graf.)
29 -	tabaliõ	/	tabelliom (var. graf.)
30-31 -	señor don Afonso	/	senhor dom Affonso (var. graf.)
31 -	muy	/	muj (var. graf.)
	ẽ na	/	na (var. morf. / graf.)
32 -	era <u>conteudo</u>	/	cõteecia (var. morf.)
32-33 -	concello d'evora	/	Cõcelho-de Euora (var. graf.)
35 -	llis	/	lhis (var. graf.)
	ualessem	/	ualessẽ (var. graf.)
37 -	e depouys o cõcelho	/	e depois <u>que</u> o Concelho (var.text./graf.)
38 -	<u>presurias</u>	/	presorias (var. graf.)
	forã	/	<u>que</u> foram (var. text./graf.)
41 -	meteu	/	meteo (var. graf.)
42 -	<u>aquelo</u>	/	<u>aquelo</u> (var. morf.)
	e como	/	ẽ comó (var. text./graf.)
43 -	ẽ no mellor	/	no melhor (var. morf./graf.)
	ouuesse ẽ na <u>presuria</u>	/	ouuessem a <u>presurias</u> (var.text./morf.)
	tijã	/	tijha (var. morf./graf.)
45 -	sisso	/	siso (var. graf.)
	Mẽẽ	/	Méém (var. graf.)
	clerico	/	clerigo (var. graf.)
46 -	dictos	/	ditos (var. graf.)

48 -	d'euora	/	do Concelho D'euora (var. text.)
	in	/	em (var. graf.)
49 -	dez e seis dias de Outubro	/	dez e seis dias de Outubro (var. graf.)
49-50 -	Era . M ^a . CCC ^a . xi ^a	/	Era M ^a . CCC ^a . xxxj (var. text.)
50 -	E eu	/	Et eu (var. graf.)
51 -	cũ mha mão screui	/	com mha mão escreuj (var. graf.)
	e meu	/	e este meu (var. text.)
	en ela pugi	/	em ela apposuj (var. morf./graf.)

Doc. I - 20

linha	Livro I, fl. 127 a-b	/	Livro III, fl. 5 v A - 6 r B
27 -	fazo	/	faço (var. graf.)
29 -	e os de meu reyno	/	e os meus do meu Reyno (var. text.)
30 -	forzas e agrauamentos	/	forças e grauamêtos (var. morf./graf.)
	mj	/	mĵ (var. graf.)
32 -	e as	/	e aas (var. graf.)
	pessõas	/	peçoas (var. graf.)
34 -	Concellos	/	Concelhos et passim (var. graf.)
	todos os	/	todołos (var. morf.)
34-35 -	comunidades	/	cõmunidades (var. graf.)
35 -	de meu	/	do meu et passim (var. morf.)
	E eu	/	eu (var. text.)
37 -	proée	/	próoe (var. graf.)
37-38 -	assessegamento	/	asesegamêto (var. graf.)
38 -	stado	/	estado (var. graf.)
38-40 -	e <u>que</u> o al poderia séer / grã dâno e grã perigóo meu e de meus filhos e de meus vasallos e de meu reyno	/	omit. (var. text.)
41 -	mandey	/	mandei (var. graf.)
42 -	figi	/	fiz (var. morf.)
43 -	cũ	/	co (var. graf.)
44 -	reyna	/	Raÿa (var. graf.)
	dõna	/	dona et passim (var. graf.)
	de Rey	/	d'el Rey (var. text.)

44-45 -	Castella	/	Castela (var. graf.)
47 -	stabeleci	/	estabelesci (var. graf.)
	rogei	/	roguey (var. graf.)
48 -	payz	/	paaiz (var. graf.)
	d'euora	/	de Euora (var. graf.)
51 -	Dyago	/	Diago (var. graf.)
52 -	Pedr'eanes	/	<u>Pedro</u> eanes (var. graf.)
53 -	martijz	/	martijz et passim (var. graf.)
	maior	/	mayor (var. graf.)
	rodrigiz	/	rodriguiz (var. graf.)
54 -	Pauya	/	Pauha (var. graf.)
54-55 -	vinal	/	vinhal (var. graf.)
56 -	fañia	/	fañha (var. graf.)
	durãz	/	duraaiz (var. graf.)
57 -	Alquayde	/	Alcayde (var. graf.)
58 -	petarño	/	petarño (var. graf.)
58-59 -	Pedr'affõso d'arganil	/	<u>Pedro</u> afonso de Arganil (var. graf.)
59 -	e a'ffonso	/	e a Affonso (var. graf.)
60 -	mêdiz	/	meendiz (var. graf.)
61 -	ffrey	/	frei (var. graf.)
62 -	arcidiago	/	Arcediagóo (var. graf.)
64 -	chãcino	/	chãcño (var. graf.)
	periz	/	perez (var. graf.)
	rrates	/	Ratiz (var. graf.)
65 -	fisico	/	phisico (var. graf.)
66 -	bolonil	/	Bolonil (o primeiro l está sobreposto a um n) (var. graf.)
	periz	/	<u>perez</u> (var. graf.)
67 -	Gonsalo	/	Gonçalo (var. graf.)
	dei	/	dey (var. graf.)
70 -	sse	/	se (var. graf.)
71 -	entergar	/	entregar (var. graf.)

	e aos	/	aos (var. text.)
72 -	e as <u>pre</u> lados	/	e aos <u>pre</u> lados (var. morf.)
	e as	/	e áas et passim (var. graf.)
73 -	pe ^{ss} o ^{as}	/	pe ^{ss} o ^{as} (var. graf.)
74 -	Ord ⁱ js	/	ord ⁱ js (var. graf.)
75 -	com ^u id ^{ad} es	/	com ^u id ^{ad} es (var. graf.)
	lhys lho	/	lhi lo (var. morf./graf.)
77 -	<u>ser</u> uizo	/	<u>ser</u> uiço (var. graf.)
	a reyna	/	áa Rayha (var. graf.)
78 -	assessegam ^ê to	/	assesegam ^ê to (var. graf.)
80 -	elles	/	eles (var. graf.)
	hy	/	y (var. graf.)
81 -	e agardarey	/	e aguardarey (var. graf.)
82 -	coraz ^õ	/	coraç ^õ (var. graf.)
83 -	e d'ê ^m endar	/	e d'entregar (var. text.)
	cousas	/	quousas (var. graf.)
84 -	e <u>pera</u> entregar	/	e d'entregar (var. text.)
85 -	<u>que</u> corregam e fazã . /		<u>que</u> corregã é emmêdê
	den e entegrê e fazam		e êtreguê e façam
			(var. text./graf.)
86 -	entregar	/	entregar (var. graf.)
87 -	E se <u>per</u> uentaira y	/	E se <u>per</u> a esto y (var. text.)
	a esto		
89 -	dito e suso	/	de suso dito <u>est</u> (var. text.)
92 -	Raya	/	Rayha (var. graf.)
	testemo ^{fo}	/	testemoyho (var. graf.)
93 -	reyna	/	Rayha (var. graf.)
96 -	tod'este	/	tod'esto (var. morf.)
97 -	mj	/	m ^j (var. graf.)
98 -	<u>de</u> fazer	/	<u>pera</u> fazerê (var. text./morf.)
98-99 -	nulha	/	nulla et passim (var. graf.)
99 -	sobe las	/	sobre las et passim (var. text.)
	alheamentos	/	alheamentos et passim
			(var. graf.)

100 -	el Rey	/	el rrey (var. graf.)
	hyrmao	/	irmão (var. graf.)
103 -	a téér	/	a téer (var. graf.)
104 -	doazões	/	doações (var. graf.)
108 -	castellos	/	Castelos (var. graf.)
110 -	que ora eu tenho	/	que eu ora tenho (var. text.)
111 -	derectos	/	dereytos (var. graf.)
	E poren	/	E porēde (var. text.)
111-112 -	dõna Blāca	/	dona Blanca (var. graf.)
112-113 -	a dauādicta Reya	/	a Raya (var. text./graf.)
114-115 -	reyña mha madre	/	Raÿa (var. text./graf.)
115 -	põer	/	poer (var. graf.)
	en	/	em (var. graf.)
116 -	reyna	/	raya (var. graf.)
118 -	testemuyno	/	testemoyho (var. graf.)
119 -	. xviiij .	/	dez e oyto (var. graf.)
120 -	reyna	/	Raÿha (var. graf.)
	e sseus... e ssas	/	e seus... e sas (var. graf.)
	filhas	/	fillas (var. graf.)
121 -	xi ^a	/	xj (var. graf.)
123 -	da ordin do Temple	/	do temple (var. text.)
	en	/	em (var. graf.)
	e dom Symõ	/	dõ Simhõ (var. text./graf.)
124 -	d'auis	/	D'auís (var. graf.)
125 -	maior	/	Mayor (var. graf.)
	ordin	/	Ordin (var. graf.)
	frey	/	ffrei (var. graf.)
126 -	Juyão	/	Juyao (var. graf.)
127 -	gardiã	/	guardiam (var. graf.)
	ffrey	/	e ffrey (var. text.)
128 -	d'alanquer	/	de Alamquer (var. graf.)
	fradres	/	frades (var. graf.)
129 -	ordin	/	ordin (var. graf.)

Doc. I - 28

linha	Livro I, fl. 155 d - 156 c	/	Livro III, fl. 4 v A - 5 r B
57 -	COnuçada	/	Conhuçada (var. graf.)
	seia	/	seia seia (var. text.)
60 -	du hua	/	da hũa (var. morf./graf.)
61 -	Ordin	/	Ordin (var. graf.)
62 -	en o nome	/	ẽ nome (var. text./graf.)
64 -	uen	/	uem (var. graf.)
	d'alcaçar	/	de Alcaçar et passim (var. graf.)
68 -	cũ	/	cõ et passim (var. graf.)
69 -	moler	/	molher (var. graf.)
	filla	/	filha et passim (var. graf.)
70 -	Castela	/	Castella (var. graf.)
71 -	Dinis	/	Denis (var. graf.)
	Afonso	/	Affonso (var. graf.)
	fillas	/	filhas (var. graf.)
74 -	auéenza	/	auença (var. graf.)
75 -	boa uóontade	/	bõa uõõtade (var. graf.)
78 -	tã ben	/	tam bẽ (var. graf.)
79-80 -	Methaes	/	Metaaes (var. graf.)
80-81 -	todallas cousas	/	todallas outr̃as cousas (var. text.)
	per hy	/	per i (var. graf.)
82 -	el Rey	/	El rrey (var. graf.)
83 -	dezima	/	dizima et passim (var. graf.)
	outrosi	/	outrossy et passim (var. graf.)
84 -	ho	/	o (var. graf.)
85 -	Ryo	/	Rio (var. graf.)
	d'alCaçar	/	de Alcaçar (var. graf.)

86 -	s'auéér	/	se aueer (var. graf.)
88 -	homẽ	/	home (var. graf.)
	steder	/	esteder (var. graf.)
	Lixbóa	/	Lixbõa (var. graf.)
89 -	fille	/	filhe (var. graf.)
91 -	sse	/	se (var. graf.)
	husa	/	usa (var. graf.)
94 -	alur	/	alhur (var. graf.)
	partã	/	partẽ (var. morf.)
95 -	algúús	/	algũús (var. graf.)
96 -	fillẽnos	/	filhenos (var. graf.)
96-97 -	descarreyrados	/	descareirados (var. graf.)
102-103 -	d'alMadáá	/	de Almadáá et passim (var. graf.)
104 -	den	/	dem (var. graf.)
106 -	ste	/	este (var. graf.)
	scriuã	/	escriuã (var. graf.)
109 -	algẽ	/	alguẽ (var. graf.)
112 -	que o corregam	/	que a corregam (var. morf.)
	per lo	/	pelo (var. morf.)
113 -	hi	/	y (var. graf.)
114 -	que aia	/	que a aia (var. text.)
	assi	/	assy (var. graf.)
	han	/	am (var. graf.)
114-115 -	vizios	/	uezinhos (var. graf.)
115 -	e	/	he (var. graf.)
117 -	ha	/	a (var. graf.)
120-121 -	alongamẽto	/	alomgamento (var. graf.)
121 -	nĩhũũ	/	nẽhũu (var. graf.)
124 -	condizões	/	cõdiçoes (var. graf.)
124-125 -	alguus	/	algũús (var. graf.)
125 -	ãguas	/	algũas (var. graf.)
127-128 -	guysa	/	guisa (var. graf.)
128 -	dicto	/	dito (var. graf.)

130 -	Roas	/	Roaz (var. graf.)
	Musarana	/	Musaranha (var. graf.)
131 -	semele	/	semelhe (var. graf.)
	Sesinbra	/	Sesimbra (var. graf.)
132 -	en	/	em (var. graf.)
	Ordin	/	Ordim (var. graf.)
133 -	as	/	aas (var. graf.)
134-135 -	Egregias	/	Eigreias (var. graf.)
135 -	aly	/	alí (var. graf.)
	hu	/	u (var. graf.)
137 -	. Cen .	/	Cem (var. graf.)
	tija	/	tijha (var. graf.)
138 -	ãno	/	Ano (var. graf.)
143 -	adiza	/	Adiça (var. graf.)
	este	/	est (var. text./morf.)
149 -	estas cousas	/	estas cousa (var. morf.)
150 -	Alfonso	/	Affonsó (var. graf.)
151 -	bõa	/	boa (var. graf.)
152 -	hua	/	hũa (var. graf.)
157 -	estaues	/	estauis et passim (var. graf.)
157-158 -	<u>pera sempre</u>	/	<u>pera todo sempre</u> (var. text.)
159 -	razõar	/	razoar (var. graf.)
159-160 -	gáánar	/	guaanhar et passim (var. graf.)
161 -	<u>fazamos</u>	/	façamos (var. graf.)
162 -	<u>gáánemos</u>	/	guaanhemos (var. graf.)
	ualla	/	ualha (var. graf.)
162-163 -	<u>conposizõ</u>	/	composiçõ (var. graf.)
163 -	assi como é de suso	/	assy com'e de suso (var. graf.)
164 -	<u>renuzamos</u>	/	renunçamos (var. graf.)
167 -	restituzõ	/	restituçom (var. graf.)
170-171 -	eu don Affonso Rey	/	È eu Rey dom Afonso
	de suso diçto		de suso dito (var. text./graf.)
171 -	moller	/	molher (var. graf.)
172 -	fillos	/	filhos (var. graf.)

174-175 -	semelaues	/	semelhauis (var. graf.)
178 -	testemoyo	/	testemoyho (var. graf.)
179-180 -	Feuereyro	/	ffeuereyro (var. graf.)
180 -	don Johā d'auoyn	/	don Joham d'auoym (var. graf.)
182 -	affonso	/	afonso (var. graf.)
183 -	rodriguiz	/	rodriguiz (var. graf.)
184 -	Pedro ponço	/	Pedro affonso (var. text.)
	Laurenço	/	Lourenço (var. graf.)
185 -	garsia	/	garcia (var. graf.)
	pauia	/	Pauha (var. graf.)
186 -	coello	/	coelho (var. graf.)
187 -	vinal	/	vinhal (var. graf.)
189 -	Steuã	/	esteuã (var. graf.)
190 -	Frey	/	ffrey (var. graf.)
191 -	cogomío	/	cogomfo (var. graf.)
193 -	Consello	/	conselho (var. graf.)
194 -	et	/	e (var. graf.)

A Linguagem dos Documentos

(alguns aspectos)

2.1. FONÉTICA E FONOLOGIA (Consonantismo)

2.1.1. O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /ɮ/ e /ɲ/

1.

Da primeira metade do séc. XIII, apenas se conheciam, até há muito pouco tempo, dois textos soltos e de pequena extensão: o Testamento de D. Afonso II (1214) e a Notícia de Torto (datável de cerca de 1214), uma vez que, como claramente o provaram A. de Jesus da Costa (1977^b) e Luis Filipe Lindley Cintra (1971), o Auto de Partilhas e o Testamento de D. Elvira Sanches são versões romances de originais latinos do fim do séc. XII, feitas em finais do séc. XIII. Cintra descobriu entretanto dois documentos transmontanos, já do reinado de D. Afonso III, provenientes de Mogadouro, os quais continuam inéditos.

A importância para a Linguística Histórica de um grupo de 34 textos em português, redigidos num período de 24 anos (1255 - 1279), não precisa, pois, de ser justificada, mas é, sem dúvida, acrescida pelas duas inovações linguísticas às quais se refere Cintra (1963^b, pp. 60-61):

- introdução da língua portuguesa em vez da latina em algumas cartas;
- introdução, nas cartas em língua vernácula, a partir de determinada época, de grafias inovadoras para os fonemas palatais lateral e nasal, /ɮ/ e /ɲ/.

No que diz respeito à primeira inovação, foram vários os factores de ordem histórico-cultural que concorreram para que uma tal viragem nos hábitos de escrita em Portugal tenha acontecido precisamente no reinado de D. Afonso III. O principal factor evocado pelos estudiosos que a este assunto têm dedicado alguma atenção é a longa estada deste monarca em França num

período crucial da sua formação. Com efeito, é em França que Afonso III passa a sua juventude e vem depois a casar com a Condessa Mahaut de Boulogne, casamento esse que o tornará senhor deste Condado do Norte de França (Cf. Alexandre Herculano, 1982, vol.III, Livro V, p. 490).

Se pensarmos que, em França, mais precisamente na França do Norte, as cartas, ou diplomas, em língua romance surgem desde o início do séc.XIII, a iniciativa de D. Afonso III fica, pelo menos em parte, justificada. No entanto, não terá sido apenas o exemplo francês a influenciar o monarca português. O exemplo de Castela, onde o castelhano começara a ser empregue nas cartas reais sob Fernando III (m. em 1252) e se generalizara sob Afonso X, sogro de Afonso III a partir de 1253, terá também influenciado de forma decisiva o monarca português (Cf. Cintra, ob.cit., p. 61).

Se, em relação à iniciativa de redigir cartas reais em língua romance, há que ter em conta, não só a influência francesa, mas também a provável influência da vizinha Castela, o mesmo não se poderá dizer em relação à adopção de grafias que são inovadoras no espaço ibérico, para as consoantes palatais /λ/ e /j/. Essas grafias não podem, de facto, dever-se senão à influência francesa. Neste caso, no entanto, segundo Cintra (ob.cit. p.62), não se trataria tanto da influência das chancelarias do Norte, mas sobretudo da da literatura do Sul de França, talvez associada à das chancelarias. Tal influência não seria de estranhar tendo em conta que a actividade poética dos trovadores portugueses, amplamente influenciados pelos trovadores occitanos, estava então no seu auge. A hipótese de Cintra parece, neste ponto, contestável. Se, de facto, as grafias <lh> e <nh> tivessem entrado em Portugal através da influência dos trovadores occitanos, nada obstaria a que tivessem surgido mais cedo. Com efeito, os mais antigos textos conhecidos da lírica galego-portuguesa datam do fim do séc.XII, mas é legítimo pensar que as influências da poesia dos trovadores occitanos se tenham feito sentir mais cedo no território português, o que faria prever a existência das novas

grafias desde os primeiros textos em português, visto as grafias <lh> e <nh> existirem no domínio occitano desde o fim do séc. XII.

Grafström (1958), num estudo essencialmente grafemático, completado com considerações de ordem fonética, dos mais antigos documentos em língua provençal (Cf. Brunel, 1952), revela-nos a existência das referidas grafias em documentos dessa época⁽¹⁾, produzidos na região de Toulouse (Haute-Garonne, Tarn-et-Garonne, Tarn, Ariège). Nesses documentos, as grafias com *h* são, no entanto, ainda raras:

lh, (i) *lh.*, Trelha (< trichila), filha⁽²⁾.

nh, (i) *nh.*, empenhaduras, Rossinho⁽³⁾ (Grafström, 1958, § 74 e 75).

Tais grafias surgem a par de outras, mais comuns, algumas das quais se encontram também nos mais antigos documentos em português: <l, il, li, ll, ill, illi, lg>, para a lateral palatal, e <n, in, ni, ne, nn, inn, ng, ing, ngn, ingn, gn, ign, hn, ihn>, para a nasal palatal. Entre estas, as grafias de uso mais geral são <l>, <il>, <ll> e <ill>, para /*l*/, e <n>, <in>, <inn> e <ng>, para /*n*/ . No entanto, na maior parte dos casos, a preferência por determinadas grafias varia de acordo com os escribas e com a região de proveniência dos documentos.

Outros autores, como Suchier (1891), Anglade (1921), Ronjat (1932) e Hamlin et alii (1967), referem também <lh> e <nh> como formas de grafar os resultados de *l + j* e *n + j*, respectivamente, mas não fornecem exemplos anteriores aos acima referidos.

Assim, regressando à questão da entrada de <lh> e <nh> em Portugal, apesar de as referidas grafias serem de origem provençal, não será talvez à literatura, como defende Cintra (ob.cit., p.62), que se deve atribuir a entrada em Portugal das grafias em questão, que, aliás, surgem, em primeiro lugar, em documentos da chancelaria e não em textos literários. É, sim, em nossa opinião, à influência dos escribas franceses na chancelaria de D. Afonso III entre 1270 e 1280 que devemos atribuir a entrada em Portugal das grafias

provençais, influência essa eventualmente completada pela da literatura e pela dos secretários dos prelados franceses que, nos séculos XII e XIII, ocupavam muitas das principais sés em Portugal (Cf. Williams, 1961, § 27,6).

1.1 GRAFIAS

Nos três primeiros documentos em português, da Chancelaria de D. Afonso III (os dois primeiros, I-1 e I-2, estão datados de 1255 e o terceiro, I-3, de 1260), não se encontram ainda exemplos das novas grafias: <lh> e <nh>. Como transcrição do som [λ] encontram-se as grafias , e <ll>, esta última num único caso: "siuilla" I-3 (12). Como transcrição do som [ɲ] encontram-se as grafias <ni>, <n> e <gn> e ainda <y> ou <i>(4).

As grafias mais frequentes são e , para [λ], e <n>, para [ɲ], que, segundo Cintra (1963^b, pp.62-63), se encontram também maioritariamente nos dois textos em português da primeira metade do séc. XIII e que são comuns a toda a Península Ibérica (Cf. Menéndez-Pidal, 1929, § 4 e 5).

A grafia <ll> (<nn> não se encontra nos documentos estudados), de origem castelhano-leonesa, é de emprego um pouco mais raro, embora se encontre, como veremos, com bastante frequência, até ao final do reinado. Quanto às grafias <gn> e <ni>, de origem etimológica, o seu uso, se bem que menos frequente que o de <n>, é comum até à introdução de <nh>. Depois de 1265 (Doc. I-4), estas grafias parecem ter caído completamente em desuso na Chancelaria, uma vez que <gn> não se volta a encontrar em nenhum dos documentos em português e <ni> só volta a aparecer no documento I-8 (Coimbra, 1269). O mesmo acontece, aliás, com a grafia , também de origem etimológica, que praticamente desaparece depois de 1265, só voltando a aparecer no documento I-12 (Lisboa, 1271). A grafia <y> só se encontra na forma "testimoyo", documentos I-1(60) e I-2(50).

Docs. I-1 a I-3

carualias	I-1 (24)	Bolonia	I-1 (19)
filios	I-1 (26)	segnos	I-1 (35)
Carualia	I-1 (27)	galinas	I-1 (43)
milo	I-1 (36)	enpenoredes	I-1 (56)
Coleyta	I-1 (44)	testimoyo	I-1 (60)
concelo	I-1 (49)	Bolonia	I-2 (11)
Julio	I-1 (62)	galinas	I-2 (26)
milo	I-2 (21)	segnos	I-2 (29)
Coleyta	I-2 (29)	senos	I-2 (33)
concelo	I-2 (37)	apenoredes	I-2 (41)
Siuilla	I-3 (12)	testimoyo	I-2 (50)

Em 1265, surgem os primeiros exemplos das novas grafias, ainda em número muito reduzido: "lha" I-4 (144),(145); "senhor" I-4 (139). No resto do texto, que é, aliás, de extensão considerável, continua a dominar o sistema antigo. Neste caso, encontramos as grafias , <ll> e <lli>, para [λ], e <ni>, <n>, <gn> e <y>, para [ɲ]. Encontra-se também a forma "uizios" I-4 (159), (168), (182-183), onde não existe marca gráfica da consoante palatal⁽⁵⁾. Finalmente, na forma "tẽgna" I-4 (145), encontramos um exemplo de uma grafia mista com <gn>, com duas possibilidades de leitura: tẽgna → tengna ou tẽgna → tegnna. Optamos pela primeira hipótese, uma vez que, apesar de não ser muito frequente, se encontra já atestada (Cf. Menéndez-Pidal, ob. cit., § 4,5).

No caso da grafia complexa <lli>, acima referida, ela é também um caso único. Trata-se de uma grafia redundante que não é, no entanto, rara, sobretudo em casos em que o *i* é etimológico (Cf. Menéndez-Pidal, ob. cit. ,

§ 5,8). O interesse desta grafia provém, pois, essencialmente de o *i* não ser, neste caso, etimológico: uellio I-4(162) < VĚTŮLUS.

Doc. I - 4(6)

Conçello	I-4 (54), (69), (113), (149)	Cognoçada	I-4 (52)
lha	I-4 (144), (145)	señor	I-4 (55-56), (70)
sāgallo	I-4 (154)	cognoçados	I-4 (66)
uellio	I-4 (162)	senhor	I-4 (139)
fillo	I-4 (170)	testemoyo	I-4 (143), (145), (150-151)
naualia	I-4 (175)	tēgna	I-4 (145)
		testemoya	I-4 (155)
		uizios	I-4 (159), (168), (182-183)
		petarino	I-4 (169)
		regagnado	I-4 (180)
		gadanio	I-4 (181)

No documento I-5 (1266), não existe qualquer exemplo das novas grafias e, nos documentos I-6 e I-7 (1269), os exemplos de <lh> e <nh> continuam a ser esporádicos; "uelho" I-6 (67); "tenha" I-7 (64), encontrando-se <l> e <ll>, para [λ], e <n>, para [n], como grafias maioritárias na representação destes sons. Note-se que, nos documentos I-5 e I-6, bem como já no documento I-4 e em alguns dos documentos seguintes (I-28, por exemplo), a grafia <ll> é maioritária para [λ], o que vem provar que, ao contrário do que afirma Cintra (ob.cit. p.63), as grafias duplas (correspondentes à evolução das geminadas no Centro e Este da Península) não podem ser consideradas raras, pelo menos nos documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III.

Encontra-se também um caso de ausência de marca gráfica (explícita) da nasal palatal: "cogomyo" I-5 (97), bem como as primeiras ocorrências da grafia <ĩ> ou <ỹ>⁽⁷⁾, de ocorrência regular até final do reinado.

Docs. I - 5 a I-7

moler	I-5 (48)	COnoscam	I-5 (46)
fillos	I-5 (49), (61)	Raỹa	I-5 (49)
fillas	I-5 (50)	farĩa	I-5 (52)
colleyta	I-5 (55)	testemoỹo	I-5 (82)
fillar	I-5 (65-66)	farĩa	I-5 (83)
lly	I-5 (79), (84)	<u>testemoya</u>	I-5 (96) et passim
moler	I-6 (58), (62-63), (81)	cogomyo	I-5 (97)
filla	I-6 (59)	Martỹo	I-5 (101)
fillos	I-6 (60), (68)	Conuçada	I-6 (56)
fillas	I-6 (60), (68)	Raỹa	I-6 (58)
fillo	I-6 (62), (80)	ázinaga	I-6 (66)
uelho	I-6 (67)	testemoyo	I-6 (82)
		tenha	I-7 (64)
		testemoyo	I-7 (70-71)

Nos documentos I-8 (1269), I-9 (1269) e I-10 (1270), o número de exemplos das novas grafias torna-se mais significativo (veja-se sobretudo o documento I-8) sem que, no entanto, o seu uso possa ainda ser considerado geral: "mealhadas" I-8 (116); "filha" I-9 (6); "cõcelho" I-9 (24); "uenha" I-8 (44), (131); "cõlonho" I-8 (87), (127); "Castanhas" I-8 (114); "senhos" I-8 (125); "aueuhãse" I-8 (143); "senhor" I-9 (11); "sẽhor" I-9 (22-23)⁽⁸⁾; "senhas" I-10 (92).

Surgem também, nestes documentos, os primeiros casos de hipercorreção, normais em períodos de transição:

"seelho I-9 (21); "almedinha" I-8 (27); "en nho" I-8 (27); "uêher" I-8 (30-31); "asnhó" I-8 (47); "uenherê" I-8 (117).

No que diz respeito a "uêher" e "uenherê", ressalva-se a hipótese de estarmos perante formas vivas da linguagem da época, uma vez que tais formas se encontram, ainda hoje, a nível dialectal.

Nos restantes casos, continua a ser usado o sistema antigo.

Docs. I - 8 a I - 10

Côcello	I-8 (20-21)	senor	I-8 (24), (164)
mealla	I-8 (47) et passim	vizio	I-8 (36-37), (110)
colleyta	I-8 (57)	uenha	I-8 (44), (131)
lys	I-8 (62)	<u>dineyro</u>	I-8 (46) et passim
alur	I-8 (66)	vïo	I-8 (54)
moler	I-8 (87),(88),(95),(100)	vizios	I-8 (56)
collecta	I-8 (111)	vÿo	I-8 (56) ,(63, 2x)
allos	I-8 (115), (126)	dineyros	I-8 (60), (70) (75), (76), (125)
mealhadas	I-8 (116)	<u>dineyros</u>	I-8 (60) et passim
milló	I-8 (141)	colonho	I-8 (87), (127)
Concello	I-8 (161)	colonio	I-8 (88), (94-95), (97), (100)
Concelo	I-8 (163)	Castanhas	I-8 (114)
concelo	I-8 (167)	Comÿos	I-8 (114)
filha	I-9 (6)	dineyradas	I-8 (115-116)
mulier	I-9 (7)		
Concelloq	I-9 (20)		

... / ...

cõcelho	I-9 (24)	senhos	I-8 (125)
fila	I-10 (23)	vezỹos	I-8 (136), (153)
cõselo	I-10 (34-35)	vezĩos	I-8 (137), (140)
cõselariã	I-10 (35-36)	auenhãse	I-8 (143)
<u>consello</u>	I-10 (38)	testemoyo	I-8 (164), (169)
conselo	I-10 (39)	Conoscã	I-9 (5)
semelaues	I-10 (92-93)	senhor	I-9 (11)
cõselo	I-10 (94)	sẽhor	I-9 (22-23)
		testemoyo	I-9 (24)
		faĩa	I-10 (37)
		quinõ	I-10 (49), (59), (60), (66), (69), (73)
		gáánarẽ	I-10 (72)
		gaanar	I-10 (82-83)
		gááne	I-10 (84)
		gáánar	I-10 (88)
		testemoyo	I-10 (90)
		senhas	I-10 (92)

Nos documentos I-11 a I-17, que se encontram datados de um período compreendido entre 1270 e 1273, parece verificar-se uma regressão no percurso das novas grafias. Com efeito, nestes documentos, não se encontra qualquer exemplo do uso de <lh> e <nh>, encontrando-se neles apenas as antigas grafias:

Docs. I - 11 a I - 17

filyo	I-12 (33), (62), (66, 2x), (68), (71), (112)	tena	I-11 (40)
moler	I-12 (40), (47), (113)	Raya	I-12 (40), (47), (113)
filla	I-12 (41), (58), (63)	tenades	I-12 (55)
fillo	I-12 (42), (46), (56), (57), (63)	linagē	I-12 (73-74)
filias	I-12 (43)	empenorar	I-12 (78)
filyos	I-12 (60)	senorio	I-12 (80)
filyas	I-12 (60)	conuçudamete	I-12 (90)
filya	I-12 (67), (69), (71)	meyrño	I-12 (127)
alear	I-12 (79)	cogomño	I-12 (133)
dizedelyo	I-12 (87-88)	<u>testemoya</u>	I-12 (133) et passim
frötadelyo	I-12 (88)	petario	I-12 (134)
lyo	I-12 (88)	farña	I-12 (134)
guardadely	I-12 (93)	vío	I-13 (62), (79), (82)
ly	I-12 (104)	uio	I-13 (62)
Concello	I-13 (53)	vio	I-13 (64), (68), (78), (87)
lys	I-13 (56), (86)	uino	I-13 (73)
lis	I-13 (57), (85)	vizio	I-13 (77), (80)
filē	I-13 (62)	meyrino	I-13 (92-93)
moler	I-13 (63)	cogomño	I-13 (95)
ly	I-13 (64), (67)	testemuyo	I-14 (53-54)
li	I-13 (65)	senor	I-16 (39)
colleyta	I-13 (79)	Senor	I-16 (40)
		Muñño	I-17 (44)
		Muño	I-17 (45), (47), (50), (51), (57)
		testemuyo	I-17 (58)

... / ...

coelo	I-13 (94)	
telleiros	I-15 (46)	
Concelo	I-16 (38),(44)	
ly	I-16 (44), (45)	
moller	I-17 (42)	
deullis	I-17 (53)	
llis	I-17 (53)	

Só a partir do documento I-18 (1273) as grafias <lh> e <nh> se encontram em todos os documentos e, quase sempre, de forma maioritária, sobretudo <lh>. A grafia correspondente para [p] parece ter demorado um pouco mais a generalizar-se.

É também neste grupo de documentos que se encontram os únicos exemplos da grafia <ñ>, forma simplificada de <nn> que nunca se encontra nos documentos estudados. Tal grafia, que, segundo C.Maia (1986, p.488), parece ter sido rara em Portugal nos documentos da Chancelaria, bem como nos privados, encontra-se, de facto, em muito poucos casos: "señor" I-19 (30); "reyña" I-20 (114) e "Señor" I-25 (41). Note-se também a grafia <yn>, em "testemuyno" I-20 (118), grafia inversa de <ni>, segundo Menéndez-Pidal (ob. cit., § 4,2), que é rara.

Neste grupo de documentos, com datas compreendidas entre 1273 e 1279, encontram-se ainda alguns exemplos de hipercorreção: "nulha" I-20 (98-99), (104), (108); "Castelho" I-27 (19), (20); "vilha" I-27 (20); seelho" I-27 (44); "flhas" I-31 (60); "elhes" I-31 (80); "d'elhas" I-31 (89); "séelhos" I-31 (148).

O documento I-22, datado de 1257, mas copiado depois de um documento de 1274, logo posterior (na cópia) a esta data, apresenta também, ao contrário dos restantes documentos anteriores a 1265, exemplos de novas

grafias. No entanto, como faz notar Cintra (ob.cit. p.64), tais exemplos dever-se-ão com certeza ao escriba da chancelaria, que terá modificado o original. Esta hipótese é tanto mais plausível quanto os documentos com duas cópias na Chancelaria atestam algumas alterações decorrentes do acto de cópia (Cf. "A produção documental na Chancelaria de D. Afonso III").

Docs. I- 18 a I- 33 e Doc. III⁽⁹⁾

filho	I-18 (44), (75)	Raÿa	I-18 (51)
moller	I-18 (51)	Reÿa	I-18 (57)
filha	I-18 (52)	senorio	I-18 (58), (59-60)
fillo	I-18(53), (57)	uenha	I-18 (70)
filhas	I-18 (54)	rcÿa	I-18 (75)
molher	I-18 (58), (75)	Juÿo	I-18 (79)
li	I-18 (68)	meyrño	I-18 (87)
concello	I-19 (32)	testemovas	I-18 (89) et passim
filharã	I-19 (33)	vinal	I-18 (96)
filhada	I-19 (34)	cunuscuda	I-19 (27)
filhassem	I-19 (35), (39)	señor	I-19 (30)
llis	I-19 (35)	tijã	I-19 (41), (43)
côcelho	I-19 (36), (37), (41)	testemoyo	I-19 (51-52)
filhadas	I-19 (38), (42)	reyna	I-20 (44), (77), (93), (116), (120)
mellor	I-19 (43)	meyrño	I-20 (53)
Concelho	I-19 (47)	vinal	I-20 (54-55)
Concellos	I-20 (34), (42), (74)	cogomño	I-20 (55-56)
filhos	I-20 (40), (94), (97), (116), (120)	farĩa	I-20 (56)
molher	I-20 (44)	petarño	I-20 (58)
		chãcino	I-20 (64)

filha	I-20 (44)	bolonil	I-20 (66)
filhos	I-20 (45)	Raya	I-20 (92)
filhas	I-20 (46), (94), (97-98), (107), (117), (120)	testemoÿo	I-20 (92)
coelho	I-20 (55)	tenho	I-20 (110)
deilhis	I-20 (67)	Reya	I-20 (113)
lhys lho	I-20 (75)	reyña	I-20 (114)
aleamentos	I-20 (99), (105)	testemuyno	I-20 (118)
llis	I-21 (63), (64)	Cvnuçada	I-21 (56)
lhis	I-21 (72), (80), (97)	uenha	I-21 (96)
lhos	I-21 (86)	testemoyo	I-21 (98)
conselho	I-21 (101)	CONuçada	I-22 (48)
ualham	I-22 (65)	senor	I-22 (57), (73)
nimigalha	I-22 (66)	Raya	I-22 (61)
concello	I-23 (54-55)	testemuyo	I-22 (72)
uelho	I-23 (55)	uenha	I-22 (80)
lhis	I-23 (59)	testemoyo	I-22 (82)
filha	I-25 (44)	uenhã	I-24 (16)
Conçelho	I-26 (32)	uenha	I-24 (23)
uelho	I-26 (33), (36)	senhor	I-25 (31)
filha	I-26 (39)	senor	I-25 (37), (44), (52)
lhes	I-26 (40)	Señor	I-25 (41)
Concelho	I-26 (41-42)	Raÿa	I-25 (49)
filho	I-27 (4), (13), (17), (42)	farña	I-26 (52)
moller	I-27 (11), (43)	tenhã	I-26 (56)
filha	I-27 (12)	Raÿha	I-27 (3)
filhas	I-27 (14)	Louřiháá	I-27 (3)
		Raÿa	I-27 (11), (18), (43)

... / ...

molher	I-27 (18)	Louriáá	I-27 (19)
Coleyta	I-27 (23)	Louřáá	I-27 (20-21)
lhy	I-27 (36)	senhorio	I-27 (24)
uelho	I-27 (60)	vřal	I-27 (56)
moler	I-28 (69)	farřa	I-27 (59), (66)
filla	I-28 (69)	testemoyas	I-27 (59) et passim
fillos	I-28 (70-71), (172)	Ordonho	I-27 (62)
fillas	I-28 (71)	COnuçada	I-28 (57)
fille	I-28 (89)	Raya	I-28 (69)
alur	I-28 (94)	vizios	I-28 (114-115)
fillēnos	I-28 (96)	Musarana	I-28 (130)
lhos	I-28 (120)	tija	I-28 (137)
semele	I-28 (131)	gáánar	I-28 (159-160)
ualla	I-28 (162)	gáánemos	I-28 (162)
moller	I-28 (171)	uenha	I-28 (170)
sémclaus	I-28 (174-175)	tenho	I-28 (176)
coello	I-28 (186)	testemoyo	I-28 (178)
Consello	I-28 (193)	farřa	I-28 (187)
filhos	I-29 (2), (5), (13), (17), (31), (42), (54)	vinal	I-28 (187)
filhas	I-29 (6), (14), (31), (42)	cogomío	I-28 (191)
lli	I-29 (12), (16)	cogomřo	I-29 (2)
filha	I-29 (17)	Cogomřo	I-29 (6)
conselho	I-29 (21), (34), (38), (58)	testemoyo	I-29 (33)
tolher	I-29 (25-26)	dineyros	I-29 (45)
lho	I-29 (29)	ponho	I-29 (49)
li	I-29 (44)	uenhã	I-29 (50)
ualha	I-29 (48)	testemořo	I-29 (52), (56)
		tenha	I-29 (56)

... / ...

filhãs	I-29 (54)	dieyros	I-30 (44), (48)
Concelho	I-30 (32), (103)	dineyros	I-30 (48)
alhur	I-30 (40)	dineyros	I-30 (54) et passim
mealla	I-30 (52) et passim	dineyro	I-30 (54) et passim
moller	I-30 (58)	colonho	I-30 (58), (65), (67)
molher	I-30 (59), (65), (67)	Colonho	I-30 (59)
milho	I-30 (78)	vizio	I-30 (86)
filho	I-31 (47), (86), (111), (126), (132), (135), (153)	uenha	I-30 (92)
meloramêtos	I-31 (74)	farĩa	I-30 (105)
melorados	I-31 (78-79)	COnoscam	I-31 (41)
alẽar	I-31 (81)	quinhẽtas	I-31 (50), (97)
meloramentos	I-31 (84)	quinhentas	I-31 (53), (73)
filha	I-31 (86), (112)	tenhaos	I-31 (55)
molher	I-31 (90-91), (112)	tenha	I-31 (57)
filhar	I-31 (94)	vĩo	I-31 (60)
lj	I-31 (114)	apenhorar	I-31 (81)
lhis	I-31 (136), (137)	quĩhetas	I-31 (130)
uala	I-31 (137)	testemoỹo	I-31 (154)
filhos	I-31 (140), (143)	farĩa	I-31 (160)
fillo	I-31 (141)	Vỹal	I-31 (160)
semelauis	I-31 (148)	testemoyas	I-31 (164) et passim
molher	I-32 (49), (66, 2x), (68)	testemoya	I-31 (172) et passim
filha	I-32 (50)	Conhuçuda	I-32 (47)
filhos	I-32 (51), (69)	Raỹa	I-32 (49)
lhis	I-32 (70)	ssenhorio	I-32 (58)
ualha	I-32 (70-71), (72)	testemoyo	I-32 (72)
		Raỹha	I-33 (23)
		Raỹa	I-33 (27)

... / ...

filha	I-33 (27)	testemoyo	I-33 (43)
moller	I-33 (28)	Conhoscã	III (27)
filho	I-33 (32)	testemoyo	III (41)
lhos	I-33 (41)		
lhy	I-33 (42)		
alçolha	I-33 (43)		
quitomell'ẽ	I-33 (43)		
Concelho	III (25), (28)		
aparelhados	III (38)		
Cõcelho	III (42-43)		

Apresenta-se, a seguir, um quadro geral da distribuição das grafias de /λ/ e de /p/ no conjunto dos documentos.

Quadro 1 - Distribuição das grafias de /λ/ e /p/

	li	l	ll	lh	lli	ni	n	gn	y/i	y/i	ñ	Ø	nh	outros
I-1	4	3	-	-	-	1	2	1	1	-	-	-	-	-
I-2	-	3	-	-	-	1	3	1	1	-	-	-	-	-
I-3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
I-4	1	-	6	2	1	1	1	5	4	-	-	3	1	1 ~gn
I-5	-	1	7	-	-	-	1	-	-	5	-	1	-	-
I-6	-	3	7	1	-	-	2	-	1	1	-	-	-	-
I-7	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-
I-8	-	8	7	1	-	4	8	-	2	9	-	3	7	-
I-9	-	1	1	2	-	-	1	-	1	-	-	-	1	1 ~h
I-10	-	6	1	-	-	-	10	-	1	1	-	-	1	-
I-11	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
I-12	15	6	9	-	-	-	5	-	-	3	-	4	-	-
I-13	-	10	2	-	-	-	2	-	-	1	-	10	-	-
I-14	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
I-15	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
I-16	-	4	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
I-17	-	-	3	-	-	-	-	-	1	6	-	-	-	-
I-18	-	1	3	6	-	-	3	-	-	5	-	-	1	-
I-19	-	-	3	10	-	-	1	-	1	-	1	2	-	-
I-20	-	2	3	18	-	-	8	-	-	5	1	2	1	1 yn
I-21	-	-	2	5	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-
I-22	-	-	-	2	-	-	3	-	2	-	-	1	1	-
I-23	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
I-24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-
I-25	-	-	-	1	-	-	3	-	-	1	1	-	1	-
I-26	-	-	-	6	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-
I-27	-	1	2	9	-	-	-	-	-	7	-	1	2	2 ~h
I-28	-	4	10	1	-	-	5	-	1	1	-	4	2	-
I-29	-	1	2	20	-	-	1	-	1	4	-	-	3	-
I-30	-	-	1	7	-	-	1	-	-	1	-	3	5	-
I-31	-	6	2	16	-	-	1	-	-	4	-	-	7	1 ~h
I-32	-	-	-	10	-	-	-	-	1	1	-	-	2	-
I-33	-	-	2	5	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1 ~h
III	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-

Os documentos analisados revelam uma progressão das novas grafias que poderia ser considerada bastante regular, não fora o seu inexplicável desaparecimento, nos documentos I-10 a I-17 para a grafia <lh> e nos documentos I-11 a I-17 para a grafia <nh>. Tal desaparecimento, em documentos com datas compreendidas entre 1270 e 1273, chama a atenção por dois motivos:

- pelo facto de abranger um número de documentos considerável.
- por vir quebrar uma progressão que se inicia no documento I-4 (1265) e vai até ao documento I-9 (1269) (I-10 (1270) no caso de <nh>), ainda com percentagens baixas e alguma irregularidade (os documentos I-5 e I-7 não apresentam exemplos de <lh> e os documentos I-5 e I-6 não apresentam exemplos de <nh>), e é retomada, já com percentagens elevadas e praticamente sem quebras, a partir do documento I-18 (1273). Tão estranho desaparecimento levar-nos-ia a pôr de parte a hipótese de se tratar de mero acaso. No entanto, não é possível, com os dados de que dispomos, formular qualquer hipótese explicativa pelos motivos que a seguir se enunciam.

Considerando apenas os documentos em que não existem exemplos de <lh> nem de <nh> (docs. I-11 a I-17), não é possível relacionar o seu desaparecimento com nenhum dos seguintes factores:

- A data dos originais - estes são posteriores a outros onde já se encontram as novas grafias.
- A data da cópia - a análise paleográfica dos documentos revela que a cópia de todos os documentos terá sido feita na mesma época (entre 1270 e 1280).
- A localidade de emanação - não se trata de documentos provenientes de fora da chancelaria, a não ser no caso do documento I-16 (Freixo) e, provavelmente, do documento I-15, do qual não se conhece o local de emanação. Os restantes documentos foram produzidos em Lisboa (I-11 a I-14) ou em Santarém (I-17), por notários do Rei.

- O escriba redactor do original - trata-se de escribas diferentes: I-12 e I-13: Domingos Soares; I-17: Estevão Pasqual; I-11 e I-14: Pedro Peres; I-15 e I-16: desconhecido.

- O escriba que procedeu ao traslado - a análise paleográfica dos documentos revela tratar-se de uma mesma mão, pelo menos até ao documento I-29.

Assim sendo, e se, de facto, não se trata apenas de mero acaso, fica em aberto o "porquê" desta aparente regressão das novas grafias que, em todo o caso, nos parece de muito difícil explicação.

1.2. FONÉTICA

1.2.1. Grupos -lj- e -llj-

Na maior parte das formas em que encontramos a consoante lateral palatal /λ/, ela é proveniente da palatalização de -l- pela semi-vogal *j* no grupo latino -lj-.

No caso do grupo -llj-, bastante menos frequente, -ll- ter-se-á simplificado, como acontece geralmente, tendo depois sido palatalizado pela semi-vogal.

Seguem-se alguns exemplos de formas registadas:

-lj- filios I-1 (26); milo I-1 (36); Julio I-1 (62); concelo I-2 (37); moler I-6 (58, 62-63,81); mealla I-8 (47) et passim; semelaues I-10 (92-93); alear I-12 (79); filẽ I-13 (62); mellor I-19 (43); ualham I-22 (65); mimigalha I-22 (66); alur I-28 (94).

-llj- Coleyta I-1 (44); lly I-5 (84); allos I-8 (115,126).

1.2.2. Grupos -cl-, -tl- e -gl-

A lateral palatal pode também provir dos grupos consonânticos *-cl-*, *-tl-* e *-gl-*, em posição intervocálica. Trata-se de formas provenientes de formas latinas terminadas em *-culu*, *-tulu* e *-gulu*, as quais teriam passado a *-clu*, *-tlu* e *-glu*, respectivamente, por síncope da vogal média pós-tónica, já no latim vulgar (Cf. Huber, 1933, trad. port., § 212).

Seguem-se alguns exemplos de formas registadas:

-cl- naualia I-4 (175); coelo I-13 (94); aparelhados III (38).

-tl- uelho I-6 (67).

-gl- telleyros I-15 (46).

O grupo *-gl-*, quando precedido de vogal nasal, passou a /ɲ/ e não a /ʎ/, como no caso de "segnos" I-2 (29), por exemplo.

1.2.3. Grupo -ll-

Finalmente, resta referir o caso de "tolher" I-29 (25-26), onde o grupo latino *-ll-* não se simplificou, como geralmente acontece em posição intervocálica, tendo sofrido uma evolução menos comum, a palatalização do primeiro *l* pelo segundo, que, entretanto, terá sofrido semivocalização.

1.2.4. Grupo -nj- (ou -in-)⁽¹⁰⁾

Tal como acontece com a lateral palatal, a nasal palatal provém, na maior parte dos casos, da palatalização da nasal alveolar *-n-* pela semivogal *j* ou por uma vogal palatal anterior.

Seguem-se alguns exemplos:

galinas I-1 (43); **Bolonia** I-2 (11); **testimoyo** I-2 (50); **señor** I-4 (55-56); **têgna** I-4 (145); **uizios** I-4 (159); **farfa** I-5 (52); **Raça** I-6 (58); **tenha** I-7 (64); **vão** I-8 (54); **dineyros** I-8 (60); **Comyos** I-8 (114); **quinõ** I-10 (49);

linagě I-12 (73-74); meyrřo I-12 (127); Muỹo I-17 (45); Juỹo I-18 (79); ponho I-29 (49), etc.

1.2.5. Grupo -gn-

O grupo -gn- latino evoluiu regularmente para /p/. Encontramos, no entanto, poucos casos de /p/ com esta etimologia: apenoredes I-2 (41); Cognuçada I-4 (52), etc.

1.3. CONCLUSÕES

As principais conclusões a tirar do que fica exposto referem-se à adopção progressiva das novas grafias <lh> e <nh> na chancelaria real, e não só.

De uma maneira geral, se exceptuarmos os documentos I-11 a I-17 (1270 - 1273), podemos concluir que, desde o documento I-4 (1265), as novas grafias começaram a ser usadas na Chancelaria com uma regularidade e percentagem crescentes. Tal facto não pareceu, no entanto, afectar significativamente o uso da maioria das restantes grafias, que convivem com <lh> e <nh> até final do reinado dando mostras de grande vitalidade (sobretudo <l>, <ll>, <n> e <ỹ / ř>). Apenas as grafias de influência latina, , <ni> e <gn>, foram sendo abandonadas em função da maior utilização das novas grafias. Depois do documento I-4, e <ni> só esporadicamente voltam a aparecer, enquanto <gn> desaparece completamente dos documentos da Chancelaria, o que leva a crer que estas grafias latinizantes se haviam já tornado arcaicas, processo para o qual terá, sem dúvida, contribuído o aparecimento das novas grafias.

O maior ou menor uso de <lh> e <nh> nos documentos da Chancelaria não parece relacionar-se nem com o notário ou tabelião que os

produziu, nem com o seu local de emanação (Cf. Quadro 1, p.70 e "A produção documental na Chancelaria de D. Afonso III - Quadro 1, p.14). Tão pouco pode existir qualquer relação entre a adopção das novas grafias e o escriba responsável pelos traslados, que, segundo E. Borges Nunes (C.P.), é o mesmo até ao documento I-29. Assim, não é possível relacionar o uso crescente das grafias de origem provençal com determinadas personagens, nem mesmo, exclusivamente, com a Chancelaria real. Com efeito, o facto de se encontrarem exemplos das referidas grafias em documentos de fora de Lisboa, redigidos, em alguns casos, por tabeliães locais, parece indicar que as novas grafias já teriam atingido, à data dos documentos onde aparecem, essas localidades.

Entre os documentos produzidos fora de Lisboa encontram-se exemplos das novas grafias nos seguintes casos:

- Doc. I-4 - 1265 - Monsaraz - tab. "Vicente Fernandiz"
 <lh> - 20% ; - <nh> - 6,2%
- Doc. I-8 - 1269 - Coimbra - tab. "Steuã Periz"
 <lh> - 6,2% ; - <nh> - 21,2%
- Doc. I-9 - 1269 - Alcântara - tab. não identificado
 - <lh> - 50% ; - <nh> - 25% ; - <~h> 25%
- Doc. I-19 - 1273 - Évora - tab. "Pedro loureço"
 - <lh> 76,9% ; - <nh> - 0%
- Doc. I-22 - 1257 (copiado depois de 1274)
 - Arouca - tab. não identificado
 - <lh> - 100% ; - <nh> - 14,2%
- Doc. I-25 - 1277 - Lorvão - tab. não identificado
 - <lh> - 100% ; - <nh> - 16,6%

Cintra (1963^b, pp.66-67), no entanto, considera que as novas grafias só teriam penetrado no Alentejo num período imediatamente posterior ao ano de 1268, data de um documento de Avis copiado no Livro de D. João de Portel, onde se encontra um exemplo de <nh>. Quanto ao documento de

Monsaraz, também copiado neste livro, Cintra considera duvidoso que os exemplos das novas grafias que aí aparecem e que são, aliás, as primeiras que se conhecem em documentos portugueses, figurassem já no original. Para tal, baseia-se este autor em vários factos:

1- A cópia existente no Livro de D. João de Portel apresenta exemplos das novas grafias em sítios diferentes da cópia da Chancelaria.

2- Não há exemplos das novas grafias:

a) num outro texto de Monsaraz, datado de 1267;

b) nos Foros de Garvão, copiados em Alcácer do Sal, em 1267;

c) em outras cartas da Ordem de Santiago, datadas de 1268 e copiadas no Livro de D. João de Portel.

Quanto aos arredores de Lisboa, Cintra aponta exemplos das novas grafias a partir de 1272, em documentos de Chelas. Em relação a Coimbra, o mesmo autor refere uma carta de 1281. Quanto aos exemplos anteriores, que se encontram em cópias, eles seriam provavelmente devidos ao escriba responsável pela cópia.

Perante estes factos, coloca-se a dúvida: a responsabilidade pelas novas grafias deverá ser atribuída aos escribas redactores dos originais ou, como pretende Cintra, ao escriba responsável pelos traslados?

Assim, torna-se necessário recolocar o problema da data e local de aparecimento das novas grafias.

A aceitar-se a data de 1265, proposta por Cintra, que é a data do original do documento onde surgem, pela primeira vez, as referidas grafias, terá de aceitar-se também que a responsabilidade pelas grafias inovadoras que aí surgem é do escriba do original, o tabelião público de Monsaraz. Isto equivale a concluir que as novas grafias terão aparecido, se não antes, pelo menos ao mesmo tempo, noutras regiões do país, além de Lisboa, o que leva

a admitir a existência de outros agentes difusores além da chancelaria e dos seus funcionários.

A não ser aceite esta tese, teremos então de avançar em vários anos o limite mínimo do período proposto por Cintra para a "reforma ortográfica na chancelaria real" (ob.cit., p.64) : 1265 - 1275. Se o responsável pela introdução das grafias novas for, não o escriba redactor do original, mas o escriba da chancelaria que trasladou o documento, essas grafias só serão datáveis de cerca de 1270, data paleográfica do traslado (segundo E. Borges Nunes, C.P.).

Os dados de que dispomos não são suficientes para chegar a conclusões seguras a este respeito, como reconhece Cintra (ob.cit., p.71). No entanto, não podemos deixar de recordar que o próprio Cintra encontra exemplos de <lh> num documento original de Avis de 1269, isto é, contemporâneo do Livro I da Chancelaria de D. Afonso III e, por outro lado, muito próximo da data do original do documento I-4 (1265). Assim, somos levados a pensar que, se não no caso deste documento de Monsaraz, sobretudo pela primeira das razões apontadas por Cintra, pelo menos no caso dos restantes documentos produzidos fora de Lisboa, é de considerar a possibilidade de que as novas grafias fossem, de facto, da responsabilidade dos tabeliães das referidas localidades do centro e sul do país, onde estas se teriam difundido praticamente ao mesmo tempo que na Chancelaria real (i.e., por volta de 1270). Tal facto não é, aliás, estranho se tivermos em conta que Coimbra é o terceiro lugar de maior permanência do Rei e da Corte neste reinado (Cf. João José Alves Dias, 1980, p.461) e que, segundo Cintra (ibidem), as regiões recentemente repovoadas do Alentejo, abertas a inovações, terão certamente aderido de imediato aos novos hábitos ortográficos provenientes da Corte.

No entanto, o facto de se manterem exemplos de hiper correcção até, pelo menos, 1278 e de as novas grafias conviverem ainda com as antigas,

leva-nos a considerar todo o período até à morte de D.Afonso III (1279) como um período de transição, o mesmo se passando, aliás, em relação ao hábito de redigir documentos reais em português. Só sob D.Dinis se generalizariam definitivamente as inovações introduzidas neste reinado.

2.1.1.1, Nota sobre a Chancelaria de D. Afonso III e o Livro de D. João de Portel

Cintra, no seu artigo "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non-littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle" (1963^b), cita, a propósito do aparecimento e difusão em Portugal das novas grafias para as palatais /λ/ e /p/, os documentos da Chancelaria de D. Afonso III, aqui estudados, e o Livro de D. João de Portel.

No que diz respeito aos Livros da Chancelaria de D. Afonso III, as afirmações de Cintra são, em geral, correctas, com excepção de alguns pormenores, certamente derivados da fonte que cita, como, por exemplo, na página 61: "Les chartes immédiatement suivantes appartiennent aux années de 1257, 1265, 1266, 1269, etc. (v. João Pedro Ribeiro, Dissertações Cronológicas e Críticas, 2^a ed., I, Lisboa, 1860, p.189).", onde, em vez de 1257, deveria ler-se 1260. Tais afirmações ficam, no entanto, algumas vezes, incompletas, o que se deve, certamente, ao facto de não terem por base um estudo exaustivo dos documentos da referida Chancelaria.

Assim, por exemplo, ao falar das grafias de [ɲ] nos documentos I-1 e I-2 (ob. cit. p.62), Cintra não faz qualquer referência à possível existência de uma grafia <y> ou <i> em formas como "testimoyo" I-2 (50). Mas é sobretudo no que diz respeito aos dados relativos à entrada em Portugal das grafias de origem provençal <lh> e <nh> que importa completar e reformular alguns aspectos que nos parecem importantes.

Ao referir-se à progressão no uso das novas grafias na Chancelaria real, Cintra (ob. cit., pp. 63-64) refere uma série de documentos, de 1266 e de 1269, onde se encontram os primeiros exemplos destas grafias depois do documento de 1265, onde surgem, de forma esporádica, pela primeira vez, e, em relação ao intervalo 1265 - 1269, comenta: " Quelques chartes de 1266

(fol. LXXXIII) et de 1269 (fol. XCII v^o) ne présentent que des exemples de l' ancienne orthographe.". Tal afirmação é verdadeira em relação ao documento de 1266 (I-5), mas não o é inteiramente em relação ao referido documento de 1269 (I-6). De facto, aí se encontra, não referido por Cintra, um caso de <lh>: uelho I-6 (67).

Também no que se refere aos dados fornecidos pelo documento I-8 (Coimbra, 1269, fls.XCVI v^o - XCVII) Cintra não é exaustivo: "... dans une charte rédigée à Coimbra dans la même année de 1269 (fl. XCVI v^o - XCVII), il y a non seulement *uenha*, *castanhas*, *mealhadas*, mais aussi *asnho* (pour asno), *almedinha* (pour almedina), *ennho* (pour en no), *venherẽ* (sûrement pour *veherẽ* ou *veerẽ*)...". Com efeito, os exemplos de uso das novas grafias fornecidos por este texto, que é, aliás, o primeiro a apresentar um número significativo de casos, enriquecido ainda com várias hipercorreções, não se restringem aos três casos citados por Cintra, encontrando-se além deles "colonho"⁽¹¹⁾ I-8 (87), (127), "senhos" I-8 (125) e "auehãse" I-8 (143).

Além disso, só é feita referência a um outro documento, também de 1269, produzido em Alcântara (fl. 98 r) e onde se encontram também exemplos das novas grafias, "filha" I-9 (6), "cõcelho" I-9 (24) e "senhor" I-9 (11), bem como um caso de hipercorreção, "seelho" I-9 (21), depois de um documento de 1278 (doc. I-27), onde as novas grafias são já de uso geral, o que, de certa forma, oculta o seu percurso.

É com base nos documentos da Chancelaria de D. Afonso III que Cintra (ob. cit. p. 64) situa a "reforma ortográfica" na Chancelaria real entre 1265 e 1275. Em apoio das datas propostas, refere documentos de outras zonas do país, entre os quais se destacam os documentos transcritos no Livro de D. João de Portel.

O Livro do Registo das cartas dos bães e erças que dõ Joan de portel teue nestes reinos é um cartulário referente aos bens de D. João de Portel (= D. João Peres de Aboim), mordomo-mor e favorito de D. Afonso III, no qual se encontram as numerosas cartas de doação de vastos territórios do Sul de Portugal que transformaram este fiel vassalo do Rei num dos homens mais poderosos do reino, poder talvez só partilhado com Estêvão Anes, chanceler do Rei (Cf. "Da Chancelaria dos Condes Portucalenses à de D. Afonso III").

Este Livro de D. João de Portel terá sido, de acordo com Pedro de Azevedo (1906, vol. 4, p. 197), escrito, pelo menos em parte, pelos escribas da Chancelaria real (Cf. também Cintra, ob. cit., p.64), o que o relaciona de forma muito directa com os livros desta Chancelaria, nomeadamente com o Livro I.

Tal como acima referimos, Cintra cita, em apoio da datação por ele proposta para o aparecimento em Portugal das novas grafias para as palatais /ɲ/ e /ɲ/, o Livro de D. João de Portel. Baseia-se, no entanto, não no manuscrito, mas sim na edição de Pedro de Azevedo (in Arquivo Histórico Português, vols. 4º a 8º), em relação à qual ultimamente têm sido levantadas algumas dúvidas (Cf. Stephen Parkinson, 1983, p. 242). Por este motivo, pareceu-nos apropriado verificar pelo próprio manuscrito (T.T. - Núcleo Antigo - Série Vermelha, F 10, p. IV) as grafias das consoantes palatais.

As conclusões são as seguintes:

A propósito da utilização de <nh> na cópia do já referido documento de 1265 no Livro de D. João de Portel, diz Cintra: " Quant aux plus anciens exemples de *nh*, graphie qui n'est pas employée dans ce document..." (ob. cit. p. 64). Tal afirmação contradiz uma outra, feita um pouco mais adiante (ob. cit. p. 67): " Dans le même livre se trouve un exemple antérieur de *nh* dans le mot *gadanho*, sobriquet d'un des témoins, dans une charte de Monsaraz 1265 ou, dans tous les autres cas, on relève d'autres graphies pour le son [ɲ]. Il s'agit toujours de la charte dont la confirmation royale, copiée dans le Livre

de la Chancellerie, nous a fourni le premier exemple de cette orthographe. Il est un peu douteux que la graphie *nh* ait pu figurer dans le document original." Ora, o facto presumível de o original não apresentar <nh> não exclui a evidência de que, tanto o copista da chancelaria, como o do Livro de D. João de Portel, usaram tal grafia. Que se tratava de uma grafia esporádica, não há dúvida: no Livro de D. João de Portel, este documento de 1265 tem (facto que Cintra não observou) duas e não apenas uma cópia, verificando-se que, na primeira cópia, apenas se encontra um exemplo de <nh>:"gadhano" (fl. 18 r, l. 5, col. 2) e nenhum exemplo de <lh>, enquanto que, na segunda cópia, que se lhe segue imediatamente, se encontra apenas um exemplo de <lh>:"lha" (fl. 19 v, l. 19) e nenhum exemplo de <nh>.

A segunda contradição digna de nota diz respeito à data de entrada das grafias <lh> e <nh> em Portugal. Na página 64 do referido artigo, Cintra, referindo-se aos mais antigos exemplos de <nh>, cita uma carta real redigida em Coimbra em 1264 e também registada no Livro de D. João de Portel, onde se encontram as seguintes formas: "uenhã" (fl. 11 r, l. 13), "ponha" (fl. 11 r, l. 29) e "nenhũa" (fl. 11 r, l. 27), não sendo esta última registada por Cintra. Ora, uma vez que este propõe, como "terminus a quo" para a entrada em Portugal das novas grafias para as palatais, 1265, data do documento de Monsaraz que se encontra copiado na Chancelaria de D. Afonso III e no Livro de D. João de Portel, não fica claro por que razão a data proposta é 1265 e não 1264, data do documento de Coimbra. É certo ser possível que os exemplos de <nh> aí encontrados sejam, não da responsabilidade do escriba do original, mas sim do escriba que fez a cópia, mas tal hipótese é também de admitir no caso do documento de 1265.

Finalmente, como já acima referimos, Cintra não é, também no que diz respeito ao Livro de D. João de Portel, exaustivo na recolha de dados, o que, por vezes, pode conduzir a interpretações erróneas por parte do leitor. Tal é o caso, por exemplo, no último parágrafo da página 64 (ob. cit.), em que, após ter referido os primeiros exemplos de <lh> e <nh> nas cópias de

documentos de 1264 e 1265 acima referidas, nos diz apenas: "*lh* e *nh* apparaissent, vers la fin du cartulaire, dans un document daté de 1262, mais copié certainement beaucoup plus tard ...". Tal afirmação poderá ser interpretada pelo leitor como significativa da não existência de outros documentos no cartulário portadores das referidas grafias, o que não corresponde à verdade, visto encontrarem-se ao longo do cartulário vários documentos onde estas grafias se encontram presentes, alguns dos quais são referidos por Cintra um pouco mais à frente (p. 67), já num outro contexto.

NOTAS

(1) Apesar de os documentos analisados por Grafström se situarem num período que medeia entre 1034 e 1200, só se encontram exemplos de <lh> e de <nh> a partir de finais do século XII.

(2) Os exemplos de <lh> apresentados por Grafström encontram-se respectivamente em documentos de 1187 e de 1194 (Cf. Brunel, 1952, pp. 268 e 269).

(3) Os exemplos de <nh> apresentados por Grafström encontram-se respectivamente em documentos de 1199 e de 1168 (Cf. Brunel, ob. cit., pp. 271 e 264).

(4) As formas em que, em vez das grafias habitualmente usadas para representar a nasal palatal, encontramos <y> ou <i> são de difícil interpretação.

Como faz notar Clarinda Maia (1986, pp. 493-494), o problema que se coloca em relação a estas grafias é o de "saber se *y* / *i* são grafemas usados para a transcrição da nasal palatal ou se, pelo contrário, o grupo -*nj*- teve outro tratamento diferente, representando os exemplos apontados formas vivas da linguagem da época.". Para esta autora, a segunda hipótese explicativa é a mais adequada, essencialmente por dois motivos: por um lado, pelo facto de o tipo de grafia referida aparecer ainda no séc.XIV e seguintes, em que a grafia já se encontrava mais estabilizada, e não apenas no séc.XIII, por outro, pelo facto de formas com este tipo de tratamento do grupo -*nj*- perdurarem, ainda hoje, no galego moderno (ex: Xuio - "Junho") e, finalmente, por paralelismo em relação a formas que representam étimos latinos com o grupo -*lj*- , nas quais não se verificou a palatalização do *l* , mas sim a sua síncope.

Assim, segundo C.Maia, o grupo *-nj-* terá tido, em algumas palavras de carácter erudito ou semi-erudito, como é o caso dos continuadores do latim *TĚSTĪMŌNĪUM*, palavra de uso muito frequente na linguagem jurídica, um tratamento diferente do habitual. Nestes casos, não se terá realizado a palatalização, mas sim a apócope do *n*, em posição intervocálica.

Nos documentos agora estudados, a grafia <y> surge apenas na forma referida por C. Maia; "testemoyo" (ou testemoya). Tal não nos parece, contudo, razão suficiente para concordar com esta autora, visto serem os dados por ela apresentados tão pouco concludentes e facilmente contestáveis por formas como "testemoŷo" I-5 (82), onde parece não haver dúvida de que se trata da nasal palatal (Cf. nota 7).

(5) Resta saber se formas como esta deverão ser consideradas como manifestações da ausência de marca gráfica para a nasal palatal ou se se tratará de casos em que, sendo a marca da consoante palatal <y> ou <i> e a vogal anterior um /i/, representável também graficamente por <y> ou <i>, como é sabido, o copista tenha evitado, consciente ou inconscientemente, repetir a grafia. O grafema <y> ou <i> teria, assim, nestes casos, um duplo valor, vocálico:/i/ e consonântico:/p/.

O mesmo acontece, aliás, em formas como, por exemplo, "fariã" I-12 (134) ou "Muŷo" I-17 (45), (47), (50), (51), (57), em que a marca da consoante palatal, *ř* / *ŷ* neste caso, e a vogal anterior surgem fundidas, ao contrário do que acontece em palavras em que a vogal anterior é de tipo diferente, ex: "testemoŷo" I-5 (82)

Note-se que todas as restantes formas encontradas nos documentos agora estudados são também casos de vogal /i/ + consoante nasal palatal (não marcada ?).

cogomyo	I-5 (97)
vizio	I-8 (36-37), (110); I-13 (77), (80); I-30 (86)
vizios	I-8 (56); I-28 (114-115)
Raya	I-12 (40), (47), (113); I-20 (92); I-22 (61); I-28 (69)
petario	I-12 (134)

vío	I-13 (62), (79), (82)
uio	I-13 (62)
vio	I-13 (64), (68), (78), (87)
tijã	I-19 (41), (43)
Reya	I-20 (113)
Louriáá	I-27 (19)
tíja	I-28 (137)
cogomío	I-28 (191)
dieyros	I-30 (44), (48)

C. Maia (ob. cit., p.623) encontra "apenas alguns casos esporádicos em que a nasal palatal não aparece representada na grafia". Os casos referidos por esta autora são do mesmo tipo dos acima apresentados, embora em menor número.

Note-se ainda que não há casos de ausência de marca gráfica para a lateral palatal.

Caso especial é o do pronome possessivo "mha", onde não é certo que a nasal palatal já se tivesse desenvolvido, razão pela qual não consideramos estas formas. Note-se, no entanto, a existência de formas como "mÿas" I-26 (44); I-30 (93), (97); I-31 (107) e "minas" I-30 (85), que fazem supor, se não já o início do desenvolvimento da nasal palatal, pelo menos o da nasalização progressiva de /i/.

(6) As formas desenvolvidas não são levadas em consideração nas contagens de grafias, uma vez que a instabilidade ortográfica característica deste período não permite saber com exactidão ou com um grau de probabilidade considerável qual seria a forma desenvolvida.

Nos quadros de exemplos, estas formas são sempre atestadas uma única vez e seguidas de "et passim", caso ocorram mais de uma vez.

(7) Nos casos de *ÿ* e *ĩ*, com til sobreposto, C. Maia considera tratar-se de um caso diferente do anterior (Cf. nota 4) e afirma ser provável que, neste caso, se trate de representações da nasal palatal.

(8) Casos como o de "sẽhor" são considerados como abreviaturas da grafia <nh>. Assim, são contados juntamente com a grafia desenvolvida.

Os restantes casos deste tipo de grafia são: Raýha I-27 (3); I-33 (23), Lourĩháá I-27 (3), quĩhetas I-31 (130).

Ressalva-se o caso de "něhũa". Não se entra com estas formas nas contagens, visto não existir a certeza de que já se tivesse desenvolvido a nasal palatal /p/.

(9) A fim de permitir uma melhor visualização, as formas que atestam as novas grafias de /λ/e /p/ são destacadas a negro.

(10) As formas provenientes do grupo *-in-* são destacadas a negro.

(11) A forma "colonho", à primeira vista, poderia parecer mais um caso de hipercorreccção, como "asnh", por exemplo, mas a ocorrência de formas como "colonio" I-8 (88), (94-95), (97), (100) indica que a nasal era palatal. Trata-se, de facto, de uma forma registada por Viterbo (1966), cujo significado é o de "feixe ou carga que homem ou mulher leva às costas ou à cabeça, à diferença das que se conduzem em barcos, bestas ou carros ...". Assim, esta forma deriva do latim CŎLLU (> colo, "ombro, cabeça, costas") + suf. -ŎNEU (> -onho) e não de COLŎNUS (> colono).

2.1.2 O Sistema de Sibilantes

1. Grafias

1.1. As africadas e fricativas pré-palatais /tʃ/, /ʃ/ e /dʒ/, /ʒ/

A africada pré-palatal surda, /tʃ/, surge invariavelmente grafada com <ch>, quer em posição inicial, quer em posição medial. Esta grafia, possivelmente de origem francesa, surge na Península apenas em finais do séc.XI e terá, segundo Menéndez-Pidal (1929, § 8,5), sido adoptada com vista a evitar confusões com outras grafias, nomeadamente as de /ʃ/ e /ʒ/.

Exemplos: Chãceler I-1 (61-62); achado I-2 (39); Sancha I-5 (51), Chumbo I-5 (84); Chaues I-5 (93); achei I-7 (66); bescha I-8 (38); chamada I-9 (13); criscaos I-13 (85); chũbo I-20 (92); chagar I-28 (110).

A fricativa pré-palatal surda, /ʃ/, surge, também invariavelmente, representada por <x>, grafia que "tendió siempre a ser preponderante, sobre todo desde el siglo XII." (Menéndez-Pidal, ob. cit., § 6,1).

Exemplos: Almozarife I-7 (50-51); exete I-8 (158); eixerdameto I-12 (85), (95); queyxada I-15 (30); leyxẽ I-24 (21).

A vogal palatal e posposta a x encontra-se apenas na forma "frexeo" I-4 (127), (129) e variantes: "freixeo" I-16 (33) e "freyxeo" I-16 (38), onde é etimológica (< ʏ). Esta grafia não se confunde, por isso, com a grafia <xi> referida por Menéndez-Pidal (ob. cit., § 6,2).

Assim, /tʃ/ e /ʃ/ nunca se confundem, uma vez que se verifica uma notória regularidade no emprego de grafias específicas para representar cada um dos fonemas em questão.

Quanto à representação da africada ou fricativa pré-palatal sonora /dʒ/ ou /ʒ/, ao contrário do que se verifica em relação às surdas, são várias as grafias utilizadas: <i>, <j> e <g>, todas elas comuns em toda a Península desde os primeiros textos (Cf. Menéndez-Pidal, ob. cit., § 7,2). Não parece existir qualquer relação entre a grafia e a posição em que é usada, embora se verifique que <j> é mais frequente em posição inicial, enquanto <i> é mais frequente em posição medial e <g> ocorre em qualquer posição.

Exemplos: seia I-1 (51); Aiades I-1 (52); Gil I-2 (51); Julio I-1 (62); iaz I-3 (23); azãbugeyra I-4 (95-96); iuctã I-4 (119); aiades I-5 (57); aiuntados I-8 (21); Juyz I-9 (20), (24); linagẽ I-12 (73-74); SobreJoyz I-12 (137); beia I-15 (48); iardo I-18 (96); correger I-20 (28); ajudar I-22 (65); iouuer I-23 (58); Thareia I-25 (49); priuilegios I-26 (43); iur I-27 (29); genoes I-27 (70); Ocagiõ I-28 (156); Aliube I-30 (43); menagẽ I-33 (39-40).

Encontram-se ainda exemplos de outras grafias menos frequentes tais como <gi>: Taregia I-10 (24), e <yi>: Tareyia I-10 (27), (51), (58), (63), (87) (Cf. Menéndez-Pidal, ob. cit., § 7,4 e C. Maia, 1986, p.470).

Apresenta-se, a seguir, um quadro geral da distribuição das grafias de /tʃ/, /ʃ/ e /dʒ/, /ʒ/ no conjunto dos documentos.

Quadro 1 - Grafias das africadas e fricativas pré-palatais /tʃ/, /ʃ/ e /dʒ/, /ʒ/

Docs.	/tʃ/ - <ch>			/ʃ/ - <x>		/dʒ/ ou /ʒ/ - <i>, <j>, <g>, <yi> e <gi>									
	a)	b)	c)	a)	b)	a)			b)				c)		
	<ch>	<ch>	<ch>	<x>	<x>	<i>	<j>	<g>	<i>	<j>	<yi>	<g>	<gi>	<i>	<g>
I - 1	1	-	-	-	-	-	2	2	4	-	-	-	-	-	-
I - 2	1	1	-	-	-	-	3	1	4	-	-	-	-	-	-
I - 3	-	-	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-
I - 4	1	-	-	-	3	4	22	3	-	-	-	8	-	-	-
I - 5	3	-	1	-	-	-	4	-	3	1	-	-	-	-	-
I - 6	-	-	1	-	-	-	3	-	1	-	-	-	-	-	-
I - 7	-	2	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
I - 8	1	-	7	-	2	-	-	-	4	-	-	-	-	6	1
I - 9	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
I - 10	1	-	3	-	-	-	7	1	15	-	5	-	1	1	-
I - 11	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
I - 12	2	1	3	-	4	-	2	1	9	2	-	1	-	4	1
I - 13	-	7	2	1	1	-	4	1	3	-	-	-	-	-	-
I - 14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
I - 15	3	-	-	-	2	-	2	-	8	-	-	-	-	-	-
I - 16	-	-	-	-	2	-	1	-	1	-	-	-	-	1	-
I - 17	3	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
I - 18	1	1	1	-	-	2	2	-	4	-	-	1	-	3	-
I - 19	-	-	-	-	-	1	4	-	4	-	-	1	-	-	-
I - 20	4	1	6	-	-	-	4	1	5	-	-	9	-	-	2
I - 21	-	-	-	-	1	1	6	-	1	-	-	1	-	-	-
I - 22	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-
I - 23	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-
I - 24	1	-	-	-	1	2	1	-	2	-	-	-	-	2	-
I - 25	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-
I - 26	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	5	-	1	-
I - 27	2	1	1	-	-	2	6	1	6	-	-	2	-	3	-
I - 28	2	-	2	-	5	2	3	3	18	-	-	5	-	3	2
I - 29	1	2	-	-	-	1	12	-	3	-	-	1	-	1	-
I - 30	-	-	6	-	1	1	1	-	2	-	-	1	-	3	1
I - 31	-	2	-	-	-	-	4	-	12	-	-	1	-	2	-
I - 32	-	-	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2	-
I - 33	-	-	-	-	-	-	1	-	6	-	-	-	-	-	1
III	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-

- a) Posição inicial
- b) Posição medial intervocálica
- c) Posição medial não intervocálica

1.2. As africadas ou fricativas pré-dorso-alveolares /ts/ →/s/ e /dz/ →/z/

No que diz respeito à africada ou fricativa pré-dorsal surda, encontram-se, regra geral, as grafias <ç>, antes de *a*, *o* e *u*, e <c> ou <cc>, antes de *e* e *i*, tanto em posição inicial, como em posição medial.

Exemplos: graça I-1 (18); sucessores I-1 (34), (54-55); faço I-2 (11); Cognaçuda I-4 (52); vicente I-4 (145); doaçõ I-5 (73); Cincoenta I-7 (65); mercéé I-7 (70); açougues I-8 (67-68); ceruo I-8 (81); corça I-8 (82); cesto I-8 (86), (94); ceuada I-8 (141); cõcelho I-9 (24); decerẽ I-12 (65), (70); uiçosa I-15 (20); Renẽbrãça I-18 (46); Laurẽço I-18 (88); renũciadas I-19 (39-40); Arcebispo I-20 (31); arcidiago I-20 (62); téenças I-20 (109); açõ I-21 (91); Bouças I-22 (54); peçamos I-22 (71); bacelos I-23 (56); parãça I-25 (41); Bragãça I-27 (55); alcaçar I-28 (64); partições I-29 (8); Ouẽçáaes I-30 (29); crescer I-31 (69); seruiço I-32 (54); força I-33 (42); façamos III (31); Março III (38).

120

Existem, no entanto, alguns casos de <c> antes de *a*, *o* e *u* e de <ç> antes de *e* e *i*. Quanto ao uso de <c> antes de *a*, *o* e *u*, C. Maia (1986, p.451) atribui os casos encontrados nos documentos que estuda, não a simples distração do copista, mas a uma "propagação analógica de *c* seguido de *e* ou *i*", que é frequente, não só em documentos da Península, mas também de Itália e de França. Tal opinião fora já anteriormente expressa por Menéndez-Pidal (1929, § 9,3 e 1944, vol. I, pp.219-220). Quanto ao uso de <ç> antes de *e* e *i*, a mesma autora (ibidem) considera-o comum, ainda que menos frequente que o de <c>, a partir do séc.XIII.

Exemplos:

<c> + *a*, *o*, *u* - açougues I-8 (26), (101-102), (108); Açougues I-30 (30), (35); desca I-30 (90).

<ç> + *e*, *i* - Conçello I-4 (54), (69), (113), (149); reçebemos I-4 (55); peçenas I-4 (113), (119), (120), (137-138); peçena I-4 (123), (126), (127-128); carneçeiros I-8 (79); alçe I-11 (90); çeuadeyro I-12 (141); Reçebiã I-25 (31); pertẽeçe I-25 (46); Conçelho I-26 (32).

Encontram-se ainda algumas grafias menos frequentes: <z>, <sc>, <ci> e <ti>.

<z> - fazo I-1 (19); Cadouzo I-1 (29); começamos I-2 (16); faza I-2 (43); fazo I-3 (16); cõuenẽzas I-3 (20-21), (36-37); conuenẽzas I-3 (34); enpézer I-3 (36); Lourẽzo I-4 (164-165); põzo I-4 (166); zapateiros I-8 (118-119); estimazõ I-8 (156-157); fazo I-10 (17); auéénza I-10 (27-28), (32), (42); pertéénzas I-10 (45-46); fazo I-20 (27); forzas I-20 (30); seruizo I-20 (77); corazõ I-20 (82); fazã I-20 (85,88); fazam I-20 (85); doazões I-20 (104); béézõ I-27 (31); zamora I-27 (67); auéénza I-28 (74); condizões I-28 (124); adiza I-28 (143); fazamos I-28 (161); conposizõ I-28 (162-163); renuzamos I-28 (164); restituzõ I-28 (167).

<sc> - suscessores I-1 (53); I-2 (46), (47).

<ci> - poboacion I-1 (28-29); tercias I-1 (39); I-2 (31); terciã I-1 (39), (40), (41); páácio I-1 (49), enquisicion I-1 (51).

<ti> - autiête I-7 (56).

O grafema <z>, que representa preferencialmente, como veremos, a africada ou fricativa pré-dorsal sonora, é bastante comum também como representação da surda nos documentos estudados, ao contrário do que acontece nos documentos estudados por C.Maia (ob. cit., p.450), referentes à zona noroeste de Portugal, onde esta grafia é "pouco frequente". Daí resulta a ausência de uma clara distinção gráfica entre a pré-dorsal surda e a sonora, que só mais tarde viria a estabelecer-se (Cf. Menéndez-Pidal, 1944, vol.I, pp. 220-221 e C.Maia, ob. cit., pp. 439-440).

O grafema <sc>, que parece indicar o carácter africado da pré-dorsal surda, é uma grafia normal, ainda que de uso pouco frequente (Cf. C. Maia, ob. cit., p.442).

Quanto aos grafemas <ci> e <ti>, tratar-se-á certamente de pseudo-latinismo gráfico na forma "autiête". Nos restantes casos, coloca-se também a hipótese de se tratar de conservação da semivogal do grupo -tj- (Cf. C. Maia, ob. cit., p. 443). Nestes casos, C. Maia (ob. cit., p. 443-444) considera que "parece estarmos em presença de formas da língua falada da época" e não perante latinismos ou pseudo-latinismos gráficos, uma vez que, em algumas destas formas, se observam já evoluções tipicamente galego-portuguesas, como, por exemplo, a queda de -l- em formas como "páácio". No caso de "poboacion" há ainda a considerar a hipótese de se tratar de um castelhanismo, não só devido à conservação da semivogal do referido grupo, mas também pela conservação de -b-, resultante de -p- latino (Cf. "Grafias de /b/ e de /v/").

Note-se ainda que os grafemas referidos são registados por C. Maia apenas em textos galegos, o que aproxima, neste como em outros aspectos, a Galiza da zona centro-meridional de Portugal (Cf., por exemplo, Álvaro Galmés de Fuentes, 1962^b, p. 113, a propósito do "seseo" galego).

A africada ou fricativa pré-dorsal sonora encontra-se, na esmagadora maioria dos casos, representada pela grafia <z>.

Exemplos: dez I-1 (31), (32), (33), (38); doze I-1 (42); fezerdes I-1 (47), (50); paz I-1 (53); emplazedes I-1 (56); suariz I-2 (53); dizer I-3 (24), (27), (28), (29); fez I-3 (39); Aluazijs I-4 (54), (68), (148); Monsaraz I-4 (55), (64), (69), (93); periz I-4 (59), (62), (72), (79); iazě I-4 (75); Azãbugeyra I-4 (99, 2x); Juyzes I-4 (112); fernandiz I-4 (136, 146); trezentos I-4 (153); meendiz I-4 (164); gonsaluiz I-4 (167); periz I-5 (52), (83), (100); refazimêto I-5 (71); trezêtos I-5 (87); Beatriz I-6 (59); ázinaga I-6 (66); martíjz I-7 (57); vizio I-8 (36-37), (110); razõ I-8 (63); azeyte I-8 (107), (111), (113); nozes I-8 (114); Dezẽbro I-9 (28); lopiz I-10 (19); prazer I-10 (80); dizedelyo I-12 (87-88); sobreJoyz I-12 (137), méendiz I-15 (20,2x); azãbuiosa I-15 (23-24), (56); paez I-16 (41); prazo I-17 (53); lopiz I-18 (82,2x); fezera I-19 (33); diziã I-20 (29); durãz I-20 (56); gomez I-20 (60); ambertiz I-20 (128); Dezenbro I-24 (26); plaza I-25 (52); diziã I-26 (44); foz I-28 (77), (84), (144); dezima I-28 (82), (83), (90); Rayz I-29 (10); Juyzo I-29 (29); duzẽa I-30 (60);

enprazamento I-31 (39); uoz I-31 (103); heriz I-31 (171); quatorze I-32 (75); periz I-33 (45); refazerẽ III (25-26).

Pode, no entanto, aparecer também grafada com <x>, em posição implosiva:

Beatrix I-5 (49); I-18 (52), (58), (75); I-20 (44), (93); I-27 (3), (11), (18), (43); I-28 (69).

Apresenta-se, a seguir, um quadro geral da distribuição das grafias de /ts/ → /s/ e /dz/ → /z/ no conjunto dos documentos.

Quadro 2 - Grafias das africadas ou fricativas

pré-dorso-alveolares /ts/ → /s/ e /dz/ → /z/

Docs	/ts/ ou /s/											/dz/ ou /z/					
	<ç/c/cc>			<z>			<sc>	<ci>			confus.		<z>			<x>	confus.
	a)	b)	c)	a)	b)	c)	b)	b)	c)	c)	b)	c)	b)	c)	d)	d)	d)
I-1	2	3	4	-	2	-	1	1	6	-	-	-	11	-	6	-	-
I-2	6	4	3	-	2	-	2	-	1	-	-	-	4	-	8	-	-
I-3	-	2	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	6	-	4	-	-
I-4	-	17	26	-	-	2	-	-	-	-	-	-	13	6	59	-	6
I-5	-	3	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1	13	1	3
I-6	2	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	3	-	-
I-7	1	5	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	5	-	-
I-8	12	16	7	1	-	1	-	-	-	-	-	-	13	6	3	-	-
I-9	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	9	-	-
I-10	-	1	14	-	1	4	-	-	-	-	-	-	9	7	31	-	1
I-11	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-
I-12	1	21	19	-	-	-	-	-	-	-	-	2	16	1	24	-	6
I-13	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	1	7	-	-
I-14	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
I-15	1	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	-	-
I-16	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-
I-17	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1	6	-	2
I-18	-	3	16	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	8	3	5
I-19	-	1	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	4	-	-
I-20	-	5	14	-	2	6	-	-	-	-	-	-	11	2	28	2	5
I-21	-	4	4	-	-	-	-	-	-	-	2	1	9	-	1	-	1
I-22	-	8	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-
I-23	-	6	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1
I-24	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	4	-	1
I-25	-	3	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	-
I-26	-	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	1	3	-	1
I-27	2	3	13	1	-	1	-	-	-	-	-	1	4	1	12	4	12
I-28	3	12	3	-	3	4	-	-	-	-	-	1	19	7	19	1	3
I-29	-	3	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	3	26	-	-
I-30	5	14	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	3	-	-
I-31	-	6	28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	13	-	7
I-32	-	7	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	6	-	1
I-33	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-
III	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	1	-	-

a) Posição inicial

b) Posição medial intervocálica

c) Posição medial não intervocálica

d) Posição final

1.3. As fricativas ápico-alveolares /s/ e /z/

No que diz respeito à fricativa apical surda, ela surge representada por <s> ou <ss>, na maioria dos casos. Existem, no entanto, algumas regularidades relativas à posição do fonema, que importa destacar:

- Em posição inicial⁽¹⁾, predomina a grafia simples, embora os exemplos de <ss> não possam ser considerados raros:

ssaber I-2 (18), I-3 (16-17), I-4 (76); ssa I-5 (75), I-8 (27), (38), (57 2x), (103 2x), (111 2x); ss'ir I-8 (41); sse I-8 (47), (55); ssas I-9 (14); ssa I-10 (27), (40); ssaber I-10 (28); sse I-10 (62); ssa I-10 (94); sse I-12 (57), (65), (86), (91), (94), (99-100); ssabede I-13 (57); ssas I-18 (61); sse I-20 (70), (90); sseus I-20 (120); ssas I-20 (120); sse I-24 (21); ssa I-25 (47); ssas I-25 (51); ssas I-27 (21, 2x); ssa I-27 (23); sse I-27 (32); sse I-28 (91), (117), (124), (128), (158); ssi I-29 (8); ssas I-29 (44); ssaber I-30 (39); sse I-30 (77), (82), (90), (101); ss'i I-30 (81); ssas I-30 (87); ssa I-30 (69), (70), (87); sseus I-31 (52); ssu I-31 (57); sséém I-31 (61); sséér I-31 (61); sse I-31 (70), (75), (85); sseus I-31 (74); ssa I-31 (82), (90), (93); sseus I-31 (84), (87); ssas I-31 (88); sse I-31 (99), (111); ssas I-31 (104), (128); ssa I-31 (122), (137); sseus I-31 (131); sse I-31 (132); ssenon I-31 (142); ssééladas I-31 (148); sseus I-32 (57); ssenhorio I-32 (58); ssas I-32 (60); ssa I-32 (66, 2x), (68), (70); sse I-32 (68); ssa I-33 (31), (32); ssusu I-33 (37).

- Em posição interior, em início de sílaba, depois de sílaba fechada, encontramos a grafia <s> em todos os casos, excepto a seguir a vogal nasal, onde se pode encontrar <ss>, em alguns casos. Depois de sílaba aberta, encontra-se <ss> na maior parte dos casos.

Exemplos: Alfonso I-1 (17-18); Rouso I-1 (47-48), (50); sucessores I-2 (19), (19-20); essa I-3 (13); assi I-3 (14), (21), (22-23); enuyasse I-3 (30); partissemos I-4

(61); alçassemos I-4 (62); ensembra I-4 (79); teuesse I-4 (143); Mõsaraz I-4 (151-152), (156), (159); pesuyades I-5 (57); assy I-5 (73); desses I-6 (72-73); tornẽsse I-7 (69); outrossy I-8 (72), (78); possa I-9 (19); cõselo I-10 (34-35); outrossi I-12 (68); assi I-15 (57); uehessem I-17 (43); adussesse I-17 (53); presorias I-19 (26); filhassem I-19 (35), (39); corregesse I-20 (28); assessegamento I-20 (37-38); vasallos I-20 (40); partisse I-21 (71); Abbadessa I-22 (52), (81), (85); casadas I-22 (65); pescasẽ I-24 (10); fezesem I-26 (33); traspassadas I-27 (8); Afonso I-28 (182); catassemos I-29 (21); posa I-30 (89); assy I-31 (142); ensembra I-32 (57), (60), (74); eses I-33 (39, 40); nosso III (42).

- A fechar a sílaba, no interior ou fim de palavra⁽²⁾, encontra-se a grafia <s> na maior parte dos casos.

Exemplos: esta I-1 (17); costume I-1 (43); posta I-2 (22); respõdades I-2 (25); prastameyro I-2 (43); castella I-3 (11); mestre I-3 (18), (32); uista I-4 (69); Spital I-5 (52)⁽³⁾; escumũgado I-5 (80); estauil I-5 (82); testemoyo I-5 (82); scriuaes I-7 (51); stalagẽ I-8 (27), (46); bescha I-8 (38), (50), (64); estalagẽ I-8 (64); stada I-8 (123); pasqual I-9 (7), (8); áquisto I-10 (19-20); testamentos I-10 (65); estinto I-12 (74); Váasco I-12 (132); Espital I-12 (135); espregũtey I-13 (58); agosto I-14 (56); carrascal I-15 (45); mandastes I-16 (42); costume I-17 (56); escritura I-18 (48); postura I-19 (33); bispos I-20 (31); deste I-21 (68), (98); Moesteiro I-22 (52), (53), (56), (57-58); pescar I-24 (14), (16), (18); acostumeou I-25 (49-50); cõstrẽgades I-26 (49); traspassadas I-27 (8); méésma I-28 (61), (127); descarreyrados I-28 (96-97); abastãtes I-29 (16); asnal I-30 (56); registro I-30 (154); escola I-31 (164); destas I-32 (72); esta I-33 (44); escaadas III (33).

A grafia <x> é bastante menos comum, ocorrendo em apenas 3 formas, duas das quais de alta frequência:

Lixbõa I-1 (60); I-3 (37); I-5 (105); I-6 (64); I-10 (93); I-11 (41); I-13 (90); I-14 (56); I-17 (41); I-18 (78), (94); I-20 (127); I-23 (62); I-24 (25); I-26 (51); I-27 (45-46), (59), (63), (70); I-28 (89), (91), (107), (119), (122); I-29 (57); I-30 (104); I-31 (155), (164); I-32 (46), (56), (75); I-33 (44-45).

Lixboa I-2 (51); I-7 (51), (72); I-12 (116), (130-131); I-31 (171).
Denix I-5 (49-50).

Encontra-se ainda a grafia <jss>, que surge apenas num único caso: mījssma I-3 (13). Esta grafia, pouco frequente, é também notada por Menéndez-Pidal, sob a forma <iss> (1929, § 6,5), como maneira possível de grafar a consoante fricativa pré-palatal surda e não a fricativa apical surda.

Os dados recolhidos concordam com os de C. Maia (1986, pp. 460-461) em relação à grafia mais frequente nesta posição, <s>, mas, em relação à frequência das restantes grafias, <ss> e <x>, a situação é algo diferente da encontrada por esta autora em documentos da Galiza e do Noroeste de Portugal. Com efeito, nos documentos estudados por C. Maia, "a variante geminada encontra-se pouco representada, tanto nos documentos galegos como nos portugueses." (ob. cit., p.460), enquanto "o grafema x aparece, de modo muito esporádico, quer no interior quer no fim de palavra." (ob.cit., p.461); tal não é, como vimos, o que se passa nos documentos agora estudados, onde a variante <x> está longe de poder ser considerada esporádica, dada a elevada frequência das formas em que ocorre. Em contrapartida, a variante <ss> não se encontra nesta posição e a variante <jss> é, como vimos, forma única.

Não tomamos aqui em conta os numerais "sex" e "dex", que surgem com alguma frequência nos documentos estudados, por considerarmos tratar-se de simples latinismos gráficos. O mesmo é válido para a forma "crux", que só num caso, I-26 (37), surge com esta grafia. A hipótese de se tratar de latinismos é bastante plausível, tendo em conta a época de produção e as características dos documentos em questão, os quais apresentam várias palavras e expressões latinas, sendo mesmo, em alguns casos, mistos.

- A fricativa apical sonora, que ocorre apenas em posição intervocálica, é representada, tal como a surda, por <s> ou <ss>, na maioria dos casos. A grafia simples é, no entanto, mais frequente que a geminada.

Exemplos: quiserdes I-1 (32); desende I-2 (16); guysa I-3 (21); possesemos I-4 (61-62); desi I-4 (94); cousas I-5 (58), (66); casa I-6 (65); frééguesia I-7 (53), (60); pousen I-8 (34), (36); ousado I-8 (66); auondoso I-10 (19); poderosa I-10 (82); presentes I-12 (38); baruusa I-12 (128); quiserẽ I-13 (64); deuisões I-15 (21); cousa I-17 (58); poderosso I-18 (64); Sousa I-18 (82); sisso I-19 (45); thesoureyro I-20 (63); guysa I-21 (93); frééguesia I-24 (15); caseual I-26 (53); Sesimbra I-28 (66-67), (99), (103); husa I-28 (91); ousado I-30 (40); pousẽ I-30 (84), (85); cousa I-31 (155); freoguisia I-32 (46); quiser I-33 (38); suso III (37), (39).

Tal como acontece em relação às africadas ou fricativas pré-dorsais, a distinção gráfica entre as apicais surda e sonora não é clara, uma vez que, em posição medial, podem ocorrer as grafias <s> ou <ss>, tanto para o fonema surdo como para o sonoro (Cf. C. Maia, ob. cit., pp. 465-467). Não é, no entanto, de considerar a hipótese de esta indistinção ser indicio de ensurdecimento das sonoras, uma vez que tal ensurdecimento nunca atingiu o território português (Cf. C. Maia, ob.cit., p.467). Trata-se, pois, de uma indistinção meramente gráfica, que, segundo autores como C. Maia (ob. cit., pp. 439-440) e Menéndez-Pidal (1944, vol. I, pp. 220-221), tenderia a desaparecer ao longo do séc.XIII em toda a Península.

Além da indistinção gráfica entre surdas e sonoras, há ainda a registar alguns casos de confusão (apenas gráfica ou também fonológica ?) entre pré-dorsais e apicais:

Aluazíjz	I-8 (20)	pertéésse	I-21 (92)
Garsia	I-9 (10)	pertéésser	I-21 (92)
garsia	I-12 (117), (125); I-13 (93); I-27 (48); I-28 (185)	enpéenser	I-21 (96)
çaquiteyro	I-12 (141)	Crus	I-26 (33)
garsie	I-18 (80)	suzo	I-27 (31), (37)
		Souza	I-27 (50)
		sêêço	I-29 (49)

Existem também vários casos de patronímicos que apresentam uma terminação <s>, por <z>, que, segundo C. Maia (ob. cit., p. 454), é bastante comum nos textos galegos.

Exemplos: enhanes I-5 (92), (93), (94-95); iohanes I-20 (65), I-24 (28), I-27 (69), I-28 (192); gomes I-12 (137); rrates I-20 (64); peres I-27 (57), (59), (61), (66), (68), (69), I-31 (171); Ratis I-31 (166); paes I-31 (170), (172); durães I-32 (65).

Apresenta-se, a seguir, um quadro geral da distribuição das grafias de /s/ e /z/ no conjunto dos documentos.

Quadro 3 - Grafias das fricativas apico-alveolares /s/ e /z/

Docs.	/s/								/z/			
	<s>/<ss>			<x>		<jss>	confusões		<s>/<ss>		confusões	
	b)	c)	d)	b)	e)	b)	a)	d)	c)	d)	c)	d)
I-1	6	8	2	1	-	-	-	-	2	-	-	-
I-2	14	12	1	1	-	-	-	-	6	2	-	-
I-3	18	13	2	1	-	1	-	-	1	1	-	-
I-4	22	33	16	-	-	-	-	-	34	3	-	-
I-5	26	11	7	1	1	-	-	-	7	-	-	-
I-6	7	8	3	1	-	-	-	-	10	-	-	-
I-7	9	6	2	2	-	-	-	-	11	-	-	-
I-8	56	17	4	-	-	-	-	-	28	4	-	1
I-9	12	7	4	-	-	-	-	-	1	-	-	-
I-10	16	8	36	1	-	-	-	-	4	-	-	-
I-11	3	-	1	2	-	-	-	-	1	-	-	-
I-12	40	35	11	2	-	-	1	-	17	1	-	-
I-13	4	6	1	1	-	-	-	-	4	1	-	-
I-14	4	1	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-
I-15	3	7	-	-	-	-	-	-	21	3	-	-
I-16	4	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
I-17	6	10	2	1	-	-	-	-	2	-	-	-
I-18	21	2	8	2	-	-	-	-	8	1	-	-
I-19	13	8	9	-	-	-	-	-	5	-	-	-
I-20	37	12	18	1	-	-	-	-	2	1	-	-
I-21	16	26	4	-	-	-	-	-	3	-	-	-
I-22	19	13	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-
I-23	1	4	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
I-24	9	4	5	1	-	-	-	-	4	-	-	-
I-25	7	6	2	-	-	-	-	-	4	-	-	-
I-26	7	12	4	1	-	-	-	-	1	-	-	-
I-27	32	10	11	4	-	-	-	-	11	1	3	-
I-28	54	30	12	5	-	-	-	-	28	6	-	-
I-29	16	14	12	1	-	-	-	1	10	-	-	-
I-30	38	12	3	1	-	-	-	-	8	4	-	-
I-31	45	14	24	3	-	-	-	-	18	1	-	-
I-32	12	3	4	3	-	-	-	-	13	1	-	-
I-33	7	10	1	1	-	-	-	-	4	-	-	-
III	11	9	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-

- a) Posição inicial
- b) Posição medial implosiva
- c) Posição medial intervocálica
- d) Posição medial não intervocálica
- e) Posição final



Com base nas grafias documentadas, procuraremos, a seguir, responder a algumas questões fundamentais, relativas ao estado de evolução do sistema de sibilantes no período que aqui nos ocupa.

2. Fonética

Em relação ao estado do sistema de sibilantes reflectido nos documentos agora estudados, colocam-se essencialmente quatro questões, duas das quais são interdependentes:

- 1 - Ter-se-iam já as africadas pré-palatais transformado em fricativas?
- 2 - Ter-se-iam já as africadas pré-dorsais transformado em fricativas?
 - 2.1 - Estaria ou não já em curso o processo de neutralização entre pré-dorsais e apicais?
- 3 - Em posição implosiva, as sibilantes seriam ainda pré-dorsais ou apicais ou teriam já articulação palatal?

No que se refere à primeira questão, os dados fornecidos pelas grafias são bastante claros e não deixam, no nosso entender, margem para dúvidas em relação à existência de dois fonemas pré-palatais surdos, um africado, proveniente "da palatalização facultativa de sequências constituídas por /Cl /, tanto no início como no interior da palavra" (Rosa Virgínia Mattos e Silva, 1991, p. 91), outro fricativo, "proveniente do latim <-ssi-, -sse->" (idem, *ibidem*), que nunca se confundem a nível gráfico. Tal assunto não é, aliás, em geral, objecto de controvérsia, sendo normalmente aceite que só no séc.XVII se terão começado a confundir as grafias <ch> e <x> (Cf. Paul Teyssier, 1987, p.53).

Já no que diz respeito à africada ou fricativa pré-palatal sonora, provenientes respectivamente de "/-dj-/, /-gj-/ ou /g^{e,i}/ e /-jv-/, /-sj-/ ou /-se-/" (Mattos e Silva, *ob. cit.*, p.92), a situação é bastante diferente. Neste caso, as grafias que representam a africada são também usadas para representar a fricativa, não sendo assim possível, pela análise das grafias, apurar se ainda existiria ou não, no período em questão, a

africada pré-palatal sonora. C. Maia (1986, p. 472), no entanto, com base em dados fornecidos por documentos galegos onde aparece a grafia <x> em palavras que etimologicamente deveriam surgir grafadas com <ch>, como resultado do ensurdecimento de /dʒ/, considera "altamente provável" que, no caso da pré-palatal sonora, o processo de desafricação estivesse já em curso no séc.XIII. Álvaro Galmés de Fuentes (1962^b, p.111) vai ainda mais longe ao considerar cronologicamente paralelos os fenómenos de desafricação das pré-dorsais (conducente à confusão entre pré-dorsais e apicais) e das pré-palatais: "uno y otro fenómeno, aunque los gramáticos sólo los registren a fines del siglo XVII, debieron ocurrir con bastante antelación.". Não existem, no entanto, quaisquer indícios gráficos que apontem no sentido de uma desafricação das pré-palatais, pelo menos no que se refere à surda, no séc.XIII.

No que diz respeito à segunda questão, verifica-se que a distinção gráfica entre as sibilantes pré-dorsais, provenientes de "/-tj-/, /-dj-/, /-kj-/ e /k^e,i/" (Mattos e Silva, ob. cit., p. 93), e as apicais, provenientes de "/s/ (<s-, -ss-, e -s->)" (idem, ibidem) é, de uma maneira geral, respeitada, tal como acontece, aliás, nos documentos estudados por C. Maia (ob. cit., p. 451) referentes à zona de Entre-Douro-e-Minho. Encontram-se, no entanto, alguns exemplos de confusão que, ainda que pouco abundantes, são todavia mais expressivos que os encontrados por esta autora. Tal facto não pode evidentemente ser dissociado da zona de produção dos documentos (Lisboa, Alcântara, Santarém). Com efeito, Cintra (1963^b, pp.73-75) apresenta também, para a zona meridional do país, vários exemplos de confusão gráfica, que considera indicadores de neutralização entre pré-dorsais e apicais, desde a segunda metade do séc.XIII. José Joaquim Nunes (1902, pp. 263-264) encontra também este fenómeno abundantemente atestado em documentação algarvia do séc.XV. Desta forma, apesar de a escassez dos exemplos não permitir chegar a conclusões seguras, parece-nos ser de considerar a confusão gráfica acima referida como indicadora do início do processo de simplificação do sistema de sibilantes, uma vez que não é possível considerar todos os exemplos encontrados como "trocas esporádicas" em palavras com duas sibilantes (Cf. A. Galmés de Fuentes, ob. cit., p.105). Inclina-mo-nos, assim, a concordar com Cintra (ob. cit., p.75) em fazer remontar à segunda metade do séc.XIII o início do processo de simplificação do sistema de sibilantes, que

já se encontrava também em curso noutras zonas da România. Tal processo deveria, no entanto, estar ainda bastante longe da generalização, uma vez que, de facto, como refere A. Galmés de Fuentes (ibidem), só a partir do séc. XV se multiplicam os exemplos de trocas de sibilantes no português meridional. De qualquer forma, tendo em conta os dados fornecidos por Cintra (ob.cit. pp.73-75) e os agora recolhidos, não nos parece possível aceitar a afirmação de A. Galmés de Fuentes (ibidem) de que só no séc. XV se teria iniciado e no séc. XVI generalizado a confusão de sibilantes. Tal afirmação surge, aliás, reformulada um pouco mais à frente (A. Galmés de Fuentes, ob. cit. p.106) de forma que nos parece mais adequada aos factos: " Los casos de confusion de /s/ y /ç/ del siglo XIII revelan, sin duda, el comienzo de un proceso de desafricación de /ç/ e /z/ que entonces se había iniciado, pero que sólo se generalizaría como cambio fonético regular en los siglos XV y XVI." Menos aceitável ainda nos parece a afirmação de P. Teyssier (ob. cit., p. 50) de que só "... por volta de 1550, confusões começam a aparecer nos textos...", a qual faz tábua rasa dos exemplos apontados por Cintra, J.J. Nunes e A. Galmés de Fuentes, exemplos em número e variedade suficientes para afastar possíveis dúvidas quanto à sua validade, pelo menos no que diz respeito aos documentos do séc.XV.

As confusões de sibilantes estão, sem dúvida, directamente relacionadas com a perda do elemento oclusivo das africadas pré-dorsais (Cf. A. Galmés de Fuentes, ob. cit., p. 107). Uma vez igualados no modo de articulação, a diferença entre os dois pares de sibilantes passou a repousar num único traço, muito frágil: o ponto de articulação, criando assim condições favoráveis à neutralização da oposição fonológica entre /s/ e /s̺/ e entre /z/ e /z̺/. Desta forma, a aceitarmos que o processo de neutralização se teria já iniciado, ainda que de forma não regular e generalizada, na segunda metade do séc.XIII, teremos que aceitar também que, à semelhança do que se verificou na mesma época noutras línguas românicas (idem, ibidem), a desafricação das africadas pré-dorsais teria também já começado a produzir-se, uma vez que a confusão deriva directamente da desafricação.

Finalmente, no que diz respeito à articulação das sibilantes em posição implosiva, mais uma vez, os dados de que dispomos não são em número e variedade suficientes para nos permitirem chegar a conclusões seguras. Trata-se, no entanto, de formas que, ainda que em pequeno número, se repetem ao longo dos textos e que não podem ser interpretadas como latinismos gráficos. Desta forma, inclinamo-nos a concordar com C. Maia (ob. cit., p. 462) em que parece bastante verosímil que, já nesta época, <-s>, <-z> e <-x>, em final de palavra, pudessem ter pronúncia palatal, tal como <-s> e <-x> quando a entrar silaba interior. Além das grafias agora apresentadas (Cf. pp. 94 e 97-98) e das referidas por C. Maia (ob. cit., p. 461), apontam também neste sentido outros factos referidos pela autora (ob. cit., pp. 461-462):

- grafias do mesmo tipo registadas em textos galego-portugueses anteriormente publicados.

- supressão da consoante final de "dous" quando a palavra seguinte começa por consoante palatal, num documento galego.

- rimas entre formas como "fiz", "quix" e "prix", registadas por J.J. Nunes nas Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses (1928, vol. I, p. 364-365) e "quix", "fix", "prix" e "dix", nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X.

Todos os dados referidos parecem contradizer autores como P. Teyssier (1987, p.55), Révah (1958, p.390), Celso Cunha (1974, p. 335) e Serafim da Silva Neto (1970, p.566), que consideram a palatalização de *s* em posição implosiva um fenómeno bastante tardio (entre os séculos XVI e XVIII, segundo P. Teyssier, posterior ao séc.XVI, segundo Révah, de finais do séc.XVII, segundo Celso Cunha e do primeiro terço do séc.XVIII, segundo S. S. Neto). No entanto, o primeiro dado seguro que se conhece em relação a este assunto é, de facto, o testemunho de Verney, em 1746, o qual permite concluir que, na primeira metade do séc.XVIII, a palatalização de *s* em posição implosiva deveria ser já um fenómeno regular e generalizado.

Assim, os dados agora recolhidos constituem apenas mais uma achega à hipótese já anteriormente formulada por autores como J.J. Nunes (ob. cit.) e C. Maia (ob. cit.) e não ainda a sua confirmação, a qual só poderá fazer-se com um número e variedade de dados bastante superiores.

3. Conclusões

Do que aqui se tem vindo a dizer, podem extrair-se algumas conclusões, que vêm corroborar, como vimos, as de outros autores, como C. Maia, Cintra e A. Galmés de Fuentes, entre outros, e que podemos sistematizar da seguinte forma:

1 - No que diz respeito às africadas pré-palatais, apesar das afirmações de A. Galmés de Fuentes (1962^b, p. 111), a regularidade observada no uso das grafias <ch> e <x> não permite, a nosso ver, situar o início do processo de desafricação da surda no séc.XIII. Quanto à africada pré-palatal sonora, apesar de não existirem nos textos estudados quaisquer indícios gráficos que apontem nesse sentido, considera-se que os argumentos apresentados por C. Maia (1986, p. 472) autorizam a supor que o seu processo de desafricação tenha sido contemporâneo do das sibilantes pré-dorsais. Os dados dialectais não infirmam a hipótese de que a desafricação da pré-palatal sonora seja anterior à da pré-palatal surda, uma vez que aquela desapareceu completamente da língua, enquanto esta se mantém viva na região setentrional do país (Cf. Cintra, 1983, p.161). A fase de evolução das pré-palatais presente nos documentos estudados poderia, assim, ser representada pelo seguinte quadro:

Consoantes Pré-Palatais	
Surdas	Sonoras
/tʃ/ ≠ /ʃ/	/dʒ/ → /ʒ/ (?)

2 - Estaria já em curso no séc.XIII o processo de desafricação das africadas pré-dorsais /ts/ e /dz/, que conduziria, por perda do elemento oclusivo inicial, às fricativas pré-dorsais /s/ e /z/.

3 - Uma vez perdido o elemento oclusivo das africadas pré-dorsais, a distinção entre estas e as fricativas apicais passa a residir num único traço, muito frágil: o ponto de articulação, começando, desde logo, a verificarem-se confusões entre os dois pares de sibilantes. Tais confusões indicam que o processo de neutralização entre as sibilantes pré-dorsais e as apicais já teria também, nesta época, começado a produzir-se, como consequência imediata do processo de desafricação de /ts/ e /dz/. A escassez dos dados recolhidos até ao momento para o séc.XIII leva-nos, no entanto, a considerar que ambos os processos estariam ainda no começo. Assim, a fase do sistema de sibilantes que se encontra presente nos textos estudados parece-nos poder ser representada pelo seguinte esquema, adaptado de P. Teyssier (1987, p.50) por Mattos e Silva (1991, p.94):

	Prédorsodentais	Ápico-Alveolares
su	cem / ts → s /	sem / ṣ /
so	paço cozer / dz → z /	passo coser / ẓ /

4 - Quanto à pronúncia das sibilantes em posição implosiva, os dados apresentados levam-nos a considerar a probabilidade de que a palatalização daqueles fonemas em posição implosiva estivesse também já em curso no séc.XIII.

5 - Conclui-se, desta forma, que, na época que aqui nos ocupa, estariam no seu início importantes modificações no sistema das pré-palatais e das sibilantes, que conduziriam a uma simplificação do complexo sistema de quatro consoantes pré-palatais e quatro sibilantes, que, nesta época, apresentava ainda os seus elementos iniciais, mas já em fase de modificação.

NOTAS

(1) Não se fornecem os números e listas de exemplos relativos ao grafema <s> nesta posição e em posição final de palavra, por serem excessivamente numerosos. Assinalam-se, no entanto, os casos de eventual confusão de grafias nestas posições.

(2) Cf. nota 1.

(3) As formas que, como "Spital", apresentam, em posição inicial, grupos consonantais compostos de s + uma ou duas consoantes receberam, ainda no latim vulgar, um e protético, que posteriormente desapareceu em alguns dialectos, sobretudo do norte de Portugal (Cf. Williams, 1961, § 71,1 e 71,1,A e Menéndez-Pidal, 1944, vol. I, p. 176).

Encontram-se, no entanto, nos textos agora estudados, várias formas sem e, que nos parece deverem ser interpretadas como simples latinismos ou pseudo-latinismos gráficos.

2.1.3 Grafias de /b/ e de /v/

1. Grafias

No que diz respeito à oclusiva bilabial sonora /b/, proveniente de "b-, -p-, -bb-, Cb" (Mattos e Silva, 1991, p. 89), encontramos-la quase sempre grafada com , tal como no português actual, tanto em posição inicial como em posição medial (Cf. Quadro 1, p. 112).

O uso das consoantes geminadas <bb> restringe-se a duas formas, onde é etimológico, conservação que se explica por cultismo gráfico:

Abbadessa I-21 (58), (61), (64), (83); I-22 (52), (81), (85); I-25 (39);
abbade I-24 (24).

Quanto à fricativa lábio-dental sonora /v/, encontramos-la normalmente grafada com <u> ou <v>, em posição inicial, em formas provenientes de palavras latinas com "u-", e, em posição medial, em formas provenientes de palavras latinas com "-u-, -f- ou -b-" (idem, ibidem). A primeira grafia, <u>, é, no entanto, bastante mais frequente que a segunda, <v>, tanto em posição inicial como em posição medial. Verifica-se também que o <v> inicial é mais frequente que o medial, enquanto que, em relação ao <u>, se passa exactamente o oposto (Cf. Quadro 2, p. 113).

/b/ e /v/ distinguem-se graficamente na esmagadora maioria dos casos. No entanto, há algumas grafias em que, pela etimologia e pelos resultados modernos, se esperaria , mas se encontra <u> ou <v>, e vice-versa.

O número de exemplos do primeiro caso (Cf. alínea a), existentes em 13 dos 34 documentos estudados, é bastante mais significativo que o número de exemplos do segundo caso (Cf. alínea b), existentes apenas em 7 dos 34 documentos estudados.

a) baruudo I-4 (70); baruusa I-12 (28); Baruosa I-18 (89), I-27 (57); puluega I-6 (66); liuras I-6 (72), I-28 (137), I-29 (45), I-31 (50), (53), (73), (97), (98), (102), (116), (130); liura I-7 (75); arreuate I-8 (73), I-30 (46); arreuatar I-8 (76-77), I-30 (48); auondoso I-10 (19); Aruidro I-10 (32), (34), (42); Setuual I-28 (65), (67), (88), (94), (99), (103-104), (107), (113), (115), (119); ueruo I-31 (148, 2x); Aurãtes III (25-26), (28), (32).

b) pobladores I-1 (19), I-2 (11); poboacion I-1 (28-29); poboadores I-1 (31-32); poblador I-4 (154-155); pobradores I-14 (54); pobóós I-20 (34), (74); pobras I-31 (74-75), (84).

As questões que se colocam em relação a estas formas, e às quais tentaremos responder a seguir, são, em primeiro lugar, a de saber se estaremos, ou não, perante grafias que atestam a confusão fonológica entre /b/ e /v/ (ou /β/) e, em segundo lugar, a de saber se estaremos perante formas de uso genérico ou se, pelo contrário, tais formas estarão relacionadas com o notário ou tabelião que redigiu e / ou trasladou os documentos ou com o local de redacção, bem como verificar a existência de uma eventual evolução, ao longo dos anos, nos resultados obtidos.

Quadro 1 - Grafias de /b/

Docs.	 inicial	 medial intervoc.		 med. n. intervoc.
		<bb>		
I - 1	1	-	4	1
I - 2	4	-	3	2
I - 3	1	-	3	6
I - 4	5	-	16	8
I - 5	13	-	2	6
I - 6	2	-	1	5
I - 7	1	-	1	6
I - 8	10	-	10	5
I - 9	-	-	2	4
I - 10	4	-	2	3
I - 11	-	-	-	3
I - 12	15	-	4	11
I - 13	5	-	9	2
I - 14	-	-	2	1
I - 15	4	-	4	7
I - 16	1	-	3	1
I - 17	-	-	2	4
I - 18	14	-	2	10
I - 19	2	-	8	4
I - 20	14	-	7	22
I - 21	1	4	2	7
I - 22	6	3	1	5
I - 23	3	-	-	2
I - 24	1	1	-	2
I - 25	5	1	4	1
I - 26	1	-	1	3
I - 27	17	-	4	16
I - 28	12	-	2	21
I - 29	3	-	3	7
I - 30	6	-	4	2
I - 31	9	-	6	28
I - 32	5	-	-	6
I - 33	1	-	1	3
III	-	-	2	-

Quadro 2 - Grafias de /v/

Docs.	Posição Inicial		Pos.medial intervoc.		Pos.med.n.intervoc.	
	<u>	<v>	<u>	<v>	<u>	<v>
I - 1	16	6	6	-	4	-
I - 2	20	1	6	-	3	-
I - 3	13	-	8	-	18	-
I - 4	26	8	22	-	23	-
I - 5	24	5	20	1	9	-
I - 6	13	-	1	-	3	-
I - 7	6	7	6	-	3	1
I - 8	49	18	61	-	27	-
I - 9	3	-	3	-	9	-
I - 10	4	-	22	-	32	-
I - 11	2	1	3	-	2	-
I - 12	43	11	17	2	8	-
I - 13	19	13	13	-	7	-
I - 14	2	-	3	-	1	-
I - 15	22	3	4	-	-	-
I - 16	5	-	-	-	2	-
I - 17	3	1	1	-	3	-
I - 18	11	5	9	-	3	-
I - 19	8	-	10	1	4	-
I - 20	6	4	9	-	18	-
I - 21	6	-	10	-	10	-
I - 22	8	2	11	-	9	1
I - 23	3	1	2	-	4	-
I - 24	6	1	5	-	4	-
I - 25	5	-	2	-	13	-
I - 26	8	3	5	-	6	-
I - 27	13	8	17	1	8	-
I - 28	16	3	23	-	9	-
I - 29	8	-	13	-	11	-
I - 30	23	4	24	-	14	-
I - 31	24	9	22	11	22	-
I - 32	7	-	4	-	2	-
I - 33	5	2	4	-	4	-
III	3	-	6	-	1	-

2. Fonética

A neutralização da oposição fonológica entre /b/ e /v/ na Península Ibérica tem sido objecto da atenção de vários autores, nomeadamente no que diz respeito à sua antiguidade, origem e área actual.

Amado Alonso (1967, vol. I, pp. 21-61), baseado no testemunho de gramáticos espanhóis, como Nebrija, e de outros, como Duarte Nunes de Leão, situa a génese do fenómeno nos finais do séc.XV e numa área bastante restrita: a da diocese de Burgos. A partir desta área, o fenómeno ter-se-ia estendido rapidamente ao território de Castela, onde teria já chegado na segunda metade do séc.XVI, com excepção do sul, onde teria chegado um pouco mais tarde.

Outros autores, porém, discordam desta cronologia e da localização da origem do fenómeno, propondo datas mais antigas e áreas de génese mais alargadas.

André Martinet (1970, pp.311-314) é um dos autores que mais recuam no tempo a neutralização da oposição fonológica entre /b/ e /v/, afirmando, com base em documentos do norte de Castela-a-Velha e da Rioja, dos sécs.X e XI, que, já então, se confundiam *b* e *u* consonântico, que seriam usados indistintamente, quer em posição inicial, quer em posição medial. Esta teoria pressupõe, assim, um processo ininterrupto de neutralização, que se verificaria já em latim vulgar. Quanto ao local de irradiação, A. Martinet alarga-o a toda a região de Castela-a-Velha e províncias vizinhas, concluindo que, até finais do séc.XVI, o fenómeno se encontraria confinado àquela região, só podendo falar-se da sua generalização no início do séc.XVII.

Rafael Lapesa (1959, p.147 e nota 1) propõe para a neutralização de /b/ vs. /v/ uma data mais recuada que a proposta por A. Alonso, ainda que não tão recuada como a proposta por A. Martinet, fazendo remontar o fenómeno à fase pré-clássica da língua espanhola (1474-1535). Quanto aos limites do local de irradiação do fenómeno, R. Lapesa alarga-os a Castela e Aragão. Este autor

defende ainda que a distinção inicial se faria, não entre /b/ e /v/, mas entre /b/ e /β/, facilmente confundíveis, uma vez que a distinção entre eles assenta apenas num único traço: o modo de articulação. Tal tese foi também, mais recentemente, sustentada por autores como A. Galmés de Fuentes (1962^a, pp.26-30) e C. Maia (1986, p.473).

Cintra (1959, pp.355-363), partindo da análise dos dados e das opiniões dos autores acima referidos e com base em testemunhos como os de Bernardim Ribeiro, no que diz respeito ao galego, e de Duarte Nunes de Leão, no que diz respeito ao português de Entre-Douro-e-Minho, opõe-se à opinião de A. Alonso, afirmando não ser possível sustentar a cronologia e área de génese do fenómeno apresentadas por este autor, uma vez que seria bastante difícil de explicar uma propagação do fenómeno tão rápida que, a partir do restrito território da diocese de Burgos, atingisse, em cerca de meio século, os territórios da Galiza e de Portugal, entre o Douro e o Minho.

Os exemplos de neutralização entre /b/ e /v/ encontrados nos foros de Castelo Rodrigo, C. Melhor, Cáceres e Usagre "parecem convidar-nos a supor que o desaparecimento da oposição fonológica entre a bilabial e a lábio-dental é mais antigo do que, em geral, ultimamente se tem suposto e não teve uma área inicial restrita, até ao séc.XVI, a Castela-a-Velha e regiões vizinhas" (Cintra, ob. cit., p. 363).

Os factos observados, associados a outros indícios, "...parecem antes sugerir-nos que a confusão surgiu em época muito antiga, e talvez independentemente, em vários pontos da metade Norte da Península. Os vários focos iniciais teriam estendido pouco a pouco a sua acção -- uns, como o de Burgos e o galego, com mais decisão e intensidade que outros, o que contribuiu para os tornar mais notados -- até que as suas áreas se fundiram numa só, que, por meados do séc.XVI, já deveria abranger todo o Norte da Península, incluindo a Galiza e o Norte de Portugal" (idem, ibidem).

Mais recentemente, outros autores, tais como Dámaso Alonso (1962, pp. 155-209), num estudo que abrange toda a România e, em especial, a Península

Ibérica, e C. Maia (ob. cit., pp.473-485), num estudo que abrange a Galiza e a região Noroeste de Portugal, fornecem também numerosos exemplos que dão consistência à hipótese de que a neutralização entre /b/ e /v/ (ou entre /b/ e /β/) seria um fenómeno muito antigo que atingiria, já no séc.XIII, a zona norte do território português, ainda que de forma não regular e generalizada.

Os exemplos de neutralização encontrados em Portugal são, em geral, provenientes de documentos redigidos na região norte do país, mais concretamente na região de Entre-Douro-e-Minho, que é inegavelmente a zona onde terão existido os mais antigos e importantes focos de neutralização entre /b/ e /v/ (Cf. Adelina Angélica Pinto, 1980, p.643), tendo a sua difusão para sul do Douro sido provavelmente impulsionada pela Reconquista.

Coloca-se então a questão: qual a razão por que o fenómeno trazido para sul do Douro com a Reconquista não terá abrangido todo o território ? Tal questão tem sido, ainda recentemente, objecto de atenção por parte de alguns autores, entre os quais A.A. Pinto (ob. cit.) e C. Maia (ob. cit.), que fornecem para este facto explicações diversas.

A.A. Pinto (ob. cit., p. 644) defende, com base na afirmação de Rui de Azevedo (1937, pp. 8-14) de que, durante o período das lutas da Reconquista, as regiões a sul do Mondego e a parte oriental da Beira Alta se encontrariam "muito despovoadas", a já famosa e muito contestada "tese do ermamento". De acordo com esta tese, teria sido a "escassez e dispersão da população..." nas referidas regiões o factor responsável pela não penetração do fenómeno de neutralização entre /b/ e /v/ na zona sul do país.

C. Maia (ob. cit., pp. 483-485), com base em autores como Jaime Cortesão (1974) e Orlando Ribeiro (1965), aos quais se poderiam acrescentar outros como Oliveira Marques (1980, p.114), por exemplo, refuta esta tese apresentando outra, a nosso ver bastante mais fundamentada. De acordo com esta autora, o papel de travão da mudança fonológica em questão dever-se-á, não ao "ermamento", que nunca se terá, de facto, verificado, mas sim à existência, no período da Reconquista, de importantes núcleos moçárabes que distinguem

claramente /b/ e /v/, os quais terão contribuído para a transformação dos idiomas vindos do norte (Cf. também Harri Meier, 1942, p.512).

Regressando à questão colocada no ponto 1 deste capítulo, apesar de o fenómeno de neutralização não se ter estendido a todo o país (sobre a área actual deste fenómeno Cf. Cintra, 1983, pp. 160-161), podemos constatar que existiam, na época e na(s) zona(s) de produção dos documentos que aqui nos ocupam, condições para o aparecimento de grafias reveladoras de neutralização.

Embora não se conheçam exactamente as condições do repovoamento do território, é certo que as soluções encontradas pelos reis e pelo clero terão passado pela promoção, através de todos os meios possíveis, da emigração do Norte, o que, além de resolver o problema do repovoamento, contribuía para a manutenção do equilíbrio entre as zonas Norte e Sul do país (Cf. O. Marques, ob. cit., p.115). Também O. Ribeiro (ob. cit., p.196) corrobora estas afirmações ao afirmar que, "embora deslocado para o sul o fulcro da vida portuguesa, nele se incorporou o escol político e administrativo do país, em grande parte proveniente do Norte, onde a nobreza tinha os solares e as remotas raízes". Desta forma, não seria pois de estranhar que, na Chancelaria de D. Afonso III, pudessem existir escribas provenientes da zona Norte do país e que Jaime Eanes (o escriba responsável pela esmagadora maioria dos traslados, 29 em 34) fosse um deles.

As grafias referidas no ponto 1 (alíneas a e b) não são, no entanto, conclusivas a esse respeito. No que diz respeito às primeiras (alínea a), sabe-se que provêm de étimos latinos ou latinizados com *-b-*, o qual teve como resultado no português a labiodental /v/ nos seguintes contextos:

- 1 - Entre vogais;
- 2 - Depois de *l*;
- 3 - Depois de *r* (Cf. Huber, 1933, trad. port., § 169).

Esta transformação, que é bastante antiga, ter-se-ia já dado no séc.II d.c. (Cf. S. S. Neto, 1970, p. 208 e Lausberg, 1956/63, trad. port. , § 366).

Encontram-se nas condições referidas em 1, 2 e 3 as formas "arreate", "arreatar" e "auondoso" (condição 1) e "baruudo", "baruusa", "Baruosa", "Aruidro" e "ueruo" (condição 3).

Em "puluega", verificou-se a metátese do grupo consonântico *bl*: *bl* > *lb* (condição 2) > *lv* (Cf. Huber, ob. cit., § 285). A forma com metátese alterna, nos documentos estudados, com a forma maioritária, "publico" e variantes, sem metátese e com manutenção do grupo consonântico *bl* ou transformação do *l* em *r*.

Quanto a "liura" e "liuras", é forma muito frequente no português arcaico, em geral, e nestes textos, em particular, e surge sempre atestada com <u>. O seu desenvolvimento não pode, porém, ser considerado regular, uma vez que "liura" provém do latim LIBRA e, neste grupo latino (*br*), o *b* se mantém depois de acento tónico, na maior parte dos casos (Cf. Huber, ob. cit., § 167). No entanto, o mesmo Huber ressalva alguns casos em que, pelo contrário, *br* > *vr* (*labrusca* > *lavirusca* (port.mod. *labrusca*)) e deixa em aberto a questão: "... será lícito concluir, dada a existência de *-vr-* a par de *-br-*, que todo o *b* entre vogal e *r*, tal como no português moderno, se pronunciava como fricativa bilabial?". Os dados de que dispomos não nos permitem responder a esta questão.

Finalmente, no que diz respeito aos topónimos "Setuual" e "Aurãtes", o primeiro é, segundo José Pedro Machado (1984), proveniente da palavra celta "setobriga", que os cultos escreveriam "Caetobriga" e que os muçulmanos terão alterado para "xetūbr" (condição 3). Quanto a "Aruãtes", é palavra de origem obscura (Cf. J.P.Machado, ob. cit.).

Nas formas referidas (ponto 1., alínea a) verificaram-se ainda, posteriormente, outros desenvolvimentos: "Algumas palavras têm *v* em português arcaico, mas *b* no moderno, por regressão...." (Williams, 1961, § 72,1,A). Menéndez-Pidal (1941, § 34,1) apresenta uma explicação possível para este fenómeno: " tras consonante *r* o *l* hay tendencia a la *b*", explicação que, em todo o caso, não é válida para as formas abrangidas pela condição 1.

Um caso diferente dos acima referidos é o de "uodo" I-2 (33), proveniente do latim VOTUM. Esta forma, atestada também por Cintra (1959, p. 359), entre outros, com esta mesma grafia, é proveniente de *u-*, que teve como resultado no português /v/, com exceção de algumas palavras, nas quais sofreu um desenvolvimento posterior para /b/ (Cf. Williams, ob. cit., § 61,4,A). Tal desenvolvimento, difícil de explicar, é atribuído por Menéndez-Pidal (1941, § 37,2,a e § 34,1 e 1944, vol. I, pp. 172-173) a uma tendência para pronunciar o /v/ como [b] em posição inicial.

Quanto às formas apresentadas na alínea b, trata-se de palavras pertencentes a uma mesma família, a dos derivados do latim PŎPŬLUS. O *-p-* intervocálico latino teve como resultado em português a bilabial /b/ em formas como *apŭculam* > abelha; *lŭpum* > lobo; *rĭpam* > riba; *sapit* > sabe (Cf. Williams, ob.cit., § 72,4). No entanto, tal como no grupo de formas acima referido (alínea a), verificaram-se, em algumas palavras, desenvolvimentos posteriores: fricativação do /b/ resultante da sonorização de *-p-*: *-p-* > *-b-* > *-v-*. Williams (ob. cit., § 72,4,A) e Nunes (1975, § 40A, 1º, obs.I) referem algumas formas em que *-p-* sofreu este tipo de desenvolvimento: *pŏpŭlum* > poboo > povo; *praesaepem* > preseve (arcaico), mas moderno pesebre; *propinquum* > provinco (Eluc.); *scŏpam* > escôva. O primeiro dos autores referidos, Williams (ibidem), avança como explicação possível, em algumas palavras, para o referido desenvolvimento, a dissimilação. Tal explicação não é, no entanto, aplicável às formas que aqui nos ocupam. O segundo, Nunes (ob. cit., § 40,B,1º), refere-se à "permuta entre *b* e *v*" como regra e, em nota ao referido parágrafo, explica esta permuta por "influência erudita e em especial (pela) confusão, que já no próprio latim clássico se produzia entre as duas consoantes". Huber (ob. cit.), em nota ao parágrafo 162, vai um pouco mais longe que Nunes, ao referir a possibilidade de, "já no português antigo, o *b* entre vogais e entre vogal e *r* se (pronunciar) da mesma maneira que no português moderno, como fricativa bilabial.", com base na atestação de formas como "povoo", "povo", "pov(o)rar", "povoar", ao lado de "poboo" < PŎPŬLU, "pobrar" < PŎPŬLĀRE. As grafias por nós registadas nos documentos da Chancelaria de D. Afonso III, talvez por datarem do início da época arcaica, não permitem apoiar esta hipótese de Huber, uma vez que não encontramos formas com <v> com o referido étimo.

Os derivados de PÖPŪLUS, que Corominas (1980-91) documenta pela primeira vez no Cantar de Mio Cid, formam um grupo de palavras fortemente relacionadas com o repovoamento do território e de grande uso, o que explica, segundo J.P.Machado (1977), "a existência em português não só do grande número delas, mas também de diversos radicais que são: *pov-*, *pob-*, *povor-*, *pobor-*, *pobr-*, *pobl-*, *po-*, *pol-*".

Corominas (ob. cit.) atesta, no séc. XIII, três sentidos diferentes para a forma "pueblo":

1 - Conjunto de cidadãos de uma determinada comunidade política (este é o sentido documentado no Cantar de Mio Cid).

2 - Qualquer conjunto de pessoas.

3 - Localidade.

Este terceiro sentido é o que se relaciona mais fortemente com o repovoamento do território e é precisamente o que encontramos nas atestações desta forma (Doc. I-20, ls. 34 e 74). Todas as restantes formas, "pobladores" e variantes e "pobras" (derivado de pobrar), se relacionam directamente com o repovoamento.

Sendo o termo "povo", na acepção 3, de "lugar", palavra de origem românica correspondente à palavra de origem arábica "aldeia" e estabelecendo esse grupo de palavras duas áreas lexicais: Norte / Sul (Cf. O. Ribeiro, ob. cit., p.183), coloca-se a hipótese de serem estas formas importações do castelhano-leonês, trazidas para sul com a Reconquista. Note-se ainda que se verificam em algumas das formas registadas, "pobladores" e "pobras", evoluções que ocorrem apenas em palavras mais ou menos eruditas e importadas de outras línguas: *pl* > *pr*, no interior *br* (Cf. Huber, ob. cit., § 249,1). Leite de Vasconcelos (1936, vol. II, p.258), ao referir-se ao termo "póvoas", que, nos documentos da Chancelaria de D. Afonso III, aparece, como vimos atrás, sistematicamente grafado com *br*, "pobras", e designa as "povoações fundadas de novo", remete para o espanhol "carta-puebla", "diploma en que se contiene el repartimiento de tierras que se daba a los nuevos pobladores del sitio o paraje en que se fundaba pueblo" (Diccionario de la Academia Española). Nas "cartas-pueblas" espanholas estará

certamente a origem dos forais portugueses, bem como de toda uma série de termos ligados ao repovoamento do território, entre os quais os derivados de PŎPŬLUS, a que nos vimos referindo. Tais formas conservam, no castelhano, o *-b-* directamente resultante da sonorização de *-p-*. Menéndez-Pidal, no Cantar de Mio Cid (vol. I, p. 177), afirma que "la *p* se hace *b*, nunca *u*..." e A. Martinet (1970, p.31) que "...le castillan tardif présente *-b-* comme l'aboutissement de *-p-* latin intervocalique...". Na zona galego-portuguesa, o *-p-* intervocálico sofreu, em certas palavras, como acima referimos, um desenvolvimento posterior para *-u-*. Tal desenvolvimento não terá, no entanto, ocorrido antes dos séculos XIV - XV, época em que começam a surgir as primeiras atestações de *-u-*, inicialmente a par de *-b-* (Cf. Ramon Lorenzo, 1977, vol.II, p.1012 e C. Maia, ob. cit., p.475).

Nos documentos agora estudados, não se encontram casos de alternância entre e <v> nos dois grupos de formas referidos em 1.(alíneas a e b), o que parece revelar não estarem ainda em curso nesta época (1255-1279) os desenvolvimentos que posteriormente se verificariam. Trata-se, pois, de uma fase intermédia na evolução destas formas que é também revelada pelo seu uso generalizado na Chancelaria de D. Afonso III.

Com efeito, e apesar de se tratar de um número pouco significativo de formas, verifica-se que as suas ocorrências se distribuem de forma bastante homogénea pelos 34 documentos estudados, os quais são, como já vimos, provenientes de várias zonas do país e redigidos por vários notários e tabeliães num período de 24 anos (1255 - 1279), embora, na maior parte dos casos, tenham sido trasladados para os Livros da Chancelaria por Jaime Eanes, notário da Chancelaria, cerca de 1270 (1270 - 1280).

Desta forma, devido a tudo o que acima fica exposto, parece-nos não restar dúvida de que as grafias referidas (Cf. ponto 1., alíneas a e b) não representam casos de confusão entre e <v>, indicadores de uma neutralização fonológica entre /b/ e /v/, mas sim uma fase intermédia das evoluções fonológicas que, em determinados grupos de palavras, entre as quais se inserem as que se documentam na Chancelaria de D. Afonso III, conduziriam às formas do português actual. Por outro lado, a homogeneidade de distribuição das

referidas grafias ao longo dos anos e em textos produzidos por escribas diferentes e, em alguns casos, de diferentes origens (os casos referidos ocorrem em textos de Lisboa, Santarém, Coimbra e Abrantes) parecem indicar estarmos perante grafias de uso comum e generalizado na época.

Finalmente, se tivermos em conta que as formas referidas em 1 se encontram, quer no Livro I, datável de cerca de 1270, quer no Livro III, datável de cerca de 1280, poderemos concluir que, pelo menos até cerca de 1280, não se encontram na Chancelaria de D. Afonso III quaisquer indícios de que os desenvolvimentos posteriores a que nos referimos estivessem já em curso na língua da corte.

2.1.4 O uso do grafema <h>

1. O uso de <h> é, no corpus estudado, bastante diferente do actual, apresentando, no entanto, alguns pontos de contacto com ele. Procuraremos, a seguir, identificar esses pontos, bem como registar as regularidades observadas no uso deste grafema.

1.1. Posição inicial

a) Nesta posição, o <h> é inequivocamente etimológico nas seguintes formas:

- herãças, s.f., < lat. hisp. HERĚNTIA , I-29 (9); I-31 (88).
- herdade, s.f., < lat. HEREDĪTAS, -ATIS , I-1 (20, 2x), (30), (53), (55);
I-2 (12), (13), (42); I-4 (132); I-15 (27).
- herdamento, s.m., derivado de herdar, < lat. HEREDITĀRE , I-4 (58),
(71), (110); I-10 (88); I-22 (54), (58).
- herdamētos, s.m., - I-10 (20), (43), (60), (73); I-14 (52); I-20 (108-109);
I-21 (60), (64), (70), (75).
- herdamentos, s.m., - I-22 (75); I-31 (40), (44), (52), (54), (55), (57),
(72), (75), (77), (85), (88), (95), (120), (130).

- hereo, s.m., < lat. HĚRĚDĪTĀRĪUS , I-31 (87).
- hereos, s.m., - I-31 (133), (134).
- herees, s.m., - I-31 (107), (112).

- homē, s.m., < lat. HŎMŎ , - INIS- , I-8 (88), (98), (127); I-28 (88);
I-30 (58), (59).
- homéés, s.m., - I-1 (51); I-2 (17-18); I-4 (74); I-5 (68); I-18 (45),
(47); I-19 (38); I-20 (41); I-21 (100); I-24 (17), (20);
I-26 (33), (38), (41), (46); I-27 (5), (7); I-28 (116), (118).

- ha, v., < lat. HABĒRE , I-33 (36),
- hã, v., - I-8 (56), (145); I-28 (114),
- hey, v., - I-27 (22).

- humildosamente, adv., derivado de humildade < lat. HŪMĪLĪTAS,
-ATIS , I-25 (40).

No entanto, o uso de <h> nestes casos não é sistemático. Notem-se, por exemplo, formas como: erdade I-2 (46); erdamêto I-12 (54); oméés I-1 (51); I-2 (35); I-12 (36); omě I-8 (39); Auer I-5 (57); aua I-10 (50), I-21 (72) e aia I-10 (60), entre outras.

b) Paralelamente aos casos apresentados, em que o <h> é etimológico, encontra-se um número bastante significativo de exemplos em que a base etimológica é inexistente:

- hy, adv., < lat. IBĪ, com provável interferência de HĪC (Cf. A.G. Cunha, 1989) - I-2 (17); I-5 (56); I-6 (70), (73), (75); I-8 (104), (132); I-10 (33), (36), (58), (59), (80), (83), (88); I-12 (52), (62), (64); I-15 (37); I-20 (76), (78), (80); I-21 (72); I-22 (80); I-23 (58); I-24 (16), (17); I-27 (22), (24), (28); I-28 (81), (113), (115), (123), (134), (146), (161); I-29 (25); I-30 (70); I-31 (61), (69).

- he, v., < lat. SĚDĒRE, fundido com formas do latim ĚSSE (Cf. A. G. Cunha, ob. cit.) - I-5 (73); I-10 (60); I-28 (128), (148); I-30 (33), (72); I-33 (37).

- (nē) hũa, pron., < lat. NEC ŪNA - I-5 (67); I-10 (81); I-12 (103); I-21 (89); I-22 (70, 2x); I-27 (35); I-28 (156); I-31 (75), (96), (120-121), (139).

- (nē) hũu, pron., < lat. NEC ŪNUS - I-8 (43); I-28 (121), (155); I-31 (96).

- hũu, art./ pron./ num., < lat. ŪNUS - I-6 (71); I-8 (43); I-10 (70), (73); I-15 (25), (37); I-19 (41); I-28 (106, 2x); I-29 (57); I-30 (91); I-31 (55), (56), (66); III (41).

- hũa, art./ pron./ num, < lat. ŪNA - I-8 (43); I-10 (79); I-15 (23); I-21 (69); I-22 (51); I-28 (60), (152), (154), (176); I-29 (5), (15), (30), (49), (52), (53); I-30 (76), (92), (93); I-31 (109), (117), (149); I-33 (34), (42).

- hu, adv., < lat. * ŪBĪ, em vez de ŪBI (Cf. A.G. Cunha, ob. cit.) - I-8 (27),(42), (50), (112), (137), (153); I-13 (63); I-28 (135); I-30 (90); III (32).

- ho, art./ pron, < lat. ŪLLU - I-8 (27), (118); I-10 (60); I-28 (84), (150), (173).

(m)hos, art./ pron., - I-33 (41),

- ha, art./ pron., < lat. ŪLLA - I-8 (103), (170); I-16 (39); I-28 (113), (114), (117), (127), (137), (146), (150), (151), (164); I-33 (36).

has, art./ pron., - I-8 (145).

- hyr, v., < lat. ĪRE - I-10 (30),

- hyrmão, s.m., < lat. GERMĀNUS - I-20 (100).

- husa, v., < lat. * ŪSĀRE ,frequentativo de ŪTI, (Cf. A.G. Cunha, ob. cit.) - I-28 (91).

- heriz, apel., < lat. ERIZIZI ,duplo patronímico, de ERIZI. O nome base seria Erus ou Ero, de provável origem germânica (Cf. A. G. Cunha, ob. cit.) - I-31 (171).

Se, no primeiro caso, "hy", se pode atribuir à "provável interferência de HĪC" (A.G.Cunha, ob. cit.) a grafia com <h>, ficam, no entanto, por explicar todas as outras formas. Tão pouco a assistemática característica da ortografia da época permite explicá-las por qualquer espécie de convenção.

Williams (1961, § 27,2) formula a hipótese de que, em casos como os de ha por a (artigo); hi por i ou y; hir por ir; hu por u; hum por um; husar por usar, etc, o <h> tenha sido usado em posição de início de palavra para indicar o hiato com a vogal final da palavra precedente. Mais tarde, esquecido este objectivo, o <h> teria passado a ser considerado parte da grafia regular destas palavras. Segundo o mesmo autor (ob. cit., § 27,2 A), no caso de he, o <h> seria talvez usado para distinguir o verbo da conjunção copulativa e.

1.2. Posição medial

É em posição medial que o emprego de <h> é mais frequente e diversificado.

a) Nesta posição, o <h> é etimológico nos seguintes casos:

- Thome, antr. m., (considerado a forma popular de Tomás) < lat. bibl. THOMAS, talvez através do genitivo THOMAE, com a respectiva deslocação da tónica, segundo J.P. Machado (1984) - I-4 (62), (79), (109); I-20 (63).

- Johã, antr. m., < hebr. iohanan, pelo grego iōánēs ou iōáñnes e, depois, pelo latim JŌ(H)ANNE, de JŌ(H)ANNES - I-1 (62); I-2 (52); I-3 (39); I-4 (72), (105), (111), (114), (140), (155), (158), (163), (165), (166, 2x), (167), (170), (172), (179); I-5 (89); I-7 (54); I-10 (94); I-12 (118), (127); I-13 (91), (94); I-15 (32), (47); I-18 (81), (88); I-19 (45); I-20 (48), (53), (55), (56), (63); I-23 (64); I-24 (27); I-27 (49), (56), (59), (60, 2x); I-28 (180), (186), (193); I-31 (159), (163), (175).

- Johãna, antr.f., (Cf. Johã) - I-29 (1), (7, 2x), (10-11), (12), (19-20), (32), (38), (43-44), (55).

- enhanes, apel., < IOHANNICI, patronímico do lat. IOHANNES, donde João (Cf. Johã). De IOHANNIS (ainda usado no latim bárbaro) surgiu * Eoanes e, depois, Eanes, já atestável em 1258, de acordo com J.P.Machado (ob. cit.). Ao lado de Eanes, havia Joanes, este, patronímico directo de Joane (Cf. Johã) - I-5 (92, 93, 94-95).

- Johãne, antr. m., (Cf. enhanes) - I-4 (179).

- iohanes, apel., (Cf. enhanes) - I-20 (65); I-24 (28); I-27 (69); I-28 (192).

- iohanis, apel., (Cf. enhanes) - I-18 (96), I-19 (28), (45).

- bartholomeu, antr.m., < lat. BARTHOLOMĒUS (-AEUS). A forma latina deve-se, segundo J.P.Machado (ob. cit.), ao grego Bartholomaïos, recebido do hebreu, que, por sua vez, a importou do siríaco Bartalmāi, de bar, "filho", e talmai, antr. m. - I-4 (177), I-12 (132); I-18 (95); I-27 (63); I-32 (46), (56-57), (64).

- Matheus, antr. m., < gr. Matthaïos, pelo latim MATTHAEUS, ao lado de MATTHEUS - I-5 (103), (105); I-12 (130); I-18 (93); I-27 (63) .

- Thareia, antr. f., variante de Teresa < lat. T(H)ERESIA, de origem obscura, segundo J.P.Machado (ob. cit.) - I-25 (49).

- thesoureyro, s. m., < lat. THĒSAURĀRĪUS - I-20 (63).

- archidiagóó, s. m., < lat. ARCHIDIĀCŌNUS - I-28 (189-190).

b) No entanto, existe também um grande número de vocábulos em que o <h> não é etimológico, tal como acontecia em posição inicial. Entre eles, há a considerar vários casos:

1 - Casos em que o <h> marca o hiato entre vogais diferentes ou de qualidade diferente.

- Loruaho, top., < lat. *LAURĪBANU-, relacionado com o lat. LAURUS- I-10 (68).

- ũha, num., < lat. ŪNA - I-4 (141).

- trahedor, s. m., < lat. TRĀDĪTOR, -ŌRIS - I-5 (80).

- uehessem, v., < lat. VĒNĪRE, - I-17 (43).

- mehudo, adj. m., < lat. MINŪTUS, part. pass. de MINUĒRE - I-8 (86).

- maḥóós, s. f., < lat. MĀNUS, -US - I-16 (39).

- ahos, prep.+ art., < lat. ĀD + ĪLLU - I-16 (43).

- contehudo, adj. m., < lat. CONTĪNĒRE - I-21 (78).

- Muḥiõ, s. m., < lat. tard. MŌLĪNUM, - I-17 (43).

Note-se que, em formas como "trahedor", "maḥóós" e "ahos", a grafia com <h> representa uma fase da evolução destes vocábulos anterior ao desenvolvimento dos ditongos [aj], [ãõ] e [aw], respectivamente.

2 - Casos em que o <h> é usado depois de consoante, com valor de [i] ou [j]

- Neuha, top., de Neiva, < lat. vulg. lusitano *Naebia, formado do latim NAEBIS, "Neiva", "por analogia com Límia", segundo Leite de Vasconcelos. Para J. P. Machado (ob. cit.), trata-se seguramente de vocábulo pré-romano

"quicá relacionado com Nabia, Nabius, deus galaico-lusitano". - I-24 (16); I-27 (48).

- Pauha, top.. Forma antiga de Paiva. J. P. Machado (ob. cit.) crê tratar-se de nome pré-romano passado por um lat. *PAVIA - I-18 (88).

- mha, pron. poss., < lat. MĚA, pelo latim vulgar MIA - I-1 (59); I-2 (49); I-3 (27), (29), (30); I-5 (48), (53), (64), (77), (83); I-6 (58); I-7 (53), (59), (63-64); I-8 (168); I-10 (29), (37); I-12 (40), (44), (45, 2x), (47), (98), (99), (100-101), (102), (106), (107, 2x), (109), (113, 2x); I-13 (77); I-14 (55); I-17 (41), (43), (49, 2x), (52), (56, 2x); I-18 (51), (55, 2x), (56), (58), (62), (64), (65), (66), (70), (75), (76); I-19 (51); I-20 (36), (42), (43), (47), (115); I-21 (62), (66), (67), (97); I-24 (12), (15), (25); I-26 (39), (56); I-27 (11), (16, 2x), (18), (19), (30), (31), (33), (34), (38), (39, 2x), (43, 2x); I-28 (69), (171), (172); I-29 (15); I-30 (103); I-31 (116); I-32 (49), (69), (70), (71), (72); I-33 (28), (44).

mhas, pron. poss., - I-5 (50); I-10 (92); I-11 (38); I-12 (42-43), (48), (115); I-18 (53), (77); I-20 (46), (97), (117); I-21 (65), (78), (86); I-27 (13), (45); I-28 (71); I-29 (29); I-32 (55).

- mhos, pron. poss., < lat. MEUM - I-33 (41).

- gamho, s. m., < lat. tard. GAMMUS - I-8 (82).

- Comha, s. f., < lat. CALŪMNIA - I-28 (113).

- Legumha, s. f., < lat. LEGŪMEN, -INIS - I-8 (139-140); I-30 (76).

- termhos, s. m., < lat. TERMĪNUS - I-14 (52, 2x), (55); I-15 (57); I-18 (61); I-26 (39); I-31 (46), (53), (131).

termho, s.m., - I-15 (22); I-28 (141); I-31 (98).

- sabhades, v., < lat. SAPERE - I-16 (40).

sabham, v., - I-33 (25).

- Andamhos, s. m., de andar, de origem controversa, talvez de *ambĭtāre, com uma terminação ainda não suficientemente esclarecida. O étimo árabe add'âim, "vigas", não satisfaz, segundo A.G.Cunha (ob. cit.) - III (33).

3 - Casos em que o <h> surge como componente dos dígrafos <ph>, com valor de [p] ou [f], <th>, com valor de [t], <ch>, com valor de [t] ou [k], <lh>, com valor de [λ], e <nh>, com valor de [ŋ].

- <ph> - alaphõe, top., < ár. al - akhūān - I-5 (93).

- <th> - Athalayas, s. f., < ár. aṭṭalā'i'a - I-4 (136).
 - Tholedo, top., < lat. TOLĒTUM - I-3 (11).
 - methaes, s. f., < cat. metall, derivado do lat. METALLUM e, este, do gr. me'tallon - I-28 (79-80).
 - Nathal, s. m., < lat. NĀTĀLIS, -E - I-1 (41).

- <ch> - Nicholao, antr. m., < gr. nikólaos, pelo lat. NICŌLĀU - I-4 (178-179); I-12 (139).
 - Sancho, antr. m.. J. P. Machado (ob. cit.) julga tratar-se de nome místico, do latim SANCTU-, chegado ao português por via leonesa - I-20 (100), (105-106).
 - Sancha, antr. f., (Cf. Sancho) - I-5 (51); I-6 (61); I-10 (67-68), (69), (77); I-12 (43); I-18 (54); I-20 (46-47), (95-96), (102), (112); I-27 (14); I-28 (72); I-32 (52).
 - chacĩ, apel., antiga alcunha. De Chacim (top.), do antigo s. m. chacim, "porco", ou, pelo menos em alguns casos, de *Flacini (villa), genitivo de Flacinus, antr. (Cf. J. P. Machado, ob. cit) - I-29 (5).
 - Chãcino, apel.. Relacionar-se-á com Chacĩ? J. P. Machado (ob. cit.) não faz qualquer referência a este nome - I-20 (64).
 - bochardo, apel.. Não há quaisquer referências à origem deste nome. J. P. Machado (ob. cit.) atribui-lhe apenas uma data de entrada, que coloca entre 1279 e 1325 - I-7 (54):
 - Chaues, top., < loc. lat. FLAVIIS, donde FLAVIS, em homenagem à gens Flavia, a que pertencia o imperador Vespasiano, que a fundou em 78, segundo J. P. Machado (ob. cit.) - I-5 (93); I-12 (125).

- Culuchi, top. Forma antiga de Coruche, de origem obscura, segundo J. P. Machado (ob. cit.) - I-31 (175).
- Chunbo, s. m., < lat. PLŪMBUM - I-5 (84); I-20 (92); I-27 (44).
- Chanceler, s. m., < fr. Chancelier, derivado do lat. CANCELLĀRIUS - I-1 (61-62); I-2 (52); I-5 (107); I-10 (36-37); I-17 (47), I-18 (97); I-20 (49-50); I-27 (71).
- chamã, v., < lat. CLAMĀRE - I-15 (34), (39), (47).
- chamar, v., - I-17 (41); I-20 (41); I-26 (36).
- chamados, v., - I-8 (20); I-24 (19).
- chamarõ, v., - I-17 (52).
- chamada, v., - I-9 (13).
- bescha, s. f., < lat. BĚSTĪA - I-8 (38), (45), (50), (64); I-30 (87), (93), (98).
- beschas, s. f., - I-8 (32), (33), (38); I-30 (82), (83), (87).
- ychaes, s. m., derivado de ucha < fr. huque, procedente de uma antiga forma peninsular, hŭtica, de origem desconhecida, talvez germânica, como o pode sugerir o étimo inicial, de acordo com J. P. Machado (ob. cit.) - I-12 (140).
- merchandia, s. f., variante de mercancia (XVI). Do it. mercanzia, derivado do lat. MERCANTĪA, nome neutro, plural de MERCANS - I-8 (34), (39-40); I-30 (83), (88).
- merchãdias, s. f., - I-8 (35), I-30 (84).
- achada, adj. f., < lat. AFFLĀRE, "soprar". A evolução semântica explica-se, segundo A. G. Cunha (ob. cit.), pelo facto de o vocábulo ter origem na linguagem dos caçadores. Do sentido primitivo do latim, "soprar", passou-se ao de sentir a proximidade da caça pelo odor, farejar. Daí, descobrir, encontrar a caça. - I-12 (37); I-18 (48); I-27 (7);
- achado, adj. m., (Cf. achada) - I-2 (39); I-31 (67).
- acharẽ, v., (Cf. achada) - I-13 (61), (67), (69), (86), (88); I-20 (69); I-28 (122-123).
- achei, v., (Cf. achada) - I-7 (66); I-13 (59), (66-67); I-29 (39), (42).

- criscaos, s. m., < lat. CHRISTIĀNUS, do hierónimo Christus, "Cristo" - I-13 (85), (86).

- Arronches, top. J. P. Machado (ob. cit.) coloca a hipótese de se tratar de uma forma de origem arábica ou, pelo menos, passada pela "feira arábica" - I-12 (126).

- chagarẽ, v., < lat. PLAGĀRE - I-28 (109).

chagar, v., - I-28 (110)

Em relação aos dígrafos <lh> e <nh>, introduzidos em Portugal neste reinado, cf. " O uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /λ/ e /ɲ/ ".

Não se encontram nos documentos estudados quaisquer exemplos do uso de <h> em posição final.

2. Conclusões

Do que fica exposto, podemos concluir que o uso de <h> na época medieval era bastante frequente, pelo menos na Chancelaria real. Tal facto dever-se-á eventualmente à influência do Provençal, onde este grafema era bastante frequente e se encontram bastantes casos de <h> não etimológico, nomeadamente num escriba da região de Toulouse (Cf. Grafström, 1958, § 51,3). Apesar da assistemática do seu uso, que se enquadra na assistemática geral da grafia da época, verifica-se que, de então para cá, o uso desta grafia se restringiu, sobretudo em posição medial, onde o seu uso era, como vimos, bastante significativo, apresentando valores e funções bem definidas. A evolução da língua, por um lado, e a progressiva estabilização da ortografia, por outro, fariam desaparecer a grande maioria dos <h> não etimológicos, bem como o <h> anti-hiático e o <h> com valor de [i] ou [j], depois de consoante. Este último mantém-se apenas nos dígrafos <lh> e <nh>.

Particularmente interessante para nós é o facto de o uso de <h> parecer ser uma característica dos textos da Chancelaria, não em oposição aos textos produzidos no norte do país, onde este grafema "é muito frequente" (Cf. C. Maia, 1986, p. 423), mas em oposição aos textos do sul do país (Cf. Foros de Garvão). Com efeito, enquanto C. Maia encontra a grafia <h> abundantemente documentada nos textos provenientes do Minho e Douro Litoral, Helena Garvão (CP) apenas regista alguns casos de <h>, no dígrafo <ch>, nos Foros de Garvão. Além disso, verifica-se também que os documentos I-4 e I-19, produzidos na região de Évora, praticamente não apresentam exemplos de <h> não etimológico, a não ser, esporadicamente, nas formas "hũu" e "mha".

Tais factos levam-nos a colocar a hipótese de que o uso de <h> não etimológico, comum, como vimos, em todo o país, com excepção da zona meridional, e certamente bastante antigo, não terá vingado na zona sul do país, recentemente repovoada, facto que revela uma tendência prática para a simplificação dos sistemas, uma vez que, sendo o <h>, em grande parte dos casos, um grafema mudo, se tornava facilmente dispensável.

2.1.5 CONCLUSÕES

Ao concluir o comentário de alguns aspectos do consonantismo na linguagem dos documentos da Chancelaria de D. Afonso III que considerámos particularmente interessantes, parece oportuno fazer um "apanhado" das principais conclusões a que o nosso trabalho conduziu.

No que diz respeito ao "uso dos grafemas <lh> e <nh> na representação das consoantes palatais lateral e nasal /ɫ/ e /ɲ/", além de constatarmos um aumento progressivo do seu uso, importa sobretudo recolocar o problema da data e local de aparecimento das novas grafias, já anteriormente discutido por Cintra (1963^b). A contradição inerente à proposta de Cintra deve-se essencialmente a não ter este autor levado em linha de conta um dado fundamental para a datação do aparecimento em Portugal das grafias de origem francesa: a data dos traslados.

De acordo com os dados de que dispomos, e ainda que estes não sejam suficientes para chegar a conclusões seguras, somos levados a colocar a hipótese de que, se não no caso do documento de 1265, discutido e bem fundamentado por Cintra, pelo menos em relação aos restantes documentos produzidos fora de Lisboa (de 1269 em diante), é de considerar a possibilidade de as novas grafias serem da responsabilidade dos copistas dos originais, o que permite supor que as novas grafias se teriam difundido praticamente ao mesmo tempo na chancelaria real e nas localidades do centro e sul do país onde tais documentos foram produzidos, isto é, cerca de 1270.

A não aceitarmos esta hipótese, teríamos de concordar com Cintra, mas propor então a data dos traslados como data de entrada de <lh> e <nh> nos documentos portugueses, isto é, cerca de 1270 e não 1265, data proposta por Cintra. Parece-nos também mais condizente com os dados apresentados alargar o período proposto por Cintra (1265 - 1275) até final do reinado (cerca de 1279), uma vez que a irregularidade do uso de <lh> e <nh> e as hipercorreções, existentes até, pelo menos, 1278, não permitem dar por concluído em 1275 o processo de entrada em Portugal das novas grafias das palatais.

Assim, propomos como datação mais segura para a "reforma ortográfica na chancelaria real" (Cintra, ob. cit., p. 64), isto é, para a entrada e propagação das novas grafias das palatais /λ/ e /ɲ/, o período que medeia entre 1270 e 1279, aproximadamente.

Em relação ao sistema de sibilantes, os dados recolhidos, ainda que não tragam nada de realmente novo, vêm, no entanto, reforçar as conclusões de autores como Cintra (ob. cit.) e C. Maia (1986), entre outros.

Existiam ainda claramente diferenciados na língua da Corte, na segunda metade do séc.XIII, dois fonemas pré-palatais surdos, um aficado, proveniente da palatalização facultativa de sequências latinas compostas por /Cl/, outro fricativo, proveniente do latim <-ssi- ou -sse->, que nunca se confundem a nível gráfico (Cf. Mattos e Silva, 1991, p. 91).

Quanto à aficada ou fricativa pré-palatal sonora, provenientes, respectivamente, de /-dj-/ , /-gj-/ ou /g^e.i/ e /jv-/ , /-sj-/ ou /-se-/ , os dados não são concludentes (Cf. Mattos e Silva, ob. cit., p. 92).

Quanto à neutralização entre pré-dorsais e apicais, a escassez de exemplos não permite chegar a conclusões seguras, mas as confusões gráficas registadas, ainda que pouco numerosas, parecem-nos dever ser consideradas como indicadoras do início do processo de simplificação do sistema de sibilantes. Os nossos dados concordam, assim, com os de Cintra, que faz remontar à segunda metade do séc.XIII o início do processo de simplificação do sistema de sibilantes, que já se encontrava em curso em outras zonas da România, ainda que em fase inicial (Cf. Cintra, ob. cit., p.75).

Esta conclusão liga-se directamente a uma outra: a aceitarmos que o processo de neutralização se teria já iniciado, ainda que de forma não regular e generalizada, na segunda metade do séc.XIII, teremos de aceitar que também a desafricação das pré-dorsais se teria já iniciado, uma vez que a neutralização deriva directamente da desafricação.

Finalmente, no que diz respeito à articulação das sibilantes em posição implosiva, os dados de que dispomos apenas permitem apoiar, ainda que com pouca segurança, a conclusão a que chega C. Maia (ob. cit., p. 462) de que, nesta época, *-s*, *-z* e *-x* teriam já pronúncia palatal, tal como *-s* e *-x* quando a entrar a sílaba interior.

Um outro aspecto sobre o qual nos debruçámos foi o do uso de e de <v> na Chancelaria. A análise dos dados conduziu-nos à conclusão de que e <u> ou <v> são usados respectivamente para representar a oclusiva bilabial sonora e a fricativa labio-dental sonora, que nunca se confundem graficamente, o que nos leva a colocar de lado a hipótese de que o fenómeno de neutralização entre /b/ e /v/ possa ter atingido a Chancelaria real.

Quanto aos casos em que, pela etimologia e pelos resultados modernos, se esperaria , mas se encontra <u> ou <v> e vice-versa, a sua análise leva-nos a concluir não estarmos perante confusões gráficas atestadoras de uma eventual confusão fonológica, mas sim perante palavras que sofreram ainda alterações entre o português arcaico e o português actual, verificando-se que, na época que nos ocupa neste trabalho, tais formas se encontrariam ainda numa fase intermédia da sua evolução.

Finalmente, um outro aspecto interessante, do ponto de vista grafemático, é o do uso do <h>, de que nos ocupámos no último capítulo da segunda parte deste trabalho.

A análise do uso do grafema <h> nos documentos da Chancelaria conduz-nos a uma conclusão interessante: a de que o seu uso era, na época medieval, bastante frequente na chancelaria real, provavelmente devido à influência do Provençal, onde este grafema era, segundo Grafström (1958, § 51,3), bastante frequente, tendo vindo o seu uso a restringir-se, sobretudo quando não etimológico. Outro aspecto interessante no uso do grafema <h> é o facto de este ser comum nos documentos da Chancelaria e do norte de Portugal (Cf. C. Maia, ob. cit.), mas não na zona sul do país, segundo Helena Garvão

(C.P.), o que nos fornece mais uma informação acerca dos hábitos de escrita vigentes na Chancelaria real. Estas informações, de ordem grafemática, vêm completar, no que diz respeito ao consonantismo, que aqui nos ocupou, as conclusões de ordem fonética e fonológica a que os dados de que dispomos nos permitiram chegar em relação aos aspectos seleccionados.

2.2. MORFOLOGIA

2.2.1. O Verbo

Pretendemos, neste capítulo, apresentar um quadro das ocorrências de formas verbais no "corpus" estudado e analisar a sua distribuição relacionando-a com o conteúdo dos textos. Tal estudo tem como principal objectivo a comparação dos resultados obtidos com os de autores como Mattos e Silva (1989) e Azevedo Ferreira (1987). Fazem-se ainda algumas considerações de ordem morfológica, dando particular relevo a algumas formas dignas de nota.

1. Tempos e Modos

No que diz respeito à distribuição dos tempos e dos modos, seguimos, em linhas gerais, o modelo de estudo de Azevedo Ferreira, visualizando através de quadros a referida distribuição.

Quadro 1 - Distribuição global dos tempos e dos modos

Modos ⁽¹⁾										
		Indic.	Conj.	Imper.	*Infin. ⁽³⁾		*Partic.	*Gerun	Total	%
					n.pess.	pess.				
T	Presente	450	400	33	275	22	23	27	1230	57.05
E	Pret. Imper.	49	49	-	-	-	-	-	98	4.54
M	Pret. Perf.	237	-	-	-	-	317 ⁽⁴⁾	-	554	25.69
P	Pret.m.q.p.	10	-	-	-	-	-	-	10	0.46
O	Fut.Pres.	10	249	-	-	-	-	-	259	12.01
S	Fut.Pret. ⁽²⁾	5	-	-	-	-	-	-	5	0.23
	Ocorrências	761	698	33	275	22	340	27	2156	-
	%	35.29	32.37	1.53	12.75	1.02	15.76	1.25	-	-

De acordo com o Quadro 1, é a seguinte a hierarquia dos modos e dos tempos:

Quadro 2 - Hierarquia dos modos e dos tempos

Modos	Ocorr.	%	Tempos	Ocorr.	%
1 - Indicativo	761	35.29	1 - Presente	1230	57.05
2 - Conjuntivo	698	32.37	2 - Pret.Perf.	554	25.69
3 - *Part.Pass./Pres.	340	15.76	3 - Fut.Pres.	259	12.01
4 - *Infinitivo ⁽⁵⁾	297	13.77	4 - Pret. Imp.	98	4.54
5 - Imperativo	33	1.53	5 - Pret. m.q.p.	10	0.46
6 - *Gerúndio	27	1.25	6 - Fut. Pret.	5	0.23

A análise dos quadros 1 e 2 revela uma distribuição e hierarquização dos tempos e dos modos algo diferente da encontrada por Azevedo Ferreira no Foro Real.

No que diz respeito aos modos (Cf. nota 1), verifica-se que é o indicativo o modo mais representado, seguido pelo conjuntivo, conclusão oposta àquela a que chega Azevedo Ferreira no Foro Real: " mais de um terço das ocorrências verbais pertence ao conjuntivo, estando muito acima dos outros modos." (p. 420). Nos documentos da Chancelaria de D. Afonso III verifica-se, pelo contrário, a superioridade do indicativo sobre o conjuntivo, embora a diferença entre um e outro modo seja menor do que no Foro Real e o conjuntivo, ainda que não maioritário, continue a representar cerca de um terço das ocorrências verbais.

Foro Real

Indicativo	Conjuntivo
21. 75	36. 45

Documentos da Chancelaria de D. Afonso III

Indicativo	Conjuntivo
35. 29 %	32. 37 %

Mas é em relação ao uso do imperativo que as diferenças são mais flagrantes. Com efeito, enquanto no Foro Real este modo ocupa a terceira posição na hierarquia dos modos e representa uma percentagem de 15.54 %, nos documentos da Chancelaria surge em quinta posição, representando apenas 1.53 % das ocorrências de verbos no "corpus". Helena Garvão, cujo estudo do emprego do verbo nos Foros de Garvão (inéd.) revela, em geral, resultados idênticos aos de Azevedo Ferreira, diverge deles neste ponto: o imperativo apresenta nos Foros de Garvão valores muito baixos (apenas uma ocorrência em todo o "corpus" - 0,07 %).

Azevedo Ferreira justifica o grande papel desempenhado pelo conjuntivo no Foro Real pela natureza do texto em questão, no qual o legislador expressa "... a vontade, o desejo de ver aplicadas as suas normas.". É também na natureza dos textos em questão que se encontra, a nosso ver, a explicação para os dados relativos ao presente "corpus". Estamos, neste caso, perante documentos de natureza heterogénea: cartas de foro, cartas de doação, relações de termos e divisões de propriedades, cartas de confirmação de vendas, doações e outros actos régios, cartas de conciliação entre o Rei e outras entidades, públicas ou privadas, etc. Ora, as percentagens acima referidas parecem, de facto, reflectir a natureza dos textos: ao contrário do que se verifica nos foros, grande parte dos documentos refere-se a factos da época da redacção ou já passados, embora muitos outros, nomeadamente as cartas de foro e as cartas de doação, se reportem a factos de realização eventual ou possível, no futuro. Daí que o conjuntivo não seja maioritário nem se afaste tanto do indicativo como acontece no Foro Real e que o imperativo tenha muito menos peso.

No que diz respeito às formas nominais do verbo, verifica-se, em apoio do que acima fica dito, ser a percentagem do particípio nos documentos da Chancelaria mais significativa que no Foro Real (Docs. da Chancelaria - 15,76 % / Foro Real - 10,30 %) e superior à do infinitivo (Docs. da Chancelaria - 13,77 % / Foro Real - 14,89 %). O gerúndio ocupa, em ambos os casos, a última posição na hierarquia dos modos.

Os tempos verbais apresentam também uma hierarquia diferente da encontrada por Azevedo Ferreira no Foro Real, a qual vem, por sua vez, confirmar o que acima fica dito a propósito da hierarquia dos modos. Quer no Foro Real, quer nos documentos da Chancelaria, o presente predomina, representando mais de 50% das ocorrências e situando-se, em termos percentuais, a uma distância considerável dos restantes tempos. É no que respeita à segunda e terceira posições na hierarquia dos tempos que se verifica uma inversão dos valores relativos aos "corpus" estudados:

Foro Real

Futuro	Pretérito Perfeito
24, 11 %	17, 74 %

Documentos da Chancelaria de D. Afonso III

Pretérito Perfeito	Futuro
25, 69 %	12, 01 %

Verifica-se, assim, ser a referência a acções passadas mais frequente nos documentos da Chancelaria do que a referência a acções futuras, eventuais ou possíveis.

Os valores relativos aos pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito, ainda que superiores aos do Foro Real, apresentam a mesma ordem na hierarquia. Quanto ao futuro do pretérito, apresenta os valores mais baixos da lista de tempos, tal como acontece no Foro Real (Cf. Condicional).

Contrariamente ao que se verifica em relação à distribuição global dos tempos e dos modos e sua hierarquização, a distribuição dos tempos no conjuntivo (Quadro 3) e no indicativo (Quadro 4) conduz-nos a resultados semelhantes àqueles a que chega Azevedo Ferreira, ainda que, em alguns casos, as diferenças percentuais entre tempos não sejam tão marcadas.

Quadro 3 - Distribuição dos tempos do conjuntivo

	Presente	Imperfeito	Futuro	Total
Ocorrências	400	49	249	698
% sobre 698	57.30	7.02	35.67	99.99

A análise do quadro 3 permite-nos verificar que, nos documentos da Chancelaria, o desfasamento entre a percentagem de ocorrências do futuro do conjuntivo e do presente do conjuntivo não é tão significativo como no Foro Real, onde o futuro do conjuntivo é "o tempo por excelência." (p. 421) e, ao contrário do que se verifica no Foro Real, é claramente minoritário em relação ao presente.

Quanto à percentagem de ocorrências do imperfeito do conjuntivo, esta, ainda que mais significativa nos documentos da Chancelaria do que no Foro Real, continua a ser bastante reduzida.

Quadro 4 - Distribuição dos tempos no indicativo

	Presente	Pretérito			Futuro		Total
		Imperf.	Perfeito	M.q.Perf.	Presente	Pretérito	
Ocorr.	450	49	237	10	10	5	761
% s/ 761	59.13	6.43	31.14	1.31	1.31	0.65	99.97

No indicativo, as conclusões a que chegamos são idênticas às de Azevedo Ferreira: os únicos tempos com expressão significativa no "corpus" são o presente e o pretérito perfeito, que representam 90,27 % do total de ocorrências de verbos no indicativo. Os restantes tempos desempenham um papel bastante secundário, apenas 9,7 %, dos quais 6,43 % pertencem ao pretérito imperfeito.

Do que acima fica dito podemos concluir estarem a distribuição dos tempos e dos modos, bem como as respectivas hierarquias, directamente relacionadas com o teor dos textos. Assim, verifica-se que a heterogeneidade dos documentos da Chancelaria, face à homogeneidade do Foro Real, se reflecte no atenuamento das discrepâncias existentes neste último entre modos e tempos (ex: conjuntivo / indicativo; futuro do conjuntivo / presente do conjuntivo), bem como numa diferente hierarquização dos mesmos.

Com efeito, no Foro Real legisla-se no presente, fazendo, por vezes, apelo ao passado, mas as leis reportam-se, na maior parte dos casos, a factos eventuais, possíveis no futuro. Em contrapartida, nos documentos da Chancelaria, esta situação, que é a das cartas de foro ou das cartas de doação, por exemplo, é contrabalançada por outras em que o redactor se expressa no presente, fazendo, por vezes, apelo ao passado, sobre assuntos reais do presente, como é o caso, por exemplo, nas cartas de confirmação de actos régios ou nas relações de termos e divisões de propriedades.

2. Conjugações

O "corpus" estudado apresenta três tipos de conjugação, que definimos, como Mattos e Silva (1989), de acordo com as características da vogal temática (VT):

1ª Conjugação - Vt a < lat. Ā - RE

2ª Conjugação - Vt e < lat. Ē - RE ou Ĕ - RE

3ª Conjugação - Vt i < lat. Ī - RE ou Ĭ - RE

Os itens verbais de vogal temática *a* são os mais numerosos, seguidos dos itens verbais de vogal temática *e* e, finalmente, dos de vogal temática *i*, bastante menos numerosos.

Itens verbais de vogal temática A documentados no "corpus"

A	amar	[britar]	[cõselar]	[deytar]
[achar]	[andar]		coutar	durar
[acustumear ~custumear]	[aparelhar]	C		
ãdar	apenhorar	cãbyar	D	E
adubar	[apilidar]	[carretar]	dar	[ẽbargar]
[agradar]	[aportar]	catar	~donar	[embarcar]
[agrauar]	apregõar	[casar]	~dõar	ẽmendar
[aguardar]	~apregoar	[chagar]	deliurar	~emẽdar
~agardar]	[arrẽdar]	chamar	demandar	[emplazar]
aiudar	[arreuatar]	[cõdãpnar]	demarcar	~emprazar
alçar	[ateygar]	[começar]	descarregar~	enbargar
alear	[ayuntar]	comprar	[desencarregar]	[encomẽdar]
~alẽar	B	~comparar	[descarreyyar]	empenorar
[alquiar]	beyiar	[confiar]	[desembargar]	~[apenorar]
		[confirmar]		

... / ...

entrar	I	N	[prezar]	S
entregar	[irar]	[nomear]	[prouar]	[saluar]
~entregar	[iuctar]			[sarrar]
~[entegrar]	[iuygar]	O	Q	séelar
[enuiar]	~iulgar]	[obligar]	quebrantar	[semelar]
[escumügar]		[obligar-se]	[querelar-se]	star
[espregütar]	L	[onrrar]	[quitar]	~[estar]
	laurar	[ousar]	[quitar-se]	
	leuar	[outorgar]		T
F	[leyxar]		R	tirar
ficar	[louuar]	P	razõar	[tornar]
filhar		pagar	[recadar]	[tornar-se]
[firmar]	M	[parar]	[regagnar]	[traspasar]
[fritar]	mandar	[passar]	[registar]	
frõtar	marcar	[peiorar]	[render]	U
	[matar]	pescar	[renüciar]	[usar]
	[melorar]	[peytar]	~renüçar]	
G	morar	~pectar]	[reuorar]	V
gáánar	mostrar	[poplar]	[reynar]	[vagar]
[galardoar]	[mudar]	[pousar]	rogar	[uïgar]
guardar		prestar	[rregatar]	
~gardar				

Itens verbais de vogal temática E documentados no "corpus"

A	D	H	~pertéercer	S
ader	[decēder	[haver]	[pesuyer]	saber
[aduzer]	~descender]		[poder]	~[saper]
[aparecer]	[decer	I	poer	séer
[aprazer]	~descer]	[iazer]	~pōer	[soer]
átender	[defender]		~[pōr	[stabelecer]
auéer	[deuer]	L	~poner]	
~auíjr	dizer	léer	[prazer	T
			~plazer]	téer
C	E	M	[prender]	~téer
caer	[eleger]	[maldizer]	[prometer]	~tener
[cognoçer]	enpéenser	meter		tolher
[conter]	~enpéezer	[morrer]	Q	[trazer]
correger	[escrivir		querer	
[cōstrēger]	~escrever]	N		V
[cozer]	~screuer	[nacer]	R	ualer
crecer	entender		receber	uender
~[crescer]		P	refazer	uéer
[crer]	F	perder	[responder]	[uertter]
	fazer	pertéésser		[uiuer]

Itens verbais de vogal temática I documentados no corpus

A	D	G	P	V
abrir	departir	[gracir]	partir	ueir
~[aprir]			[pedir	~ueĩr
[auijr]	E	I	~pidir]	~uenir
[auir-se]	[estinguir]	ir	possoyr	~uĩr
				~uĩr
C	F	O	S	~ueýr
[conuir]	[ferir]	[ouuir]	[salyr]	~ueĩr
[conprir			~sayr	
~conplir]			[sentir]	

Alguns dos verbos que figuram no "corpus" caíram completamente em desuso, exs.: *filhar*, *alquiar*, ou viram o seu uso restringido a situações bastante específicas, tais como o uso dialectal, ex.: *empéézer*, ou o uso jurídico, ex.: *ẽbargar*.

Apresentam-se a seguir os modelos das três conjugações, considerando como pertencentes à estrutura morfológica de base de todos os verbos os seguintes elementos, que ocorrem por esta ordem nos verbos portugueses:

- 1 - Lexema → L
- 2 - Vogal temática → VT
- 3 - Morfema modo-temporal → MMT
- 4 - Morfema número-pessoal → MNP

Modelos de Conjugação

Quadro A - 1ª Conjugação (-a)

Modo Indicativo					
Presente		Imperfeito		Perfeito	
1s	prez -o	demãd -a-va	mãd	-e-i	
2s	-a-s	-a-va-s		-a-ste	
3s	entr -a	us -a-va	mand	-o-u	
1p	mand -a-mos	-a-va-mos	comez	-a-mos	
2p	-a-des	-a-va-des	acustume	-a-stes	
3p	iuct -a-m	st -a-va-m	custume	-a-ro-m	
			filh	-a-ra-m	
M.q.Perfeito		Fut. do Presente		Fut. do Pretérito	Imperativo
1s	enuy -a-ra	galardo -a-re-i		-a-ria	
2s	-a-ra-s	-a-rá-s		-a-ria-s	-a
3s	and -a-ra	-a-rá		-a-ria	
1p	-a-ra-mos	-a-re-mos		-a-ria-mos	
2p	-a-ra-des	-a-re-des	desembarg		frôt -a-de
			-a-rie(a)-des		
3p	-a-ra-m	-a-rá-m	cõsel	-a-ria-m	
Modo Conjuntivo					
Presente		Imperfeito		Futuro	
1s	entr -e	enuy -a-sse		-a-r	
2s	-e-s	-a-sse-s		-a-re-s	
3s	peyt -e	cat -a-sse	regat	-a-r	
1p	gáán -e-mos	demarc-a-sse-mos		-a-r-mos	
2p	peyt -e-des	-a-sse-des	mand	-a-r-des	
3p	pagu -e-m	filh -a-sse-m	and	-a-re-m	
Infinito Flexionado		Inf. n. flexionado		Gerundio	Part. Passado
1s	-a-r	leu -a-r		-a-nd-o	am -a-d-o
2s	-a-re-s				ateyg -a-d-o-s
3s	-a-r				séél -a-d-a
1p	-a-r-mos				salu -a-s
2p	deliur -a-r-des				
3p	fic -a-re-m				

Quadro B - 2ª Conjugação (-e)

Modo Indicativo					
Presente		Imperfeito		Perfeito	
1s	faz -o	querr -ia	pus -i		
2s	-e-s	-ia-s	-i-ste		
3s	deu -e	praz -ia	met -e-u		
1p	au -e-mos	au -ia-mos	u -y-o		
2p	sab -e-des	-ia-des	reçeb -e-mos		
3p	iaz -e-m	deu -ya-m	ouu -e-stes		
			diss -e-ro-m		
			fo -(e)-ra-m		
M.q.Perfeito		Fut. do Presente		Fut. do Pretérito	Imperativo
1s	-e-ra	t -e-re-i	-e-ria		
2s	-e-ra-s	-e-ra-s	-e-ria-s		-i
3s	fez -e-ra	-e-ra	pod -e-ria		
1p	fez -e-ra-mos	-e-re-mos	pod -e-ria-mos		
2p	-e-ra-des	-e-re-des	f -e-ria-des		faz -e-de
3p	-e-ra-m	fa -(e)-ra-m	-e-ria-m		
Modo Conjuntivo					
Presente		Imperfeito		Futuro	
1s	moyr -a	receb -e-sse	-e-r		
	-i-a		-e-re-s		
2s	-a-s	-e-sse-s			
	-i-a-s				
3s	poss -a	aprougu -e-sse	fez -e-r		
	-i-a				
1p	poss -a-mos	poss -e-sse-mos	quis -e-r-mos		
	-i-a-mos				
2p	sei -a-des	-e-sse-des	quis -e-r-des		
	-i-a-des				
3p	sab -a-m	fo -(e)-sse-m	fez -e-re-m		
	sab -i-a-m				
Infinito Flexionado		Inf. n. flexionado		Gerundio	Part. Passado
1s	-e-r	sab -e-r	ten -e-nd-o	post -o-s	
2s	-e-re-s			cognoçud-o-s	
3s	-e-r			dit -a	
1p	-e-r-mos			cognoçud-a	
2p	-e-r-des				
3p	faz -e-re-m				uertête (p.pres.) téente (p.pres.)

Quadro C - 3ª Conjugação (-i)

Modo Indicativo				
Presente		Imperfeito	Perfeito	
1s	part -o	-ia	ouu -y	
2s	-e-s	-ia-s	-i-ste	
3s	part -e	-ia	ped -y-o	
1p	ped -i-mos	-ia-mos	ped -i-u	
2p	sent -i-des	-ia-des	part -i-mos	
3p	conu -e-m	-ia-m	-i-stes	
			uee -(i)-ro-m	
M.q. Perfeito		Fut. do Presente	Fut. do Pretérito	Imperativo
1s	-i-ra	grac -i-re-i	-i-ria	-e
2s	-i-ra-s	-i-ra-s	-i-ria-s	
3s	-i-ra	-i-ra	-i-ria	
1p	-i-ra-mos	-i-re-mos	-i-ria-mos	
2p	-i-ra-des	-i-re-des	-i-ria-des	-i-de
3p	-i-ra-m	-i-ra-m	-i-ria-m	
Modo Conjuntivo				
Presente		Imperfeito	Futuro	
1s	-a	part -i-sse	-i-r	
	-i-a			
2s	-a-s	-i-sse-s	-i-re-s	
	-i-a-s			
3s	uenh -a	-i-sse	fer -i-r	
	-i-a			
1p	peç -a-mos	fo -(i)-sse-mos	-i-r-mos	
	-i-a-mos			
2p	u -áá-des	-i-sse-des	-i-r-des	
	pesu -i-a-des			
3p	auenh -a-m	-i-sse-m	ouu -i-re-m	
	sa -y-a-m	ueh -e-sse-m	uenh -e-re-m	
Infinito Flexionado		Inf. n. flexionado	Gerundio	Part. Passado
1s	-i-r	depart -i-r	sal y-nd-o	ouu i-d-o
2s	-i-re-s			depart -i-d-o-s
3s	h -i-r			abert-a
1p	-i-r-mos			
2p	-i-r-des			
3p	-i-re-m			

3. Terminações das formas verbais em -ã e -õ

A análise das terminações nasais da 3ª pessoa do plural dos verbos portugueses revela, na esmagadora maioria dos casos, uma correspondência perfeita com as terminações latinas que lhes estão na origem:

Quadro 5

Tónicas	Átonas
- ÁNT > ã án ám	- ANT > ã an am
- ŪNT > ó / ú ón / ún om / úm	- ŪNT > õ / ũ on / un om / um

A terminação - ANT é representada pelas seguintes formas:

a) Do presente do indicativo (21)

am (2), hã (2), han, chamã (4), comprã, confirmã, confirmam, entram, ěuiam, estã, ficã, iuctã, usan, uã⁽⁶⁾, sarrã, tirã.

b) Do imperfeito (26)

auiã, deuiã (3), deuiam, deuyã, dziã (2), entendiam, erã (4), eram, mãdauã, parauã, prendiã, recebiã, soyam (3), stauã, tijã (2), usauã, uendyam .

c) Do futuro (3)

farã, faram, uerram.

d) Do futuro do pretérito (1)

cõselariã.

e) Do presente do conjuntivo (83)

aiã (6), aiam (3), auenhã(se), cayam, conhoscã, conoscã, conoscam (2), conplam, corregã (2), corregam (2), decedã, deuã, façã (6), façam (3), fazã (2), fazam, metã(no), partã(no) (2), partam, possam (8), queyrã (2), recebam, sabam, sabham, sabiã, sabiam, sapatam, sayam, seiã (12), seiam (4), tenhã, uáám, váán, ualham, uendã (4), uẽdam, uendam, uenhã (2) .

Apresentamos a seguir, de acordo com o modelo proposto por Azevedo Ferreira (ob. cit. p.426), um "quadro das terminações das formas verbais portuguesas que provêm de - ANT: "

Quadro 6 - Formas verbais < ANT

Term.	Pres. Indic.	Imperf. Indic.	Futuro Pres.	Futuro Pret.	Pres. Conj.	Total	% s/ 134
-ã	14	19	1	1	46	81	60.44
-an	2	-	-	-	1	3	2.23
-am	5	7	2	-	36	50	37.31
-on	-	-	-	-	-	-	-
Total	21	26	3	1	83	134	99.98

A análise deste quadro revela uma correspondência perfeita entre as terminações -ã (a mais frequente), -an ou -am dos verbos portugueses e a terminação latina -ANT de onde provêm.

A terminação -UNT é representada pelas seguintes formas:

a) Do presente do indicativo (24)

sõ, som (4), son (14), sum (2), sunt (3),

b) Do pretérito perfeito (49)

acustumearõ, adusserõ, agrauarõ, andarõ, auéerõ (3), chamarõ, começarõ, compararõ, custumearõ (3), defenderõ, derõ(mj), disserõ, fezerõ, filharã, forã, forõ

(8), foron (2), forũ, forum, iuygarõ(mj), mãdarõ, mandarõ (2), meterõ, mostrarõ, outorgarõ, poserõ (5), poseron, quiserom, ueérõ (3), usarõ.

Apresentamos a seguir um quadro das terminações das formas verbais portuguesas que provêm de -UNT:

Quadro 7 - Formas verbais < UNT

Terminações	Pres. Ind.	Pret. Perf.	Total	% sobre 73
-õ	1	41	42	57.53
-on	14	3	17	23.28
-om	4	1	5	6.84
-u	-	1	1	1.36
-un	-	-	-	-
-um	2	1	3	4.10
-unt	3	-	3	4.10
-ã	-	2	2	2.73
Total	24	49	73	99.94

Verifica-se pela análise do quadro 7 que, também em relação às terminações portuguesas provenientes da terminação latina -UNT, a correspondência entre esta terminação e as terminações portuguesas -õ (-on ou -om) e -ũ (-un ou -um) é praticamente perfeita. As únicas exceções são as formas "filharã" e "forã". Tais formas, ainda que em pequeno número, devem, no entanto, ser postas em relevo, uma vez que, como refere Azevedo Ferreira (ob. cit. p.427), "... demonstram que a confusão entre as formas verbais terminadas em -ã (<-ANT) e -õ (<-UNT) já começa a ter lugar no séc. XIII. Ora, como é costume datar este fenómeno do séc. XIV, parece-nos que é preciso recuar esta data.". As formas recolhidas no presente "corpus" vêm, assim, corroborar esta conclusão de Azevedo Ferreira, face a autores como José Inês Louro (1952) e Williams (1961), que situam no séc. XIV os primeiros casos de confusão destas terminações.

De assinalar é ainda a ocorrência de algumas formas com terminação -ũ ou -um que não devem, no entanto, ser consideradas como manifestação do processo de elevação das vogais átonas finais⁽⁷⁾.

Não nos referimos aos resultados em português da terminação -ENT (-ẽ, -en, -em) visto estes não esclarecerem nada em relação ao problema que aqui nos ocupou: a evolução das terminações nasais no português.

4. Particularidades das formas verbais

Estabelecidos, em linhas gerais, o quadro dos tempos e modos e o quadro das conjugações e analisado o problema das terminações nasais, pretendemos ainda, à semelhança de Azevedo Ferreira (ob. cit. pp. 428 e ss.), chamar a atenção para algumas particularidades das formas verbais documentadas no "corpus". Não consideramos aqui as variantes meramente gráficas, mas apenas aquelas que são, de alguma forma, importantes para a história da língua portuguesa.

O verbo estar apresenta, em todos os tempos e modos, formas etimológicas, sem *e* de apoio: sta, stauã, star, ste, etc, a par de outras com *e* de apoio, como esta, estã ou esteuer, por exemplo. O mesmo se passa com outros verbos: ex. - screuy, screuyr / escreveu ; steder / esteder .

Alguns verbos apresentam formas latinas ou ainda muito próximas do latim: sunt, est, põer, poner, uẽher, sapam, (a par de sabam ou sabiam, por exemplo), uenir, cõparei, dõo, dõem, etc.

O verbo haver é de uso bastante geral, a par de ter: aiades, ei, aia, auer, auya, a, etc.

Nos grupos *cons.* + *l* é vulgar a oscilação entre <ɫ> e <r>, ex: plaz / praz.

De salientar é ainda o facto de alguns verbos, como, por exemplo, prometer, deuer, conuir, etc., aparecerem frequentemente construídos com a preposição a, exs: "deuiã á áuĩr", "conuẽ a ssaber", "prometemos a tẽer", etc. Tal construção parece ser de uso arbitrário e alterna com construções semelhantes sem preposição, ex: (...) cuios deũ séér / (...) cuios deuerẽ a séér.

a) Infinitivo

Tal como acima pudemos verificar (Cf. Conjugações - Modelos), o "corpus" estudado apresenta três tipos de conjugações, definidas de acordo com as características da VT, as quais apresentam, no infinitivo, as seguintes terminações:

1ª Conjugação - VT a - ar

2ª Conjugação - VT e - er

3ª Conjugação - VT i - ir

Mantêm-se, em grande parte dos casos, as formas etimológicas do infinitivo, por vezes a par de formas não etimológicas, ex: tener, téer, léér, comparar, séélar, uenir, uĩr, uĩr, correger, star, razõar.

Alguns verbos que, posteriormente, mudaram de conjugação ou alteraram as suas terminações no infinitivo apresentam também ainda a forma etimológica, ex: poer (põer), auĩr, correger, caer, etc.

b) Particípio passado

O particípio passado apresenta formas diferentes em cada uma das três conjugações:

1ª Conjugação - Particípio passado em -ado.

Exs: ateygados, séelada, prouado, rendadas, demarcado, andados, coutado, casadas, pagados, entregada.

2ª Conjugação - Particípio passado em -udo (nunca em -ido).

Exs: contehudo, conuçada, tẽudos, teudos, conteudo, auudo, metudas, leuda.

3ª Conjugação - Particípio passado em -ido.

Exs: departidos, partido, ouuido.

A par das 153 ocorrências de participios passados regulares (48,26 % sobre um total de 317 ocorrências), exs: descarreyrados, entregada, metudas, leuda, pagados, prouado, uĩgados, etc., encontra-se um número bastante significativo de participios fortes (164 ocorrências), ex: postos, dauãdita, aberta, saluas, uista, feyto, escrita, coyto, frito, scrito, uaga, etc., que representa 51,73 % do total (317).

De salientar é ainda a concordância do participio passado com o complemento directo em alguns casos, como os seguintes:

- (...) cõ todos seus termios e cõ todos seus dereytos e cõ todas sas pertéenças . assi como lhos auia dados e coutados (...).

- (...) paguẽ a mj cada áno e a meus successores segnos moyos de pan ateygados e nõ mao postos.

c) Participio presente

Consideramos as formas "tẽẽte" ou "téente" (20) e "uertẽte" ou "uertente" (3) vestígios do participio presente latino: - tenens, tenentis - "possuindo, que possui ou possuia"; - uertens, uertentis - "vertendo, que verte ou vertia".

A forma "tẽẽte", que apresenta um total de 20 ocorrências, alterna com a do gerúndio (< ablativo do gerúndio latino "possuindo"), menos frequente (13 ocorrências), nos mesmos contextos, exs:

- Per' eanes tẽẽte alafõe . conf .

- Roy garsia de Pauya téente Portalegre e Arronches conf .

- Diago lopiz téendo lamego conf .

- Pedr' eanes de Portel tẽẽdo Leyrea conf .

Quanto a "uertẽte", que ocorre apenas trẽs vezes, nã se verifica alternãncia com as formas do gerũndio, embora o participio presente possa estar, aqui como em "tẽẽte", em vez dele:

- (...) posemos e alçamos um padrõ (...) no cume uertẽte as aguas pora Musgus (...)

- (...) posemos e alçamos outro padrõ (...) no outro cume uertẽte as aguas pora Musgus (...)

- (...) u esta outro padrõ (...) en essa carreyra uertente as aguas a vdyuelas (...)

d) Pretérito perfeito

Destacam-se entre as formas do pretérito perfeito algumas duplas: forõ ou foron a par de forũ ou forum (Cf. nota 7); fiz a par de figi; pusi ou posy a par de pugi.

A forma mostro, por mostrou, é provavelmente devida a erro do copista.

e) Futuro do presente e futuro do pretérito

O futuro do presente apresenta algumas formas próprias: terrey ou terrei (de teer), uerrey e uerram (de ueer) .

No futuro do pretérito, que ocorre apenas cinco vezes em todo o "corpus", destaca-se a forma querria , onde encontramos o imperfeito do indicativo a substituir o futuro do pretérito.

f) Presente do conjuntivo e imperativo

O presente do conjuntivo é frequentemente usado com valor de imperativo, exs:

- (...) que seiades dez e sette poboadores (...)
- (...) estes dez e sette mj façã foro e recebam quantos quiserẽ (...)
- (...) nõ dedes nõ uendades nõ emplazedes nõ empenoredes (...)
- (...) e uos fazede y . quinque casaes . e popledes y cinque homéés (...)
- (...) e non uẽdades nõ apenoredes nõ donedes essa herdade (...)

Salientam-se ainda as seguintes formas: desqua (3ª s.), do verbo descer, e saẽ (3ª p.), do verbo sair.

Não se regista qualquer forma do imperativo singular, mas apenas formas do imperativo plural, com d conservado em todos os casos.

g) Futuro do conjuntivo

Destacam-se algumas formas particulares: apilidarẽ, pidir⁽⁸⁾

A forma "quis (3ª s.) ueir" é provavelmente devida a lapso do copista. A mesma explicação parece aplicar-se à forma "seuer", provavelmente erro, por "steuer".

h) Imperfeito do conjuntivo

A par de formas do tipo "fezesse" ou "teuesse", mais frequentes, encontra-se a forma "tiuesse" (Cf. nota 8).

i) Infinitivo pessoal

O número de ocorrências do infinitivo pessoal é bastante reduzido (22), registando-se apenas um caso particular: "(...) nõ deue elhes a uender (...) may's liuremẽte ficarem àà ordin (...)", em que o infinitivo pessoal é usado em vez do não pessoal.

5. Conclusões

As conclusões que se podem tirar desta visão geral sobre o emprego do verbo nos documentos da Chancelaria de D. Afonso III valem essencialmente por permitirem a comparação com as de outros autores que se ocuparam deste assunto, com base em textos da mesma época, mas de teor diferente, nomeadamente com as de Azevedo Ferreira em relação ao Foro Real.

De uma maneira geral, as conclusões a que chegamos são idênticas às de Azevedo Ferreira, com excepção dos factos directamente relacionados com a natureza dos textos de cada "corpus":

1 - O emprego dos tempos e dos modos, diferente do registado por Azevedo Ferreira no Foro Real, relaciona-se directamente com o carácter heterogéneo da Chancelaria real, cujos documentos apresentam teores variados. Face à homogeneidade do Foro Real, onde " a predominância do imperativo e do futuro do conjuntivo corresponde exactamente ao desejo e à vontade do legislador de impôr certas normas no futuro." , os documentos da Chancelaria apresentam:

- uma predominância do indicativo sobre o conjuntivo,
- uma menor discrepância entre os dois modos,
- uma percentagem bastante menos significativa de imperativos,
- uma predominância do presente sobre o futuro do conjuntivo,

conclusões que reflectem o facto de muitos dos documentos não serem de natureza jurídica.

2 - O emprego de formas etimológicas é geral, não sendo ainda visíveis os efeitos da analogia no sistema verbal.

3 - A correspondência entre as terminações latinas -ANT e -UNT e as portuguesas -ã e -õ é praticamente perfeita. Exceptuam-se apenas as formas "filharã" e "forã", que vêm corroborar a conclusão de Azevedo Ferreira de que "a confusão destas terminações nasais tinha começado numa época mais recuada do que a tradicionalmente aceite".

4 - A conservação do *-d-* da 2ª pessoa do plural dos verbos é geral.

Notas

(1) Seguimos aqui a terminologia proposta por Celso Cunha (Cf. Nova Gramática do Português Contemporâneo, pp. 378-379 e 462, obs. 3^a).

Para efeitos de comparação, incluímos na lista dos modos as formas nominais do verbo: infinitivo, participios e gerúndio, as quais são marcadas com asterisco.

No que diz respeito ao condicional, não o consideramos um modo, mas sim um tempo: o futuro do pretérito.

(2) Cf. nota (1)

(3) No quadro 1, apresentamos separadamente os números relativos ao infinitivo pessoal e ao infinitivo impessoal. No quadro 2, os números apresentados englobam as formas dos dois tipos de infinitivo.

(4) Este número inclui 119 formas onde o participio passado é precedido de um verbo auxiliar.

(5) Cf. nota (3)

(6) Cf. Azevedo Ferreira, 1987, p.425, nota 9 e J.Inês Louro, 1952, p. 49

(7) Não parece ser de considerar a hipótese de estas grafias representarem uma realização [u] de /o/ em posição átona final, visto serem claramente minoritárias em relação a <o> e não ser certo que tenham um significado fonético (Cf. Ana Maria Martins, 1985, pp. 1-36).

(8) Não parece ser de colocar a hipótese de estarmos perante casos indiciadores da elevação do vocalismo átono pré-tónico, mas sim perante casos de elevação condicionada: apilidarẽ, pidir; ou de oscilação *e ~ i* particulares a determinadas palavras: teuisse ~ tuesse (Cf. Ana Maria Martins, ob. cit., pp. 37-44)

ADENDA

Presente do Indicativo (450)

a ~ á (1+2=3)

alço (1)

am ~ hã ~ han (2+2+1=5)

amo (1)

auemos (8)

auíjmos (1)

beyiamos (1)

chamã (4)

comprã (1)

confio (1)

confirma (3)

confirmã ~ confirmam (1+1=2)

cõfirmo ~ confirmo (3+3=6)

conuẽ (4)

damos (8)

defendo (1)

descende (1)

descendẽ (1)

deu' ~ deue (1+8=9)

deuedes (3)

deuẽ ~ deuem (11+1=12)

deuemos (5)

deuo (6)

do ~ dou (2+22=24)

dõo (1)
e ~ é ~ est ~ he (17+6+8+5=36)
ei ~ ey ~ hey (3+9+2=14)
enprazamos (1)
entra (3)
entram (1)
entreguamos (1)
ẽuiam (1)
enuiamos (1)
esta (5)
estã (1)
faço ~ fazo (4+4=8)
fãz (1)
fazẽ (4)
fazedes (1)
fazemos (2)
ficã (1)
ficamos (1)
iuctã (1)
iulgo (1)
iaz (1)
iazẽ (1)
leua (1)
louuamos (22)
manda (1)
mandamos (2)
mando ~ mãdo (27+13=40)
metemos (1)
meto (1)
mudo (1)
nacẽ (3)
obligamo(nos) (1)

obligo (1)
outorgamos (29)
outorgo (17)
parte (15)
parto (1)
pedimos (1)
pertêçe ~ pertéesse (1+1=2)
plaz ~ praz (1+1=2)
prezo (1)
podě ~ podem (1+2=3)
ponho (1)
prometo (4)
prometemos (4)
quito (2)
recebemos (1)
renũçamos ~ renuzamos (2+1=3)
renũcio (1)
reuoro (3)
rogamos (1)
sabedes (1)
sarrã (1)
sayo (1)
séélamos (1)
sséém (1)
sõ ~ som ~ son ~ sunt (1+4+14+3=22)
soen (1)
sta (1)
sum (2)
téén ~ têẽ (5+1=6)
ten (1)
tenho (2)
tirã (1)

torno (1)

husa (1)

usan (1)

uã (1)

ualẽ (1)

uay (32)

uen (2)

uéemos (1)

uende ~ uẽde ~ vende (1+1+1=3)

uendẽ ~ uẽden (2+1=3)

Pretérito Imperfeito do Indicativo (49)

auia ~ auya (3+5=8)

auiã (1)

demãdaua (1)

deuia ~ deuya (2+1=3)

deuiã ~ deuyã ~ deuiam (3+1+1=5)

diziã (2)

entendiam (1)

enuiaua (1)

era (3)

erã ~ eram (4+1=5)

fazia (2)

mãdauã (1)

parauã (1)

prazia (1)

prendiã (1)

recebiã (1)

soyam (3)

stauã (1)

tija (1)

tijã (2)

usaua (2)

usauã (1)

ualia (1)

uendyam (1)

Pretérito Perfeito do Indicativo (237)

achei ~ achei (3+2=5)
acustumearõ (1)
acustumeastes (1)
acustumeou (1)
adusserõ (1)
alçamos (7)
andarõ (1)
agrauarõ (1)
auéerõ (3)
chamarõ (1)
cõfirmou (1)
começarõ (1)
compararõ (1)
contou (1)
cõparei (1)
cumezamos ~ cumeçamos (1+3=4)
custumearõ (3)
defenderõ (1)
dei ~ dey (4+3=7)
demos (2)
derõmj (1)
deu (6)
disserõ (1)
encomedou (1)
entendi (2)
enuiastes (2)
enuieyuos (1)

escreveu (1)
escriuy (1)
espregũtey (1)
fez (25)
fezemos (8)
fezerõ (1)
fezestes (1)
fezi ~ fiz ~ figi (1+5+1=7)
filharã (1)
fomos (1)
forã ~ forõ ~ foron ~ forũ ~ forum (1+8+2+1+1=13)
foy (20)
iuygarõmj (1)
Juygou (1)
louueyo (1)
mãdei ~ mandey ~ mandei (3+1+2=6)
mandarõ ~ mãdarõ (2+1=3)
mandastes (1)
mandou ~ mãdou (14+12=26)
meti (1)
meteu (1)
meterõ (1)
mostrarõ (1)
mostro[u] (1)
ouue (1)
ouuyo (1)
ouuy (1)
ouuestes (1)
outorgarõ (1)
pagou (1)
partimos (3)
posemos (12)

pedyo ~ pediu (1+1=2)
pusi ~ pugy ~ posy ~ pugi (1+1+1+1=4)
poserō ~ poseron (5+1=6)
quiserom (1)
recebemos (2)
recebeu (1)
roguey ~ rogei (2+1=3)
screuy ~ screui (1+1=2)
screuyu (1)
sééley (1)
soubemos (1)
stabeleci (1)
usarō (1)
uéémos (1)
ueo (1)
uéérō (3)
ui (1)
uymos (1)
uyo (1)

Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo (10)

andara (2)
dera (1)
enuyara (1)
fezera (3)
fezeramos (1)
fora (1)
ouuera (1)

Futuro do Presente do Indicativo (10)

agardarey (1)
cõprirey (1)
farã ~ faram (1+1=2)
galardoarey (1)
gracirey (1)
terrei ~ terrey (1+1=2)
uerram (1)
uerrey (1)

Futuro do Pretérito do Indicativo (5)

cõselariã (1)
desembargariesdes (1)
feriades (1)
poderia (1)
poderíamos (1)

Presente do Conjuntivo (400)

agardẽ (1)
aia (37)
aiã ~ aiam (6+3=9)
aiades (6)
alçe (1)
alquiẽ ~ alquien (1+1=2)
ande (1)
apenoredes (1)
aportem (1)
arreate (2)
atendades (1)
aenhã(se) (1)
britẽ (1)
cayades (1)
cayam (1)
compre (1)
comprem (1)
conoscã ~ conoscã ~ conhoscã (2+1+1=4)
conplãm (1)
cõpre (1)
corregã ~ corregã (2+2=4)
cõstrẽgades (1)
de (6)
decẽdã (1)
decenda (1)
dedes (2)
den ~ dẽ ~ dem (5+22+1=28)

descarregue (2)
desqua ~ desca (1+1=2)
deua (1)
deuã (1)
deyte (1)
dõem (1)
donedes (1)
empenoredes (1)
emplazedes (1)
entegrẽ (1)
entrẽ (2)
entre (1)
entregue (1)
entreguedes (2)
este (1)
faça ~ faza (19+1=20)
façades (7)
façam ~ façã ~ fazã ~ fazam (3+6+2+1=12)
façamos ~ fazamos (1+1=2)
fille (1)
filẽ (2)
fique (5)
fiquẽ (4)
firmedes (1)
gááne (1)
gáánemos (1)
leue (5)
leyxẽ (1)
mande (1)
meta (3)
metã(no) (1)
moyra (1)

pague (5)
paguẽ (6)
partã(no) ~ partam (2+1=3)
passe (1)
passedes (1)
peçamos (1)
pesquẽ (1)
pesuyades (1)
peyte (5)
peytedes (2)
plaza (1)
popledes (1)
possa (8)
possades (1)
possam (8)
possamos (3)
pousen ~ pousẽ (2+2=4)
queyra (2)
queyrã (2)
recadẽ (1)
recebam (1)
refaçamos (1)
respondades (1)
saẽ ~ sayam (1+1=2)
sabam ~ sabham ~ sabiã ~ sabiam ~ sapam (1+1+1+1+1=5)
sabhades (1)
seia (42)
seiã ~ seiam ~ sséem (12+4+1=17)
seiades (1)
semele (1)
ste (1)
tẽgna ~ tenha ~ tena (1+4+1=6)

tenades (1)
tenhã (1)
tornẽ (1)
tornesse (2)
tornêsse (1)
tire (2)
traga (2)
usem ~ usẽ (3+1=4)
vãã (2)
uããdes (1)
vããn ~ uããm (1+1=2)
ualla ~ ualha ~ uala (1+2+1=4)
ualham (1)
ueia (1)
uendam ~ uendã ~ uẽdam (1+4+1=6)
uẽda ~ uenda (2+15=17)
uẽdades ~ vendades (1+1=2)
uenha ~ venha (7+1=8)
uenhã (2)

Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (49)

adusse (1)
alçasse (1)
aprougesse (1)
catasse (1)
catassem (1)
cõfirmasse (1)
corregesse (1)
demarcassem (1)
desse (1)
dessem (2)
enuyasse (1)
fezesse (6)
fezessem ~ fezesem (2+1=3)
filhassem (2)
fosse (1)
fossem (4)
fossemos (1)
leyxasse (1)
ouuesse (1)
partisse (1)
partissemos (1)
pescasẽ (1)
possemos (1)
quisesse (1)
quitasse (1)
recebesse (1)
soubessemos (1)

teuesse ~ tiuesse (2+1=3)

tirassem (1)

ualessem (2)

uehessem (1)

uisse (1)

uissem (1)

uissemos (1)

Futuro do Conjuntivo (249)

acharẽ (7)
aguardarẽ ~ agardarẽ (1+1=2)
andarẽ (2)
aparecerẽ (1)
apilidarẽ (1)
arreuatar (2)
auéer (1)
carretar (1)
chagar (1)
chagarẽ (1)
cõparar (2)
cõpararẽ (1)
crescer (1)
decer (1)
decerem ~ deçerẽ ~ descenderẽ (1+2+1=4)
desencarregarẽ ~ descarregarẽ (1+1=2)
der (2)
entenderẽ (1)
entenderdes (1)
entrar (3)
entrarẽ (5)
esteder (1)
estederẽ (1)
esteuer (1)
ferir (1)
ferirẽ (1)
fezer (8)

fezerdes (8)
fezerẽ (3)
ficarẽ (1)
for (12)
forẽ ~ forem (11+2=13)
gáánar (2)
gáánarẽ (1)
gardarẽ (1)
iouuer (1)
leuar (3)
mandardes (1)
mandarẽ (1)
matar (1)
matarẽ (1)
morrer ~ morer (3+2=5)
morrerẽ (1)
ouuer (13)
ouuerdes (4)
ouuerẽ (2)
ouuirẽ ~ ouuyrẽ (9+1=10)
pidir (1)
poderẽ (1)
prouguer (3)
se querelarẽ (1)
quiser ~ quis[er] (13+1=14)
quiserdes (3)
quiserẽ (13)
quisermos (1)
receberẽ (1)
rregatar (2)
reynarẽ ~ reynarem (1+1=2)
sayrẽ ~ sayrem (2+1=3)

seuerě (1)
steuer ~ seuer ~ steder (1+2+1=4)
teuerdes (3)
teuerě (4)
trouzerě (4)
uээр ~ uěher (4+1=5)
uээрem ~ uээрě ~ uээрэн ~ uenherě (1+9+1+1=12)
uender (4)
uenderě ~ uěderě (2+1=3)
uirě ~ uiren (20+1=21)
uirdes (1)
uiuer (1)
uyr ~ uir (1+1=2)

Imperativo (33)

dade (11)
dizede(lyo) (1)
entregade(las) (1)
fazede (6)
frōtade(lyo) (1)
guardade(ly) (1)
pectade ~ peytade (1+1=2)
recebede (2)
sabede ~ ssabede (7+1=8)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo Pessoal (22)

ader (1)

auээр (1)

correger (1)

crecer (1)

darmos (1)

deliurardes (1)

entenderě (1)

fazerem (1)

ficarem (1)

ir (2)

leuar (2)

mandardes (1)

refazerem (1)

sээр (1)

tolher (1)

ueir (1)

uender (4)

Infinitivo Impessoal (275)

abrir (1)
ãdar ~ andar (1+1=2)
adubar (1)
alçar (2)
aléar ~ alëar (1+1=2)
aiudar (1)
áma(la) (1)
apenhorar (1)
apregõar ~ apregoar (1+1=2)
ätender (1)
Auer ~ áuer ~ aujir (12+6+4=22)
beyiar (1)
cãbyar (1)
caer (1)
catar (1)
chamar (3)
comprar ~ conprar ~ comparar (1+2+1=4)
conprir ~ cõprir (3+2=5)
coutar (2)
correger (8)
dar (12)
demandar (1)
demarcar (4)
departir (1)
descarregar (2)
dizer (11)
dõar (1)

durar (3)
emēdar ~ ěmendar (1+1=2)
empenorar (1)
emprazar (2)
enbargar ~ ěbargar (4+3=7)
entrar (4)
entregar ~ entergar (3+3=6)
enpézer ~ enpéenser (1+1=2)
fazer (25)
ficar (1)
filhar ~ fillar (1+1=2)
frōtar (1)
gáánar ~ gaanar (1+1=2)
gardar ~ guardar (2+4=6)
hyr (1)
laurar (1)
léér (4)
leuar (3)
marcar (1)
meter (1)
morar (2)
mostrar (1)
pagar (3)
partir (4)
perder (1)
pertéesser ~ pertéercer (1+1=2)
pescar (5)
poer ~ pōer (3+1=4)
possoyr (1)
prestar (1)
querer (1)
quebrātar ~ quebrantar (3+1=4)

razõar (1)
receber (2)
rogar (1)
saber ~ ssaber (8+6=14)
sayr (1)
séelar ~ seelar (4+1=5)
séer ~ sséer (10+1=11)
star (1)
tener ~ téer ~ tээр (1+3+1=5)
tirar (1)
ualer (1)
uéer ~ ueer (1+1=2)
uěder ~ uender (1+11=12)
ueir ~ uíjr ~ uїjr ~ uenir ~ uěyr ~ ueĩr ~ ueŷr ~ ueřr (2+7+2+1+3+1+2+2= 20)

Gerúndio (27)

auendo (1)
entendendo (1)
indo ~ yndo (5+5=10)
salyndo (1)
téendo ~ tээрdo ~ tenendo (6+6+1=13)
uendendo (1)

Particípio Presente (23)

téente ~ tээрte (7+13= 20)
uertēte ~ uertente (2+1=3)

Particípio Perfeito (317)

aberta (15)
aperta (1)
abertas (2)
(foy) achada (3)
(for) achado (2)
agrauados (1)
aiuntados (1)
(seiã) alquiadas (1)
amado (1)
andados (7)
(séer) aparelhados (1)
(têê) arrêdados (1)
(teuerê) arrêdados (1)
ateygado (1)
ateygados (1)
auudo (3)
(seiã) casadas (1)
(he) chamada (1)
chamadas (1)
(seiã) chamados (1)
(seia) conuçada (2)
(seia) cunuscuda (1)
(seia) cunuçada (1)
(seia) conhuçada (1)
conuçada (2)
(seia) cognoçada (1)
(fossem) cognoçados (1)

(seia) cõdãpnado (1)
 (son) cõteudas (4)
 (he) cõteudo (2)
 (est) conteudo (2)
 (est) contehudo (1)
 (e) conteudo (3)
 (era) conteudo (1)
 (auia) coutados (1)
 (auya) coutados (1)
 (foy) coutado (2)
 (séér) coutadas (1)
 (forẽ) coutadas (1)
 coyto (2)
 (seiã) creudos (1)
 dada (25)
 (seia) dado (1)
 (hauia) dados (1)
 (auya) dados (1)
 (foy) dada (1)
 (forõ) dadas (1)
 dauãdicta ~ dauãdita ~ dauandicta (7+1+1=9)
 dauãdictas ~ dauandictas ~ dauanditas (8+1+1=10)
 dauãdicto ~ dauãdito ~ dauandicto ~ dauandito (2+3+1+1=7)
 dauãdictos ~ dauãditos ~ dauandictos ~ dauanditos (1+4+1+1=7)
 (foy) demarcado (2)
 (foy) departido (1)
 (fossem) departidos (1)
 descarreyrados (1)
 dicta ~ dita (2+1=3)
 (he) dicta (2)
 dictas ~ ditas (6+1=7)

dicto ~ dito (9+2=11)
(e) dicto (4)
(he) dicto (10)
(est) dicto (3)
dito (est) (1)
dictos ~ ditos (3+1=4)
eleyto (1)
(seia) entregada (1)
(seiam) entregadas (1)
(he) escrita (1)
(son) escriptas (1)
(he) escumũgado (1)
(for) estinto (1)
feyta (1)
(foy) feyta (4)
(forõ) feytas (1)
(forẽ) feytas (1)
(est) feyto (1)
(foy) feyto (3)
(séér) feyto (1)
(forẽ) feytos (1)
(fora) filhada (1)
(forã) filhadas (1)
(tijã) filhadas (1)
frito (2)
(seia) frontado (1)
(seia) guardada (1)
(seia) guardado (2)
irados (1)
(for) Julgado (1)
leuda (1)
(seia) maldito (1)

(fiquê) melorados (1)
(forê) metudas (1)
nomeados (2)
(seia) ousado (2)
onrrado (1)
(seia) outorgado (3)
(son) outorgados (1)
ouuido (1)
pagados (1)
(fiquê) peiorados (1)
posta (1)
postos (1)
(e) posto (1)
(foy) posto (1)
(seia) prouado (1)
(for) prouado (1)
(séér) prouado (1)
(teuerê) rendadas (1)
regagnado (1)
(fossem) renúciadas (1)
sabuda (2)
sarrada (2)
saluas (1)
(son) scriptas (1)
séélada ~ seelada (10+1=11)
sééladas (4)
sobredictos (13)
sobredicto (5)
sobredictas (9)
sobredicta (3)
(uay) scrito (1)
scriptos (1)

(seia) teudo (1)
(seiã) tẽudos (1)
(seiã) teudos (1)
(erã) teudos (1)
traspasadas ~ traspasadas (2+1=3) ,
uaga (4)
vaga (1)
uista (1)
uistas (1)
uistos (1)
(aiã) uĩgados (1)

OS TEXTOS

3.1. Critérios de Transcrição

A presente edição é uma edição crítica de testemunho único, de tipo interpretativo.

A transcrição é conservadora, de acordo com o objectivo que visa servir: o comentário linguístico. Fazem-se, no entanto, algumas conjecturas nos locais de difícil leitura e corrigem-se erros evidentes do copista. Sempre que exista a possibilidade de não se tratar de erro, mantém-se a forma do copista (ex: Sisnes I-28 (132), sapede I-3 (31), cõ I-27 (48)).

No que diz respeito à ortografia, apenas se actualizam alguns aspectos da ortografia medieval que, não tendo interesse linguístico, dificultam, no entanto, a leitura e análise do texto. Todos os factos que podem ter alguma relevância linguística são mantidos. As actualizações efectuadas são as seguintes:

1. Reduzem-se a um único tipo os diversos tipos manuscritos medievais de "s" e de "r", mas mantêm-se as grafias <u> e <v>, quer para [u] vocálico quer para [v] consonântico, e <i> e <j>, quer para [i] vocálico quer para [j] consonântico, que não estão, no entanto, de acordo com a realidade fonológica actual.

2. Unem-se os elementos separados de uma mesma palavra e separam-se palavras unidas, procurando, assim, reconstituir os vocábulos fonéticos.

2.1. Em relação às proclíticas, optou-se por separá-las sem qualquer marca, mantendo, no entanto, as enclíticas tal como se encontram no texto (ex: " El Rei o mandou per conselho de sa Corte..." I-29 (58); " E a força que lhy fiz en cada hũa destas cousas ata aqui'alçolha ora e quitomell'ẽ." I-33 (42-43)).

2.2. Separam-se sistematicamente casos como os de ãna → ã na; cõno → cõ no, etc.

2.3. Transcrevem-se sistematicamente unidas as formas "des" e "y", uma vez que grafias como "dessy" (I-4 (133)) levam a considerar esta forma como não decomponível.

2.4. Transcrevem-se sistematicamente unidas as formas "en" e "sembra", uma vez que a clara proximidade desta forma com o francês "ensemble" parece legitimar a união dos elementos.

3. Não se introduzem quaisquer alterações na pontuação do texto; apenas se marcam com hífen, como actualmente, as translineações.

4. As abreviaturas são desdobradas, sendo o desenvolvimento das mesmas indicado através de sublinhados.

4.1. Mantém-se, no entanto, o til sobre as vogais etimologicamente nasais, em vez de o substituir por "m" ou "n" (excepto nas partes de texto ou expressões em latim).

4.2. Em início de palavra ou isoladamente, a abreviatura "ñ", que não oferece a possibilidade de se confundir com a nasal palatal, e a abreviatura "ŋ" são sistematicamente desenvolvidas por "non" e "con", respectivamente.

4.3. Transcreve-se sistematicamente por "e" o sinal tironiano usado pelos escribas para a copulativa, excepto nas partes de texto ou expressões em latim, onde o referido sinal é transcrito por "et".

4.4. A abreviatura "đcā" é desenvolvida com ou sem c conforme este figura, ou não, na abreviatura.

4.5. Não sendo fácil optar entre os desenvolvimentos "confirmo", "confirmat" ou "confirmans", mantém-se a abreviatura "conf.", cujo uso é comum entre os paleógrafos, a nível internacional.

4.6. Em relação às abreviaturas das unidades monetárias "ḏ" e "mā", no caso da primeira, é corrente na época a alternância entre "dineyros" e "dieyros". Em relação à segunda, a forma com <ll> é ainda a mais comum nesta época, embora alterne já, em alguns casos, com <lh>. Sendo difícil estabelecer uma proporção justa, opta-se, em cada um dos casos, apenas por uma das formas de desenvolvimento da abreviatura: dineyro e mealla, respectivamente.

4.7. É regra geral que, em relação à abreviatura "dōnus", ela é desenvolvível por "dominus" apenas quando o significado é o de "senhor". Quando o significado é o de "dom", é desenvolvível por "domnus", "donnus" ou, mais raramente, "dompnus". Sendo difícil estabelecer uma proporção justa, opta-se, tal como em relação às unidades monetárias, apenas por uma das formas: "domnus".

4.8. Em casos como os de ".G°." ou ".A.", por exemplo, consideram-se os dois pontos como mero relevo gráfico da palavra, razão pela qual se omitem depois da abreviatura desenvolvida.

5. As alterações efectuadas no texto são assinaladas através da utilização de notas, que se apresentam no final da edição. As notas encontram-se indicadas por um número entre parênteses curvos, em expoente.

Além das notas à edição, recorre-se à seguinte simbologia:

5.1. O sinal "ϕ" indica a presença de um caldeirão.

5.2. O apóstrofo indica uma elisão.

5.3. Os parênteses esquinados assinalam partes de texto entrelinhadas. Os entrelinhados alheios ao texto, bem como os erros de que o copista se apercebeu, tendo-os eliminado através de rasura ou subpontado, são assinalados em nota.

5.4. As notas reproduzidas de Luíz Fagundes Duarte (1986) encontram-se precedidas de um asterisco.

5.5. Os parênteses rectos assinalam as integrações da nossa responsabilidade, incluindo os casos de leitura difícil, e são acompanhados de nota sempre que necessário.

5.6. As letras capitais são indicadas a negro.

5.7. O sinal de adição, "+", indica abreviatura desfasada.

5.8. As linhas do texto encontram-se numeradas na margem esquerda e correspondem linha a linha às do manuscrito.

5.8.1. Efectuou-se, para cada documento, uma numeração seguida e não uma numeração por colunas, que tornaria pouco económica a localização dos exemplos no comentário linguístico.

5.8.2. A numeração de cada documento inicia-se, não no número um, mas no número de linha referente à coluna do texto manuscrito, a fim de facilitar a localização do início do texto no manuscrito.

3.2. INDICE DE DOCUMENTOS

(Reproduzido de Luiz Fagundes Duarte, 1986)

	Pág.
I-1 : Carta de foro de Telões de Aguiar	196
I-2 : Carta de foro de Condudo	199
I-3 : Carta de Afonso III a Afonso X de Castela acerca do Castelo de Albufeira	202
I-4 : Relação feita pelo Concelho de Monsaraz das divisões dos termos de Portel	204
I-5 : Carta de doação do Castelo e da vila de Miranda a Fr. Afonso Peres Farinha	214
I-6 : Carta de foro de uns pardieiros na Judiaria de Lisboa	218
I-7 : Carta de doação a D. Vivaldo de umas casas sitas em Lisboa	220
I-8 : Carta de concessão ao Rei dos direitos da feira de Almedina (Coimbra)	222
I-9 : Carta de confirmação, mandada passar por Maria Domingues, da venda de uma aldeia ao Rei	230
I-10: Carta de conciliação entre D. Gonçalo Garcia e D. Maior Gonçalves	232
I-11: Carta de doação a D. Vivaldo de umas casas em Lisboa	237

	Pág.
I-12: Carta de doação ao Infante D. Afonso das vilas e dos castelos de Marvão, Portalegre e Arronches	238
I-13: Carta de regulamentação do foro do relego de Beja	244
I-14: Carta de vingação dos herdamentos de Tavira	247
I-15: Demarcação do relego de Beja	248
I-16: Carta do concelho de Freixo a pedir que lhe seja dado o foro de Mogadoiro	251
I-17: Carta de contenda entre o Rei e Paio Anes de Loiras por causa de uns bens em Loiras	252
I-18: Carta de doação do castelo e da vila de Vide ao Infante D. Afonso	254
I-19: Carta sobre as presúrias de Évora	257
I-20: Carta de correcção de actos do Rei e da Corte feitos em prejuízo do Clero, da Nobreza e dos Concelhos	259
I-21: Carta de solução de uma contenda entre o Rei e a Abadessa e o Convento do Mosteiro de Arouca por causa dos coutos e herdamentos de Antuã, Avanca e Arouca	265
I-22: Carta de conciliação entre a Abadessa e o Convento do Mosteiro de Arouca, e o Rei, a respeito do Mosteiro de S. Salvador de Bouças e do herdamento de Bouças e de Vilar de Sande	268
I-23: Carta de foro dos bachelos de Montemor-o-Velho	271
I-24: Concessão de licença de pesca em Neiva	272

	Pág.
I-25: Carta em que a Abadessa e o Convento do Mosteiro de Lorvão declaram aceitar o senhorio da Infanta D. Branca	274
I-26: Carta em que o Rei reconhece que os homens de St ^a Cruz de Coimbra não são obrigados a trabalhar no muro de Montemor-o-Velho	276
I-27: Carta de doação do castelo e da vila da Lourinhã ao Infante D. Afonso	278
I-28: Carta de conciliação entre o Rei e o Mestre da Ordem de Santiago por causa dos direitos sobre pescas e mercadorias em Almada, Sesimbra, Palmela, Setúbal, Alcácer e Sines.	282
I-29: Carta de confirmação das partilhas de D. Joana Dias pelos filhos e netos de seu marido Fernão Fernandes Cogominho	290
I-30: Carta de regulamentação dos direitos a tirar das fangas e açougues de Santarém	294
I-31: Carta de emprazamento entre o Mestre e o Convento de Avis, e o Infante D. Afonso, sobre uns herdamentos em S. Vicente	299
I-32: Carta de doação de umas casas em Lisboa a Mestre Domingos das Antas	307
I-33: Carta de doação à Rainha do padroado das igrejas de Torres Vedras, Alenquer e Torres Novas.	309
III : Carta por que os Juizes e o Concelho de Abrantes se comprometem a fazer e a refazer os muros do castelo da vila	311

3.3. Edição

Livro I . Doc. I

Fol.9a (...) Carta de foro hereditatis

de Teloos de Aguyar.

Sabiam todos aqueles que esta carta uirẽ que eu don Alfonso pela graça de deus Rey de Portugal e Conde de Bolonia fazo carta de foro a uos pobladores da mya

20 herdade de Tolones de Aguyar . dou uos quãta herdade ei . en essa villa cũ seus termios nouos e antigos a foro a saber é como parte pelo porto de vereá con o Souto e ã outra parte con o Porto dos Oleyros . e ã outra parte como uay pelas ueygas áas carualias gẽmeas . e

25 ende uay aos terrẽos dos vidos . da agua de Lampazas e ende parte cũ Jzimã pelo terreo de mata filios. e como parte cũ soutelo pelo marco de Carualia . e como parte con o termyo do castelo e como parte con a poboacion pela agua do Cadouzo e como parte pelas ver-

30 éeas e uay ao Portu da verrea . do uos esta herdade cõ sua entrada e cũ sua sayda que seiades dez e sette pobo-

adores ou mays se quiserdes . mays estes dez e sette mj
façã foro e recebam quantos quiserẽ . e estes dez e sete
foreyros . paguẽ a mj cadã áno e a meus successores
35 segnos moyos de pan ateygados . e nõ mao postos a
meyadade de centeo e meyadade de milo . pela mid-
ida da terra de aguyar . e dade este pam ã Requeyso
atées a festa de san Migael . e dade mi dez e sete ma-
rauidis as tercias do ano una tertia ã Kalendas
40 agustas . e outra tertia ã Kalendis Decẽbrias e outra
tercia ã Kalendis aprilis . e dademi ã dia de Nathal cadã á-
no doze spadoas de porcos cõ uinti e quatro paes segundo
o custume da terra e duze galinas cum cento e uijn-
ti ouos e dademi tres Carneyros por Coleyta e-
45 n o⁽¹⁾ Mes de mayo . e Cada uno de uos mi de uno ma-
rauidi quando morrer por loytosa . e nõ peytedes senõ
tres coomias se as fezerdes . a ssaber est umezio Rou-
so e furto . e do omẽ morto polo omezio ! dade . x . ma-
rauidis a meyadade a páacio e meyade a concelo . e
50 do rouso outro tão furto qual u fezerdes tal u peytade .
per enquisiciõ de oméés bóós . e esto seia per homéés de
uossa villa e nõ per outros . Aiades uos e todos uo-

7
55 sos suscessores esta herdade dauãdita . en paz ã todos
 tempos . e fazede ende a mi e⁽²⁾ a todos meus successo-
 res estes foros dauanditos e nõ mays . E'sta herdade

Fol.9b nõ dedes nõ uendades nõ emplazedes nõ enpenoredes
 a nõgũu omẽ . senõ a omẽ vilao que mi faça ende meu fo-
 ro en paz . e que esta cousa seia mais firme e mais stauil
 pera sempre dou uos esta mha carta aberta séelada de
60 meu séelo ã testimoyo . +Dada⁽³⁾ ã Lixbõa Rege⁽⁴⁾ mandou
 per don Gil martíjz mayordomo da Corte . e pelo Chã-
 celer . x^a . dies andados de Julio . Johã suariz a fez . Era
 M^a . CC^a . Lx^a . iij^a . (...)

Livro I . Doc. 2

Fol.9b (...) Carta de foro de Condudo.

Sabiã todos aqueles que esta Carta uirẽ que eu don . Al
10 fonso pela graça de deus Rey de Portugal e Conde
de Bolonia faço carta de foro a uos Pobladores
da mya herdade do Condudo que y morar quiserdes ã primey
ramente douuos a foro quanta herdade en esse logar ei co-
mo parte cõ paredes e como parte cõ Soutelo e desẽ-
15 de como parte cõ mõte negrelo e ende cõ caluos e
cõ Jugal e desende uay u primeyramẽte comezamos .
e uos fazede y . quinque casaes . e popledes hy cinque ho-
mées e fazede mi ende cinque foros . A ssaber é dade cada
ano a mi e a meus successores . uos e uossos successor-
20 es dez moyos de pam meyadade de centeno e meya-
dade de milo pela medida da Aguyar que agora y a . e
este pã seia ateygado e nõ mao posta . e este pã da-
de en a Eyra des Kaendas agustas atéés dia de
san Migael . de Septẽbro e se uolo nõ receberẽ ate-
25 ens este tẽpo nõ respõdades dele por esse ano . e da-
demi cada ano cinqui spadoas . e cinqui galinas cõ

dez . dex . ouos . e cū dous dou<s> paes centeos quaes
os fezerdes ĩ uosas casas . e dademi en Mayo por
Coleyta dous Carneyros de segnos anos . cū dez pa-
30 es centeos . e dademi cadá áno cinqui marauidis.
áás tercias do ano . segūdo o custume da terra e cada uno
mi de cādo morer . uno marauidi por loytosa . e dade
por uodo . senos sesteyros de pã . e nō peytedes senō
quatro coomias a saber est . umezio rouso . furto e merda
35 en boca e isto seia prouado per enquisa d'omées bóós . de tres
uilas de uosa friysia . e pectade por omezio / dez ma-
rauidis a meyadade pera mi e meyadade ao concelo
e por rouso e por merda en boca . outro tanto . e furtu
qual for achado tal peyte . nō uáades a castelo nē
40 a entorui<s>cada se non apilidarē a terra . segūdo acus-
tumeastes . e non uēdades nē apenoredes nē done-
des essa herdade a nēgūu omē . seno a omē vilao .
que mi faza ende meu foro . e ric'omē nē prastameyro
nō faça poua en uossa uila . nē uos entre y seu may-
45 ordomo que uos faça y força . Aiades uos e todos uo-
ssos suscessores . esta erdade en paz en todos tēpos
e fazede(1) ende a mi e a todos meus suscessores e-

stes foros dauãditos . E que esta cousa seia mais
stauil e mais firme pera senpre . douos esta mha carta
50 aperta séelada de meu séelo ã testimoyo . Dada ã
Lixboa . El rey o mandou per don Gil martijz mayor-
domo da Corte e per o Chancellor . x^a . die Julij . Johã
suariz a fez . Era . M^a . CC^a . LX^a . iij . (...)

Livro I Doc. 3

Fol.43d (...)Karta

domini Regis missa Regi Castellie super Castello de Albofeira .

- 10 AO muyto onrrado e muyto amado dõ Affonso
per la graça de deus Rey de Castella de Tholedo . de
Leon . de Siuilla de Cordoua de Murcia e de
Geen . don Afonso per essa mífssma graça Rey de portugal .
Saude e amur . assi como amigo que muyto amo
15 e que muyto prezo e de que muyto confio e pera quem
querria muyta de bõa uentura . Rey fazo uos a ssa-
ber que quando eu ouuy o Castello de Albofeyra que e ã-
no Algarue deyou por Esmolna ao maestre e
ao Conuêto de Auys e elos tenendo e auendo este
20 Castello eu pusi meus preytos e myas cõuenẽ-
zas cõuosco assi como uos sabedes de guysa que
ouuestes de tener ou Algarue en uossos dias as
si como iaz en as Cartas dos preitos que sunt
entre uos e my . E rey uos me enuiastes dizer
25 per uossa carta que uos desembargariesdes esse castello
de Albofeyra ao Maestre e ao Conuêto de Auys

se a my aprouguesse e eu enuieyus dizer per mha
carta que my prazia ende e uos my enuiastes dizer
que non o feria des porque enuyara dizer esto per mha
30 carta sarrada . e que uos enuyasse mha carta ab-
erta sobr'esto . E rey sapede que my plaz de uos
deliurardes e mandardes entregar ao maestre
e ao Conuêto de auys esse castello de albofey-
ra se a uos praz . saluas nossas conuenẽzas e
35 nos preytos que sunt entre uos e my . que esto nõ
possa enpézer a nossos preytos nõ a las cõuen-
enzas que sunt entre uos e my . Dada ỹ Lixbõa
El rey o mandou . viijº . dias . ante as Kalendas . de
Mayo . Joham suariz a fez . Era . Mª . CCª . LXª . viijª .

Livro I Doc. 4

Fol.75c (...) Carta donnj Johanis de Auoyno super di-
uisione Terminorum de Portel .

JN dei nomine et eius gratia . Notum sit omnibus pre-
25 sentem Cartam inspecturis . Quod ego Alfonsus dei gratia
Rex Portugalie una cum vxore mea Regina domna Be-
atrice illustris Regis Castelle . et Legionis filia .
et filijs et filiabus nostris Infantibus domno Dionisio
et domno Alfonso . et dona Blanca . et domna Sancia
30 vidi cartam apertam sigillatam sigillo Concilij
de Monsaraz non rasam non abolitam nec in
aliqua parte sui uiciatam de diuisione et marca-
mento quod Pretor . et Aluaziles . et Tabellio .
et Concilium de Monsaraz fecerunt cum domno Jo-
35 hane petri de Auoyno meo maiordomo maiori per
meum mandatum et per Meum outorgamentum inter
terminos de Monsaraz . et hereditamentum et Ca-
utum de Portel eiusdem domni Johanis petri de Au-
oyno mei maiordomi . per quam diuisionem et marca-
40 mentum mandauit per meam cartam et per Thomam

petri meum portarium erigi patronos pro marcis .
et pro cautis . per quos marcos et patronos cautai
et mandauí cautare et cauto eidem domno Johani
petri de Auoyno . et domne Marine alfonsi vxori
45 sue et omnibus successoribus suis predictum heredamen-
tum suum de Portel in sex mille . solidos . prout contin-
etur in cartis meis quas de me tenet per quas confir-
maui et cautai eidem domno Johani petri de auoy-
no et domne Marine alfonsi uxori sue ipsum here-
50 damentum et Cautum de Portel . Cuius carte diui-
sionis et marcamenti tenor talis est . In nomine domini
amen . Cognoçuda cousa seia a todos aqueles
que esta carta uirẽ e léer ouuirẽ que nos Alçay-
de e Aluazijs . e Tabelliõ . e Conçello de

Fol. 75d Monsaraz reçebemos carta aberta do nosso segn-
or don Affonso Rey de Portugal en a qual car-
ta nos mandou dizer que nos fossemos departir e demar-
car os termys dantre nos e o herdamento de don Johã
periz d'auoym seu mayordomo mayor . E per aly per u
60 cõ esse don Johã periz d'auoym seu mayordomo ma-

yor partissemos e demarcassemos que nos possese-
mos e alçassemos per y cū Thome periz seu portey-
ro marcos e padroes e coutos en guysa que os termy-
os de Monsaraz . e os Coutos e os marcos . e os
65 padroes e os termyos de Portel fosse[m] ia pora
sempre cognoçudos e departidos pera nũa crecer
antre nos . e ele nẽhũa⁽¹⁾ contenda sobr'esses termy-
os . vnde nos dauãditos Alcayde . e Aluazifs . e
Tabelliõ. e Conçello de Monsaraz uista e leuda
70 a carta de nosso segnor el Rey fomos partir e de-
marcar os termyos d'antre nos e o herdamẽto de
Portel de don Joham periz d'auoym seu may-
ordomo mayor . e partimos assi cū elle perdante
muytos homẽes bóos que y stauã presentes os
75 quaes iazẽ scriptos e nomeados en fundo de-
sta carta . Cõuen a ssaber quomo partimos e en qu-
al logar começamos a partir e a demarcar e a
poer e alçar padroes por marcos . e por coutos
ensenbra cū esse Thome periz seu porteyro d'el
80 Rey . Primeyramente começamos logo a partir
e a demarcar e a coutar per a agua de so a pena

do Auãto quomo entra en vdyana . e nos pose-
mos essa foz da agua por marco e por couto
dantre nos . e ele . e assi como parte pela uéa
85 dessa agua e desy como salyndo dessa agua
pera suso u posemos e alçamos un padrõ por mar-
co e por couto no cume uertête as aguas po-
ra Musgus . e desy indo en dereyto u posemos
e alçamos outro padrõ por marco e por cou-
90 to no outro Cume uertête as aguas pora Musgus .
e desy indo a outra cabeça u posemos e alçamos
outro padrõ por marco e por couto que esta so
a carreyra que uay de Monsaraz pora Moura .
e desi dessa cabeça yndo pelo uale iuso que esta
95 a so ela assi como uay entrar na agua da azã-
bugeyra . e desy indo pela uea dessa agua da
Azabugeyra como uay entrar in vdygebe
a sobrela carreyra que uay de Moura pora Euo-
ra . e essa foz da agua da Azãbugeyra u entra
100 en vdygebe essa foz posemos por marco e por
couto . e desy indo a sobre péé pela uéa dessa
agua de vdygebe ata aquele logar per u parti-

mos nosso termio con o de Euora . e esse logar
posemos por marco e por couto . E depois que o
105 termyo de Portel de don Johã periz d'auoym May-
ordomo mayor d'el Rey foy departido e de-
marcado e coutado assi como de suso e dicto
começamos a partir e a marcar e a Coutar per mã-
dado d'el Rey cū Thome periz seu porteyro
110 os termyos de Euora cõ no herdamento de Portel

Fol.76a de don Joham periz d'auoym seu mayordomo mayor
e ensembra cõ no Alcayde e cū nos Juyzes e cū
no Tabelliõ e cū no Conçello de Euora e cū
Joham periz d'auoym Mayordomo mayor d'el rey
115 per uóontade d'ambas las parteas . primeyramẽte
posemos e alçamos un padrõ por marco . e por co-
uto u entram as peçenas ã vdygebe . e desy in-
do per essa uea da agua das Pecenas pera suso u se
iuctã as peçenas ambas . e desy yndo pela uéa
120 da agua da peçena de contra mõte de trijgo ata a car-
reyra que uay de Euora pora Moura u posemos .
e alçamos un padrõ por marco e por couto . e de-

sy yndo pera suso per essa vea da agua da peçena
ata a carreya que uay de Euora pora portel u
125 posemos e alçamos un padrõ por marco e por
couto . E desy per essa agua da peçena a sobre péé
ata aquele logar u entra á água do frexeo na peçe-
na u posemos e alçamos un padrõ por marco
e por couto . e desy pela uéa dessa agua do frexeo
130 yndo a sobre péé ata a carreya que uay de Euora
por a Serpa ! u sta a fonte que chamã dos Carneyros.
a par da herdade do Garmaxo u posemos e alça-
mos un padrõ por marco e por couto . e dessy yndo
desse logar per essa carreya que uay pora Serpa .
135 ata u esta outro padrõ por marco e por couto no
Cume das Athalayas de Martin fernandiz en essa
carreya uertente as aguas a vdyuelas e as peçe-
nas . E poys que isto foy feyto e demarcado e cou-
tado assi como nosso senhor el Rey nos mãdou .
140 e assi como de suso est dicto . don Johã periz d'auoyn
seu mayordomo mayor nos pedyo ende ãha car-
ta aberta séélada de nosso seelo de todas estas co-
usas dauãdictas que teuesse de nos en testemoyo .

E nos uymos que era bẽ e dereyto de lha darmos
145 e demoslha que a tẽgna en testemoyo . Eu vicente
fernandiz Tabelliõ publico de Monsaraz foy presẽ-
te en todas estas cousas dauãdictas . e de mandado
e de outorgamẽto do Alcayde . e dos Aluazijs e do
Conçello de Monsaraz escriuy e séeley esta car-
150 ta cũ ma mao propria e pugy meu sinal en testem-
oyo que tal e . [S.T.] feyta a carta en Mõ-
saraz dia domĩgo . dez e octo dias andados de
Janeyro . En a . Era . de Mil . e Trezentos . e tres an-
nos . Que presentes forõ . Martĩ eanes sãgallo po-
155 blador de Monsaraz . testemoya . Suero soariz . e Johã
simeõnis aluazijs de Mõsaraz . Méende eanes
pestanda . e Beento saluadoriz . e Martĩ martíjz .
e Pedro da Améeyra . e Johã de palença . e don
Garcia uizios de Mõsaraz . Jtem Pedro rodiguiz al-
160 cayde de Euora . Suer rodiguiz . e Sueyro sa-
luadoriz Juyzes de Euora . Pedro laurenço ta-
belliõ de Euora . vasco uellio . e Steuam martíjz seu
Jrmão . Johã eanes clerigo . Gonsalo domĩguiz . Mar-
tĩ meendiz da costa . Martĩ martíjz de Cuya . Lourẽ-

165 zo martíjz de Cuya . Steuam periz da costa . Johã pááyz

Fol.76b pōzo . Johã affonso . Gerald'eanes . Johã periz gago .

Geral periz fernandiz . Johã gonsaluiz . Pedro payz .

Domígo affonso seu genrro uizios de Euora . Jtem

Pedro martíjz petarino . ffernam martíjz curutelo .

170 Johã gonsaluiz de baruudo . Roderigo eanes seu fillo .

Tiburcio martíjz . +Pedro(2) de Layas . Lourẽço magro .

Arias fernandiz de Estremoz . Johã lofyo . Paay

uéégas de Sanctaren . +Pedro mafaldo . vicente anaya .

Steuam rodiguiz de Eluas . Steuã lourẽço de Curu-

175 telo . affonso eanes de Eluas . Steuã naualia .

Roy fernandiz . Steuam lamelas . +Pedro lourydo .

Nuno sóariz prior de san bartholomeu de Sanctaren .

vicẽte periz prior de sancta Maria de Portel . Nicho-

lao domíguiz clerigo de don Johãne . Johã laurẽ-

180 ço . Paay regagnado . vicente periz Juyzes de por-

tel . Migueel saluadoriz . vicente gadanio . vi-

cente rolã . Ramiro meendiz . Domígos meendiz uizi-

os de Portel . Et ego supranominatus alfonsus dei

gracia Rex Portugalie una cum vxore mea regina domna

185 Beatrice illustris Regis Castelle et legionis filia .
et filijs et filiabus nostris Infantibus domno Dyonisio .
et domno Alfonso . et domna Blanca et domna Sancia
predictam diuisionem . et predictum marcamentum conce-
do approbo et confirmo prout superius est expressum . Et
190 per supradictas diuisiones . et marcos et patronos ca-
uto predictum herdamentum de Portel domno Johāni
petri de auoyno . et domne Marine alfonsi ux-
ori sue et omnibus successoribus suis in perpetuum prout
superius ipsum heredamentum de Portel est marcatum .
195 et determinatum . Et ut predicta diuisio et predictum mar-
camentum et predictum cautum in perpetuum maioris
roboris obtineant firmitatem et non possint in
posterum reuocari/do eidem domno Johani petri de
auoyno . meo maiordomo et meo crientulo et fi-
200 deli uasallo istam meam cartam apertam de meo
sigillo plumbeo communitam quam ipse et uxor eius predicta
et omnes successores eorum teneant in testimonium
rei geste . Data Sanctarene . vij . die februarij
Rege mandante . Era . M^a . CCC^a . iij^a . domnus Go-
205 nsaluus garsie Alferaz . Curie . conf . domnus Alfonsus

lupiz tenens Sausam . conf . Domnus Didacus lu-
 piz tenens viseum conf . domnus Menendus roderici tenens
 Mayam . Petrus iohannis tenens Traserram . conf .
Stephanus iohannis tenens chauias . conf . Nuno mar-
 210 tijz Meyrinus tenens braganciam . conf . domnus Martinus
archiepiscopus bracharensis . conf . domnus Egeas episcopus Co-
limbreiensis . conf . domnus vincentius Episcopus Portugalensis conf .
domnus Petrus Episcopus Lamecensis . conf . domnus Matheus
Episcopus
visensis . conf . domnus Rodericus Episcopus Egitaniensis . conf .
 215 domnus Matheus vlixbonensis Episcopus . conf . domnus Martinus
Episcopus Elborensis . conf . Domnus Stephanus iohannis Can-
cellarius Curie . conf . Dominicus petri notarius curie scrip-
 sit.

Livro I Doc. 5

Fol.84b (...) Karta donationis

45 de Castello et de villa de Miranda facte Alfonso petri farina.
 COnoscam todos aqueles que esta Carta uirẽ
 que eu don Affonso pela graça de deus
 Rey de Portugal ensinbra cũ mha moler
 Raça dona Beatrix e cũ meus fillos don De-
50 nix e don Alfonso e cũ mhas fillas dõna Brã-
 ca e dõna Sancha dou e outorgo a uos ffrey
 Affonso periz farĩa freyre da ordĩ do Spital de
 Jerusalẽ o meu castello e a mha villa de Mirã-
 da . cũ todos seus termyos . e cõ todas sas pertéén-
55 ças . e cõ sa colleyta . assi como a mi soen a dar

Fol.84c e cõ todos aqueles directos que eu hy ey . e deuo i
 Auer . per tal preyto que uollo aiades e pesuyades .
 estas sobredictas cousas . e façades delas o que a uos
 prouguer en todolos dias de uossa uida . E depouys
60 uossa morte . fiquẽ liures en paz a my . ou a meus
 fillos . ou a meus erdeyros . saluo todo uosso auer

mouil que uos teuerdes en essa terra o qual uos deu-
edes á áuer . e de que deuedes a fazer o que uos prouguer .
E ñẽ eu ñẽ outri en mha uyda ñẽ nengũu depos
65 my ñõ no deue a uos ou a quẽ uos mandardes fil-
lar ñẽ enbargar per nulla maneyra estas cousas
sobredictas ñẽ ñẽhũa delas . E quito por amor
de uos os homéés de Mirãda e de seu termyo d'oste
e d'anuduua mentres a uos teuerdes . que ñõ uáán a
70 outros logares senõ que façã anuduua a qual a my
deuyã a fazer en refazimẽto do Castello de Mirã-
da per uosso mãdado assi como uos teuerdes por bẽ
en uossos dias . E esta doaçõ assy como he de su-
so escrita dou a uos por amor de deus en primey-
75 ramẽte e de sancta Maria ssa madre . e en rremey-
mẽto de meus pecados . e por muyto seruiço que a mj
fezestes e fazedes . E se eu ou algũu de mha par-
te ou doutra contra este meu feyto quisesse ueir
ñõ lly seia outorgado . e de mays seia maldito
80 e escumũgado . e cõ Judas o trahedor nos enfern-
os cõdãpnado . E este feyto fique todauya fir-
me e estauil . En testemoỹo da qual cousa dou

a uos frey Afonso periz farÿa esta mha carta
aberta séelada do meu séelo do Chunbo . que foy
85 feyta en Coimbra . xiiij . dias andados de Nouẽ-
bro . El rey o mandou per don Johã d'auoym may-
ordomo da Corte . en Era . de Mil e trezẽtos e
Quatro annos . don Gonçalo garcia alf-
eraz . conf . dõ Johã d'auoym mayordomo da cor-
90 te . conf . don Afonso lopiz téente sousa . conf . don
Dyago lopiz téente Lamego . conf . don Pedro
ponço téente vouga . conf . Steuã enhanes téente
Chaues . conf . Pedro enhanes téente alaphõe . conf .
Méén rodiguiz téente a maya . conf . Pedro en-
95 hanes de portel téente o Algarue . conf . frey Ba-
rtolameu capellã . testemoya . Pedro martíjz que est en logo
de mayordomo . testemoya . fernã fernandiz cogomyo . testemoya .
fernã martíjz curotelo testemoya . Affonso nouaes testemoya .
Steuã de molnes testemoya . Domígos uicente clerigo
100 d'el Rey . testemoya . Domígos periz clerigo d'el Rey testemoya .
Don Martÿo Arcebispo de Bragáá . conf . don
Egas bispo de Coimbra . conf . don vicente bispo
do porto . conf . don Matheus bispo de viseu conf .

105 don Pedro bispo de Lamego . conf . don Rodri-
go bispo da Garda . conf . don Matheus bispo de Lixbõa
conf . don Garcia bispo de Silue . conf . a Igreja
d'evora vaga de bispo . don Steuã Chanceler
conf . vicente fernandiz a fez . (...)

Livro I Doc. 6

Fol.92b (...) Karta de

55 foro de paredenarijs qui sunt in Judaria vlixbone.

Fol.92c COnuçada cousa seia a quantos esta Carta uirẽ

que eu don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal

e do Algarue ensinbra cũ mha moler Raña dõna

Beatriz filla do muy nobre Rey de Castella e

60 de Leon e cõ nossos fillos e fillas Infantes don

Dinis don Affonso . dõna Blanca dõna Sancha.da-

mos e outorgamos a ti Jsáac fillo de pardo e a ta mo-

ler Cinfáá uos nossos paredéeyros que foron de Abori-

quin que auemos na nossa Juyaria de Lixbõa . estes sõ

65 os termyos a Ouriente a casa de farfom a Ouciente

carreyra puluega . A aguyon á ázinaga sarrada .

a aurego . Jucefe uelho . Damos e outorgamos

a uos e a todos uossos fillos e fillas e a todos aqueles

que depos uos uéerẽ esses paredéeyros . ou casas

70 que hy fezerdes por sempre que den a nos e á áqueles

que depos nos uéerẽ en cada hũu ano ĩ dia de san

Miguéél de Setembro . quatro.liuras . por foro des-
ses paredéeyros ou dessas casas que hy fezerdes . E
mandamos e outorgamos que destes paredéeyros
75 de suso dictos ou das casas que hy fezerdes façades
toda uossa uóntade . e se peruentuyra esses pa-
redéeyros ou essas casas que y fezerdes quiserdes uẽ-
der ou dar á alguẽ dẽ a nos e a todos aqueles que
depoys nos uéerẽ este foro de suso dicto . E por
80 isto séer mays firme / damos a ti Jsáác fillo de
pardo e a ta moler Cinfáá e a todos aqueles que depo-
ys uos uéerẽ esta carta en testemoyo . Dada
en Coymbra . vj . dias de Janeyro . El rey o mã-
dou . Pedro periz a fez . Era . M^a . CCC^a . vij^a

Livro I Doc. 7

Fol.94c (...) Karta

per quam dominus rex mandavit intregare donno viualdo
quasdam <domos> .

50 DOn Affonso . pela graça de deus . Rey de Portugal
e do Algarue a uos Pedro fernandiz meu Alm-
oxariffe e aos Scriuaes de Lixboa saude .

Mandouos que entreguedes a don viualdo as
mhas casas que son na frééguesia de sancta Maria
magdalena que forũ de Joham bochardo das
55 quaes estes son os termyos a ouriête e avrego

Fol.94d e aguyon vias publicas . e a autiête as casas de
viuas martíjz e entregadelas cũ seus termyos
e cũ seus sobrados . En outra parte mãdouos que l'en-
treguedes a outra mha casa cũ seu sotão e cũ seu
60 sobrado . a qual est en essa méésma frééguesia da qual
estes son os termyos a ouriente o Muro da villa
a ouciente vya publica a aguyon as casas de
Domĩgos pááyz tonoeyro a uegro a outra m-

ha casa . as quaes casas m̃do que tenha de my en
65 prestamo de Cincoenta . e una liura en sa uida
solam̃te . ca a tanto achei per uos Almoxarife
e escriuaes que ualẽ a my cada ãno essas casas .
E depoy morte desse don viualdo essas cas-
as tornẽsse a my ou meus successores liuremente .
70 e esto faço a ele por graça e por mercée . En teste-
moyo da qual cousa dou a esse don viualdo esta
mha carta aberta que foy feyta en Lixbóa . xix^a(1)
die Septembris . el Rey o m̃dou . Durã periz
a fez . Era . M^a . CCC^a . vij^a . (...)

Livro I Doc. 8

Fol.96d Karta concessionis quam dedit concilium Colimbrie domino regi super faciendis <feyras acougues et alias res . >

SApam todos aqueles que esta carta uirẽ e
ouuirẽ . Que nos váasco affonso Alcay-
20 de Domĩgos periz Roy uéegas Aluazíjz e Cõ-
cello de Coymbra chamados e aiuntados per
nosso pregoeyro non per força ñẽ per engano de ñẽ-
guu mays de nossas uóóntades bõas louua-
mos e outorgamos que nosso senor don Affonso pela
25 graça de deus Rey de Portugal e do Algarue faça
feyras . acougues fááengas . e Alfandegas cũ
ssa stalagẽ en a Almedinha hu quiser en nho seu .
en os quaes logares el faça uender totalas cou-
sas assi como aqui son scriptas . En primeyremen-
30 te louuamos e outorgamos que todo auer que uẽ-
her a Coimbra pera ss'y uender que descarregue
nas Alfandegas d'el Rey . e as beschas que esse
auer trouxerẽ e totalas outras beschas da car-
rega que ende merchandia quiserẽ leuar pousen na

35 estalaria d'el Rey . e as merchãdias e os aueres
pousen nas Alfandegas d'el Rey . saluo que o vi-
zio da villa uáá descarregar seu auer e seus
aueres cū sa bescha e beschas a ssa casa . ¶ Item
louuamos e outorgamos que omẽ que traga merchan-
40 dia non pola uender en Coymbra non por
leuar outra mays por ss'ir cū ella pera outro lo-
gar que desqua hu quiser . tanto que nō faça morada
se non per hūu dia e per hūa nocte . e se mais ste-
uer uenha áás Alfandegas e a estalaria d'el
45 Rey . e por cada bescha caualar ou muar
de stalagẽ . j . dineyro polo dia . e outro pola nocte .
e sse for asrho . j . mealla . polo dia e outra pola noc-
te . ¶ Item louuamos e outorgamos que os que desenca-
rregarẽ nas Alfandegas d'el Rey den de
50 cada carrega polo logo hu seuer da bescha ca-
ualar . j . dineyro . polo dia . e outro pola nocte . e po-
la carrega do asno . j . mealla polo dia . e outra
pola nocte ¶ Item louuamos e outorgamos que do
vño que de fora parte uéer a Coymbra pora
55 uender / que sse uenda nas Alfandegas d'el

Fol.97a Rey saluo dos vicios da villa . que o ṽyo que hã de s-
sa colleyta e de ssa lauradea que o uendã assi como cu-
stumearõ a uender . e dẽ a el Rey seu derecto assy co-
mo o costumearõ a dar . e dẽ da carrega caualar
60 . viijº . dineyros . e da asnal . iiij . dineyros . e os que teuerẽ
as alfandegas deuẽ a dar as medidas e as outras
cousas que lys soyam a dar a esses que uendyam o
ṽyo e nõ de mays per razõ da carrega do ṽyo
saluo a estalagẽ da bescha ζ Jtem louuamos e outo-
65 rgamos que toda carne e todo pescado se uenda nos a-
açougues d'el Rey . e nõ hũu nõ seia ousado d'alur
conprar carne nõ pescado nõ uender . fora nos açou-
gues d'el Rey . e se o alguẽ fezer . louuamos e outor-
gamos que o Alcayde leue dele . Lx . soldos . e se nõ ouuer
70 onde os pague meta'no no Aliube ataẽ que pague .
Lx . soldos . e destes dineyros seiã ende d'el Rey . L . soldos
e do Alcayde . x . soldos . E outrosy louuamos e outorgamos
so esta pẽa de suso dicta que nẽgũu nõ arreuate pes-
cado nõ carne nos açougues d'el Rey nõ no le-
75 ue contra uóóntade de seu dono sen dineyros e se o le-

uar sen dineyros contra uóóntade de seu dono ou arre-
 uatar . peyte Lx . soldos . e seiã ende d'el Rey . L . soldos .
 e do Alcayde . x . soldos . E outrosy louuamos e outorgamos
 que os carneçeyros paguẽ seus foros como soyam a
 80 pagar . saluo que paguẽ de cada cabrito . j . mealla . e
 do cordeyro . j . mealla . e do leytõ . j . mealla . e do ceruo
 ou da cerua . ou da corça ou do gamho . iij . dineyros . ç Jtem
 louuamos e outorgamos que dẽ da lanprea . j . dineyro . e polo
 salual . j . mealla . pola carrega caualar ou muar
 85 doutro pescado ! iij . dineyros . da carrega . asnal . iij . meallas .
 do cesto do pescado mehudo . j . mealla . e do grande
 . j . dineyro . do colonho do pescado do omẽ ou da moler
 . j . dineyro . do sacco ou do colonio do homẽ ou da moler
 . j . dineyro . e da duzẽa das peyxotas secas ou dos congros
 90 secos . j . mealla . Item louuamos e outorgamos que pola séeda
 da da páateyra por todó ó dia de . j . dineyro . e faça uerda-
 de que non uende outro pã senõ o seu ç E louuamos
 e outorgamos que de cada seyron ou de cada carrega
 das verças . dẽ . j . dineyro . e por cada cesto ou por cada colo-
 95 nio d'omẽ ou de moler dẽ . j . mealla . ç Jtem louuamos
 e outorgamos que pola carrega da madeyra caual-

ar . den . ij . dineyros . e da asnal . j . dineyro . do colonio da ma-
deyra do homẽ . j . mealla . ¶ Item louuamos e outorg-
amos que de cada seyron de fruyta dẽ . ij . dineyros e de ca-
100 da colonio d'omẽ ou de moler . j . dineyro . e louuamos
e outorgamos que toda fruyta se uenda nos acoug-
ues d'el Rey . saluo aquele ou aquela que ouuer
de ssa Aruor que ha uenda a ssa porta . e disto faça
uerdade que nõ uenda hy outra . e se peruẽtuyra a rreg-
105 atar uáá uender aos açougues d'el Rey e fa-
ça dela seu foro a el Rey ¶ Item louuamos e outorg-
amos que todo mel e todo azeyte que seia de Regatia .
que se uenda nos acougues d'el Rey e dẽ de cada
alqueyre . ij . dineyros . e os que teuerẽ as alfandegas de-
110 uẽ a dar as medidas . saluo que o vizio da villa

Fol.97b uenda mel . ou azeyte de ssa collecta e de ssa lauradea
a engros hu quiser . E toda regateyra que ouuer casa de
seu uenda en sa casa manteyga . azeyte . mel . vina-
gre . e Castanhas . e nozes . Comyos . pimẽta . açã-
115 frã . Ouos e allos . Cebolas . e tod'isto uenda a diney-
radas e a mealhadas . ¶ Item louuamos e outorgamos

que os que uenherẽ áá feyra d'el Rey . dẽ pola séeda . vj .
dineyros . assy tendeyros comha Correyros . como zapatey-
 ros . como faenqueyros . como piliteyros como aqueles
 120 que uendẽ as mantas . come Steyreyros . come fel-
 treyros . come adéés come aqueles que uendẽ os bure-
 es come todolos outros que trouxerẽ auer a uẽder
 en séeda paguẽ por séeda ou por stada . vj . dineyros . E to-
 dos aqueles ou aqueelas que andarẽ uendendo pela feyra
 125 se algua cousa uenderẽ dẽ senhos . dineyros . da
 carrega caualar dos allos ou das Cebolas dẽ . ij .
dineyros . e da asnal . j . dineyro . e do colonho do homẽ . j . mealla .
 ç Item louuamos e outorgamos que todos aqueles ou aqueelas
que am de uender çapatos . e panos . e peles . e man-
 130 tas . e feltros . e toda outra liteyra ou toda outra
 basanaria uenha a feyra d'el Rey . cada segũda
 feyra . e se hy non quis[er] ueir cada segũda feyra .
louuamos e outorgamos que non uenda en tódá á domáá .
 e se uenderẽ peytẽ a el Rey . L . soldos . e o Alcayde
 135 . x . soldos . e isto deue a séer prouado . Saluo os panos
 da Cóór que seiã dos vezỹos da villa que se deuen
 a uender hu quiserẽ os vezỹos ç A tripeyra de pola

séeda de todó ó dia . j . dineyro . E aquela que uender pescado
coyto ou frito / de . j . dineyro . ç Item da séeda da Legum-
140 ha⁽¹⁾ . j . mealla . e se uender des . iiij^o . alqeyres ata quarteyro de . j .
dineyro . E de millo e de tríjgo e de ceuada dẽ como cu-
stumearõ a dar . E aqueles que quiserẽ morar nas casas
ou nas tendas d'el Rey auenhãse cõ aqueles que as te-
uerẽ rendadas . por seu alquiel . ou cõ aqueles que
145 has hã de uéer . ç E as tendas e as casas d'el Rey
deuẽse apregõar quinze dias antes san Miguel .
E todo céeyro quer çapateyro ou ferreyro . for e per
este mester uiuer e casas de seu nõ ouuerẽ al-
quiẽ as casas e as tendas d'el Rey e nõ alquien
150 outras atã que seiã alquiadas todas . E todos los pesos
deuẽ a séer nas casas d'el Rey e nos deuemos ende
todo nosso derecto a leuar . e deuemos a dar a el Rey
o alquier da casa hu seuerẽ . E os vezỹos da villa
deuẽ a uender todo seu pan en grao en sas casas .
155 E louuamos e outorgamos que totalas outras cou-
sas que aqui nõ son escriptas se usem segũdo a esti-
mazõ e a ualia de suso dita . e louuamos e outorga-
mos que exete isto aia el Rey seus derectos e seus

foros e seus usus assy como ante auya . E todas
160 estas cousas nos ditos Alcaydes e aluazijs e
Concello de Coymbra fazemos esta carta fazer
per mao de Steuã periz nosso Tabelliõ publico
e fazemola séelar cū séelo de nos Concelo e de-
mola a esse dauãdito senhor Rey en testemoyo .
165 E eu dito Steuã periz publico Tabellyõ da

Fol.97c Cidade de Coymbra de mãdado do Alcayde e dos
Aluazijs e do Concelo de suso ditos esta carta
cõ mha mao propria screuy e é éla este meu sinal
posy en testemoyo . Este feyto foy na cidade de
170 Coimbra en ha Egreia de san Pedro . oyto dias
ante as Kaendas de ffeuereyro . en Era . de Mil
e trezêtos e sete anos . (...)

Livro I Doc. 9

Fol.98a (...) Carta de compara de Aldeya que
uocatur domni Saluatoris quam comparauit dominus Rex .
5 Conoscã todos aqueles que esta carta uirẽ que eu Maria
domĩguiz filha de Domĩgos saluadoriz e
muler de Miguéel pasqual outorgo e ey por
firme a uenda que o dauãdito Miguéel pasqual meu
marido fez ensembra cũ Maria saluadoriz . e con
10 Laurẽço saluadoriz e cõ Garsia domĩguiz e cõ Do-
mĩgos domĩguiz . ou nobre senhor don affonso pe-
la graça de deus Rey de Portugal e do Algarue d'ũa no-
ssa Aldeya que e chamada Aldeya de don Saluador
cõ todos seus termos e cõ todas ssas entradas e cõ todas
15 sas saydas e assi com'e cõteudo en o estrumento pu-
blico que ende est feyto pelo Tabelliõ de Eluas
é ey firme e stauil esse estrumẽto e todas as cou-
sas qu'e ele son cõteudas e por aquisto séer firme
e estauil e que nõ possa uíjr en douida roguey ó
20 Concello e o Juyz e os Alcaldes de Alcãtara que
fezesem séélar esta carta aberta de seu seelho

pendente a qual carta ende dey a esse nobre sê-
hor don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal
e do Algarue en testemoyo . E nos cõcelho e Juyz
25 e Alcaldes desse méésmo logar de Alcantara a
rogo da dauandita Maria domĩguiz fezemos a-
questa carta de nosso séélo séélar que foy feyta e-
n o Mes de Dezêbro da Era . M^a . CCC^a . vij^a .

Livro I - Doc. 10

Fol.98c (...) Carta de adueniencia inter domnum . Gonsalum . garcie et domnum

Alfonsum lupi et uxorem eius super bonis que fuerunt domni . Gonsali menendi et <domne . Taregie . suerij .>

- 15 **D**On Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue . a todos aqueles que esta ma carta uirẽ fazo saber que como cõtenda fosse per ante mi antre don Gonsalo garcia d'ua parte e dõna Mayor gonsaluiz per don afonso lopiz seu procurador auondoso á á-
- 20 quisto da outra parte sobre los herdamẽtos e Egre-
iairos . e testamẽtos . e naturas . e maladies . e
Coutos . e onrras . cõ sas pertéenças e cõ seus derey-
tos os quaes forum de dõna Maria gonsaluiz fila de
don Gonsalo meendiz e de dõna Taregia suariz . os
- 25 quaes auéerõ e deuiã auíjr áá dauãdicta dõna
Maria gonsaluiz per razõ de don Gonsalo meendiz . e per razõ
de dõna Tareyia suariz ssa madre áá tal auéén-
za a seu plazer uéerõ . Conuẽ a ssaber que poserõ to-
da esta contenda en mha mao so pea de perder
- 30 a demanda . e hyr sen meu amor aquel que non
fezesse meu mandado . assi en Juyzo como en

auéénza. como en Aruidro . e outorgarõ que eu fe-
zesse hy aquilo que por bẽ teuesse assi en Juyzo co-
mo en auéénça como en Aruidro . e eu auudo cõ-
35 selo cũ aqueles que entendi que me dereytamente cõ-
selariã . meti hy migo Steuã anes meu Chã-
celer . e frey afonso periz farĩa . e frey Giral do-
mĩguiz da ordin dos pregadores . e auudo consello
cõ elles e cõ aqueles que son de meu conselo ui por
40 bẽ e por ssa proe deles e de meu Reyno por tal
que aiã paz e amor antre eles . e mãdei e mãdo
assi en Juyzo como en auéénza coma en aruidro
que don Gonsalo garcia aia todos os herdamentos e os
Egreiayros⁽¹⁾ . e as naturas . e as Onrras . e os Coutos
45 e as maladias . e os testamẽtos . cõ todas sas pertéé-
nzas e cõ todos seus dereytos . que auéérõ e deuiã á á-
ufir en todo meu reyno . áá dauãdicta dõna Maria gõ-
saluiz . per razõ de don Gonsalo meendiz seu padre . e que outro-
ssi que esse don Gonsalo garcia aia o quinõ dos herdamentos que
50 auia e deuia á áuer a dauãdicta dõna Maria
gonsaluiz . per razõ de dõna Tareyia suariz sa madre
en todo meu Reyno saluo que o dauãdicto don Gonsalo

garcia nõ aia parte nos Egreiayros . nõ nos tes-
tamentos . nõ nas maladias . nõ nas Onrras . nõ
55 nas naturas . nõ nos Coutos . que auéérõ . e deuiam

Fol.98d a auijr aa dauãdicta dõna Maria gonsaluiz aaquẽ doyro
ro contra Stremadura e contra A beyra . per razõ
de dõna Tareyia suariz sa madre . pero se hy don
Gonsalo garcia algũu quinõ hy á per outra razõ ou doutra
60 parte aiaho . E quanto he o quinõ dos herdamentos de dõna
Maria gonsaluiz outrossi os aia en estes Coutos e On-
rras sobredictas . E sse per uentura dõna Maria gonsaluiz a-
uya aalen Doyro per razõ de dõna Tareyia suariz
sa madre Egreiayros ou naturas ou maladias . ou
65 onrras . ou testamentos ou coutos . aia ende don
Gonsalo garcia quanto e o quinõ de dõna Maria gonsaluiz . E mãdo
que don Gonsalo garcia. e dõna Mayor gonsaluiz. e dõna Sã-
cha gonsaluiz e os Moasteyros de Loruaho e d'aRo-
uca(2) . se sayam logo do quinõ de dõna Sancha gonsaluiz
70 se cada hũu deles algua rẽ ende ten . E mãdo que
se don Gonsalo garcia . ou dõna Mayor gonsaluiz algũa rẽ
gáánarẽ per qualquer maneyra ou cõpararẽ

ensembra ou cada hũu per si en o quinõ dos herdamẽtos .
ou dos Egriayros . ou das naturas ou das on-
75 rras . ou das maladias . ou dos testamẽtos .
ou dos Coutos . que aucerõ e deuiã á áuíjr a dõ-
na Sancha gonsaluiz despoys que for Julgado cuios
deuẽ séer que ambos os partam per meyo . e este an-
de a boã fe . e hũa parte sen a outra non aia
80 hy rẽ senõ a prazer da outra parte . E ante que o
Juyzo seia dado cuios deuerẽ a séer nẽ hũa das
partes nõ seia poderosa de comparar nẽ de ga-
anar hy rẽ . saluo seia pero que nẽ despos o Juyzo .
don Gonsalo garcia . non cõpre nẽ gáane ren nos
85 Coutos . nẽ nas onrras . nẽ nas maladias . nen
nos testamẽtos . nẽ nas naturas sobredictas . que son
aaquẽ doyro que forõ de dõna Tareyia soariz .
pero se hy algũu herdamento cõparar ou gáanar
don Gonsalo garcia . ou dõna Mayor gonsaluiz partã-
90 no ambos per meyo . En testemoyo da qual cou-
sa dey ende aos dauãdictos don Gonsalo garcia . e a
dõna Mayor gonsaluiz senhas mhas cartas seme-
laues . Dada en Lixbõa primeyro dia de Mayo

95 El Rey o mãdou con cõselo de ssa corte . Johã
periz a fez . Era . M^a . CCC^a . viij^a . (...)

Livro I - Doc. 11

Fol.104b(...) Carta presti-

monij de Casis datis domno viualdo .

35 **D**On Affonso pela graça de deus Rey de Portugal
e do Algarue . A uos Pedro fernandiz meu
Almoxarife e aos meus escriuaes de Lixboa sau-
de . Mandouos que dedes a don viualdo as mhas
casas que foron de don Germã que estão a par dos
40 cãbos que as tena em prestamo de mj en sa uida . vnde
al non façades . Dada en Lixbõa . xxvj . die . de
Nouẽbro El rey o mãdou . Pedro perez a fez .
Era . M^a . CCC^a . viij^a .

Livro I - Doc. 12

Fol. 110c Karta infantis domni Alfonsi super Castellis de Maruã et de alijs locis .

IN nomine de sancta trídade do padre e do filyo é do spiritu
sancto amen . Porque os oméés sum mortaes e a renẽ-
35 brãça dos feytos que fazẽ nõ podẽ sempre duãr
nos coroaçoes dos oméés que depoy nacẽ . Por ã-
de foy achada a scriptura . que as cousas traspassadas
per firmidoe da escriptura seiam sempre presentes . E po-
r ende eu dõ Affonso pela graça de deus Rey de Portugal
40 e do Algarue . ensembra cõ mha moler Raya dõ-
na Beatriz filla do muy nobre Rey de Caste-
la é de Leon e cõ meu fillo dõ Dinis e cõ mh-
as fillas dõna Brãça . e dona Sancha cõ todo
meu sen . e cõ todo meu entẽdimẽto en mha
45 uida . e en mha saude e de mha boa uóontade .
dou e outorgo A uos don . Affonso meu fillo e da
sobredivta Raya dona Beatriz mha moler . os
meus Castelos . e as mhas vilas de Maruã e
de Portalegre . e d'aRonches cõ todos seus
50 termyos desses Castelos e dessas vilas e cõ todas

sas rendas e cū todas sas pertêças . e cū todos a-
queles dereytos reaes que eu hy ei . e deu' á áuer.
que uos aiades os dauãditos Castelos e vilas assy
como de sus'é dicto por uoss'erdamêto pera todo sempre .
55 en tal guisa que uos los tenades . e aiades en toda

Fol. 110d uossa uida . e a uossa morte fiquẽ ou uosso fillo m-
ayor que ouuerdes léédimo . E sse nõ ouuerdes fillo le-
edimo . fiquẽ áá uossa mayor filla léédima se a
ouuerdes . E mãdo que esta condiçõ seia guardada en to-
60 dos aqueles filyos léédymos ou filyas léédimas
que de uos decerem' / que sempre esses Castelos e essas
villas fiquẽ ou mayor filyo léédimo . e se hy
non ouuer fillo léédimo . fiquẽ áá mayor filla léédima
se a hy ouuer . E esto seia guardado en todos aque-
65 les que de uos decerẽ léédimos pera todo sempre . E sse
uos don Affonso meu filyo non ouuerdes filyo ou
filya léédima / os dauãdictos Castelos e vilas /
tornesse al Rey de Portugal . E outrossi se uosso filyo .
ou uossa filya . ou uosso neto . ou uossa neta .
70 ou os outros que decerẽ de uossa semẽ<te> léédimamẽ<te>(1)

nã ouuerẽ filyo léédimo . ou filya léédima .
 ou irmao . ou irmáá . ou tyo . ou tya . ou outro propĩ-
quo que decẽda léédimamẽte de uossa semẽ<te> . e o li-
 nagẽ que decer de uos léédimamẽte for estinto .
 75 os sobredictos Castelos e vilas tornesse Al Rey
 de Portugal sen neua contenda e sen nẽũu embargo .
 E uos nẽ neuú que de uos decenda nã possades do-
 ar . nẽ uender . nẽ cãbyar . nẽ empenorar . e nẽ
 emprazar nẽ alear os dauãditos castellos e
 80 vilas en guisa que o senorio desses castelos e des-
 sas vilas sempre seia guardado assi como de suse
 e dicto . E e esses⁽²⁾ Castelos é é éssas vilas recebede
 Moeda de Portugal e fazede guerra e paz por Rey
 de Portugal . uos e todos "successores" uossos se uos
 85 Rey de portugal nã fezer mal ou força ou eixerdamẽto .
 E sse pela uẽtura uos ele fezer mal . ou força .
 ou eixerdamento á uos ou a uossos successores . / dize-
 delyo e frõtadelyo ou lyo fazede dizer e frõtar
per alguẽ uos ou uossos successores en sa Corte
 90 conuçudamẽte ata tres uezes que uos alçe força
 ou mal ou eyxerdamẽto que uos fezer . E sse o ele quiser

fazer recebede ende o corrigimento ou a enmẽ-
da . e guardadely todas condiçoes de suso dictas .
E sse ele nõ quiser alcar a força ou mal ou o ei-
95 xerdamẽto se uolo fezer depõs tal frõta como de su-
s'e dicta / uos fazede o que uirdes e entenderdes que de-
uedes fazer sobre tal feyto . E aquele e aqueles que esta
mha doaçõ aguardarẽ assi como de sus'e dicto / aia
e aiam a mha béécõ . e a de deus padre poderoso . E s-
100 se pela uẽtura algũu ou alguus contra esta m-
ha doaçõ e contra este meu feyto . e contra esta
mha carta quiser ou quiserẽ uíjr ou enbargar .
ou quebrãtar en nõhũa maneyra nõ no possa .
nẽ possam fazer . nẽ ly seia stauil que quer que contra
105 esto faça ou façã . ou queyra ou queyrã fazer . e sobre
tod'esto aia e aiã a mha maldiçõ e a de deus pa-
dre poderoso . E esta mha doaçõ e esta mha car-
ta e este meu feyto . e estas condiçoes de suso di-
ctas seiã firmes pera todo sempre . e que esta mha
110 doaçõ e este meu feyto seia mas firme é mas

Fol.111a stauil pera sempre . e nõca possa uíjr en duuyda dou

ende a uos don . Affonso meu filyo e da sobredicta
 Raya dona Beatriz mha moler esta mha car-
 ta aberta séelada do meu séelo . a qual carta con-
 115 firma e reuoro cū mhas proprias maos Dada in
 Lixboa . xj . dias de October El rey o mandou en
Era . M^a . CCC^a . ix^a . don Gonsalo garsia alferaz
confirma . don Johã periz de Auoyñ mayordomo m-
 aior d'el rey confirma . don Affonso lopiz téendo
 120 sousa . conf . Don Diago lopiz téendo lamego conf .
 don M̃e rodiguiz téendo á Maya . conf . don Martim
 affonso tẽdo Monte mayor conf . Per'eanes tẽ-
 te alafõe . conf . Pedro põço . conf . Pedr'eanes de
 Portel tẽdo Leyrea conf . Steuã eanes tẽ-
 125 do chaues⁽³⁾ . conf . don Roy garsia de Pauya téen-
 te Portalegre e Arronches conf . Nuno martíjz
 meyrõ mayor . conf . Laurẽço suariz . conf . Johã
 rodriguiz de briteiros conf . ffernã periz de baruusa conf .
 don Martinho arcebispo de Bragáá conf . Don vicẽte
 130 Bispo do porto conf . don Matheus bispo de Lixb-
 oa . conf . Don Durã Bispo d'evora . conf . ffrey
 Bartholomeu bispo de Silue . ffrey váasco Bi-

spo da Guarda conf . ffernã fernandiz cogomõ testemoya .
Pedro martíjz petario . testemoya . ffrey Affonso periz farĩa
135 da ordẽ do Espital . testemoya . ffrey Geral domíguiz
da Ordẽ dos préégadores testemoya . Affonso soariz
sobreJoyz testemoya . Roy menendj e Roy gomes sobre-
Joyzes das Alçadas . testemoyas . Pedr'eanes porteyro
e reposteyro mayor testemoya . Nicholao saraça e
140 Migael fernãdiz ychaes e scãçaes testemoyas . Pedro
martíjz çaquiteyro . Pedro fernandiz çeuadeyro .
testemoyas . Domígos periz Copeyro . testemoya. Don Steuã
eanes Chanceler conf . Domígos sóariz notay-
ro d'el Rey a escreveu . (...)

Livro I - Doc. 13

Fol.112a (...) Forum super Re-

50 lego de Begia .

Don . Affonso pela graça de deus Rey de Portugal

e do Algarue . A uos Alcayde e Aluazíjs e

Almoxariffe e Tabelliõ e Concello de Beia sa-

ude \ Sabede que os relegueyros dessa uossa villa

55 mj mandarõ dizer que prendiã muytos agrauamẽ

Fol.112b tos e muytos meos cabos e ca lys parauã mal o meu

relego . e ca lis uã contra a carta do foro . E ssabede que eu

espregũtey d'omées bóos de como se usaua en Sã-

tarẽ . e achey que o usauã assi en como uolo mãdo

60 dizer per esta ma carta . E porẽ sabede que eu mãdo

aos Relegueyros de Beia que cada que acharẽ aa-

lgẽ leuar o vío de furto que filẽ aquel uio que leua

aquel omẽ ou aquela moler . e que uáám aly hu uẽ .

dẽ aquel vio de furto . e se ly quiserẽ abrir a porta

65 da adega senõ mando eu aos Relegueyros que li

britẽ a porta da adega e que nũca la saẽ . ca assi ach-

ei que o usan en santaren . e se ly acharẽ o torno aa cuba . ou o⁽¹⁾ tonel . ou o alcadafe . e se for tal o vio que leuar aquel ou aquela ou a quen o acharẽ / c'o meu da
70 cuba . ou do tonel / leue dele a pea assi como e cõte-
udo na carta do foro . e seia per aqui frontado . e quen y
for o Relegueyro uáá y cõ oméés bóós . Item mã-
do que aquel uino que uéer de carreto no relego que o nõ
uendã senõ nas trebolas ou nos odres ou en a-
75 quelo que o carretar e nõ no deyte en al . e uẽdao
pela uila u xi quiser . saluo que o nõ uendã ant'a
mha adega . Item mando que todo omẽ que for vizio
da vila e for comprar vio fora da vila ou na
vila / ou de sa colleyta uenda y o vío e nõ pague
80 o foro dos almudes no relego . mas se nõ for vizio
pague o foro dos almudes . Item mando que os Judeus
que comprã as uuas no nouo e fazẽ adegas de vío que o
façam / mais no'no uẽdam no Relego sen man-
dado dos Relegueyros no relego . ergo se o uẽderẽ
85 a seus Judeus . e nõ no uendã a crischaos . e se lis for
prouado ca o uẽden a crischaos e lys acharẽ o torno áá
cuba ou o⁽²⁾ tonel e o alcadafe . e se for tal o vio que

leuar aquel ou aquela a que o acharẽ c'o meu da cuba ou
do tonel / os relegueyros leuẽ deles a pea . assi com'e
90 conteudo na carta do foro . Dada en Lixbõa . xix . di-
as de feureyro . El rey o mãdou per don Johã periz de
auoyn seu mayordomo . per don Nuno martijz seu mey-
rino mayor . per Roy garsia de pauya . per frey Giral
dominguiz . e per Joham soariz coelo . e per fernã fernãdiz
95 cogomõ . Domingo . soariz a fez . Era . M^a . CCC^a . x^a .

Livro I - Doc. 14

Fol.116b (...) Carta de

herdamentis uingadis de Taura et de suis terminis .

Sabam todos aqueles que esta Carta uirẽ e ouirẽ

50 que eu don Alfonso pela graça de deus Rey de Portugal e do

algarue mando e outorgo que os pobradores de Ta-

uira e de seus termhos aiã seus herdamẽtos e seus termhos

uĩgados des san Miguéel adeante . En o teste-

muyo da qual cousa dou ende a esses pobradores

55 de Taura e de seus termhos esta mha Carta aberta .

Fol.116c Dada ã Lixbõa . xxvij . dias d'agosto . El rey o man-

dou . Pedro periz a fez . Era . M^a . CCC^a . x^a .

Livro I - Doc. 15

Fol. 118c Demarcatio de Regêgo⁽¹⁾ de Begia .

Era . M^a . CCC^a . x^a . iij^o . Kalendas Januaríj . Pedro
20 mééndiz de villa uiçosa e Martĩ mééndiz ma-
ço de Santaren poseron Marcos e deuisões per u
fosse o termho do Regêgo⁽²⁾ de Beia . e poserõ logo
primeyramête hũa deuisõ pela cabeça azãbuio-
sa d' aalen da fonte da arêa que e contra o Azãbu-
25 ial . e desi poserõ hũu marco en a carreya que
uay pera Moura en dereyto da lagõa grande . e de-
si como uay dereytamente ao cume da herdade de
carne crua . e poserõ y outro Marco a par da carreya
que uay pera pumares ááquẽ do Azãbuial de
30 cotado a sobrela casa de Martĩ queyxada . de contra
A villa e desi dereytamête como se uay a casa
de Joham . domfíguiz faleyro . e desi como se uay de-
reytamente a carreya que uay pera san Cocouado .
e poserõ y Marco a sobrela aldeya que chamã do
35 Çafaryio contra a villa . e desy como se uay a carreya-
ra que uay de Beia pera aldeya da Cuba . e poserõ

hy hũu Marco a par da Lagõa segũda que esta
áaquẽ da Eyxara . e desy indo dereytamẽte
a fonte que chamã d'aTouguya . e desi como se uay
40 dereytamẽte áá fonte do alamo u sum os fornos
da Cal . e dessa fonte como uay dereytamẽte
áá fonte que foy de don Egas laurẽço . e dessa fõ-
te como uay dereytamente ao paredéeyro da ca-
sa que foy de Gil martíjz que ueo do Crato . pelo cu-
45 me do carrascal . e desse paredéeyro como se uay
dereytamente aos fornos telleyros . e desi como se
uay dereytamẽte áá fonte que chamã de Johã
males que esta na carreyra que uay de beia pera Merto-
la . e desi como se uay dereytamente ao Cume de
50 sobrelas casas de Moniõ uéégas . e desi ao Re-
gueẽgo d'el Rey a sobrela carreyra que uay a Se-
rpa . e como parte esse Regueẽgo e se uay de-
reytamente a cardeyra . e desi como se uay derey-
tamente áá fonte da Almuya dos ffrades d'alCo-
55 baça . e dessa fonte como se uay dereytamente

Fol.118d áá cabeça azãbuiosa u começarõ a primeyra de-

uison . e assi se sarrã os termhos do Regêgo⁽³⁾ de
Beia . (...)

Livro I - Doc. 16

Fol.118d (...) Karta Cõcilij de freixeo de Recipiendõ forum .

NOuerint vniuersi presentem cartam inspecturi .

35 quod Concilium de freyveno misit suam cartam
apertam de suo sigillo sigillatam domino Regi cuius te-
nor talis est . Alfonsus dei gratia Rex Portugalie et Algarbe .
Nos Concelo e Juyzes de freyxeo beyiamos uossos
péés e uossas mahóós e ha terra ante uos come a senhor
40 de mercéé . Senhor sabhades que nos enuíamos a uos
Saluador domingo e Martĩ paez portadores desta car-
ta pera receber o foro que nos mandastes qual dades
ahos do Mogadoyro . estes son outorgados ambos
pera receber a mercéé que ly uos fezerdes . ou Concelo .
45 e por tãto ly damos nossa carta séélada de nosso séélo
pendente que seia creudos .

Livro I - Doc. 17

Fol. 120b (...) Karta de contenda que fuit inter dominum regem et Pelagium iohannis de <Loyras . super Molendinis et alijs que fuerunt de vrigo roderici .>

DOn Affonso pela graça de deus Rey de Portugal
40 e do Algarue . A uos Alcayde e Aluazijs de
Lixbõa saude . Sabede que eu fiz chamar per mha
Carta Paay anes de Loyras e sa moller que
mã uehessem fazer dereyto perante mha corte dũu
Muõ de Pedra e de duas coyrelas d'erdade
45 que e cabo desse Muõ . que forõ de vurigo rodrig-
uiz que foy criado e mayordomo de Martĩ anes o Jr-
mãõ que foy do Chanceler . o qual Muõ e as
ditas coyrelas son en Loyras e esses ueérõ
perante mha corte . e a mha corte ouuyo mã
50 é eles sobr'esse⁽¹⁾ Muõ e sobr'essas coyrelas .
E eles disserõ ca compararõ esse Muõ é éssas
coyrelas e chamarõ s'ende ao outor . E a mha
Corte deullis prazo a que o adussesse . e ao dia que llis
foy posto nõ no adusserõ . nõ ao segũdo dia .
55 nõ ao terceyro dia nõ se defenderõ assi como e

Fol. 120c uso e custume de mha corte . e a mha corte per tal razõ
iuygarõmj o dicto Muõo cõ nas ditas coyrelas . En
testemuyo desta cousa derõmj esta carta aberta
seelada de meu séelo . Dada en Santarem . vj . dias de
60 Abril . El rey o mandou per Roy gomez e per Roy
mééndiz sobreiuyses . Steuam pasqual a fez . Era . M^a .
CCC^a . xi^a . (...)

Livro I - Doc. 18

Fol.123c Carta donationis de Vide . que uocabatur domni Martinj .

En o nome de sancta Tríjdade do Padre e do filho . e
45 do sancto Spiritu amẽ . Porque os homéés son mor-
taes e a Renẽbrãça dos feytos que fazẽ nõ podem
sempre durar en os corações dos homẽes que depouys
nacẽ . poren foy achada a escritura que as cousas tras-
pasadas per firimidõ da escretura seiã sempre presentes .
50 E por ende eu don Affonso pela graça de deus Rey
de portugal e do Algarue ensinbra cõ mha moller . Raýa
dõna Beatrix filha do muy nobre Rey de Castel-
la e de Leõ . e cõ meu fillo don Dinis e cõ mhas
filhas dõna Blanca e dõna Sancha cõ todo meu sen
55 e cõ todo meu ãtendimẽto . ã mha uida e en mha

Fol.123d saude e de mha bõa uóóntade . dou e outorgo a uos
Infante don Affonso meu fillo e da sobredicta Reýa
dõna Beatrix mha molher . todo o deryto e o senorio
e todó ó ius real que eu ei e deuo auer de deryto e de se-
60 norio en o Castello da vide . ou na vila . e en todo-

los seus termos e en todas as pertencas que todos
vos aiades para sempre . E aquel ou aqueles que esta mha
doaçom agardarẽ assi como de susso dicto est . aia e a-
iam a mha beyçon e a de deus padre poderosso . E se
65 pela uẽtuira algũu ou algũus contra esta mha doaçom
ou contra este meu feyto . e contra esta mha carta quiser
ou quiserẽ uĩr ou enbargar ou quebrãtar en nõua ma-
neyra nõ no possam fazer nõ li seia estauil que quer que
contra este feyto faça ou façam . E de mays aia e aiã
70 a mha maldiçõm e a ira de deus uenha sobr'ele ou
sobr'eles . E a sobredicta doaçom sempre fique firme
e en sa forteleça . E que esta doaçõ e meu feyto seia ma-
ys firme e mays stauil para sempre . e nõca possa uĩr
en douida . / dou A uos Infante don Affonso meu
75 filho e da sobredicta reỹa dõna Beatrix mha molher
esta mha carta aberta sãelada de meu sãelo / a qual
carta confirmo e reuoro cõ mhas proprias mãos .
Dada foy a carta en Lixbõa . oyto dias ante as
Kalendas de Juỹo . El rey o mandou . James eanes
80 a fez . Era . M^a . CCC^a . xj^a . Don Gonsalo garsie
Alferaz . don Johãm d'auoym mayordomo mayor

don Afonso lopiz tēdo Sousa . don Dyago lopiz
 tēdo Lamego . don Mēš rodrigiz tēdo a m-
 aya . don Martĩ affonso tēendo monte maior .
 85 don Pedr'eanes tēdo terra de Tras serra . don Pe-
 dro ponço . Pedr'eanes de Portel téendo Leyrēa
 don Nuno marťijz meyrõ maior . don Roy gar-
 cia de Pauha Laurēço soariz . Johã rodrigiz de
 Briteyros . ffernã periz de Baruosa . testemoyas . Petrus iulia-
 90 ni ecclesie Bracarensis electus . don vicente bispo
 do Porto . don Domĩgos eleyto de Lamego .
 A eigreia de viseu uaga . A eigreia de Coymbra
 uaga . ffrey váasco bispo da Garda . don Matheus
 bispo de Lixbõa . don Durã bispo de Euora .
 95 frey Bartholameu bispo de Silue . conf . Martin
 anes do vinal testemoya. Domĩgos iohanis⁽¹⁾ iardo clerigo
testemoya . don Steuã eanes chanceler . (...)

Livro I - Doc. 19

Fol. 126b Carta mandadeyra sobrelas presorias nouas d'euora .

Seia cunuscuda cousa a quantos esta carta uirẽ e o-
uuirẽ que nos Ermigio garcia Alcayde . e Méén Johanis
e Pedro rodrigiz Juyzes e Pedro Lourẽço tabaliõ

30 d'euora . Recebemos carta aberta de nosso seõnor don Afo-
nso muy noble rey de Portugal e do Algarue ã na qual
era conteudo que nos soubessemos a uerdade se o concello d'e-
vora fezera antre si tal postura . que aqueles que filharã as presu-
rias nouas des que Serpa fora filhada a Mouros aca .

35 ou filhassem que llis nõ ualessem des aquel tẽpo auãte .

E nos sobre este feyto fezemos apregoar que fossem a cõcelho .
e depòys [que]⁽¹⁾o cõcelho foy feyto soubemos por uerdade per mu-
ytos homees bóos que as presurias nouas [que]⁽²⁾ forã filhadas
ou filhassem des aquel tempo auãte que fossem renũ-

40 ciadas . e que nõ ualessem . Saluo ende que dessem os ses-
meyros que meteu o cõcelho . a cada hũu daqueles que tíjã
as presurias filhadas aquelo que uissem por bẽ e como ualia
ẽ no⁽³⁾ mellor logo que ouesse ã na presuria que tíjã . E pera
este feyto meterõ por sesmeyros Pedro martijz do

45 sisso e Mẽẽ iohanis pestana . e Joham clerico e Pedro ro-
driguiz . E sabuda a uerdade nos de suso dictos Alcay-
de e Juyzes e tabaliõ per mãdado do Concelho . feze-
mos esta carta séélar do séélo d'euora . Dada in Euo-
ra segũda feyra dez e seis dias de Outubro . Era . M^a . CCC^a .
50 xi^a . E eu Pedro lourẽço tabaliõ de suso dicto . esta car-
ta cũ mha mão screui e meu sinal en ela pugi ã teste-
moyo desta cousa . (...)

Livro I - Doc. 20

Fol.127a (...) Carta domini regis super

Corrigimento corrigendo in Regno .

25 Dom Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do
Algarue . a todos aqueles que esta carta uiren . e ou-
uirẽ fazo saber que como eu recebesse cartas e mãd-
ado do papa que eu corregesse e fizesse correger
todalas⁽¹⁾ cousas que diziã que eu e os de meu reyno fe-
30 zeramos en meu reyno forzas e agrauamentos per mj
e pelos meus ao Arcebispo e aos bispos e aos prelados
e as eygreias e aos Moesteyros e as pessõas das eigre-
ias e dos Moesteyros ! e aos fidalgos . e áas ordíjs .
e aos Concellos . e a todos os pobóós . e a todas as co-
35 muniidades de meu reyno . E eu entendi que o que mj
o papa enuiaua dizer e rogar que era saude de mha al-
ma é onrra de meu corpo . e gram proée e grãde assesse-
gamento de meu stado e de meu reyno ! e que o al pode-
ria séer grã dãno e grã perigóó meu e de meus
40 filhos e de meus vasallos e de meu reyno . e sobr'e-
sto mandey chamar meus ricos homéés . e as

ordíjs . e os Concellos do meu reyno . e figi mha
corte cū eles en Sanctaren . E eu ensenbra cō mha
molher reyna dōna Beatrix filha de Rey de Ca-
45 stella e de Leõ . e cō meus filhos don Denis e don
Affõso e cō mhas filhas dōna Blanca e dōna Sã-
cha ẽ mha Corte stabeleci e rogei e mãdei a don
Durã payz bispo d'euora e a dom Joham d'auoỹ
meu Mayordomo . e a Steuã eanes meu Chãce-
50 ler . e a don Martĩ affonso . e a don Affonso lopiz
e a don Dyago lopiz e a don Méén rodriguiz
e a don Pedr'eanes e a don Pedro pōço e a don Nu-
no martijz meyrĩo maior e a don Joham rodrigiz !
e a Roy garcia de Pauya . e a Martĩ anes do vi-
55 nal . e a Joham soáriz coelho e a ffernã fernãdiz co-

Fol.127b gomĩo . e a ffrey Affonso periz farĩa e a Joham durãz(2)
Comedador de Beluээр . e a Martim dade Alquayde
de Sanctaren . e a Pedro martijz petario. e a Pedr'affõ-
so d'arganil . e a Pedro martijz caseual . e a ffonso
60 sóariz e a Roy mediz e a Roy gomez meus
sobreiuyzes . e a ffrey Giral domiguiz da ordin dos

preegadores . e a Maestre Steuam arcidiago e uigayro de Bra-
gáá . e a Maestre thome thesoureyro de Bragaa .
e a Joham gonsaluiz chãcino . e a Steuam periz de rrates .
65 e a Maestre Pedro fisico . e a Domígos iohanes e a Mae-
stre bolonil e a Martim periz e a Domígos periz . e a
Gonsalo mendiz meus clerigos / e deilhis conpridamēte
poder que eles corregã e façam correger totalas
cousas que acharẽ e uirẽ que forõ feytas per m̃ e pelos
70 meus de meu reyno sen razõ / que sse deũ a correger
e a entergar . e aos sobredictos Arcebispo e aos Bispos
e aos⁽³⁾ prelados e as eygreias e aos Moesteyros e áas
pessõas das Eygreias e dos Moesteyros e aos fidal-
gos e áas Ordĩs e aos Concellos e aos pobóos e a-
75 totalas comũidades do meu reyno . E eu lhys lho
gracirey e galardarey e terrei que farã hy gram
seruizo a deus e a m̃ e a reyna . e a todos aqueles que de
nos uéerẽ . e que faram hy grande assessegamēto de
meu Reyno e gram lealdade sobre m̃ . E todo aquelo
80 que elles hy fezerẽ . ou mandarẽ fazer / prometo que o
terrey e agardarey e cõprirey e nõ uerrey en contra .
(4-)E por todos entenderẽ que eu ey grã corazõ de cor-

reger . e d'ẽmendar totalas cousas que forẽ pera cor-
reger e pera entregar dei meu poder a estes sobre-
85 dictos que corregam e fazã ! den e entegrẽ e fazem
correger é entergar e emẽdar totalas cousas assi
como de suso dito est⁽⁻⁴⁾ . E se per uentuirã y a esto todos
nõ poderẽ séer ! aqueles que ende y forẽ fazã correger
é entergar totalas cousas assi como dito e suso .
90 assi come sse todos y fossem . E por ende dou ende a
eles tres cartas abertas séeladas de meu séelo do
chũbo . e do séelo da Raya pera testemoỹo destas
cousas . E eu dõna Beatrix reyna de Portugal e do Algar-
ue ensembra cõ meus filhos e cõ mhas filhas . don
95 Denis e dom Afonso . e dõna Blanca e dona Sã-
cha ! tod'este que El rey manda outorgó e prometo de o
téer ! saluo por mj e por meus filhos e por mhas fi-
lhas que nõ dou ñẽ outorgo a eles poder de fazer nul-
ha rẽ sobe las doações . e sobre los aleamentos que fez
100 el Rey don Sancho hyrmao do sobredicto Rey
don Alfonso . E nos dom Denis e don Affonso e dõ-
na blãca . e dõna Sancha ! outorgamos e prometemos
todo a téer saluo que nõ outorgamos ñẽ damos aos

sobredictos poder de fazer nulha rē sobe las doazões
105 e sobre los aleamentos que o dauãdito Rey don San-
cho fez . E eu Infante don Affonso saluo que nõ
dou nen outorgo aos sobredictos poder de fazer
nulha rē sobre los castellos nē sobre los herdamen-
tos que mí deu meu padre . nē sobre las téenças
110 que ora eu tenho . nē sobre las pertéenças nē sobre los

Fol. 127c directos deles . E poren que nos don Denis e dōna Blā-
ca e dōna Sancha non auemos séelos rogamos a dauãdicta
Reya nossa madre que faça pōer o seu séelo en esta car-
ta . E outrossi eu don Afonso roguey a dauãdita reyña
115 mha madre que fizesse pōer o seu séelo en esta carta .
E eu dauãdita reyna por mī e por meus filhos e por
mhas filhas sobredictos a rogo deles fiz pōer o meu
séelo en esta carta en testemuyno destas cousas .
Dada foy a carta en Sanctaren . xviiij . dias de De-
120 zēbro . El rey e a reyna e sseus filhos e ssas filhas
o mandarō . James eanes a fez . Era . M^a . CCC^a . xi^a .
Que presentes forō . frey Beltrã de valuerde Maestre
da ordin do Temple en Portugal . e dom Symō

125 soariz Maestre d'auis . Steuam fernandiz Comendador
maior da ordin de Santiago em Portugal . frey
váásco custodio dos ffrades meores . e ffrey Juyão
gardiã dos frades meores en Lixbõa . ffrey affonso
ambertiz e ffrey Pedro natural d'alanquer frades da
ordin dos préégadores . (...)

Livro I - Doc. 21

Fol.127d (...) Carta de Contenda inter

55 dominum Regem et Monasterium de arouca super Antoáá et alijs
<locis.>

Fol.128a Cvnuçuda cousa seia a quantos esta carta uirẽ e ouui-
rẽ que como eu don Affonso pela graça de deus Rey
de Portugal e do Algarue / fezesse demanda a Abbadessa
e ao Conuẽto do Moesteiro d'aRouca per letera e per Ju-
60 yzes do papa / sobre los coutos e herdamentos de Anto-
áá e de Auãca e de Arouca essa Abbadessa e o Cõuen-
to d'aRouca s'agrauarõ de m̃j en mha corte por es-
sa demãda e por embargo que llis fazia / sobre esses
coutos e sobre esses herdamentos que llis auya dados e
65 coutados per mhas cartas que de m̃j téen . Eu mã-
dei que mha corte catasse a ellas seu dereyto / e outro-
ssi a mí o meu dereyto . sobre esta contenda / e mha
corte sabuda a uerdade deste feyto e uistas as cartas
da hũa parte e da outra uyo por dereyto e Juygou
70 os dauãd̃ictos coutos e herdamentos / ao Moesteyro d'a-

Rouca / e mandou a m̃ que eu me partisse e quitas-
se desta demanda que lhis fazia ca nõ auya hy der-
eyto segũdo as cartas que de m̃ téen / e que eu leyxa-
sse a Abbadessa e ao Conuẽto do Moesteiro d'arou-
75 ca / os dauãdictos coutos e herdamentos / de Antoáá .
e de Auãca e de Arouca / cõ todos seus termios e cõ to-
dos seus dereytos e cõ todas sas pertéenças / assi co-
mo est contehudo en mhas cartas que de m̃ téen desses
coutos e desses logares . e que des aqui adeante nõca
80 lhis passe contra elles . E eu ouuido este Juyzo lou-
ueyo . e outorgó . e cõfirmó assi como de suso dicto
é . E mando entregar esses coutos e esses logares
de Antoáá e de auãca e de Arouca / a Abbadessa e a-
o Conuẽto do Moesteiro d'aRouca . cõ todos seus term-
85 ios e cõ todos seus dereytos e cõ todas sas pertéenças .
assi como lhos auía dados e coutados per mhas car-
tas que de m̃ téen . e prometo a bõa fe por m̃ e por
meus successores a gardar essas cartas / e nõ uíjr
contra elas / nõ contra este iuyzo en nehũa maneyra .
90 e renũcio áá carta do papa e aos Juyzes per que demã-
daua esses logares e a toda accõ / e a todo preyto / e a

todo dereyto que a mĩ pertéesse ou poderia pertéesser
per qual guysa quer sobrelos dictos logares / e sobrelos
dictos coutos per essa carta ou per Juyzo dos Juyzes
95 dessa carta / que des aqui adeante a mĩ nõ possam
prestar nõ a elas enpéenser . E que isto non uenha
en douida douhis esta mha carta séélada do m-
eu séélo en testemoyo deste feyto . Dada foy
a carta en Santarẽ . xviiij . dias de feuereyro
100 El rey o mãdou per seus Riquos homéés e pelos outros
de seu conselho / a que encomẽdou o feyto do cor-
rigimẽto quando recebeu o mãdado do papa . Jam-
es eanes a fez . Era . M^a . CCC^a . xij^a . (...)

Livro I - Doc. 22

Fol.128c Karta de adueniencia inter dominum regem et
Monasterium de Arouca .

COnuçuda cousa seia a quantos esta Carta uirẽ
que como contẽda fosse antr'o muy nobre don
50 Affonso pela graça de deus Rey de Portugal . e
do Algarue da hũa parte. E nos Móór martíjz
Abbadessa e o Conuento do Moesteiro de Arouca
da outra . sobrelo Moesteiro de San Salvador
de Bouças . e o herdamento de Bouças . e de Villar
55 de Sando cũ todas sas pertéenças. de nossa bõa uóo-

Fol.128d ntade . e por profeytamento [de noss]o⁽¹⁾ Moesteiro uéemos
áa tal auéença . que el Rey nosso senhor aia o Moe-
steiro . e o herdamento de Bouças . e de villar de San-
do cõ todas sas pertéenças . e cõ todos seus dereytos .
60 e renũçamos a carta ou as Cartas . ou Strumẽ-
tos que forõ dadas áa Raya dõna Mafalda . sobr'e-
stes logares . é aqueles que ende nos auemos en tal
maneyra que se en algũu logar aparecerẽ nẽ

nos nẽ as que uéeren depos nos nõ nos possa-
65 mos delas ajudar . e seiã casadas e nõ ualham
nimigalha . e renũçamos a toda acçõ . e todo derey-
to e todo preyto que auyamos ou poderíamos auer
sobelos dauãditos logares . e prometemos a bõa
fe por nos e polos que uéerẽ depos nos nũca uíjr cõ-
70 tra este feyto per nẽ hũa maneyra nẽ per nẽ hũa
carreyra de dereyto . e que sobr'esto nũca peçamos
beneficio de restituçõ . En testemuyo desta cousa
damos ende a nosso senor El rey a Carta que ende
auemos da doaçõ . e as Cartas da cõfirmaçõ do
75 Papa . e esto fazemos polos herdamentos d'antoáá
e d'avanca . e d'aRouca . e polo padroado da Egre-
ia de sancta Ouaya de Arouca . as quaes cousas nos
El rey deu . e coutou cõ todos seus dereytos . e cõ to-
dos seus termios e cõ todas sas pertéenças . e cõ quan-
80 to hy auya e deuya á áuer . E que esto nõ uenha
en douida nos dauãdicta Abbadessa séelamos esta
Carta de nosso séélo en testemoyo deste feyto .
E porque nos Conuẽto dauãdito de custume de no-
ssa Ordin séélo nõ auemos / a postura do séélo da

85

nossa Abbadessa e esta Carta louuamos e outorgamos . Dada en Arouca p̄imeiro dia de Nouembro en a Era . de Mil . e . CC . Lx^a . v . Anos .

Livro I - Doc. 23

Fol.140c (...) Carta de foro de

Bacellis de Monte maiori ueteri .

Don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal

e do Algarue . a uos Alcayde e Aluazijs e Con-

55 cello de Monte móór o uelho saude . Sabede que

Fol.140d eu torno en foro de quarto aqueles bacelos que en essa

villa dera a fforo de terço . saluo outras condiçoes

se as hy á ! qu'essas conplam como iouuer en sa carta .

mais quanto e o fforo do terço ! estes lhis mudo en

60 foro de quarto . E mandouos que façades como eu

aia o meu deryto . é esses que téén esses bacellos

o seu . vnde al non façades . Dada en Lixbõa

. xv . dias de Nouembro . El rey o mandou per

don Johã d'auoyn seu maordomo James eanés

65 a fez . Era . M^a . CCC^a . xiiij^a .

Livro I - Doc. 24

Fol. 143d Carta per que El Rey dō Afonso mādou que pescasẽ en
<Neua e dessem a el seu derecto .>

Don Afonso pela graça de deus Rey de Portugal
e do Algarue . a todos aqueles que esta mha Carta
ta uirẽ faço saber que eu mando e outorgo que todos a-
queles que de fora parte quiserẽ uenir pescar na
15 pescaria da fréeguesia da mha Egreia de San-
tiago de Neuha ! que uenhã hy pescar e dê a mí
meu Nauao derecto e quando esses homéés que hy
uéerẽ pescar se quiserẽ ende ir ! uáásse en paz e
non seiã porẽ tẽudos nẽ chamados por foreyros .
20 saluo que esses homéés nã sejam meus foreyros .
E sse meus foreyros forẽ ! nã no leyxẽ por ende
a séer e façã a mi meu foro assi como usarõ a
fazer atees aqui . E que esto non uenha en douda !
dou ende a Siluestre martíjz abbade [da] d'auãdicia⁽¹⁾
25 Egreia esta mha Carta . Dada en Lixbõa .
. xxv . dias andados de Dezenbro El rey o mã-
dou per El conde dō Gonsalo e per dō Johã de

auoyn . seu Mayordomo . e per Domĩgos iohãnes
iardo seu clerigo . vicente fernandiz a fez . Era .

30

M^a . CCC^a . xv^a . (...)

Livro I - Doc. 25

Fol.143d (...) Karta per que a'badessa de Loruááo

e o Conuêto mãdauã dizer a el Rey dõ Affonso que Reçebiã <dõna Brãca por senhor .>

Alfonsus dei gratia Rex Portugalie et algarbiĵ uniuersis presen-
tem cartam inspecturis notum facio / quod michi qua-
dam Littera religiosarum dominarum Abbatisse et Conuentus

35

de Loruano eiusdem abbatisse sigillo sigillata per
Illustrem filiam meam domnam Branca presentata [fuit]⁽¹⁾.

Cuius tenor talis est . Ao muyto alto senor don

Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Al-
garue Orraca rodriguiz Abbadessa . e o Conuêto

40

do Moesteyro de Loruão ẽuiam homildosamente
beyiar uossas mãos . Senhor nos por bõa parãça

e por õra de nos e do Moesteiro de Loruão re-
cebemos a muy nobre Infante dõna Brãca uo-

ssa filha por senor de nos e do dauandito Mo-

45

esteyro . e de totalas cousas que a nos e a esse Mo-
esteiro pertẽeçe . e pertéercer deuẽ . e metemos to-
to so seu poder e so ssa garda . que ela ẽ nos e ẽ

totalas cousas dauanditas aia tal e tanto poder
qual e quanto a Raÿa dõna Thareia ouue e aco-
50 stumeou á áuer ná ábadessa e nas donas e
no Moesteyro dauandicto . e nas ssas cousas . Vnde
uos pedimos senior por mercéé que uos plaza e que o
firmedes tã bẽ por nos ! come por aquelas que
depos nos uéerẽ . Dada no dito Moesteiro de
55 Loruão . iiij^o . dias por andar do mes de Dezẽbro .

Fol.144a E^a . M^a . CCC^a . xv . dictam litteram uidi et diligenter
inspici feci et ob reuerenciam prehabite domne Brã-
ce . et utilitatis prefati Monasterij / dictam litteram ap-
probans / quicquid in ea continetur . roboro et confirmo . Nec-
60 non quicquid ratione iuris patronatus in dicto Monasterio
habeo et habere debeo . prefate filie meé tempore uite
eius / confero . et concedo . In cuius rei testimonium ! do
ei istam Cartam . Data vlixbone . viij . die
Januarij . Rege mandante . Jacobus iohannis no-
65 tavit . Era . M^a . CCC^a . xvj^a . (...)

Livro I - Doc. 26

Fol.144a (...) Karta per que El Rey <mãdou> ao Conçelho de Montemaior

o uelho que os homêes de sancta Crus nõ fezesem cõ elles <no Muro.>⁽¹⁾

Don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Al-
35 garue . A uos Alcayde⁽²⁾ e Aluazíjs de monte mayor
o uelho saude . Sabede que eu fiz chamar perante mĩ o
Priol e o Conuêto do Moesteyro de sancta Crux de Coĩ-
bra . e seus homéés os quaes am en uossa vila de Mõ-
te mayor e en seus termhos . sobre demanda que mha filha
40 dõna Blanca lhes entendia⁽³⁾ a fazer per razõ que esses seus
homéés fezessem no Muro dessa vila cõ esse Concel-
ho e outros foros Reaes . esse Priol e Conuento mã-
darõ a mi mostrar priuilegios e Cartas de meus ante-
cessores e m̃yas per que diziã que non erã a aquesto teudos .
45 e eu uístos esses priuilegios meus e de meus antecesso-
res e as Cartas / mandei e mando que esses homéés
non seiã a esto teudos en mays que e conteudo en esses
priuilegios e Cartas . vnde uos eu mando que uos nõ
cõstrêgades nõ passedes mais en esto contra eles

50 ca o que e conteudo en seus pruilegios e Cartas vnde al
nõ façades . Dada en Lixbõa . xi . dias andados
de Janeyro . El rey o mandou per don Affonso farã e per
Martĩ dade e per Pedro caseual . corregedores dos
feytos do Reyno . vicente fernandiz a fez . E que ueia
55 en como fazedes meu mãdado mando que o dauãdito

Fol.144b Priol e Conuento tenham ende esta mha carta . Era .
. M^a . CCC^a . xvj^a . (...)

Livro I - Doc. 27

Fol.144b (...) Karta per que El Rey dom Affonso deu a
Raÿha dõna Beatrix a uilla da Lourĩháá(1) .
IN nome da sancta Tríjdade do padre e do filho e do
5 spiritu sancto . Amẽ . Porque os homéés é a renẽbrança
dos feytos que fazẽ nõ podem sempre durar nos cora-
ções dos homéés que depòys nacẽ / porẽ foy achada a es-
criptura que as cousas traspassadas per firmedõe da scrip-
tura seiam sempre presentes . E por ende eu don Affõ-
10 so pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue
ensembra cõ mha moller Raÿa dõna Beatrix
filha do muy nobre don Affonso Rey de Castella
e de Leõ . e cõ meu filho don Dinis . e cõ mhas
filhas dõna Branca e dõna Sancha . cõ todo meu
15 sen . e cõ todo meu entendimẽto . en mha uida .
e en mha saude . e de mha bõa uõetade / dou e
outorgo a uos don Alffonso meu filho . e da sobre-
dicta Raÿa dõna Beatrix mha molher / o meu
Castelho . e a mha villa da Louriáá cõ todos
20 seus termys desse Castelho . e dessa vilha / da Lou-

rřáá . e cõ todas ssas rendas e cõ todas ssas pertééças .
e cõ todos aqueles dereytos reaes que eu hy hey ! e
de directo deuo auer . e cõ ssa Coleyta . e cõ todo
outro senhorio Real que eu hy ey ! é de dereyto de-
25 uo auer . assi en Mar . come en terra . assi nas
cousas spiritaes ! come nas cousas temporaes !
por uosso erdamêto pera sempre . E daqui auãte me parto
e me sayo de todo aquel dereyto que eu hy ei ! e de dereyto
deuo auer . e metouos ã ele por iur d'erdamento pera
30 todo sempre . E aquel . e aqueles que esta mha doaçoõ gardarẽ
assi como e de suzo dicto ! aia . e aiã a mha béézõ . e a
de deus padre poderoso . E sse pela uẽtura algúu ou
alguus contra esta mha doaçoõ e contra este meu feyto . e contra
esta mha carta uẽyr quiser . ou quiserẽ . ou ãbargar .
35 ou quebrãtar ! en nẽhũa maneyra nõ no possa . nẽ no
possam fazer . nẽ lhy seia estauil . que quer que contra estas cou-
sas de suzo dictas . faça . nẽ mande fazer . ou queyra . ou
queyrã fazer . E sobre todo esto aia e aiã a mha maldiçoõ .
e a de deus padre poderoso . E que esta mha doaçoõ . e esta mha
40 Cartã . e este meu feyto seiã mays firmes . e mais
estauils pera todo sempre e nũca possa ueir ã duuyda !

dou ende a uos dō Affonso meu filho . e da sobredicta
 Raŷa dōna Beatrix mha moller / esta mha carta
 aberta séelada do meu seelho . do Chũbo . a qual cõ-
 45 firmo e reuoro cõ mhas mãos proprias . Dada en Lix-
 bõa . cĩque dias por ãdar de ffeureyro . El rey o mã-
 dou . na Era . M^a . CCC^a . xvj^a .
 El cõ dō . Gonsalo garsia alferaz tēēte Neuha . don
 Johã d'avoŷ Mayordomo d'el Rey tēēte aLētegio
 50 don Affõso lopiz tēēte Souza . dō Diago lopiz tēē-
 te Lamego . don Mēē rodriguiz tēēte a Maya .
 dō Martĩ afonso tēēte Mõte nego⁽²⁾ . dō Martĩ gil
 tēēte Eluas . don Pedr'eanes tēēte tras serra . don
 Pedro põço . Pedr'eanes de Portel tēēte Leyrea .
 55 dō Nuno martĩz Ayo de dō Dinis tēēte Bragãça .
Martim eanes do vŷal tēēte Panoyas . Johã rodriguiz
 de Briteyros . Fernã peres de Baruosa confirmam .
 Roy mēēdiz . Roy gomez . sobreuuyzes confirmã .
 Johã reymõdo Alcayde de Lixbõa . váasco peres farŷa . testemoyas .
 60 Johã lobeyra . Johã uelho . Lourẽço gonsaluiz magro .
 Abril peres . Meen rodriguiz reborĩ . testemoyas .
 don Ordonho Arcibispo de Bragáa . dō vicēte Bispo

- do porto . dō Matheus bispo de Lixbõa . dō . Durã Bispo
 de Euora . Frey Bartholameu bispo de Silue . Frey
 65 váasco Bispo da Garda confirma . A eygreia de Coÿbra uaga.
 A Eygreia de viseu uaga . dō Alffonso peres farÿa .
Martim dade alcayde de Sanctaren⁽³⁾ . Pedro affonso de zamora .
 +Pedro martíjz caseual . Lopo rodriguiz . Steuam peres Cónigo de
Bragáá .
Domingos⁽⁴⁾ iohanes Cónigo de Euora Domingos⁽⁵⁾ peres Copeyro
 mayor .
 70 dō viualdo genoes Cidadão de Lixbõa . testemoyas .
 <don Steuam eanes Chanceler d'el Rey . conf . James eanes scriuã d'el
 Rey / a screuyu .>

Livro I - Doc. 28

Fol.155d Carta adueniencie habite inter dominum Regem et ordinem de
55 Ocles super directis uenientibus per focem de Alcazar de se-
tuual et de Palmela(1)

Fol.156a CONuçada cousa seia a quantos esta Carta
uirẽ . como sobre contẽda que era antre nos
don Affonso pela graça de deus Rey de Portug-
60 al e do Algarue de hua(2) parte . e nos don Pááy
periz per essa méésma graça Maestre da Ordin
da Caualaria de Santiago en o nome de nos
e de nossa Ordin da outra parte / sobre razõ do
Ryo que uen d'alcaçar aa foz de Palmela . e
65 de Setuual . e sobrela foz d'alPena e do porto d'al-
madáá . e sobrelas pescarias d'almadáá . e de Sesi-
mbra . e de palmela . e de Setuual . e d'alcaçar /
Eu Rey don Affonso sobredic̃to cū outorgamento
de mha moler a Raya dõna Beatr̃ix filla do no-
70 bre Rey de Castela . e de Leon / e de meus fill-

os . e de mhas fillas . don Dinis . don Afonso .
dõna Brãca . e dõna Sancha . E nos don Pááy
periz . Maestre sobredicto cũ outorgamento de nos-
so Cabidóó géeral . fazemos tal preyto e tal auéenza
75 de nossa boa uóóntade . por prol ! de nosso Reyno .
e de nossa Ordin . e daqueles que depos nos uerram .
que de todas as Barcas que entrarẽ pela foz do Ryo
d'alcaçar . tã ben cũ panos . come cũ ferro . come
cũ cobre . come cũ Madeyra come cũ Metha-
80 es . come cũ Coyros . come cõ Cera . come cõ to-
daldas cousas que per hy entrarẽ que aia ende el Rey
a dizima . e desta dezima que ende el Rey ouuer
que aia ende a Ordín a dezima. E outrosi de toda-
las cousas que sayrẽ contra ho mar ! pela foz do
85 Ryo que uen d'alCaçar . que aia ende a Ordin seu
dereyto . ou como s'auéer cõ aqueles cuias forẽ as
cousas . e que nõ aia el Rey ende nada . saluo ende
que o homẽ que steder en Setuual pelo Almojarife
de Lixbóá ! que fille fiadores por aquelas cousas de

90 que el Rey deue auer dezima que as tornẽ áá terra.
segundo como sse husa en Lixbõa . e outrosi todos
aqueles que entrarẽ pela foz que trouxerẽ cousas de que
el Rey deue á áuer seu dereyto ! nõ aportem
alur senõ en Setuual . nõ se partã ende ata que
95 el Rey aia ende seu dereyto . e se algúús contra
esto forẽ ! en entrar ou en sayr ! fillẽnos por descar-
reyrados . Outrosi de todas barcas que uéerẽ do
Reyno de Portugal e das outras terras pescar
a Sesimbra ! ou a Setuual que nõ seiã da terra
100 da Ordín que aia ende el Rey a dezima . e daquela
dezima que ende el Rey ouer que aia ende a
Ordín a dezima . Outrossi de todas Barcas d'al-
Madáá . e de Sesimbra . e de Palmela . e de Se-
tuual ! e d'alcaçar . que forẽ pescar que den a dezima .
105 a Ordín elas . e os que andarẽ en elas . Outrossi ou-
torgamos que ste hũu omẽ e hũu scriuã do Almox-
ariffe de Lixbõa en Setuual . que recadẽ esses
dereytos d'el Rey . E se per uẽtura algũu deles

ou ambos chagarẽ . ou matarẽ . ou ferirẽ algẽ .
110 ou algẽ matar ou chagar ou ferir eles ou alg-
ũu deles . ou fezerẽ outras cousas que deua corre-
Fol.156b ger que o corregam eles . e que o corregã a eles per lo foro
de Setuual . e ha uoz e ha Cóomha . que se hi fezer .
que [ha]⁽³⁾aia a Ordin . assi como ha han dos outros vizi-
115 os de Setuual . e que el Rey nõ aia hy de ueer na-
da . en razõ destes homéés senõ como e suso dicto.
E sse per uentura o Maestre e ha Ordin se querela-
rẽ dos homéés ou d'algũu deles que estederẽ en
Setuual / pelo Almojarife de Lixbõa . que o Almo-
120 xarife lhos tire logo ende sen outro alongamẽ-
to nõhũu . se o Comendador ou aquel que esteder en seu
logo pola Ordin e o Almojariffe⁽⁴⁾ de Lixbõa acha-
rẽ razõ per que os deueẽ ende tirar . e que meta hy outros
en seu logar per estas condizões . E sse per uentura al-
125 guus portos . ou alguas pescarias daqui adeante
forẽ feytas ou feytos . en terra da Ordin que

el Rey e ha Ordin usem en esta méésma guy-
sa segúdo como he de suso dicto . E sse per uentura
algua Balea / ou baleato . ou Serea . ou Coca .
130 ou Roas . ou Musarana . ou outro pescado grã-
de que semele algũu destes morrer en Sesinbra .
ou en Sisnes . ou nos outros logares da Ordin
que el Rey aia ende seu dereyto . e de as Egregi-
as da Ordin a dezima daquel dereyto que hy ou-
135 uer El rey . aly hu os pescados sobredictos mor-
rerẽ . E por esta dezima / quito eu Maestre al
Rey aquelas . Cen . ⁺liuras . que dele tíja ha Ordin
cada ãno pela pescaria de Sesinbra . Outrosi
nos auíjmos do d'almadáá en esta guisa que de
140 todas cousas que entrarẽ e sayrem d'almadáá .
e en Almadáá . e en seu termho per terra / todos
os dereytos que os aia a Ordin . per razõ da terra que
e sua . Saluo da adiza que este assi como e posto .
E de todas cousas que entrarẽ e sayrẽ pela foz
145 de Tegio e d'alPena que aia ende el Rey seu de-

reyto . e ha Ordin nõ aia hy nada . Saluo das
Barcas e dos pescadores d'almadáá que pesquẽ
e seia o dereyto da Ordin segũdo como he de suso
dicto . E estas cousas de suso dictas / nos Rey
150 don Alfonso e ho Maestre e ha Ordin sobredictos
prometemos a bõa fe a téér . e ha guardar estas
cousas e cada hua delas por nos e por nossos su-
ccessores pera sempre . E outorgamos que non pos-
samos uíjr contra estas cousas nõ contra cada hua
155 delas / nos nõ nossos successores en nõ hũu tẽ-
po . por nõ hũa Ocagiõ nõ razõ de dereyto nõ de
feyto . Mais sempre seiã firmes e estaues pera
sempre iamays . E sse alguma cousa contra estas
cousas quisermos dizer . ou fazer . ou razõar . ou gáá-
160 nar per priuilegios . ou en outra maneyra nos
ou nossos successores que quer que hy fazamos . ou
gáánemos nõ ualla . mais todauia esta conposi-
zõ seia estauil e firme assi como é de suso dicto .
E renuzamos a todo outro dereyto e ha toda de-

165 manda que nos auemos ou poderiamos auer d'aqui ad-
ante sobre estas fozes e sobre estas pescarias

Fol.156c e que nã possamos demandar restituzõ nos nẽ nos-
sos successores . en nossos nomes nẽ do Reyno .
nẽ da Ordin . E que esto seia firme e estauel .

170 e nã uenha en duuida eu don Affonso Rey de suso
dicto cũ outorgamento de mha moller e de meus
fillos de suso dictos . e de mha Corte . e nos don
Pááy periz Maestre de suso dicto e ho nosso Cabi-
dóó géeral mandamos fazer duas Cartas semela-

175 ues desta auéença . das quaes eu Rey don
Affonso tenho hua . E nos Maestre e nossa
Ordin a outra . e posemos en estas Cartas nossos
Séelos en testemoyo de uerdade . Dada foy esta
Carta en Sanctaren tres dias andados de Fe-

180 uereyro . el Rey o mãdou per don Johã d'auoyn
seu Mayordomo mayor . e per don Martin a-
ffonso . e per don Afonso lupiz . e per don Diago

lupiz . e per don Méén rodiguiz . e per don Pedr'-
eanes . e per don Pedro ponço . e per Laurenço
185 soariz de valadares . e per Roy garsia de pauia .
e per Johã soariz coello . e per Frey Affonso periz
faría . e per Martĩ anes do vinal . e per Pedro
affonso de Çamora . e per Martĩ dade alcay-
de de Sanctaren . e per Maestre Steuã archidia-
190 góó de Bragáá . e per Frey Giraldo da Ordin
dos préégadores . e per ffernã fernãdiz cogomío .
e per Domĩgos iohanes seu clerigo . e pelos outros
de seu Consello . Johã periz notayro da corte a
fez . en a Era . de Mil . et trezêtos e duze anos .

Livro I - Doc. 29

Fol.159a Carta per que El Rey cõfirmou a partiçõ que fez dõna <Johãna>
cõ filhos e netos de ffernã fernãdiz cogomõ .

Don . Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Al-
garue . A todos aqueles que esta carta uirẽ faço a saber .
5 que don Nuno martíjz de Chacĩ da hũa parte por filhos e
filhas e por netas de ffernan fernandiz dicto Cogomõ ma-
rido que foy de Johãna diaz . e essa Johãna diaz da outra
parte por ssi / uéerõ perdante mĩ . sobre partições e escã-
bos e auééças . e cõtos das herãças e das bõas assi mo-
10 uíjs come de Rayz . que os ditos ffernã fernandiz e Johã-
na diaz emsembra auiã as quaes don Nuno martíjz
fezera cõ essa Johãna diaz per rrazõ do poder que lli eu
dera de séer Tutor e guardador e partidor polos filhos
e polas filhas e polas netas do dito ffernã fernandiz que nõ
15 erã de Reuora assi com'e conteudo en hũa mha carta
que lli ende eu dei . E outrosi per procurações abastãtes
dos filhos e da filha e das netas do dicto ffernã fernandiz

que erã de Reuora as quaes procuracões ende mostro[u] per
dante m̃j . E pediumj ende emsembra cõ essa Johã-
20 na diaz que eu emsembra cõ aqueles que eram de meu
conselho e cõ meus sobreuiyzes uissemos e catassemos
todalas cousas dauandictas en como amdarõ e forõ fey-
tas . e os scritos e as cartas e os strumẽtos que ende per dan-
te m̃j mostrarõ e léer fezerõ . e que por mercée e por de-
25 reyto se hy algũa cousa era pera correger ou pera tol-
her . ou pera ader que eu que o fizesse . E se per uẽtura uisse
que todo este feyto bem e derectamente e lealmente anda-
ra e que de derecto deuia star e ualer que eu que o cõfirmasse e . .
por Juyzo lho desse . per mhas cartas séeladas de meu
30 séélo . das quaes ende hũa tiuesse don Nuno por si e
polos filhos e polas filhas e polas netas do dauãdito
ffernã fernandiz . e a outra a dauãdicta Johãna diaz por
si en testemoyo pera todo sempre . E eu cõ aqueles que erã
de meu conselho e cõ meus sobreuiyzes fiz catar e léer
35 todalas cartas e todalas procurações e todolos scritos e
todolos strumẽtos das partições assi do poder que don

Nuno auia come das partições e dos cōtos que fezera
cō na dauãdicta Johãna diaz . E auudo conselho cō eles
sobrelas dauãdictas cousas / achei que don Nuno bem
40 e derectamente andara en todalas cousas dauãdictas .
e que comprido poder ouuera pera fazer todalas cousas da-
uandictas . E de mais achei que filhos e filhas e netas
do dicto ffernan fernandiz ficã por deuedores a essa Johã-
na diaz de li pagar ssas arras . e duas mil / e tre-
45 zentas . e vínti . ⁺liuras e quatorze . dineyros . que ela
do seu pagou en deuidas é en mãda do dicto ffernan fernã-
diz . vnde confirmo todalas cousas dauãdictas . E mãdo
e iulgo que seiã stauíjs . e que ualha pera todo sempre . E des
aqui adeante mãdo e ponho sêço áas partes e a cada hũa
50 delas que non uenhã en cōtrayro e que agardẽ e façã guardar
todalas partições e todalas outras cousas dauandictas e ca-
da hũa delas . En testemoõ da qual cousa mandei ende
dar duas cartas abertas sêladas do meu sêlo . hũa ao
dicto don Nuno martíjz e a filhos e a filhãs . e a netas
55 do dicto ffernam fernandiz . e a outra áa dicta Johãna diaz

Fol.159b que tenha em testemoÿo .de todas estas cousas dauandictas.

Dada en Lixbõa . vijti . e hũu dia[s] de Março .

El Rey o mandou per conselho de sa Corte e de seus Sobre-
iuyzes . Martĩ dominguiz a fez . na . . Era . M^a .

60 CCC^a . . xvj^a . . (...)

Livro I - Doc. 30

Fol.159b (...)Carta per que El Rey mādou

aos Ouẽçáaes de Sanctarem como tirasem os derectos
30 das ffããgas e dos Acougues .

Don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue
A uos Alcayde e Aluazijs e Concelho de Santarẽ .

sáude . Sabede que a mi he dicto que uos uos sentides agraua-
dos de como os meus Ouéécaes que tẽẽ arrẽdados os meus
35 Açougues e as fããngas e as estalarias desse logar

uos tirã ende a rrenda . vnde eu mãdo e defendo á áqueles
que teuerẽ arrẽdados os logares dauãditos que nã tirẽ
a rrenda se nã en esta maneyra como uay aqui scrito .

conuẽ a ssaber mãdo que toda carne e todo pescado se uẽda
40 nos meus açougues e nẽgũu nã seia ousado de alhur
conprar carne nẽ pescado fora nos meus açougues e

se o alguẽ fezer / leue dele o meu Alcayde . Lx . soldos . e

se nã ouuer onde os pague / metao no Aliube atẽes

que o de . e destes dieyros seiã meus . L . soldos . e dez . soldos .

45 do Alcayde . e outrossi mando so esta p^ẽa dauandicta
 que n^ẽgũu non arreuante pescado n^ẽ carne nos meus
 Açougues n^ẽ no leue contra uóóntade de seu d^õno sen
 . dineyros . e se o leuar sem dieyros / ou arreuarar / peyte
 . Lx . soldos . e seiã ende meus . L . e do Alcayde . x . soldos . e
 50 outrossi mando que os Carniceyros pagu^ẽ seus foros co-
 mo soyam a pagar . saluo que pagu^ẽ de cada cabrito
 . j . mealla . e do Cordeiro . j . mealla . e do leyt^õ . j . mealla .
 e do Ceruo ou da Cerua ou do Corço . ou do Gamo .
 . iij . dineyros . Item mando que d^ẽ da Lamprea . j . dineyro . e do
 55 Saual . j . mealla . e pola carrega caualar ou Muar

 Fol.159c d'outro pescado . iij . dineyros . e da carrega asnal . iij . meallas .
 e do cesto do pescado meudo . j . mealla . e do grande . j .
 . dineyro . e do colonho do pescado do hom^ẽ ou da moller .
 . j . dineyro . do sacco ou do Colonho do hom^ẽ ou da molher
 60 . j . dineyro . e da duz^ẽa das peyxtas secas ou dos Congros
 secos . j . mealla . e outrossi mando que pola séeda da páá-
 teyra por todóó dia . j . dineyro . e faça uerdade que n^õ uende

outro pan senõ o seu . e outrossi mando que dê de cada
seyrõ ou de cada carrega de verças . j . dineyro . e por cada
65 Cesta ou por cada colonho d'omẽ ou de molher .
dẽ . j . mealla . e de todo seyrõ de fruyta . ij . dineyros . e de
todo colonho d'omẽ ou de molher . dẽ . j . dineyro . e outros-
si mando que toda fruyta se uenda nos meus açougues
saluo aquel ou aquela que a ouuer de ssa aruor que a uenda
70 a ssa porta . e desto faça uerdade . que nõ uende hy
outra . e se peruentura a rregatar uáá uender aos meus
açougues . e faça dela seu foro assi como he ia dicto .
e outrossi mando que a tripeyra de pola séeda por todo
o dia . j . dineyro . e aquela que uender pescado coyto ou frito
75 de . j . dineyro . Item mando que en esta maneyra se tire a rrẽ-
da das ffaángas da séeda da legumha dẽ hũa
mealla . e sse uender des . quatro⁽¹⁾ alqueyres atées quarteyro .
de . j . dineyro . e do milho e do Tríjgo e da Ceuada . dẽ co-
mo acostumearõ sempre a dar . Item Mando que assi usẽ
80 das estalarias e das Alfandegas que todo auer que uéer
a Santarẽ pera ss'i uender . que descarregue nas Alf-

andegas myas e as beschas que sse auer trouxerẽ e to-
dalas outras beschas da carrega que emde merchandia
quiserẽ leuar pousẽ na stalaria mya e as merchãdias
85 e os aueres pousẽ nas Alfandegas minas . saluo
que o vizio da villa uáá descarregar seu auer e
seus aueres cõ sa bescha ou cõ ssas beschas a ssa casa .
e Outrossi mando que omẽ que traga merchandia nõ
posa uender en Santarẽ nõ por leuar outra ma-
90 ys por sse ir cõ ela pora outro logar que desca hu quiser .
tanto que non faça morada senõ por hũu dia . e por
hũa noyte . e se mays esteuer / uenha áás Alfande-
gas e a estalaria mÿa e por cada hũa bescha
caualar . dẽ de estalagẽ . j . dineyro . polo dia . e outro
95 pola noyte . e se for asno . j . mealla polo dia . e ou-
tra pola noyte . e outrossi mando que os que descar-
regarẽ nas alfandegas mÿas dẽ de tota carre-
ga polo logo u seuer da bescha caualar . j . dineyro . polo
dia . e outro pola nocte . e pola carrega do asno
100 . j . mealla . polo dia . e outra pola noyte . e todas

estas cousas m^ãdo que sse usem en esta maneyra .
Vnde al n^õ seia . E por esto n^õ ueir en douida . dou
ende ao dauandict^o Concelho esta mha Carta
aberta . Dada em Lixb^õa . xxij . dias andados
105 de Janeyro . El rey o mandou . per don . Affonso far^ãa
e per Marti^õ dade . e per Pedro caseual Corregedores
dos feytos do Reyno . Vicente fernandiz a fez .
Era . M^a . CCC^a . xvj .

Livro I - Doc. 31

Fol. 160a Carta d'enprazamento antre o Maestre e o conuêto d'avis e <o Jnfã->
40 te dom . Affonso sobre herdamentos que som en sam vicente.
CONoscam quantos esta Carta uirẽ . e léer ouuyrẽ . co-
mo nos frey Symõ soariz . Maestre d'avis .
E nos Conuento desse méésmo logar / fazemos emplaza-
mento de todos os nossos herdamentos e de todos os dereytos
45 spiritaes e têporaes que auemos e deuemos á áuer en San
vicente e en seus termhos / cõ no Infante dom Affonso .
filho do muy nobre don Affonso pela graça de deus Rey
de Portugal e do Algarue . en esta maneyra . conuẽ
saber . que o⁽¹⁾ Infante don Affonso deu a nos e a ordĩ
50 d'avis / mil e quinhêtas liuras . en as quaes a Ordĩ
per seu procurador compre esembra cõ no dicto don Affonso .
ou cõ seu procurador herdamentos en Eluas e en seus
termhos . E depois que estas Mil e quinhentas liuras forẽ me-
tudas en herdamentos . seia a Ordin entregada desses
55 herdamêtos primeyramente . e tenhaos per hũu ano e

Fol.160b húú dia . E a ordim entregueos ao Infante don Affonso .

que os tenha en toda ssa uyda . cõ no'sobredictos herdamẽtos .
nossos de san vicente . os quaes logo a el entreguamos per esta
Carta . os quaes a el enprazamos / cõ gáádos . e cõ pã . e cõ
60 vïo . e cõ cubas e cõ tÿhas e con todalas outras cousas
mouys . que hy sséem . as quaes cousas deuẽ a sséer conta-
das perante o Taballiõ da terra . e perante o procurador do
Infante . e perante o procurador da Ordin . E depois que
forẽ contadas / seiam entregadas a esse procurador do
65 Infante . E o Tabellyõ faça ende dous estrumentos dos quaes
húú fique áá ordĩ . e o outro ao Infante . E quanto mouil
for achado pelo instrumento do Tabalyõ da terra que nos
a el damos / outro tãto e tal . seja don Affonso teudo
a dar áá ordim . e o mays que hy crescer desses gáádos .
70 E sse pela uentuyra o Infante don Affonso deus uyr por
ben que seja Rey . ou entrar en Ordim . ou morrer /
todolos herdamentos de San vicente . e os da compra
das mil e quinhentas . +liuras / deuẽ a ficar áá ordim nossa .

cõ todolos sseus meloramẽtos e cõpras . e gáánças . e pob-
75 ras que sse en esses herdamentos fezerẽ sen nẽ hua cõ-
tradiçõ . E o Infante don Affonso deue fazer guar-
dar e laurar todolos sobredictos herdamentos en tal
maneyra que quando áá Ordin ficarẽ . que fique melora-
dos e non peorados . e cõ todalas outras cousas so-
80 bredictas . E o sobredicto Infante nõ deue elhes⁽²⁾ a uender .
nẽ dar . nẽ emprazar nẽ apenhorar . nẽ alẽar mays
liuremẽte ficarem áá ordim depos ssa morte . ou se
for Rey . ou entrar . en ordim . ou morer . cõ todos
sseus meloramentos . e conpras . e gáánças . e pobras . e ben-
85 feytorias que en esses herdamentos foren feytas . E sse
pela uentura o Infante ouer filho . ou filha . ou neto .
ou neta . ou algũu hereo que deua a uẽyr a sseus béés
e as ssas heranças . en todolos sobredictos herdamẽtos
e en todalas dictas cousas nẽ en parte d'elhas . nõ pos-
90 sam uẽir . nẽ nas possam ãbargar áá ordĩ . nen ssa mol-
her . se a ouer . Mays ao tempo que deus uir por bẽ que
el seia Rey . ou entrar en ordin . ou morer . o Maestre

e a Ordin d'avis . per ssa outoridade possam entrar .
e filhar . e possoyr . e auer pera todo sempre . os sobre-
95 dictos herdamentos . cõ totalas cousas sobredictas sen
nẽ hũa contradiçõ . e sen nẽ hũu embargo . tã ben os
que nos a el damos / come os da compra das Mil e quinhẽtas li-
uras . come as compras e as gáanças que fezer ẽ termho de
San vicente . per qualquer maneyra . E sse pela
100 uẽtuira alguẽ que de don Affonso uээр quiser
ueýr contra este feyto ou contra estas condições que
son cõteudas ẽ esta Carta / peyte tres . mil liuras
áá ordĩ ou a quẽ a ordĩ sa uoz der . e outro tãto al
Rey . e Carta todauya cõ ssas condições fique firme
105 e estauil / pera sempre . E eu Infante don Affonso
cõ outorgamento de meu padre obligomj . e toda-
las cousas mñas . e aqueles que meus herées forem á á-
tender e a conprir e a guardar e a fazer todas estas
cousas sobredictas e cada hũa delas . E eu logo per
110 mĩ . as confirmo e outorgo . a cõprilas a bõa ffe .

Fol.160c e en contrayro nõ ueÿr . E sse pela uentura eu ouuer filho .
ou filha . ou neto ou neta ou algũu hereo . ou molher
que estas condiçoes ou parte delas quiser quebrantar ou contra
elas ou contra algũa delas quiser ueÿr . nõ llj seia outor-
115 gado . mais solamente pola temptaçõ . peyte tres mil .
liuras áá ordim . e outro tanto al Rey . e aia a mha mal-
diçõ . e a de deus perdurauil . mays tanto que mi deus der hũa
destas tres cousas sobredictas . que seia Rey . ou entre
en Ordim . ou moyra . a Ordim aia lougo todolos sobre-
120 dictos herdamẽtos . con totalas sobredictas cousas . sen nen
hũa contradiçõ . E por este amor que a mÿ a Ordim d'a-
vis faz . prometo á á mala . e a querer ssa prol . E nos Ma-
estre e Conuento d'avis / prometemos en bõa ffe nõca
ueÿr contra este nosso feyto . E eu don Affonso pela gra-
125 ça de deus Rey de Portugal e do Algarue a rogo do Ma-
estre e do Conuẽto d'avis . e de don Affonso meu filho /
outorgo por mÿ . e por todos meus successores todas cou-
sas sobredictas cõ todas ssas condições / a fazelas conprir
e a guardar . E outorgo e dou poder áá ordin que nas

130 Mil e quĩhetas liuras de suso dictas comprem herdamẽtos
en Eluas e en sseus termhos . e que os aiam pera todo sempre !
como⁽³⁾ de suso est conteudo . E mando que sse meu filho .
ou aquel . ou aqueles que meus hereos forẽ no Reyno de Por-
tugal . ou que forẽ hereos do sobredicto don Affonso
135 meu filho . quiserẽ ueĩr e embargar este feyto . e estas
cousas que son conteudas ã esta Carta . que lhis nõ seia
outorgado . nõ lhis uala ssa demanda ! nen seu <en>bargo .
Mays a Ordim aia conpridamente totalas cousas que son
conteudas na dicta Carta . sen nõ hũa contradiçõ . pera todo sen-
140 pre . E dou béençõ a meus filhos . e a uos don Affõsso
meu fillo . e aqueles que descendẽ de mj . ou que de uos descende-
rẽ que assy o façades . e atendades . ssenon que cayam . e
cayades na pea que filhos e netos deuẽ a caer . que contra béé-
nçõ de padre uéerem . ou contra seu mandado . E que este
145 feyto se mays estauyl . e mays firme ! nos de suso nomea-
dos . conuẽ saber. o Maestre e o Conuento d'auis . E eu
Infante don Affonso fezemos ende fazer duas Cartas
semelauis de ueruo a ueruo . e sséeladas dos nossos séélhos.

das quaes Cartas hua deue a Ordim a téér / E eu
150 Infante don Affonso a outra . Eu don Affonso pela
graça de deus Rey de Portugal e do Algarue . a rogo dos so-
bredictos Maestre e Cõuento d'avis . e do sobredicto dõ
Affonso meu filho . fiz põer ã estas Cartas o meu Séélo .
e registralas no meu registro . en testemoõo desta
155 cousa . Feyta foy a Carta en Lixbõa . xiiij . dias
de Septembro . Era . M^a . CCC^a . xvj .

Que presentes forõ .
don Joham d'avoõ Mayordomo d'el Rey .
160 don Affonso perez faria . don Martiã eanes do Vyal .
Martiã dade alcayde de Sanctaren . Pedr'eanes [de] portel .
Roy mééndiz . Pedro paes . Sobreiuyses .
Pedro martijz caseual . Joham reymondo alcayde
de Lixbõa . Laurẽço escola . testemoyas .

165

Fol.160d Steuã periz de Ratis

Domĩgos periz ————— clerigos d'el Rey .

Domingos uicente ————— testemoyas .

170 Pedr'eanes reposteyro móór . Vicente domĩ-
guiz . / Martĩ paes uogados d'el Rey . testemoyas .

Domĩgos heriz de Lixboa . testemoya . Pedro peres scriuã
d'el Rey . testemoya . ffernã paes scriuã do Maestre d'a-
vis . testemoya .

Egas martijz Comendador moor d'avis .

175 Joham rodriguiz Comendador de Culuchi . Pedr'eanes
cabral Comendador da vide . Pedro lourenço freyre .
d'avis . testemoyas .

James eanes scriuã d'el Rey que a screuyu / testemoya .

Livro I - Doc. 32

Fol.161a Carta d'ũas casas que El Rey deu a Maestre domĩgos

das antas as quaes som en Lixbõa na freoguisia de sã Berthola-<meu .>
Conhuçada cousa seia a todos aqueles que esta carta uirẽ
e ouuirẽ . que eu don Affonso pela graça de deus . Rey
de Portugal e do Algarue . e ensembra cõ mha molher . Raõa
50 dõna Beatriz . filha do muy nobre Rey don Affonso de
Castela . e de Leõ . e cõ meus filhos . Infantes don Denis .
e don Affonso e dõna Branca . e dõna Sancha
do e dõo e outorgo pera todo sempre . a Maestre Domĩ-
gos dicto das Antas meu fisico por muyto seruiço que mi fez .
55 as mhas Casas que eu cõparei de Domĩgos periz meu clerigo .

Fol.161b as quaes casas som / en Lixbõa en a frééguesia de san Ber-

tholameu . Dou a ele e a sseus successores as dictas Casas
pera todo sempre cõ todo o deryto e cõ todo o ssenhorio . que eu en
elas ei . e de deryto deuo á áuer . cõ todos seus derytos .
60 e cõ todas ssas pertéenças . e que ele e seus successores aiã pera

todo sempre as dictas casas . e que as uendam e dõem e façã
delas que quer que a eles prouguer pera todo sempre . Das quaes
casas as diuisões estas som . a Ouriẽte como parte cõ
no adro de san Bertholameu . a Aguyõ como parte pela
65 Rua publica a Ouciente cõmo parte cõ Pedro durães
e cõ ssa molher . e cõ Pedro fernandiz e cõ ssa molher . e
da outra parte como parte pela Rua publica . e cõ Suey-
ro alão e cõ ssa molher . E sse pela uẽtura alguus de meus
filhos ou todos quiserẽ uĩjr contra esta mha doaçom / ou
70 algũus de ssa géeraçõ / aiã a mha maldiçõ . e nõ lhis ual-
ha sa demanda . e toda uia fique esta mha dõaçom por firme.
e ualha . En testemoyo destas cousas dei ende esta mha
Carta de meu séelo pendente séelada . ao dicto Mae-
stre Domĩgos pera todo sempre . pera si / e pera seus successores .
75 Dada en Lixbõa . quatorze dias de Janeyro . El rey o
mandou per Maestre Pedro seu fisico . Martim
domĩguiz a fez na Era . ---M^a . ---CCC^a . ---x^avij^a .

Livro I - Doc. 33

Fol.161b Carta . per que deu El Rey aa Raÿha o padrõado <das Egreias .> de Torres

uedras . e d'Alanquer . e de Torres nouas .

25 Sabham todos aqueles que esta Carta uirẽ e ouuirẽ . que
eu dom Affonso . pela graça de deus Rey de Portugal e do
Algarue . Mando e outorgo que a Raÿa dõna Beatriz filha
do muy nobre Rey de Castella e de Leon mha moller
aia todolos Padroados de todalas Eygreias de Torres
30 uedras e de Alamquer e de Torres nouas assi liuremẽ-
te como as eu ey . E aiáás en todolos dias de ssa uida .
E depouys ssa morte fiquẽ a meu filho . e áaqueles que
depos mĩ reynarẽ . Outrossi mando e outorgo que ela
aia as Alcaydarias de cada hũa dessas villas e os de-
35 reytos e as rendas dessas Alcaydarias assi liuremente
como ha todolos outros dereytos dessas villas . e outro-
ssi as aia en sa uida assi como he de ssusu dicto . saluo tã-
to que os Caualeyros que ela y quiser meter por Alcaydes
que ante⁽¹⁾ que entrẽ ã esses Castelos que façã a mi ante me-

40 nagẽ ou áaqueles que depos mi reynarem . que esses Caste-
los que mhos dem irados e pagados cada que lhos eu pidir .
E a força que lhy fiz en cada hũa destas cousas ata aqui /
alçolha ora e quitomell'ẽ . En testemoyo da qual cousa
dou ende a ela esta mha Carta aberta . Dada em Lix-
45 bõa . xxij . dias de Janeyro . El rey o mãdou . Pedro periz
a fez . Era . M^a . CCC^a . xvij^a .

Livro III

Fol.12c (...) Carta dos Juyzes e

25 do Concelho de Aurãtes pera fazerem e refazerẽ o Muro do dito Castelo de Aurãtes .

Conhoscã todos aqueles que esta carta uirẽ e ouuirẽ que nos Juyzes e Concelho de Aurãtes de nossas liures uoontades entendendo a fazer nossa prol

30 de nossos corpos e de nossa terra e de nossos aueres ficamos e outorgamos que façamos e refaçamos ó Muro do Castelo de Aurãtes cada hu for mester assy en os Andamhos come nas escaadas come nos cubos come nas Torres ' come nas ou-

Fol.12d tras cousas u quer que mester for . E obligamonos per quãto que auemos mouil e Raiz a cõprir e a fazer todas estas cousas de suso ditas . E nos deuemos a séer aparelhados ata primeyro dia de Março a fazer e adubar esse Muro assy como de suso dito

40

e . E deue séer feyto deste sam Miguel que uem
ata hũu Ano . Da qual cousa en testemoyo fe-
zemos esta carta seelar do seelo do nosso Cõce-
lho .

NOTAS

Doc. I-1

(1) e - / no] e - / nos.

(2) e a todos] e e a todos.

(3) Poderia aceitar-se "Data", como latinismo, mas o uso por extenso de "Dada" noutros documentos leva-nos a considerar esta abreviatura como desfasada (+).

(4) Latinismo: Rege mandante.

Doc. I-2

(1) No manuscrito, "fazedemi", com "mi" subpontado.

Doc. I-4

(1) nêhũa] nêühã

(2) O uso regular da forma romance "Pedro" neste e noutros documentos leva-nos a considerar a abreviatura "Pēt" como desfasada (+).

Doc. I-7

(1) XIX^a] XIX.

Doc. I-8

(1) E. Borges Nunes considera "Legum / ña" uma abreviatura inútil. Cf. Doc. I-30 (76), onde se encontra, no mesmo contexto, a forma "legumha", por extenso. Consideramos, assim, tratar-se da forma "legumha" e não legumheira".

Doc. I-10

(1) Egreiayros] Ereiayros. Cf., por exemplo, Doc. I-10 (64), (74), etc.

(2) d'aRo- / uca] da Ro- / uca.

Doc. I-12

(1) No manuscrito, "tre" subpontado, no início da linha seguinte.

(2) E e esses] Eesses.

(3) chaues] chauas .

Doc. I-13

(1) ou o] ou ou.

(2) Cf. nota (1).

Doc. I-15

(1) É clara a correcção feita pelo escriba sobre a palavra "Relego", tendo-a corrigido para "Regêgo".

(2) Cf. nota (1).

(3) Cf. nota (1).

Doc. I-17

(1) sobr' esse] sobresses.

Doc. I-18

(1) Aqui, como noutros lugares, as variantes "iohannis", "iohannes", etc, com <nn>, seriam também aceitáveis, visto tratar-se de uma grafia medieval comum, em alternância com <n>.

Doc. I-19

* (1) "Correcção apoiada no testemunho do Livro III".

(2) Cf. nota (1).

(3) ẽ no] enõ.

Doc. I-20

(1) No manuscrito, "ḍa / todalas", com "da" subpontado.

(2) Esta forma é também desabreviável por "durãez".

(3) aos] as.

(4) A lição do Livro III diverge significativamente da do Livro I neste ponto. Não é, no entanto, claro que se trate de um salto do copista do Livro I, como defende L. Fagundes Duarte (1986, p. 203).

Doc. I-22

(1) A tinta encontra-se diluída neste local. Reconhecem-se apenas as partes superiores do <d> e dos dois <ss> finais. O <o> final é visível na sua totalidade.

Doc. I-24

(1) No manuscrito, "dauādcā". É de supor aqui um fenómeno de haplologia, que terá suprimido a preposição.

Doc. I-25

(1) Tendo em conta o sentido, terá havido esquecimento de "fuit". presentata fuit] presentata.

Doc. I-26

- (1) A rubrica é de mão diferente da do texto.
- (2) Alcayde] Alcayte.
- (3) No manuscrito, "entendedia" com "de" subpontado.

Doc. I-27

* (1) "Considerando o conteúdo do documento, a rubrica está errada, uma vez que a doação é feita ao Infante D. Afonso e não à Rainha D. Beatriz. O erro foi corrigido por meio de um acrescento à margem, em cursivo, com o seguinte teor: " a seu filho dom a^o // ."

- (2) Não é certo que se trate de um erro, por "negro", motivo pelo qual não fazemos qualquer correcção.
- (3) O final da palavra está pouco visível.
- (4) Segundo E. B. Nunes (CP), deve tratar-se da abreviatura de "Domingos" e não de "Dyago", nome pouco frequente na época.
- (5) Cf. nota (4).

Doc. I-28

- (1) < ⁵⁷ nec predicto ordini prefatas litteras ostendatis nec de ipsis copiam
⁵⁸ faciatis . sed eas in perpetuum reseruetis et ut hoc in
⁵⁹ dubium uenire non possit . fecimus inde tres

⁶⁰patentes litteras sigillis nostris. >

* " Texto inciso na margem inferior correspondente à coluna B, em letra mais pequena e apertada. Não parece relacionar-se com este documento, uma vez que neste se diz que se fizeram duas cartas idênticas (Cf. 156 v A 8-9) e no inciso em latim se fala em três (fecimus inde tres patentes litteras)."

(2) de hua] duhua.

*(3) " Correção apoiada no testemunho do Livro III".

(4) No manuscrito, "eo ! Almoxariffe". Este sinal, único no manuscrito, não parece ser mais que um traço (talvez o começo de um <I>) subpontado, em sinal de anulação pelo copista.

Doc. I-30

(1) Esborratado o final da palavra.

Doc. I-31

(1) No manuscrito, " qō d̄cō̄ ", com a abreviatura de "dicto" subpontada.

(2) Trata-se provavelmente de um caso de hipercorreção: "elhes" por " a eles".

(3) No manuscrito, "e" riscado.

Doc. I-33

(1) No manuscrito, "antre", com <r> subpontado.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso X, O Sábio,
1959-1972 Cantigas de Santa Maria, editadas por Walter Mettmann,
4 vols., Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- ALBUQUERQUE, Martim de e NUNES, E. Borges (eds. lits.),
1988 Ordenações del-Rei Dom Duarte, Lisboa, Fundação Calouste
Gulbenkian.
- ALMEIDA, Fortunato de,
1922-1929 História de Portugal, 6 vols., Coimbra, ed. do autor.
- AMADO ALONSO,
1967 e 1969 De la pronunciacion medieval a la moderna en español, 1955, 2 vols.,
Madrid, ed. Gredos, 1967² e 1969².
- ANGLADE, J.,
1921 Grammaire de l'ancien provençal, Paris, Librairie C. Klincksieck.
- AZEVEDO, Pedro de (ed.),
1906-1910 "O Livro de D. João de Portel", Arquivo Histórico
Português, vols. 4º a 8º, Lisboa.
- AZEVEDO, Rui Pinto de,
1937 "Período de formação territorial. Expansão pela conquista e sua
consolidação pelo povoamento. As terras doadas. Agentes
colonizadores", História da Expansão Portuguesa no Mundo, vol. I,
Lisboa, pp. 7-64.
- AZEVEDO, Ruy de,
1940 "A Chancelaria Régia Portuguesa nos séculos XII e XIII. Linhas
gerais da sua evolução.", Revista da Universidade de Coimbra, vol.
XIV, Coimbra, Imprensa Académica, pp. 31-80.
- BARROS, H. Gama,
1945-1954 História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a
XV, editado por T. de Sousa Soares, 11 vols., Lisboa, Livraria Sá da
Costa Editora, 1945-1954².

- BOLÉO, M. de Paiva,
 1935 "Tempos e Modos em Português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo", Boletim de Filologia, tomo III, fasc. 1-2, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 1-24 (separata).
- 1937 O Perfeito e o Pretérito em Português, Coimbra, Biblioteca da Universidade.
- 1951 "Dialectologia e História da Língua. Isoglossas portuguesas", Boletim de Filologia, tomo XII, fasc. 1, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 1-44 + 8 mapas (separata).
- 1960 "O estudo dos falares portugueses, antigos e modernos, e sua contribuição para a história da língua", Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, vol. II, Lisboa, pp. 418-428 (separata).
- BOS, A.,
 1891 Glossaire de la langue d'oïl (XI - XIV siècles), Paris, J. Maisonneuve Libraire-Éditeur.
- BRUNEL, Clovis,
 1952 Les plus anciennes chartes en langue provençale. Recueil des pièces originales antérieures au XIII^{ème} siècle (suplément), Paris, Éditions A. et J. Picard et Cie..
- CÂMARA Jr., J. Mattoso,
 1972 The Portuguese Language, translated by Anthony J. Naro, Chicago & London, The University of Chicago Press.
- CASTRO, Ivo e RAMOS M^ª Ana,
 1980 "Estratégia e Tática da transcrição". Comunicação apresentada ao Colóquio sobre Crítica Textual Portuguesa, Paris, Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian (policopiado), pp. 99-122.

- CASTRO, Ivo,
1984 Livro de José de Arimateia (Estudo e Edição do Cod. ANTT 643),
Dissertação apresentada à Universidade Clássica de Lisboa para
obtenção do grau de Doutor em Linguística Portuguesa, Lisboa,
Faculdade de Letras de Lisboa.
- CASTRO, Maria Helena Lopes de et alii,
1973 "Normas de transcrição para textos medievais portugueses", Boletim
de Filologia, vol. XXII, 1972, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos,
pp. 417-425 (separata).
- Chancelaria de D. Afonso III,
[Livro I:] Livro Primeiro de Doações, Mercês e
Forais de Vilas e Lugares, de Dom Afonso 3º, Conde de Bolonha.

[Livro II:] Livro de Direitos Reais de algũas transações feitas entre el
Rei Dom Afonso, Conde de Bolonha, e Bispo e Cabido da Sé da
Cidade d'Évora. Contém mais Doações e Contratos feitos a várias
pessoas, e as cartas de concórdia que pertencem ao Reino do Algarve.

[Livro III:] Livro de Forais Velhos e Doações, no cabo do qual estam
dous cadernos de Inquirições.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Forte.
- CINTRA, L. F. Lindley,
1959 A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos
foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e
Usagre - Contribuição para o estudo do leonês e do Galego-português
do séc. XIII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- 1963a "Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et
bibliographie", 1961, Revue de Linguistique Romane, vol. 27,
pp. 40-58.
- 1963b "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non
littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle", 1961,
Revue de Linguistique Romane, ibidem, pp. 59-77.

- 1971 "Observations sur le plus ancien texte portugais non littéraire: la notícia de torto (lecture critique, date et lieu de rédaction)", Actele celui de al XII-lea Congres internațional de lingvistică și filologie romanică, vol. II, București, Editura Academiei Republicii Socialiste România, pp. 161-174.
- 1983 Estudos de Dialectologia Portuguesa, Lisboa, Sá da Costa Editora.
- COROMINAS, J. e PASCUAL, J. A.
1980-1991 Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico, 6 vols., Madrid, Editorial Gredos.
- CORTESÃO, Jaime,
1974 Os factores demográficos na formação de Portugal, Lisboa, Livros Horizonte.
- COSTA, Avelino de Jesus da,
1975 "La Chancellerie Royale Portugaise jusqu'au milieu du XIII^e siècle", Revista Portuguesa de História, tomo XV, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 143-169 (separata).
- 1977^a "La chancellerie royale portugaise et ses registres de 1217 à 1438", Coimbra, inédito, pp. 1-22.
- 1977^b "Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico", Revista Portuguesa de História, tomo XVII, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 263-340.
- 1982 "Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos", 1977, Actas do V Encontro de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses, Braga, 1982², pp. 1-53 (separata).
- CUNHA, Antônio Geraldo da,
1989 Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1982, Rio de Janeiro, ed. Nova Fronteira, 1989², 3^a impressão.

- CUNHA, Celso,
1974 "Le polymorphisme du portugais du Brésil et ses causes: le cas du /s/ implosif", Cultura Neolatina, ano XXXIV, fasc. 3-4, pp. 327-335.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis Filipe Lindley,
1984 Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, Ed. João Sá da Costa.
- DÁMASO ALONSO,
1962 "B=V, en la Península Hispánica", Fragmentación fonética peninsular, Enciclopédia Linguística Hispánica, tomo I (suplemento) Madrid, C.S.I.C., pp. 155-209.
- DAVID, Pierre,
1947 Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle, Paris, Les Belles Lettres.
- DIAS, João José Alves,
1980 "Itinerário de D. Afonso III (1245-1279)", prefácio e revisão de A. H. de Oliveira Marques, Arquivos do Centro Cultural Português, tomo XV, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 453-519, (separata).
- DUARTE, Luiz Fagundes,
1986 Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição), Dissertação apresentada à Universidade Clássica de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Linguística Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa.
- FERREIRA, José de Azevedo,
1987 Foro Real, vol. I: Edição e Estudo Linguístico, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- GALMÉS DE FUENTES, Álvaro,
1962^a "El Arcaísmo fonológico de los dialectos del norte portugués y su importancia para la lingüística románica general", Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, vol. III, Lisboa, pp. 19-30.
- 1962^b Las Sibilantes en la Romania, Madrid, Editorial Gredos.

- GRAFSTRÖM, Ake,
1958 Étude sur la graphie des plus anciennes chartes languedociennes avec un essai d'interprétation phonétique, Uppsala, Almqvist & Wiksells Boktryckery A B.
- HALL, Robert,
1976 Proto-romance phonology, New York/ Oxford/ Amsterdam, Elsevier.
- HAMLIN, Frank R. et alii,
1967 Introduction à l'étude de l'ancien provençal, Genève, Librairie Droz.
- HERCULANO, A.,
1982 História de Portugal, desde o começo da Monarquia até o fim do reinado de Afonso III, 1846-1853, vol. III, notas críticas de José Mattoso, Lisboa, Livraria Bertrand.
- HESPANHA, António Manuel,
1982 História das Instituições - Épocas medieval e moderna, Coimbra, Livraria Almedina.
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho,
1985 O Desembargo Régio (1320-1433), Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em História da Idade Média, Porto, Faculdade de Letras do Porto.
- HUBER, Joseph,
1933 Altportugiesisches Elementarbuch, Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille, (1986): Gramática do Português Antigo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAPESA, Rafael,
1959 Historia de la Lengua Española, 1942, Madrid, Escelior, 1959⁵.
- LAUSBERG, Heinrich,
1956-1963 Romanische Sprachwissenschaft, 4 vols., Berlin, Walter de Gruyter & Co., trad. port. de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann, (1981)²: Linguística Românica, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Livro do registo das Cartas de bens e heranças de D. João de Portel, Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Forte.

- LORENZO, Ramon,
1977 La traduccion gallega de la Cronica General y de la Crónica de Castilla, vol. II: Glosario, Orense, Instituto de estudios orensanos "Padre Feijoo".
- LOURO, José Inês,
1952 "Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão", Boletim de Filologia, tomo XIII, fasc. 1-2, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, pp. 37-65.
- MACHADO, José Pedro,
1977 Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 1952, 5 vols, Lisboa, Livros Horizonte, 1977³.
- 1984 Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, 3 vols., Lisboa, ed. Confluência.
- MAIA, Clarinda de Azevedo,
1980 "Os falares do Algarve - conservação e inovação", 1975-1978, Revista Portuguesa de Filologia, vol. XVII, Coimbra, pp. 37-205.
- 1986 História do Galego-Português, Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno), Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARQUES, A. H. Oliveira,
1980 História de Portugal, 1972, vol. I: Das origens às revoluções liberais, Lisboa, Palas Editores, 1980⁸.
- 1988 Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa, 1964, Lisboa, Editorial Estampa, 1988³.
- MARTINET, A.,
1970 Économie des changements phonétiques, Traité de phonologie diachronique, 1955, Berne, Éditions A. Franke, 1970³.

- MARTINS, Ana Maria,
1985 Elementos para um Comentário Linguístico do Testamento de Afonso II (1214), trabalho de síntese elaborado para as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa.
- MATEUS, M^a Helena Mira,
1982 Aspectos da Fonologia Portuguesa, 1975, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982².
- MEIER, Harri,
1942 "A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas", Biblos, vol. XVIII, pp. 497-515.
- 1950 "A génese do infinito flexionado português", Boletim de Filologia, tomo XI, Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), tomo II, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, pp. 115-132.
- MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón,
1929 Orígenes del Español (Estado Lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI), 1926, vol. I, Madrid, Imprenta de la Librería y Casa Editorial Hernando (S.A.), 1929².
- 1941 Manual de Gramática Histórica Española, 1904, Madrid, Espasa-Calpe, 1941⁶.
- 1944 Cantar de Mio Cid, vol. I : Crítica del texto y gramática, Madrid, Espasa-Calpe.
- MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão,
1839 "Memória sobre os Chanceleres Mores dos Reis de Portugal, considerados como Primeiros Ministros do Despacho e Expediente dos nossos soberanos", História e Memórias da Academia Real das Sciencias, tomo XII, parte II, Lisboa, pp. 91-107.
- NETO, Serafim da Silva,
1956 Textos Medievais Portugêses e seus problemas, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa.

- 1970 História da Língua Portuguesa, 1957, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970².
- NOGUEIRA, Bernardo Sá,
1987 "O testamento de Estêvão Eanes, Chanceler d'el-Rei D. Afonso III", Revista da Faculdade de Letras, tomo VIII, Lisboa, pp. 79-91.
- NUNES, E. Borges,
1969 Álbum de Paleografia Portuguesa, vol. I, Lisboa, Instituto de Alta Cultura (Centro de Estudos Históricos anexo à F.L.U.L.).
- 1981 Abreviaturas Paleográficas Portuguesas, Lisboa, Faculdade de Letras, 1981³.
- 1988-1989 "Regras de transcrição paleográfica", apenas ao Álbum de Paleografia Portuguesa, policopiado pela reprografia da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 1-30.
- NUNES, José Joaquim,
1902 "Dialectos algarvios", Revista Lusitana, vol. VII, pp. 260-264.
- 1926-1928 Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário, 3 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade.
- 1975 Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia, 1919, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975⁸.
- Ordenações Afonsinas, 5 vols., Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1792.
- PARKINSON, Stephen,
1979 "Os tabeliães, o seu título e os seus documentos", Boletim de Filologia, tomo XXV, fasc. 1-4, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 185-212.
- 1983 "Um arquivo computadorizado de textos medievais portugueses", Boletim de Filologia, (Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa), vol. I, tomo XXVIII, fasc. 1-4, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 241-252.

- PIEL, Joseph-Maria,
1989 "A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)", 1944, Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 213-244.
- PINTO, Adelina Angélica,
1980 "A neutralização da oposição fonológica v/b em português: estudo sincrónico e diacrónico", Biblos, vol. LVI, (Homenagem a Joaquim de Carvalho), pp. 599-651 + 4 mapas.
- PROCTER, E. S.,
1934 "The Castilian Chancery During the Reign of Alfonso X, 1252-84", reprinted from Oxford Essays in Honor of H. E. Salter, Oxford.
- RAU, Virgínia,
1986 Estudos de História Medieval, Lisboa, Ed. Presença.
- REUTER, Abiah Elisabeth,
1938 Chancelarias Medievais Portuguesas, vol. I, Coimbra, Universidade.
- RÉVAH, I. S.,
1958 "L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours", 1956, Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, Rio de Janeiro, pp. 387-399.
- RIBEIRO, J.P.,
1860 Dissertações Chronologicas e Criticas sobre a Historia e Jurisprudência Ecclesiástica e Civil de Portugal, tomo I, 1860².
- 1857 ibidem, tomo III.
Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- RIBEIRO, Orlando,
1965 "A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)", Boletim de Filologia, tomo XXI, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 177-205 (separata).

- RONJAT, Jules,
1932 Grammaire historique des Parlers Provençaux Modernes, vol. II,
Montpellier, Société des langues romanes.
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio,
1920 La Curia Regia Portuguesa, siglos XII y XIII, Madrid, Mendiña.
- SERRÃO, Joel, (ed. lit.),
1979 Dicionário de História de Portugal, 1971, 6 vols., Lisboa, Livraria
Figueirinhas, 1979, 2ª impressão.
- SILVA, Nuno Espinosa Gomes da e RODRIGUES, Maria Teresa Campos (eds.),
1971 Livro das Leis e Posturas, Lisboa, Faculdade de Direito.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e,
1989 Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português
Arcaico, 1984, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- 1991 O Português Arcaico, Fonologia, São Paulo, Editora Contexto.
- SUCHIER, H.,
1891 Le Français et le provençal, trad. par P. Monet, Paris, Émile Bouillon
Éditeur.
- TEYSSIER, Paul,
1987 História da Língua Portuguesa, 1980, Lisboa, Sá da Costa Editora,
1987³.
- VASCONCELOS, José Leite de,
1936 Etnografia Portuguesa, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VERNEY, Luís António,
1949 Verdadeiro Método de Estudar, 1746, edição organizada pelo Prof.
António Salgado Júnior, vol. I, Lisboa, Sá da Costa.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de,
1962 e 1966 Elucidário das Palavras, Termos e Frases, que em Portugal antigamente se usarão, e que hoje regularmente se ignorão, 1798-1799, 2 tomos, edição crítica por Mário Fiúza, Porto, Livraria Civilização.

WILLIAMS, Edwin B.,
1961 Do Latim ao Português, Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa, 1938, trad. port. por Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

